

***GLÁUCIA BURATTO RODRIGUES DE MELLO***

***CRISTÃOS ECLÉTICOS  
E A NOVA JERUSALEM NO PLANALTO GOIANO***

***ISBN 978-85-908056-0-1***

1ª. versão em 2003  
revista em 2003, 2004, 2006  
Rio de Janeiro 2008

*Eu dedico esta obra*

*A todos aqueles que acreditam e trabalham por um mundo melhor...*

## ***SUMÁRIO***

SUMÁRIO .....	3
ABREVIATURAS E OBRAS DE REFERÊNCIA.....	5
AGRADECIMENTOS .....	6
INTRODUÇÃO.....	7
O HOMEM OCEANO DE SÁ.....	21
O MESSIAS MESTRE YOKAANAM.....	26
O MESSIAS TORNADO HOMEM PÚBLICO.....	35
A FORMAÇÃO DO GRUPO FRATERNO E A FUNDAÇÃO DA CIDADE INICIÁTICA.....	44
A ARQUITETURA, A ESTRUTURA SOCIAL E OS RECURSOS DA CIDADE ECLÉTICA .....	61
O PROGRAMA ASSISTENCIAL À INFÂNCIA.....	89
OS OBREIROS ECLÉTICOS CRISTÃOS.....	94
A DISCIPLINA, OS PRINCÍPIOS MORAIS E O SISTEMA COLETIVO DA COMUNIDADE.....	103
DOUTRINA ECLÉTICA, RITOS EXOTÉRICOS E A ESTRUTURA SÓCIO-RELIGIOSA DA FEEU ....	109
A DOUTRINA ESOTÉRICA E A FORMAÇÃO INICIÁTICA .....	117
A APOCALÍPTICA E AS ESPERANÇAS MILENARISTAS DA FRATERNIDADE .....	131
ANÁLISE DO IMAGINÁRIO ECLÉTICO .....	153
Os principais temas milenaristas .....	155
Separação, ascensão e ritos de purificação na doutrina eclética.....	157
O modelo messiânico e o simbolismo do Pai .....	160
A oratória de Yokaanam.....	163
Simbolismo particular à fraternidade .....	165
O comunismo religioso.....	169
Uma alternativa de governo: o conselho de anciãos.....	172
A dor, a mediunidade, a reencarnação e o carma .....	174
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	177
ANEXOS.....	185
Relação das filiais da FEEU .....	185
Corrente Branca Universal .....	187
Hino à Fraternidade Universal.....	188
Hino Ode ao Sol .....	189
O Sermão do Monte.....	190
BIBLIOGRAFIA.....	200

Periódicos consultados .....	207
A imprensa fala sobre a FEEU e Yokaanam .....	207
SOBRE A AUTORA.....	209

## ABREVIATURAS E OBRAS DE REFERÊNCIA

**FEEU** – Fraternidade Eclética Espiritualista Universal

**CE** – Cidade Eclética

**CEAA** - Curso de Evangelização de Adeptos Adolescentes da FEEU em 7 volumes, 52 lições, trazendo fatos significativos para a história da FEEU; biografias, princípios morais e conteúdo doutrinário de Jesus Cristo, Allan Kardec, S. João Batista e do mestre Yokaanam, além de regulamentos, hinário da FEEU, etc.

**O Nosso** – Jornal mensal da FEEU, de conteúdo espiritualista, composto e impresso no Parque Escola Editora Acadêmica AOR-GNÓSTICA, na Cidade Eclética, Santo Antônio do Descoberto. Fundado em 1946, registrado na Associação Brasileira de Imprensa. Circula desde então. É distribuído e vendido no interior da CE e em algumas bancas na região de Brasília

**Clarim da Juventude** - Jornal de circulação interna para a Juventude Eclética Universal

Obras do mestre Yokaanam:

**EUE** - *Evangelho de Umbanda Eclética*. Rio de Janeiro: Ed. da Academia Eclética Exotérica da Fraternidade Universal, 1ª ed. 1953; 2ª ed. 1954; 3ª ed.s/d; 4ª ed.1969; 5ª ed. 1980; 388pp.

**CRND** - *O Cristianismo reúne, não divide!...* Rio de Janeiro: Ed. da Academia Eclética Exotérica da Fraternidade Universal, 1ª ed. 1954; 2ª ed.s/d; 3ª ed. 1995; 200pp.

**YFP** - *Yokaanam fala à posteridade!* Rio de Janeiro: Folha Carioca Editora S.A., 1ª ed. 1956; 2ª ed. 1963; 3ª ed. 1974; 274 pp.

## ***AGRADECIMENTOS***

Quero agradecer a todos os amigos que, de uma forma ou de outra, ajudaram-me a tornar este projeto uma obra...

Ana Maria de Mello, J. J. de Carvalho, Patrick Fresneau, Edmar Almeida, Magali Boratto;  
Aos meus irmãos e irmãs da Cidade Eclética: Zarina, Helenira, Camila, Dionísio, Samael, Nahum, Leandro, Elpídio, Arakén, Cleuza, Vanúcia, Lucas, Myron, Anaxímenes, Leonora, Maurício, Diágoras, Lícia, Irina, Ana, Bertila, Rúbia, Judith, Márcia Bé, Maria Lorna, Zelomi, Mônica, Otilia, Sr. Gastão;

O meu profundo respeito pelo Irmão Eutíchio, autoridade suprema do silogeu espiritual, e pelo Irmão Efraim, prefeito da CE, em 2002;

Agradeço à CAPES pelo apoio à pesquisa de campo e pela bolsa de doutoramento no exterior (25 meses);

Agradeço finalmente a todos que não foram citados mas que partilharam deste meu esforço



Estrada de Jericó; acesso à Cidade Eclética em 2002

## INTRODUÇÃO

*“Não obstante,  
tens alguns nomes em Sardes que não poluíram as suas roupas exteriores,  
e estes andarão comigo em [roupas] brancas, porque são dignos.  
Aquele que vencer estará assim vestido de roupas exteriores brancas;  
e eu de modo algum apagarei o seu nome do livro da vida,  
mas reconhecerei o seu nome perante meu Pai e perante os seus anjos.  
Quem tem ouvido ouça o que o espírito diz às congregações.”  
(Revelação (Apocalipse), 3 : 4,5,6.)*

Fatores de ordem histórica, econômica, política, social e cultural têm sido apontados como responsáveis por crenças e manifestações diversas do que se convencionou genericamente denominar *milénarismos* - das antigas civilizações às sociedades modernas, passando pelas culturas nativas dos continentes americano, africano e asiático. Sem nos estendermos aqui à vasta e complexa literatura e às várias teorias sobre os milénarismos, o que foge ao escopo deste trabalho (cf. Mello, 1999, 2002), apresentamos, a título de contextualização, uma breve passagem pelas teorias e concepções correntes que nos ajudam a entender uma forma de milénarismo contemporâneo brasileiro, que trataremos aqui. Em plena atividade, vamos conhecer uma expressão milénarista, organizada em comunidade estruturada por princípios doutrinários e esotéricos, estabelecida no planalto goiano; vamos tratar, mais exatamente,

da Cidade Eclética, idealizada para ser a Nova Jerusalém, no interior da qual será erigida a Igreja Eclética Universal, que reunirá os espiritualistas cristãos do terceiro milênio.

A mitologia e a tradição oral de indígenas sul americanos<sup>1</sup>, historicamente resgatadas por pesquisadores, nos ensinam que estes povos tinham as suas crenças estruturadas com base na concepção circular do tempo cíclico. Parte desta tradição tratava do temor que eles tinham em relação à dinâmica cíclica vital. Eles acreditavam que a Terra, à maneira de tudo o que vive em sua superfície, cumpre o eterno e sucessivo ciclo de nascimento, crescimento, declínio e morte, antes que um novo ciclo de regeneração seja reiniciado. Daí que os indígenas vigiassem com atenção os sinais dos tempos. Todas as vezes que doenças, escassez, guerras e cataclismos se abatiam sobre eles, eles os interpretavam como sinais de declínio, do esgotamento natural da Terra. O temor da morte iminente resultava em grandes migrações: as históricas expedições em busca da *Terra sem Males*, o paraíso indígena, antes que a morte os alcançasse.

Além desta herança arquetipal indígena<sup>2</sup>, é preciso ressaltar a importância da doutrina escatológica<sup>3</sup>, da literatura apocalíptica<sup>4</sup>, da crença messiânica<sup>5</sup> e do esforço espiritualista, laico e utópico, de reconquista do Paraíso na Terra. O conjunto de todas estas concepções, combinadas e assimiladas a partir das religiões judaicas e cristãs foi naturalmente disseminado no Brasil, sobretudo através do cristianismo e do catolicismo popular, na formação da nossa sociedade. Le Goff (1984) sintetiza todas estas noções, assinalando que “As concepções escatológicas colocam muitas vezes, entre o aquém atual e o além do fim dos tempos, um longo período cá em baixo, que é uma espécie de prefiguração terrestre

---

<sup>1</sup> Estou referindo mais especificamente os extintos tupinambá do século XVI, estudados por Metraux, e os guarani do século XX, estudados por Curt Nimuendaju e Metraux.

<sup>2</sup> Todos os sistemas religiosos têm representações próprias dos seus paraísos. Trata-se de variações culturais do mesmo tema arquetipal.

<sup>3</sup> O termo ‘escatológico’ tem origem grega: *ta eschata* (no plural, significando “as últimas coisas”) ou *escháton* (no singular, significando “o acontecimento final”) (Le Goff, 1984 : 425-457).

<sup>4</sup> O termo ‘apocalipse’ tem origem grega; significa “revelação”. Foi assimilado pelo cristianismo e deu nome ao último livro do Novo Testamento, com natureza profética de revelação dramática do Fim. A literatura apocalíptica representa o conjunto de textos escritos no período dos dois últimos séculos anteriores aos dois primeiros séculos da era cristã.

<sup>5</sup> A crença messiânica está presente no Antigo e no Novo Testamento, relativa ao advento do messias, o enviado divino que virá anunciar o Fim ou trazer a Redenção. Ela serviu de inspiração ou modelo ao grupo estudado nesta obra.



desse além. Essa nova era, essa instalação do Céu na Terra (*heavens on earth*) deve, segundo o *Apocalypse* [20, 1-5] durar “mil anos”, número simbólico que indica uma longa duração, subtraída ao desenrolar normal do tempo. Este *Millenium* deu nome a uma série de crenças, de teorias, de movimentos orientados para o desejo, a espera, a ativação dessa era: são os *milénarismos* (*chiliasmós* grego). Muitas vezes o aparecimento dessa era está ligado à vinda dum salvador, dum guia sagrado que ajuda a preparação para o Fim dos Tempos, um deus ou homem, ou homem-deus, chamado Messias na tradição judaico-cristã, derivando daí o nome de *messianismos*, dado aos milénarismos ou movimentos similares, centrados em volta dessa personagem”.

O historiador das mentalidades, G. Duby (1995) destaca as inquietações nos temores milénaristas, caracterizadas pela aproximação de certos aniversários de nascimento ou morte de grandes líderes espirituais, de certas datas consideradas especiais, de certos números combinados pela aritmética profética, ligada à literatura dos mistérios, quando se espera que terríveis calamidades marquem em determinadas datas o fim de um tempo, antes que um outro tempo tenha início. O número mil, tomado na sua indeterminação, a propósito de um período muito longo e impreciso, subtraído da nossa temporalidade, pode corresponder à duração de um grande ciclo vital, com o esgotamento de uma era e a entrada em uma nova era, processo natural, quando se espera uma transformação qualitativa radical na ordem vigente do Cosmo, a esperança de uma reedição do Paraíso na Terra. Estas concepções fundamentais para o milénarismo não são necessariamente excludentes. Muito frequentemente elas aparecem combinadas. A concepção cristã do milênio envolve um longo período de paz, felicidade e abundância com o reino terrestre de Jesus Cristo.

A concepção de crença milénarista que defendemos aqui, amplia ainda mais este universo, estendendo-o à expressão da aspiração naturalmente humana por um espaço e um tempo “ideais”, ou seja, à aspiração pelo restabelecimento do Paraíso na Terra. Nesse tempo e nesse espaço ideais, a humanidade experimentará, finalmente ou novamente, a sua pertença divina, partilhando a felicidade e a justiça originais. Uma aceção assim tão larga e naturalmente humana, tomada como um fenômeno social, não pode ser entendida como loucura de fanáticos e sim como herança imaginária de natureza arquetipal. O que distingue

comunidades e expressões individuais e coletivas no conjunto dos milenarismos são as formas como elas se organizam e se manifestam, motivadas por mitos ou princípios espirituais, por ideais filosóficos ou por necessidades materiais mais urgentes, em contextos culturais diversos. No entanto devem ser todos entendidos como variantes de uma mesma aspiração comum.

Os messianismos ocupam lugar importante no conjunto das crenças milenaristas, daí que seja comum a utilização do termo ‘milenaro-messianismo’. O historiador Jean Delumeau (1995) destaca o fator da “espera”, em comum entre ambos os termos. Ele explica que os ‘milenaristas’ aguardam a chegada do milênio, enquanto que os ‘messiânicos’ aguardam a chegada do Messias. Podemos dizer então que os movimentos messiânicos são milenaristas, no sentido em que os seus partidários acreditam que virá alguém (o Messias) para restabelecer o Cosmo no Caos, a Ordem Original, o milênio na Terra; quanto aos milenaristas, eles aguardam o milênio, entendido no seu sentido mais amplo, com a transformação radical na qualidade de vida no planeta, sem a intervenção de um messias. Assim é que nem todos os movimentos milenaristas sejam messiânicos.

O historiador N. Cohn (1983) entende as crenças e manifestações milenaristas na qualidade de religiões da salvação e destaca cinco aspectos fundamentais. Trata-se de expressões coletivas (partilhadas por um grupo mais ou menos grande, em oposição a ações isoladas); terrestres (por oposição ao advento de um reino celeste); iminentes (prestes a acontecer em futuro breve, mas não bem definido); totais (compreendendo uma transformação radical da realidade imediata) e milagrosas (inusitadas, da ordem do sobrenatural). Da mesma forma como entre os indígenas, os sinais do fim dos tempos são vigiados desde sempre na civilização ocidental, identificados na propagação de doenças, guerras, secas, inundações e em males sociais: violência, delinquência, demência, corrupção, imoralidade, individualismo e em todas as formas de imperfeição, escassez, injustiça, perversão moral e sofrimentos diversos que recaem sobre nós. Movidos pelo temor do Fim natural ou expiatório de um Julgamento Final, mas também pela aspiração por um tempo melhor na Terra renovada, vimos assistindo e analisando a dinâmica dos movimentos milenaristas. Para melhor entendê-la, escolhemos um ideal e uma comunidade milenaristas ativos desde

os anos quarenta, prestando-se a esta investigação científica. Para esta abordagem, a teoria e a metodologia do imaginário antropológico nos ajuda a analisar a motivação intrínseca, a coerência interna da comunidade em foco e ilumina grandemente o nosso esforço por entender de onde vem e para onde vai a mentalidade do movimento em questão, bem como o simbolismo que sustenta e dinamiza esta forma de milenarismo.

Esta obra resulta de pesquisa que realizei para a minha tese de doutoramento em Sociologia na Université de Grenoble II (1995 a 1999), intitulada: *Millénarismes brésiliens: Contribution à l'étude de l'imaginaire contemporain* (Mello, 1999). O meu objetivo aqui é o de apresentar uma versão em língua portuguesa do estudo que fiz sobre milenarismos brasileiros, no caso da Fraternidade Eclética Espiritualista Universal (FEEU) e da sua Cidade Eclética (CE). Reescrevi para isso parte da minha tese, aquela que constitui a sua “novidade”, que foi exatamente aquilo que observei, descrevi e analisei ao longo do trabalho etnográfico que realizei. Para isso, revisei, complementei, atualizei dados e reescrevi integralmente o texto, enfrentando o desafio de alcançar três tipos de leitores bem distintos, atendendo assim a interesses igualmente diferentes: que esta obra represente uma contribuição etnográfica para os estudos sobre os milenarismos brasileiros; que a sua leitura seja agradável ao leitor médio, interessado em literatura esotérica e em estilos alternativos de vida; e, finalmente, para os irmãos da fraternidade estudada, para que o conhecimento sobre o seu estilo de vida, a coerência interna que lhes estrutura e sobre as suas crenças contribuam para que eles sejam melhor entendidos e respeitados por toda a sociedade brasileira.

Como se deu a minha escolha pelo estudo empírico desta comunidade e como se deu a minha inserção na Cidade Eclética? Quando eu me decidi por estudar crenças e movimentos milenaristas brasileiros, conversei com um amigo, professor, antropólogo, estudioso dos movimentos religiosos. Ele sugeriu-me a Cidade Eclética pelo fato dela ser pouco conhecida e por constituir-se como uma autêntica e viva comunidade milenaromessiânica, que já conta com 50 anos de existência (1956), uma realidade, portanto. Ele

tinha uma aluna de mestrado que era “obreira”<sup>6</sup> da FEEU. Em contato com ela, obtive as orientações sobre os procedimentos necessários. Redigi uma carta às autoridades da CE, pedindo autorização para permanecer por algumas semanas entre eles, a fim de proceder à minha pesquisa empírica. Na carta, expliquei-lhes claramente os meus objetivos de pesquisa acadêmico-científica. Passados alguns dias, eles responderam afirmativamente à minha carta, autorizando-me a estar entre eles pelo período que eu havia solicitado, ao mesmo tempo em que eles estabeleciam as condições para a minha permanência e a minha forma de conduta, quando da minha estadia entre eles<sup>7</sup>. A CAPES<sup>8</sup> concedeu-me as passagens. Fui recebida na Cidade Eclética por minha interlocutora. Ela introduziu-me na cidade, apresentou-me às autoridades locais, bem como a algumas famílias e deixou-me entre eles.

A cidade ou comunidade dispõe de um albergue modesto (denominado *Nosso Hotel*) para receber adeptos das filiais da FEEU, parentes de pessoas internadas no hospital da cidade e eventuais visitantes. Em circunstâncias normais, eu ficaria hospedada ali, mas não foi assim. Logo que cheguei, fizemos um acordo. Eles me propuseram que eu ficasse alojada em uma casinha particular que fica na parte externa da cidade, pertencente a uma família de adeptos da FEEU. Esta família morava em Brasília e vinha à Cidade Eclética apenas para cumprir os seus compromissos espirituais. Como a casa ficasse fechada durante boa parte do tempo, a família que tinha a sua propriedade concordou gentilmente que eu a ocupasse pelo período necessário. Quanto às refeições, ficou também combinado que eu as receberia no referido albergue. Eles não aceitaram pagamento algum por casa e alimentação; em contrapartida, me foi proposta uma colaboração em serviços - que eu trabalhasse às tardes na biblioteca do colégio existente dentro da cidade, junto aos alunos.

---

<sup>6</sup> Nome genérico usado entre eles, na Fraternidade.

<sup>7</sup> O período solicitado e concedido cobriu os meses de fevereiro e março de 1998. Dentre as restrições que eu deveria respeitar, ficou estabelecido que eu não poderia receber visitas particulares e, como eles, eu não beberia ou fumaria, usaria saias compridas até abaixo dos joelhos, blusas sem decote e com mangas (ainda que curtas) e não usaria calças compridas no interior da Cidade Eclética.

<sup>8</sup> A CAPES – Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - havia me concedido uma bolsa de doutoramento no exterior pelo período de setembro/97 a setembro/99 e, para fins de pesquisa etnográfica, autorização e passagens. Para realizar o meu doutoramento, na Université de Grenoble II, morei quatro anos (set./1995 a set./1999) em Grenoble, na França.

Existe uma carência de pessoal em quase todos os setores na CE e assim, eu poderia minimizar um pouco a carência de funcionários na biblioteca, orientando os alunos do colégio nas suas pesquisas e ajudando na organização e restauração dos livros ali guardados. De acordo com os princípios éticos, filosóficos e espirituais da comunidade, todos os serviços prestados no interior da CE são inteiramente gratuitos; a circulação de dinheiro é ali terminantemente proibida. Além disso, eles não trabalham para o turismo nem aceitam pagamento algum pelos serviços sociais e espirituais que prestam. Eles aceitam, no entanto, doações voluntárias e espontâneas diversas. Os eventuais hóspedes do albergue pagam quantias simbólicas pelo custo dos alimentos e pelos serviços de manutenção. Aceitei todas as proposições, considerando tudo aquilo muito coerente e interessante.

Assim, eu tinha as manhãs livres para o meu trabalho de campo – exploração da cidade, entrevistas e conversas informais, visita às famílias, ao templo e às outras instituições existentes na cidade, as quais passarei a descrever mais adiante. À tarde, eu permanecia na biblioteca, em contato com alunos e adeptos voluntários que ali trabalhavam. No final da tarde, eu dava continuidade aos trabalhos do dia, participava regularmente das sessões espirituais noturnas realizadas no interior do templo e, antes de me deitar, eu fazia as minhas anotações no diário de campo. Logo nos primeiros dias em que cheguei, eu tive permissão para me deslocar dentro da cidade apenas na condição de estar acompanhada de uma adepta. À medida em que as nossas relações se estabeleceram mais fortemente e que eu conquistava a confiança deles, tive permissão para me deslocar livremente. Na época, privilegiei a observação participante durante os rituais religiosos, as entrevistas abertas com os adeptos que se dispunham a conversar comigo e com os responsáveis pelos serviços no templo, no hospital, no colégio, no albergue, na farmácia. Além disso, eu conversava muito com as crianças e adolescentes que vinham falar comigo no colégio e com moradores internos que me convidavam a visitá-los em suas casas.

Saí no primeiro dia, portando um pequeno gravador e um bloco de notas, mas logo percebi que aquilo não ia bem. Ainda que ninguém o admitisse, quando eu pedia a autorização deles para gravar alguma conversa, eles se mostravam naturalmente reservados e perdiam a

espontaneidade desejável. O gravador e o meu bloco de notas colocavam uma barreira enorme entre mim e eles. Foi então que me decidi por não usá-los, mesmo correndo o risco de esquecer detalhes das nossas conversas. Pouco a pouco as nossas relações foram ganhando confiança e qualidade. Logo, eu era também “irmã”, forma de tratamento corrente entre eles.

Além da minha estadia em fevereiro e março de 1998, eu estive por outras duas vezes na CE. Em julho/2000, levei-lhes uma cópia da minha tese defendida e fiz, com a ajuda de amigos, um registro videográfico amador da cidade. Em março/2002, participei da semana esotérica, ligada aos ritos da Semana Santa, empreendi a peregrinação ao Monte Tábor junto com eles e procedi à complementação e atualização de dados para este trabalho. Durante as semanas em que estive entre eles, tive a oportunidade de conhecer a rotina daquilo que podemos entender como uma sociedade comunitária religiosa, bem como de observar e participar de alguns serviços e rituais praticados entre eles. Ouvi algumas dezenas de irmãos falarem abertamente sobre a maneira como eles se comprometeram com a fraternidade, sobre os seus modos de vida na CE, suas maneiras de pensar, suas expectativas e anseios, satisfações e restrições. A minha presença foi rapidamente assimilada e a maior parte deles se dispôs de bom grado a falar comigo, cada vez que a ocasião se apresentava, sobretudo os idosos e os adolescentes.

Os adolescentes gostavam de vir conversar comigo na biblioteca, sempre animados pela curiosidade natural em relação a uma pessoa que vinha de fora e que tinha vivido experiências diferentes, que eles mesmos gostariam de viver. Muitos deles nunca tinham saído da CE. Os adultos ativos estavam sempre muito ocupados com suas várias tarefas diárias e, por isso, quase nunca tinham tempo disponível para conversar comigo. Quanto aos idosos, naturalmente mais ociosos, manifestavam mesmo um certo prazer em falar do que sabiam, do que se lembravam, do que tinham vivido e das coisas que consideravam importantes. Sem pressa, como de resto é o ritmo da cidade, eles me contavam sobre aquilo que lhes agradava e me mostraram também fotografias antigas que fazem a história de cada um deles e da comunidade.

A FEEU e a CE são de fato ainda pouco conhecidas, apesar do seu meio século de existência<sup>9</sup> e do movimento de pessoas que lhes procuram, conforme se pode verificar, nos dias de assistência social e religiosa. Alguns poucos pesquisadores já as estudaram. Baseando-se em reportagens surgidas no final dos anos quarenta e início dos anos cinquenta, Maria Isaura Pereira de Queiroz (1965:335-337) apresentou de forma bastante sucinta a FEEU e o seu fundador, na sua obra monumental, *O messianismo no Brasil e no mundo*. Ela alia a fundação da fraternidade à fundação de uma nova seita e a construção da CE à formação de mais um movimento messiânico. Nesta sua obra, Pereira de Queiroz levanta alguns elementos para uma teoria geral dos movimentos messiânicos, privilegiando o argumento de que trata-se de organizações sociais fundadas a partir de famílias extensas.

Não é o caso da CE e a autora, prudentemente, não arrisca uma afirmação veemente neste sentido, pelo fato de admitir não ter elementos para tal. Nas suas análises, no entanto, esta autora tende a superestimar os determinantes econômicos, políticos e sociais e a subestimar ou a desconsiderar a importância do ideal espiritualista. Três anos mais tarde, em 1968, esta mesma autora publicou uma outra obra versada no mesmo assunto, com vistas a um estudo sobre mudança social ligada à dinâmica messiânica. Tendo arrolado e analisado um número significativo de movimentos messiânicos no Brasil e no mundo, ela os classifica, fundamentalmente, segundo suas naturezas revolucionária ou restauradora (de reforma). Novamente, ela relaciona a FEEU e a CE entre os movimentos estudados (Pereira de Queiroz, 1968:75-79; 307). Em nota explicativa, ela declara, no entanto e mais uma vez, que o movimento da fraternidade ainda não tinha sido estudado e que ela o analisou a partir de dados de reportagens jornalísticas e de uma tentativa frustrada de pesquisa empírica em 1960.

Ainda assim, ela argumenta que trata-se de movimento de natureza revolucionária em relação à sociedade urbana e industrial, que eles rejeitam; e de natureza restauradora em relação à sociedade tradicional da qual eles são oriundos e da qual eles querem preservar a essência. Trata-se, de fato, de um grupo ambíguo, não se apresentando como produto de sociedade primitiva nem camponesa, posto que foi gerado no meio urbano industrial (que o

---

<sup>9</sup> A FEEU foi fundada em 1946 e a CE em 1956.

influenciou em parte), ao mesmo tempo em que ele se propõe uma seleção, no conjunto de princípios morais e religiosos da sociedade que lhes sustenta. Este caráter ambíguo da FEEU pode, de fato, ser verificado ao longo de sua existência, devido à sua dinâmica e capacidade de adaptação, por tratar-se de uma instituição de caráter conciliador e permeável à sociedade que os rodeia. Também nesta obra, a importância da motivação espiritual, enquanto fator de agregação e permanência do grupo, foi subestimada. Em 1969, o sociólogo francês Henri Desroche, outro grande estudioso dos milenarismos e messianismos, relacionou o nome do fundador da FEEU, *Yokaanam*, entre os verbetes do seu dicionário (Desroche, 1969:264). Podemos dizer que trata-se de uma simples referência, extremamente reduzida, pouco relevante e pouco exata.

A primeira pesquisa etnográfica na Cidade Eclética surgiu com a tese de doutoramento de Lísias Negrão, o qual esteve em trabalho de campo nos anos sessenta<sup>10</sup>. Nos anos setenta, Eurípedes da C. Dias<sup>11</sup> esteve em campo, realizando trabalho empírico para a sua dissertação de mestrado. E, finalmente, nos anos oitenta, L. Arturo Espejo realizou pesquisa etnográfica<sup>12</sup>, a qual deu-lhe elementos para um capítulo do seu livro. Estes trabalhos precedentes constituem documentos preciosos para esta obra, elucidando detalhes e pontos obscuros nos quais a memória da cidade e dos atuais moradores vem se perdendo.

Os três estudaram a FEEU como um fenômeno social, um movimento messiânico urbano, e tiveram a oportunidade de entrevistar pessoalmente e *in loco* o fundador da FEEU e da CE, bem como puderam entrevistar muitos dos primeiros adeptos que já faleceram. Estas obras são, portanto, freqüentemente referidas ao longo deste trabalho. Trata-se de excelentes etnografias com dados estatísticos, históricos, biográficos, os quais permitiram-me

---

<sup>10</sup> A sua pesquisa de campo foi realizada em 1966 e 1967. Ele voltou 'ao campo' em 1968, mas foi-lhe negado o acesso. Em 1971, ele voltou novamente à Cidade Eclética, mas não teve acesso livre à cidade. Fez então atualização e complementação de dados a partir de um informante-guia. Em 1973, Negrão defendeu a sua tese de doutorado, apresentada ao Dpto. de Ciências Sociais da FFLCH da USP. Esta sua tese foi reproduzida na primeira parte do livro *O Messianismo no Brasil Contemporâneo*, publicado em 1984 (pp. 29 a 300).

<sup>11</sup> A sua pesquisa de campo foi realizada em fev.-mar./1972 e mai.-jun./1973. Em 1974, Dias defendeu a sua dissertação de mestrado, apresentada ao Dpto. de Antropologia do PPGAS do MN/UFRJ.

<sup>12</sup> A sua pesquisa de campo foi realizada em 1980 e 1982. A obra foi publicada em 1984. Esta obra, centrada no grande projeto de Brasília, versa sobre a racionalidade e as formas de ocupação do espaço, e reserva um dos seus dezessete capítulos à planificação territorial e ao messianismo urbano, com um estudo de caso sobre



acompanhar o desenvolvimento do grupo ao longo das décadas precedentes, ainda que os autores não tenham tido o conhecimento dos trabalhos uns dos outros<sup>13</sup>, o que dificultou um desejável *continuum* entre eles, com base no exercício de confirmação ou contestação de dados, construção ou fundamentação de teorias.

É preciso ressaltar, finalmente, algumas das dificuldades de natureza metodológica encontradas em campo, além da inviabilidade do uso do gravador e do porte de bloco de notas, que já mencionei. Se, por um lado, eles gostavam de conversar, por outro lado, era muito difícil entrevistá-los, obter informações precisas e fundamentais para a realização deste trabalho. Isto porque eles se desviavam evasivamente das minhas indagações para falarem correntemente daquilo que lhes agradava falarem. É-me ainda difícil afirmar se eles de fato se distraíam das minhas questões ou se faziam-no deliberadamente, evitando respostas e assuntos que não lhes agradavam ou que constituíam temas reservados, sobre os quais eles não queriam, não sabiam ou não podiam falar.

Além disto, outros problemas surgiram, ligados à inexatidão e à diferença de dados e informações, encontrados nas fontes consultadas. Com efeito, as fontes deste trabalho foram fundamentalmente três: a) as três etnografias acima citadas, por constituírem pesquisa de natureza científica, contando com fundamentação teórica e trabalho de campo; b) uma vasta variedade de textos, artigos e reportagens oriundos dos periódicos editados por eles e outros, pela imprensa comercial; c) as obras e entrevistas várias dadas por Yokaanam e por seus adeptos em situações diversas. O fundamental desta obra, no entanto, é tradução ampliada e atualizada de parte da minha tese de doutoramento, conforme eu já disse, com base na minha pesquisa histórica, teórica e etnográfica, além da pesquisa que realizei sobre os documentos e periódicos que eles conservam. A reunião de todas estas fontes e a subsequente aproximação dos dados para a redação deste texto representou um trabalho hercúleo.

---

a FEEU e a CE.

<sup>13</sup> Apenas Espejo teve conhecimento do trabalho de Negrão, mas ele valorizou sobretudo o trabalho de Pereira de Queiroz pela teoria messiânica.

Com efeito, quando os dados todos foram reunidos, encontrei relatos diversos, divergentes, muitas vezes contraditórios, sobre os mesmos fatos. Surgiram também grandes lacunas e inconsistência de dados, bem como a dificuldade de resolvê-los porque deviam-se a fatores diversos e de diferentes níveis. Para a reconstituição dos fatos que fazem a história da fraternidade e da cidade, os adeptos da FEEU na CE guardam alguns documentos, registros, os estatutos, fotos, algumas reportagens de época e a memória enfraquecida daqueles que testemunharam os fatos. Consultando este material, colocou-se o primeiro problema que é aquele de distinguir-se fatos, interpretações, construções de realidades imaginadas e uma diversidade de pontos de vista dos entrevistados. Quando de sua pesquisa, Negrão já assinalava o problema de inconsistência nos dados.

Concorrem igualmente com estes problemas, a natureza esotérica da fraternidade que reserva parte significativa dos seus fundamentos ao domínio restrito dos iniciados e a natureza ambígua (conforme apontaram os estudiosos precedentes), eclética e dinâmica dos adeptos e da instituição, com notável permeabilidade e capacidade de revisão e adaptação do grupo ao meio social e ao tempo presente, sem, contudo, perderem os seus princípios. Esta capacidade que dificultou a classificação de Pereira de Queiroz não foi investigada posteriormente, sendo apenas reafirmada pelos pesquisadores posteriores. Este trabalho representa uma tentativa de avançar nesse sentido - uma investigação que leva em conta a mobilidade ou a dinâmica do grupo, características da mentalidade eclética que eles ratificam.

Considerando-se as suas cinco décadas de existência histórica, aliadas às muitas dificuldades materiais, à confiança por viverem dignamente e representarem um modelo de sociedade mais justa, são sensíveis, na fraternidade, a busca de soluções sociais e particulares imediatas, bem como a força do ideal de construírem uma sociedade melhor, mais significativa e mais humanizada, onde a participação de cada um e a cooperação de todos são fundamentais. Alimentados pela realidade e pela imaginação, por ideais, sentimentos e afetividades profundos, eles falam do que viram, do que ouviram falar, do que desejam, do que leram sobre eles mesmos, acrescentando impressões e fatos com a mesma facilidade e ausência de objetividade. Aquelas falas trazem testemunhos,

lembranças, preconceitos, fantasias e interpretações individuais, transmitidos enquanto fatos e amálgama de uma realidade social.

O Conselho Espiritual Administrativo da FEEU parece estar sensível a este sintoma, quando prepara uma pessoa entre eles para receber, guiar e informar eventuais curiosos ou estudiosos que aparecem na cidade a fim de conhecê-la e, quando, através de regulares publicações internas, eles vêm tentando reescrever e transmitir às gerações mais jovens as versões históricas ou ideais dos fatos que lhes concernem. Além disso, uma vez explicitada a minha intenção de realizar este trabalho e uma vez que eu lhes tenha solicitado, eles se propuseram a apóia-lo e acompanhá-lo, disponibilizando documentos e informações necessárias, respondendo a perguntas posteriores que eu lhes enderecei, à medida em que foram surgindo algumas lacunas. Esta versão foi, inclusive, enviada a eles para que apontassem inexatidões de dados ou interpretações incorretas que eu pudesse ter cometido na escrita do texto. Enfim, este trabalho foi possível com base num esforço conjunto, conciliador e consciente, fundado sobre um esforço de objetividade necessárias, com vistas a um trabalho de natureza antropológica.

Diferentemente das obras anteriores, as quais superestimaram os aspectos sociais, econômicos, históricos e políticos, através deste trabalho, tento relevar a importância da formação esotérica, da experiência mística, religiosa e do ideal milenarista, enquanto fatores de agregação do grupo no seio de uma comunidade fraternal. Formados em torno de um missionário messiânico, que cumpriu exemplarmente os passos clássicos do modelo tomado emprestado do messianismo judaico-cristão, com preocupações iminentemente apocalípticas, e depois, na falta do seu mestre, os adeptos da FEEU realizam a passagem dos temores apocalípticos à confiança milenarista, aguardando a entrada de uma nova era, regida pelo espírito crístico e pelo livre-arbítrio, pelo amor fraterno e universal.

A FEEU mantém atualmente a sua sede-matriz na Cidade Eclética e conta dezesseis filiais, das quais quatorze estão no Brasil<sup>14</sup>, uma está na Argentina e a outra está no Paraguai. A

---

<sup>14</sup> Há seis unidades espalhadas pelo Estado do Rio de Janeiro; três unidades estão em Goiás; duas em Minas Gerais; uma no Paraná; uma em Pernambuco e uma na Paraíba. Cf. no final desta obra, nos Anexos, a relação

minha pesquisa restringiu-se à Cidade Eclética. Ela está implantada no planalto goiano, perto de Brasília. Tem prefeitura própria e estrutura urbana em zona rural. É distrito do município de Santo Antônio do Descoberto, na comarca de Luziânia, no Estado de Goiás. O acesso à cidade, distante 60 km do centro de Brasília, é possível, tomando-se a BR-040, a saída para Goiânia e, em seguida, a saída para Santo Antônio do Descoberto, perfazendo esse município 45 km. Em 2002, os 15 km restantes eram percorridos trafegando-se por estrada de terra batida. Era a antiga rodovia GO-125, que perfazia o trajeto de Goiânia, passava por Anápolis, pela então Fazenda Campo Limpo, em direção a Luziânia e Formosa.

Atualmente, passam por lá as rodovias municipais LZA-34, que liga Santo Antônio do Descoberto a Águas Lindas, e a LZA-35, que liga Macacos a Águas Lindas. Havia uma linha de ônibus (Taguatur) aos domingos, que fazia o percurso direto, do Plano Piloto à Cidade Eclética, com duração em torno de 90mn, saindo da rodoviária às 13:00 h, justo a tempo de chegar para o início dos trabalhos de caridade espiritual. Este ônibus permanecia na cidade durante os trabalhos e retornava à rodoviária no mesmo dia, por volta das 18:00 hs., ao final dos trabalhos. Da mesma forma, saía um ônibus de Planaltina para o mesmo fim. Afora estes, três linhas de ônibus passavam diariamente pela Cidade Eclética. De Santo Antônio do Descoberto a Brasília, saíam ônibus diários, de meia em meia hora. Trata-se de uma comunidade rural religiosa, habitada por aproximadamente 500 pessoas, gente muito simples, tranqüila e generosa. Ainda que haja naturalmente problemas entre eles, eles parecem convictos quanto à escolha que fizeram, levando ali uma vida bastante modesta e digna, em acordo com os princípios sócio-religiosos, que eles adotaram.

## O HOMEM OCEANO DE SÁ

*“Chefe Espiritual da Fraternidade Eclética Espiritualista Universal.  
Nascido em 23 de fevereiro de 1911 – Maceió – Alagoas – Brasil – América do Sul.  
Jornalista fundador da “Casa do Jornalista”- Associação Brasileira de Imprensa;  
Membro da Sociedade de Homens de Letras do Brasil (Casa de Olavo Bilac);  
da Academia de Letras da Guanabara;  
da Rede Nacional de Radioamadores;  
Professor Catedrático de Teologia Dogmática;  
Professor Catedrático de Teologia Canônica e Ascética;  
Professor Catedrático de Teogonia;  
Professor Catedrático de Santos Ritos e Velhos Testamentos;  
Professor Catedrático e Consultor Enciclopédico de Ciências Herméticas;  
Engenheiro Politécnico;  
Professor de Medicina Espiritualista;  
Reitor das Academias Ecléticas Exo-Esotéricas  
da Fraternidade Eclética Espiritualista Universal;  
Aviador; Instrutor de Vôo Cego e Aterrissagem Cega;  
Astrofísico – Atomista – Filólogo – Crítico de Letras e Artes.”<sup>15</sup>.*

Reiterando parte da citação acima, o homem fundador da FEEU e da CE *Oceano de Araújo de Sá* nasceu no dia 23 de fevereiro de 1911, em Maceió (Alagoas), e faleceu no dia 21 de abril de 1985, em Brasília, vítima de derrame cerebral. Filho de uma família bastante numerosa<sup>16</sup>, ele foi o décimo quarto filho, o caçula, do casal Bárbara Sá e Joaquim Araújo de Sá. Em entrevista a *Espejo*<sup>17</sup>, Oceano declarou que tinha origem nobre, descendência holandesa e grega; “como Saint-Simon”, ele disse ter também o título de conde. Ele explicou que o sobrenome holandês de seu pai Van Der Saa tinha passado por uma “lusitanização”, sendo traduzido para De Sá. Quanto ao nome de solteira de sua mãe, Aedopoulos, era de origem grega, mas também ela tinha origem holandesa, ainda que mais distante. Por outro lado, ele rejeitava o sobrenome De Araújo porque este “não tinha nenhuma relação com suas origens familiares”.

---

<sup>15</sup> YFP : Apresentação do próprio autor.

<sup>16</sup> A maior parte desses filhos faleceu jovem. Além de Yokaanam, temos conhecimento de apenas três deles chamados Olival, Iracema e Solon (CRND : 13).

<sup>17</sup> *Espejo*, 1984 : 287; e depois, em nota, n. 63, p.321.

O pai, Joaquim Araújo de Sá trabalhava em cargo vitalício na Secretaria de Fiscalização Geral de Consumo no Rio de Janeiro até ser afastado depois que fez uma denúncia contra um certo contrabando estrangeiro. Conseguiu posteriormente trabalhar como funcionário ordinário na Companhia Ferroviária *Great Western*, em Alagoas; e, por último, no Serviço de Telégrafos de Alagoas<sup>18</sup>. A mãe Bárbara Sá ficou doente e faleceu quando Oceano tinha apenas quatro anos de idade. Antes de falecer<sup>19</sup>, ela transferiu a responsabilidade da criação do menino a uma jovem negra da sua confiança, chamada Maria Pastora da Soledade; homenageada por Yokaanam como a sua *mãe-preta*<sup>20</sup>. Com a morte da esposa, o pai de Oceano contraiu um segundo casamento<sup>21</sup>, em 1927, em Alagoas.

Em idade escolar, Oceano foi internado e estudou em colégios católicos. Inicialmente, em colégio de padres salesianos; em seguida, ingressou na Ordem dos Franciscanos, no Seminário Nossa Senhora do Carmo, em Olinda. De acordo com os planos do casal, aquele filho deveria ser formado para a carreira eclesiástica; no entanto, antes que a sua formação estivesse concluída, aos dezesseis anos, ele foi retirado do seminário porque seu pai passava por dificuldades financeiras e não podia mais custear a sua formação. De volta à casa paterna, o jovem permaneceu por alguns meses apenas, partindo em seguida. Ele não aceitava a segunda família de seu pai. Em 1929, inscreveu-se e foi admitido no 20º Batalhão de Caçadores, em Maceió. O “seu desempenho e caligrafia” foram ali valorizados e ele, então, tornou-se auxiliar do capitão comandante da companhia e, em seguida, “professor da Escola Regimental, onde lecionava para soldados, cabos e sargentos”<sup>22</sup>.

---

<sup>18</sup> CRND : 13.

<sup>19</sup> Em São Luiz do Quitunde, no interior do Estado de Alagoas, em março de 1915, com diagnóstico desconhecido.

<sup>20</sup> « Conta-se na família e a **mãe-preta** que o criou (Maria Pastora) também o repete, que ela [a mãe, no leito de morte], minutos antes de morrer, chamou-a e lhe disse : - Pastora, prometa-me que você vai tomar conta do meu «caboré»... Tome conta dele até ficar homem porque ele ainda será a glória da família » (CRND :13). Maria Pastora era jovem na época e parece ter cumprido a promessa de cuidar do menino até que ele foi internado em colégios católicos, quando se afastaram. Ao final da vida dela, no entanto, em 1961, Maria Pastora foi morar na Cidade Eclética, onde faleceu dois anos mais tarde.

<sup>21</sup> Desse casamento nasceu apenas uma menina chamada Teresinha de Jesus, que veio mais tarde integrar o quadro dos membros da Fraternidade, com o nome esotérico Consuelo de Varuna. Joaquim faleceu aos 59 anos de idade, no Rio, em 1935, vítima de problema cardíaco. Entre os dois casamentos, Joaquim teve dois filhos « naturais legitimados », dos quais não há maiores informações. (CRND : 14).

<sup>22</sup> CRND : 14.

Tudo parecia correr bem até que Oceano fosse envolvido no estranho caso “de um suicídio de um sargento enfermo, vítima de lamentável neurose, quando ele (Oceano) estava de ronda no seu posto, ficando, por isso, preso, para responder a inquérito”<sup>23</sup>. Dias mais tarde, foi solto por determinação do recém-nomeado comandante do seu batalhão, o Major Aristarco Pessoa Cavalcante, que julgou injustificada a prisão. Pouco depois disto, Oceano era transferido para a antiga Escola de Aviação no Rio de Janeiro. Ali, ele recebeu missões especiais, entre elas, em 1930, a de trabalhar na construção de redes telegráficas nas cidades de fronteira no Estado de Mato Grosso.

Lá, em Aquiduana, ele conheceu uma telegrafista chamada Adiles Ramos<sup>24</sup> com quem se casou em 19 de julho de 1930, com apenas 19 anos de idade, portanto. Deste casamento nasceram dois filhos<sup>25</sup>, sobre os quais pouco se informa. É sabido, no entanto, que foram criados pela mãe; que a filha, mais velha, teria se formado em Medicina, casado em 1951 e ficado viúva em 1971; o filho morava com a mãe. O casal possuía patrimônio, partilhado na Justiça, com o desquite amigável<sup>26</sup>. O casamento foi oficialmente rompido em 1936<sup>27</sup>.

Do Rio de Janeiro, Oceano estabeleceu-se posteriormente em S. Paulo. Em 1932, ele servia no QG do II Exército como Chefe do Serviço de Comunicações Aéreas e Terrestres. Ele declarou a Negrão<sup>28</sup>, em entrevista, que chegou a ingressar na Faculdade de Direito em S. Paulo, mas teve que interromper o curso por causa da Revolução ... “No início de sua carreira militar, como noviço oficial, foi alcançado pela Revolução de 1932, em S. Paulo; foi convocado por falta de oficiais credenciados para o Estado Maior da Revolução e foi adido ao Gabinete. Designado para a função de chefe do Serviço de Comunicações Aéreas e Terrestres, foi imediatamente promovido a tenente”<sup>29</sup>. Derrotada a Revolução Constitucionalista de S. Paulo, Oceano de Sá exilou-se na Bolívia e Paraguai, a conselho do

---

<sup>23</sup> Ib.

<sup>24</sup> Goiana de nascimento, Adiles era filha de Joaquim Ramos, telegrafista, falecido no Rio, em março de 1944 (CRND : 15). Interessante observar que foram telegrafistas: ele (Oceano), sua ex-esposa, seu pai e seu sogro.

<sup>25</sup> Alzira, em abril de 1931, e Aygo, em 1936.

<sup>26</sup> YFP : 94.

<sup>27</sup> YFP : 92. As razões pelas quais o casamento fracassou não nos interessam. No entanto, nesta fonte, pode-se ler um comentário: ... «não sendo feliz neste matrimônio, apesar de sua silenciosa tolerância sem limites até o fim, aonde nenhum homem chegaria. Dela desligou-se definitivamente em 1936».

<sup>28</sup> Negrão, 1984 : 31.

seu superior o general Bertholdo Klinger<sup>30</sup>, a quem serviu no Q.G. do Estado-Maior, como revolucionário bandeirante<sup>31</sup>. Em decorrência dos serviços prestados, “queimaram e trocaram seus documentos para ser apenas um aviador civil em missão”<sup>32</sup>.

Em Santa Cruz de la Sierra, Oceano deu continuidade às suas atividades de aviador, como piloto dos Correios, na rota para o Brasil. Resolvidas as consequências da revolução, ele se estabeleceu em Corumbá. Nesse período, ele conheceu agentes da Condor, companhia aérea subsidiária da alemã Lufthansa. Recebeu deles proposta de trabalho com treinamento naquele país, ao que aceitou prontamente. Especializou-se, nesta ocasião, em voo e pouso sem visibilidade em Berlim e em Kiev. Fez cursos de radiotelegrafia, mecânica e radionavegação<sup>33</sup>, tendo permanecido fora do Brasil no período de 1933 a 1937. Neste período, ele disse ter tido a oportunidade de viajar pelos EUA, Europa e Ásia.

Em 1937, promovido a comandante na Condor, Oceano voltou para o Brasil, estabelecendo-se na cidade do Rio de Janeiro. No mesmo ano, tornou-se piloto particular do então presidente Getúlio Vargas, a quem serviu até 1944, data em que pediu e foi reformado nas Forças Armadas, com o cargo de coronel<sup>34</sup>. Esta passagem, de comandante da Condor a piloto particular de Getúlio Vargas, de quem ele havia sido dissidente durante a revolução paulista de 1932 e, por este motivo, buscou o auto-exílio é pouco conhecida. Da mesma forma, a natureza dos serviços que prestou ao Estado Maior das Forças Armadas, motivo por que queimaram e trocaram seus documentos.

Além de passagens obscuras, encontramos algumas fragilidades na biografia deste homem, sobretudo no que diz respeito à sua formação acadêmica e religiosa. Basta dar uma olhada nos numerosos títulos que ele arrola, o que sugere algum exagero. Quanto à sua formação

---

<sup>29</sup> CEAA, vol. 1.

<sup>30</sup> CRND : 15.

<sup>31</sup> YFP : 92.

<sup>32</sup> *O Nosso*, fev./2001.

<sup>33</sup> Em outra fonte (YFP : 92), encontramos mais informações sobre esta passagem da vida de Oceano : ...« na aviação alemã, onde se especializou em radiotelegrafia, mecânica, meteorologia, radiogoniometria, pilotagem, climatologia, navegação estimada e, especialmente, voo cego e aterrissagem sem visibilidade, tendo completado 3 milhões e meio de quilômetros, só em linhas internacionais, com 35 mil horas totais de voo, porque só vivia voando ! ».



militar e técnica, a sua atividade profissional referenda os seus títulos. A carreira profissional de aviador teve fim, no entanto, logo no início de 1944, quando ele sofreu um acidente aéreo bastante grave, ocorrido durante a sua atividade de instrutor de vôo cego ao capitão Walmor Bernardoni. De acordo com documentos da época e relatos posteriores, três minutos após a decolagem do aeroporto Santos Dumont, no Rio de Janeiro, um erro de operação nas manetes alternadoras de tanques de gasolina provocou uma pane no avião que caiu nas águas da Baía da Guanabara.

Tomando o comando para tirar o avião de uma queda vertiginosa em parafuso, Oceano teria conseguido pousar tecnicamente no mar mas o avião submergiu em seguida. O Capitão Walmor faleceu no acidente não tendo conseguido desvencilhar-se do cinto de segurança. Quanto a Oceano, ele conseguiu sair pela janela do avião e nadar até ser ... “apanhado por uma lancha militar de policiamento da Guanabara, foi recolhido e levado para a Polícia Aduaneira, onde lhe roubaram tudo o que possuía. Da Polícia Marítima foi conduzido ao Pronto Socorro do Campo de Santana porque havia perdido muito sangue. Posteriormente, foi transferido para o Hospital da Aeronáutica e, finalmente, para o Hospital dos Acidentados”<sup>35</sup>. Após dois meses e meio de tratamento intensivo, ele deixou o hospital e a profissão de aviador, reformado posteriormente como coronel. À saída do hospital, antes de voltar ao convívio dos seus, ele vagou por vários dias pela periferia da cidade, antes de apresentar-se com o seu nome esotérico Yokaanam.

---

<sup>34</sup> Negrão, 1984 : 30 - 32.

<sup>35</sup> CEAA, vol. 1.

## O MESSIAS MESTRE YOKAANAM

*“SS :. V :. G :. O Mestre Yokaanam,  
o Líder das Academias Ecléticas Exo-Esotéricas  
do Santuário Essênio do Brasil e das Américas,  
o Apóstolo das Religiões Ecléticas...”<sup>36</sup>*

É conhecido na biografia do messias Mestre Yokaanam um certo sonho memorável ocorrido ao jovem Oceano de Sá, com então onze anos de idade. Ele próprio falou aos seus entrevistadores sobre esse sonho ou visão, que ele teve em seu quarto, com a visita singular de uma figura semelhante à de Jesus Cristo. A entidade tinha cabelos longos, estava completamente vestida de branco e lhe falou sobre uma missão importante que lhe estava destinada. De natureza espiritual, a missão lhe foi apenas anunciada. Ele deveria guardar segredo sobre aquele encontro e aguardar o momento oportuno, quando seria orientado para ela.

Aos treze anos de idade, o jovem já manifestava qualidades mediúnicas<sup>37</sup>, “aos quinze anos de idade, ele trabalhava como receitista e vidente, como instrumento de uma entidade espiritual conhecida pelo nome de professor Yañi Bensababad ... antigo médico da Alexandria”<sup>38</sup>. Com formação religiosa católica, Yokaanam Oceano de Sá disse ter estabelecido ao longo de sua vida profissional contato direto e mediúnico com numerosos líderes espirituais no Brasil e no exterior. Assim é que ele mesmo declarou<sup>39</sup> que teve a oportunidade de freqüentar os membros da Fraternidade Branca dos Monges Benares, na Índia, os monges trapistas do Deserto do Saara e os lamas do Tibete. Ele declarou pertencer à Sociedade Exotérica da Comunhão do Pensamento e ao Conselho Nacional dos Maçons<sup>40</sup>. Em 1937, no Rio de Janeiro, ele passou a freqüentar uma “instituição hermética”<sup>41</sup>, a Ordem Mística da Regeneração, onde chegou mesmo a ocupar cargo na direção espiritual.

---

<sup>36</sup> Extraído de matéria intitulada “O retorno do Antigo Mestre Essênio encarregado de restaurar as origens do Cristianismo e seus princípios fundamentais”, editada em *O Nosso* (n. 549, ano 49, nov./1995).

<sup>37</sup> CRND : 12.

<sup>38</sup> CEAA, vol. 1.

<sup>39</sup> A Negrão (1984 : 30-32) e ao seu entrevistador em matéria publicada na Revista *Manchete*, de 02/03/1968.

<sup>40</sup> Ele freqüentava loja maçônica estabelecida à av. Rio Branco, no Rio de Janeiro.

Nesta época, ele já recebia pacientes em casa, ministrando passes magnéticos, receitando e realizando pequenas intervenções espirituais. Ele mesmo falou, não sem orgulho, a um repórter sobre esta sua atividade ...

*“Inauguramos praticamente a era das “Operações Espirituais” no Brasil, quando ninguém falava sequer, e de modo nenhum, em “cirurgia espiritual”, e só havia notícias de efeitos físicos conhecidos por mim em várias capitais do país e do estrangeiro, e algumas operações espiritualmente diretas que certos Guias vêm praticando, em verdade, há muitos séculos, mas durante o sono do enfermo e sem a intervenção de médiuns.*

*Em 1934 comecei a praticar, sigilosamente, operações espirituais, não sem surpresa com tal mediunidade, por notar, logo depois, que era a faculdade mais vibrante e útil que em mim se destacava depois da de receitista auditivo, psicômetra, transporte e vidente, entres outras... que nunca exibi a ninguém”<sup>42</sup>*

Se nos lembramos que Yokaanam esteve fora do Brasil no período de 1933 a 1937, na condição de auto-exilado, teremos que admitir que ele a exercia no exterior ou que vinha freqüentemente ao Brasil. Não consta que ele tenha levado a família para o exílio. Ingresso desde 1937 na Ordem Mística da Regeneração, com esta ele rompeu em 1942, em decorrência do seu descontentamento com alguns procedimentos internos e políticos. No que rompeu com aquela instituição, ele arrastou consigo alguns correligionários, os quais formaram o embrião do seu próprio grupo, os “eccléticos volantes”.

Mas foi o acidente aéreo, no dia 14 de janeiro de 1944, a grande linha de divisão das águas, a grande ruptura na vida de Oceano de Sá. Uma edição de *O Nosso*<sup>43</sup> traz um relato impressionante do acidente, realçando o valor sobrenatural do drama da queda do avião e do salvamento de Oceano de Sá. O relato fala da intervenção de “uma bela mulher de azul e com cabelos longos até os pés dar-lhe a mão do lado de fora da janela”, ajudando-o a sair pela janela do avião. De acordo com o relato, ainda que ele tivesse ferimentos graves - “a espinha partida na terceira vértebra lombar, pé esquerdo esmagado, fratura na cabeça, além de outros ferimentos graves” -, ele conseguiu sair do avião e nadar cerca de 600m, antes de

---

<sup>41</sup> CRND : 12.

<sup>42</sup> YFP : 60.

<sup>43</sup> *O Nosso*, n. 556, ano 49, jun/1996.

ser recolhido por uma lancha. A reunião dos elementos todos deste episódio – ter sobrevivido àquele acidente, a gravidade dos seus ferimentos e, apesar dos quase oitenta dias em que esteve internado, a sua rápida recuperação, sem mesmo deixar seqüelas – constituíram o que foi considerado um fato “milagroso”<sup>44</sup>.

Foi durante o longo repouso de recuperação intensiva, no hospital, que ele teve um segundo sonho ou visão, dando continuidade àquele de sua infância. Mestre Lanuh, a entidade semelhante a Jesus Cristo, passou-lhe desta vez uma mensagem bem precisa: a sua missão de impulsionar a moral cristã, restaurar o cristianismo primitivo e unificar as religiões em torno dele (do cristianismo original). Para isto, a partir de então, Oceano deveria dedicar-se exclusivamente à atividade espiritual e missionária, abandonando todas as outras atividades<sup>45</sup>. Três rupturas notáveis na vida de Oceano de Sá marcaram a sua passagem, do profano ao sagrado, do homem Oceano de Sá ao messias Mestre Yokaanam: a ruptura do casamento em 1936 - ainda que não se admita, é sabido que o casamento não convém à formação esotérica de um messias -; a ruptura com a Ordem Mística da Regeneração em outubro de 1942 - o que implicou na formação de seu próprio grupo -; e, finalmente, a ruptura com a sua atividade profissional em 1944, ruptura esta, decisiva, para o seu engajamento com a atividade missionária e messiânica. Assim é que, às vésperas do seu 33º aniversário, morreu o homem Oceano de Sá e nasceu o messias Mestre Yokaanam.

À saída do hospital, o missionário desapareceu das vistas de seus companheiros correligionários durante algumas semanas, sem que se soubesse do seu paradeiro. Ele fazia o seu retiro espiritual. Soube-se depois que ele empreendeu uma peregrinação solitária pela periferia da cidade do Rio de Janeiro. A partir desta época, ele passou a usar o *balandrau*<sup>46</sup> branco e deixou crescerem a barba e os cabelos. Algumas semanas mais tarde, ele voltou ao convívio do seu grupo, anunciou a sua missão e o seu novo nome, Yokaanam. Este nome lhe teria sido designado pelos “espíritos instrutores”, era equivalente ao nome hebraico de

---

<sup>44</sup> « Encerrou sua promissora carreira aviatória em 1944, após o acidente que sofreu junto com um piloto-aluno, do qual só ele sobreviveu em circunstâncias incríveis e inexplicáveis até hoje para a ciência médica » (CRND : 15).

<sup>45</sup> « O Mestre recebeu ORDENS DAS ESTRELAS para abandonar todas as regalias e vantagens do mundo para dedicar-se exclusivamente à vida missionária. » (CEAA, vol. 1)

<sup>46</sup> Veste comprida, à maneira daquelas que usavam Jesus Cristo e seus apóstolos.

S. João Batista, “o mergulhador do deserto”. Yokaanam, “o solitário”, acreditava ser a continuação ou a reencarnação daquele santo católico. As alcunhas, ao mesmo tempo em que os qualificavam, distinguiram o Yokanaam hebreu (em S. João Batista) e o Yokaanam grego (em Oceano de Sá). Das antigas tradições hebraica e grega, Yokaanam forjou a doutrina esotérica eclética, tomando alguns dos seus modelos, como veremos adiante, em Moisés, Jesus Cristo e nos profetas solitários<sup>47</sup>, só para avançarmos alguns exemplos. Logo<sup>48</sup>, ele cuidava de incorporar oficialmente o seu nome esotérico ao seu nome civil, passando a assinar Yokaanam Oceano de Sá. Na qualidade de líder religioso, guia esotérico ou enviado de Deus, o seu grupo passou a chamá-lo Mestre Yokaanam. A partir de então, ele dava início às “pregações evangélicas” e às “peregrinações apostólicas”.

Versado em linguagem notadamente arcaica e erudita, com forte acento em princípios morais bem marcados, dotado de notável eloquência, Yokaanam gostava de falar em público e de improviso. Ele escreveu, no entanto, uma de suas primeiras pregações oficiais, por ocasião de um convite que lhe foi feito pelo então presidente da *Cruzada dos Militares Espíritos*, realizada no dia 15 de setembro de 1946, no Rio de Janeiro. Doze destas suas pregações foram transcritas, com o esforço de simpatizantes e adeptos, com o apoio de taquigrafia ou de registro magnetofônico. Os registros destas pregações foram reunidos e publicados em uma de suas obras<sup>49</sup>. O fragmento da referida pregação, abaixo transcrito, concerne aos três primeiros parágrafos do longo texto que explicita a forma como Yokaanam se apresentou à comunidade espírita e espiritualista, na qualidade de “diretor espiritual do poder legislativo-esotérico” da fraternidade, que ele havia fundado, havia apenas seis meses...

*“Em aquiescência ao convite amável desta Augusta instituição,  
por indicação especial de um dos Iluminados Guias desta Casa de  
Caridade, reapareço hoje em público com a honrosa tarefa que  
agora me confiais, depois de longos anos de intensa e silenciosa  
atividade dinâmica no campo da Dor e da estrênuo peregrinação*

---

<sup>47</sup> A alcunha « O Solitário » está transcrita no frontispício da capela mortuária ‘Panteão, O Solitário’, na Cidade Eclética, a qual guarda o corpo de Yokaanam. Ele próprio teria declarado em entrevista a *Espejo* (1984 : 289) que a alcunha ‘O Solitário’ vinha da gnose que ele professava, simplesmente.

<sup>48</sup> Em 1956 (CEAA, vol.1).

<sup>49</sup> CRND.

*Iniciática, em busca da Palavra Sagrada que se não ouve com os ouvidos humanos e da deífica preparação interior que se não conquista no andurrial imenso dos tumultos da vida, - quando se pretenda, em verdade, realizar a dolorosa e aguerrida viagem de introspecção evangélica e conhecer o Princípio e o Fim, onde tudo e todos – um dia – se confinarão depois da viagem do Presente que nos serve de Intermédio.*

*Devo confessar-vos, meus amados Irmãos, antes de tudo, que não possuo credenciais de espécie alguma; não conservo comigo nem um só título honorífico ou diploma conquistado no mundo profano. Não trago também apendado o peito com as comendas das honras terrenas... Apresento-vos somente as minhas desalfaiadas vestes de rigor moderno, esta túnica enxovalhada pelo uso, batida e gasta já pelos percalços de dinâmicas porcelas; estas sandálias, que aqui vedes comigo, carcomidas por longas caminhadas de desbravamento evangélico da selva imensurável do coração humano. Apresento-vos, enfim, esta imensa pobreza de indumentária, inteiramente prosaica, obsoleta e ridiculamente fora de moda, para qualquer homem da época que se aventure a usá-la em público, desde o operário humilde ao capitalista indiferente e frio, que vive em eternas saturnais do corpo... Trago-vos, sim, ao peito, os sinais que me atestam os pesados encargos de jornadas inesquecíveis... as cicatrizes e equimoses dos apupos... das injúrias... do sofrimento e das infâmias milenares, que rasguei na própria carne, em troca de arrojados e piedosos benefícios distribuídos e semeados na Terra, periodicamente...*

*Se isto vos não escandaliza, se tendes coragem e tolerância para me suportar a presença e ouvir-me a palavra franca, amiga, então, prosseguirei!”<sup>50</sup>*

E, assim, ele prosseguiu no seu discurso, na defesa daquilo que ele considerava a *Palavra Sagrada*, a *Verdade*, a meio caminho entre a ciência e a fé<sup>51</sup>, rechaçando aquilo que ele denominava a “africanização” da religiosidade brasileira, bem como o sectarismo, ao mesmo tempo em que exaltava a importância da caridade, da “unificação e amor entre os espíritos”. Ele pregou o valor da humildade e da pobreza e repudiou o “modismo” e a “falta de moralidade cristã”. Por fim, anunciou a fundação da FEEU, para servir de exemplo para

---

<sup>50</sup> CRND : 41-42.

<sup>51</sup> CRND : 53 : « A Verdade está em ambas... Os que não a podem alcançar pela cultura científica, que é filha de energias dispendidas pelos Gênios ignorados e que se ocultam e se inspiram em Deus, nos laboratórios, para uso e garbo dos demais, a religião os orienta pelo sentimento, pela humildade, pela pureza, pelo coração ».

a humanidade, e a sua “missão espiritual pioneira do planeta”, para a disseminação da doutrina eclética.

Com efeito, para cumprir a sua missão, o Mestre Yokaanam deu início a pregações, a peregrinações e fundou a Fraternidade Eclética Espiritualista Universal, em 1946, com o apoio dos seus correligionários, os “ecléticos volantes”. Dez anos mais tarde, eles deixavam a cidade do Rio de Janeiro para fundarem a cidade santa no planalto goiano, em local geograficamente determinado por “entidades espirituais superiores”. A Cidade Eclética foi construída em terras despovoadas, em estreita correspondência simbólico-geográfica com aquelas de Jerusalém, para ser embrião e exemplo da prática do cristianismo primitivo restaurado, sempre em acordo com orientações espirituais e princípios cristãos, ancorados na prática da humildade e da caridade fraterna, contando sempre com cooperação comunitária.

Ainda que o messias anunciasse nos primeiros tempos uma mudança radical, ele não entendia a doutrina eclética como uma nova religião, tampouco alimentava uma revolução sócio-religiosa. Como o Fim iminente cabia à decisão das “altas esferas espirituais”, ele deveria simplesmente cuidar de colocar a humanidade no “bom caminho”, se empenhar na restauração moral e espiritual da nossa civilização a partir do exemplo do seu próprio grupo e de um estilo de vida que ele julgava adequado. Desta forma, ele contava preparar a humanidade (ou um grupo de “eleitos”) para uma mutação radical, de dimensões cósmicas e de natureza espiritual, a qual deveria ocorrer na Terra na entrada do novo milênio.

A tônica do livre arbítrio, *leitmotif* da doutrina eclética, desde o início orientou maior ou menor comprometimento individual de cada um dos ecléticos e garantiu as suas participações, de forma pacífica e integrada, bem como as suas adesões convictas ou os seus pedidos de desligamento. Atualmente, com a catástrofe radical afastada ou colocada em segundo plano, a Cidade Eclética existe como opção aberta a todos aqueles que se sintam sensibilizados com os seus princípios e com o estilo de vida que eles adotam, aguardando com tranquilidade uma transformação gradual na humanidade e no planeta.

Quando estive em campo, em 1972, a comunidade foi apresentada a Dias<sup>52</sup>, como “uma escola de reforma espiritual”; atualmente, eles parecem não se preocupar com título algum. De fato, Yokaanam conseguiu criar uma fraternidade espiritualista e fundar uma cidade iniciática, mas não viu a sua missão plenamente cumprida. Os ecléticos dizem que ele “teve que ser retirado antes”; e eles, os ecléticos, conseguiram se reorganizar na falta concreta do seu mestre, o qual, no entanto, segundo eles dizem, continua velando pela “Casa”, protegendo, orientando e freqüentando-a, espiritualmente. Enquanto isto, eles dão continuidade a um estilo de vida bem próprio, que lhes convém, e entendem virem, discretamente, servindo de modelo e laboratório para a humanidade, observando e cuidando da reeducação moral e espiritual próprias, fundamentais para a evolução espiritual, que eles priorizam.

Yokaanam declarou<sup>53</sup> que foi um pouco a contragosto que ele assumiu a árdua tarefa de promover a purificação da humanidade e a unificação das religiões através da doutrina eclética, com vistas à teoria e à prática da “religião única e verdadeira”. Ele mesmo explicitou que tinha outros planos. Observe-se que, apesar de Yokaanam ter dito que não pretendia fundar uma fraternidade espiritualista universal, ele já tinha em mente a atividade missionária. Assim é que ele abandonou uma atividade espiritualista particularizada por outra, coletiva.....

*“Em 1946, - depois de uma existência extra-oficial e forçosa de alguns anos -, fundei, afinal, a Fraternidade Eclética Espiritualista Universal, oficialmente, de certo modo contra minha vontade. [...] sempre fui medularmente contrário à facilidade fragmentária com que os homens se arvoram e se improvisam de modo abusivo como chefes e fundadores de qualquer coisa, sem acervo missionário espiritual, sem moral, sem competência, sem conhecimento para dirigir e sem cultura, incapazes para dignificar e defender a Causa. Por isto mesmo, reagi escrupulosamente, recusando fundar qualquer coisa; e tinha fobia à idéia de aparecer na arena do litígio, para não ser confundido com aventureiros e mercenários religiosos e sociais que pululam por toda parte; porque sabia da luta terrível e espartana que iria enfrentar contra as legiões de lobos ferozes que infalivelmente se articulariam contra mim.*

---

<sup>52</sup> Dias, 1974 : 02.

<sup>53</sup> YFP : 45-46 e CEAA, vol. 1.



*Pretendia, portanto, ir residir na cidade de Simla, no Oriente, nas fraldas do Himalaya [aqui ele introduz uma nota de pé-de-página, onde se lê: “Ou num iate-residência volante, com um salão-templo a bordo e capacidade para 12 tripulantes companheiros espiritualistas e solitários como eu e sob meu comando. Estava tudo preparado e previsto!”], para o que já havia reservado dinheiro e preparado minhas malas para partir e deixar definitivamente o Ocidente, convicto de que, - conforme Jesus lamentou -, ninguém é estimado em sua Casa, e de que todo esforço ou sacrifício meu pelo Evangelho, seria vão, nesta época de desenfreado paganismo, sancionado e mesmo aplaudido pelos cristãos de hoje, inclusive pelos próprios espiritualistas e espiritistas, à sombra do Cristo. Mas o meu Mestre desmanchou minhas malas... e deu ordens definitivas e amplas!”*

A exemplo da tradição judaico-cristã, pode-se efetivamente estabelecer-se um paralelo simbólico bastante estreito entre um barco-iate comandado por um líder espiritualista acompanhado de doze acólitos, a arca de Noé e a reunião de doze apóstolos em torno de Jesus Cristo. Teremos a oportunidade de observar, Yokaanam não perdia de vista os seus modelos, tomando-os do Antigo e do Novo Testamentos e de antigas tradições orientais e esotéricas, para a formação da sua doutrina eclética. Ainda que ele tenha se apresentado “humildemente” na Cruzada dos Militares Espirituais “sem credenciais”, ele gostava de impressionar a sua gente com os muitos títulos que ele reuniu para si<sup>54</sup>.

Yokaanam redigiu ou compilou em vida três obras. Na contracapa da sua primeira obra - *O Evangelho da Umbanda* - estão transcritos alguns dos seus atributos: “O Venerável ∴ Grande ∴ Mestre ∴ Yokaanam ∴ ...”, “Apóstolo das Religiões”, “Acadêmico de duas Academias de Letras, Filósofo, Escritor, Médico dos sofredores, Engenheiro Politécnico de todas as artes científicas, Professor Catedrático de várias Cadeiras de Universidade Católica, Professor de Ciências Herméticas e Instrutor em vários Santuários do mundo. Oficial superior das Forças Armadas, Ilustre Cavaleiro do Santo Sepulcro, e outros inúmeros títulos e diplomas de alta nobreza espiritual e social abandonados...”.

---

<sup>54</sup> Conforme já foi dito no capítulo anterior, ele e os seus partidários sustentaram que perderam-se todos os seus documentos e diplomas em duas ocasiões: por ocasião da revolução de 32 e do acidente aéreo.

Na contracapa da sua terceira obra - *Yokaanam fala à posteridade!* -, ele se apresenta como “Fundador, Venerável Mestre, Reitor universitário, Acadêmico e Grão Mestre” ... “Eterno Peregrino das Estrelas... das Sendas e da Caridade... apóstolo humilde das Religiões e Escolas do mundo por onde passou” ... “enviado das Estrelas, iluminando o mundo com a sabedoria eterna e imortal dos milênios”. Mas, é na sua segunda obra<sup>55</sup> - *O Cristianismo reúne, não divide!* -, que se revela efetivamente a qualidade missionária e messiânica de Yokaanam Oceano de Sá, a partir do momento favorável de seu nascimento, como uma criatura fadada, venturosa, de natureza superior, bem como a sua relação com ordens templárias orientais...

*Yokaanam nasceu no dia 23 de fevereiro de 1911, às 03:40 horas da manhã, portanto sob os auspícios de um Tema Búdico, no dizer dos Iniciados Templários do Oriente. E, inevitavelmente, com os homens, sem os homens e apesar dos homens, o seu Tema Kabalístico-astrológico revela a quem quer que tenha qualquer noção de Ciências Herméticas de verdade, e não apenas de livraria ou por correspondência, o seguinte: “Mestre Yokaanam nasceu no instante sideral de uma conjunção planetária que lhe dá a proteção do manto mágico potencial e divino do Triângulo Austral, sob a constelação do signo austral de Peixes (Peixes) e sob o governo de Netuno, tendo à sua cabeça, como domicílio divino de origem psíquica, Júpiter, e como guardião de Lei, Saturno, o grande Juiz, pelo fato de haver recebido no “Templo do Mistério” - (o Plano “Y”, ou residência dos Três Graus de Messias) - o Selo das Cinco Chagas e as Sete Lâminas da Estrela Superior e da Rosa de Brahma.*

*Sua função psico-nervosa nasceu sob a trama vibratório-dinâmica do Tau da Luz, portanto com absoluta sintonia de correspondência com o diapasão da escala musical ou cromática dos acordes fundamentais divinos dos Planos Superiores, para manter e garantir sua permanente sensibilidade vibrante e imune da predominância dos assaltos das legiões negativas que constituem as potências dos contrários ou do sinal menos (-), e sua ligação com os Arcanos do Templo da Luz”*

Portador de significativas e numerosas existências anteriores, o texto continua e seriam necessários “nada menos de doze volumes para podermos contar a sua história, em síntese apenas, com as suas origens planetárias e espirituais, através das últimas sete

---

<sup>55</sup> CRND : 17.

reencarnações”. O texto é concluído com a declaração de que “ninguém está autorizado a escrever a sua vida no futuro e nem mesmo algum médium a apresentar-se com mensagens suas, depois de desencarnado, se não apresentar antes sua senha”. Favorecido por tais desígnios e atributos, Yokaanam se coloca numa configuração semelhante ou próxima daquela de Jesus Cristo. Na qualidade de enviado de Deus ou do Cristo, de intermediário entre as entidades espirituais superiores e a humanidade, o Mestre Yokaanam se atribuía a difícil tarefa de recolocá-la no bom caminho, orientando-a quanto aos acontecimentos futuros, para os quais ele e aqueles que almejam a salvação deviam se preparar.

## O MESSIAS TORNADO HOMEM PÚBLICO

*“Jovens da minha terra!...  
Os nossos inimigos gratuitos mandaram rezar,  
para que chovesse hoje e para que aqui não chegássemos;  
mas nos planos espirituais da Casa de meu Pai manda quem pode...  
e na Praça da Liberdade há sol,  
e como o sol,  
é ampla a liberdade dos corações que falam sinceramente pelo Cristianismo,  
que morrem em praça pública pelos verdadeiros ideais divinos!”<sup>56</sup>*

Conforme Yokaanam já esperava, árdua foi a sua tarefa, sobretudo nos primeiros tempos de fundação da fraternidade e da Cidade Eclética (do final da década de quarenta ao início da década de setenta), quando ele e sua obra foram alvo de difamações, escândalos e graves denúncias, divulgadas publicamente. A imprensa sensacionalista foi-lhes implacável, cedendo espaço considerável às acusações de insanidade mental, charlatanismo e exercício ilegal da medicina, abandono da família e não-pagamento de pensão, desvio de verbas da fraternidade para outros fins e ocupação indevida de terras.

Diferentemente de Antônio Conselheiro, líder religioso do arraial de Canudos, ao qual Yokaanam foi muitas vezes comparado, este último, como vimos, apesar do seu caráter conservador, foi homem de universo mais amplo, formação técnica superior, militar com

---

<sup>56</sup> Pregação do Mestre Yokaanam na Praça da Liberdade, em Petrópolis, « dirigida às Juventudes

habilitação de piloto profissional bastante especializado. Conhecedor das instituições e dos direitos, Yokaanam viajou pelo Brasil e pelo mundo inteiro como aviador e estabeleceu relação pessoal com personalidades públicas influentes (lembre-se que ele foi, inclusive, piloto particular do Presidente Getúlio Vargas por sete anos). Indiscutivelmente carismático (talvez obstinado), ele tinha amigos advogados, militares e políticos nordestinos, cariocas e paulistas os quais se empenharam na defesa dos muitos processos e difamações dos quais ele teve que se defender.

Grande parte das matérias publicadas, dos processos e das acusações recebidas foi explicitada e veiculada no jornal interno da FEEU para o esclarecimento da comunidade, bem como as suas respectivas elucidações. Outra parte delas foi publicada em forma de capítulo na obra *Yokaanam fala à posteridade!*<sup>57</sup>, com o título “Mestre Yokaanam no tribunal da história”. A começar pela forma inusitada como ele deu início à sua carreira missionária, os jornais da época diziam que ele tinha se tornado missionário por causa do acidente, numa sugestão evidente de que ele tinha ficado maluco e, por isso, passou a pregar. Sobre o inusitado da sua transformação em missionário e pregador logo após o acidente aéreo em 1944, um autor que não foi possível identificar fez a sua defesa...

*“Já em 1931, Mestre Yokaanam pregava em S. Paulo, lançado como orador sacro pelo famoso pregador Lamieira de Andrade. E, em 1934, já era tribuno veterano e pregador de vanguarda ao tempo de Guillon Ribeiro, Almirante Paiva, Manoel Quintão e outros, da Federação Espírita, hoje quase todos desaparecidos. Em 1937, já era membro graduado de quase todas as Ordens Esotéricas do Brasil e do estrangeiro, e mais tarde, era eleito Grão-Mestre Venerável da ORDEM MÍSTICA até 1942, quando renunciou espontaneamente, no dia 20 de outubro, porque não concordou com Espiritualistas metidos em política! Em 1934, inaugurara no Brasil a didática espiritualista eclética ao quadro negro, tendo vários discípulos, interrompida apenas durante o período que trabalhou intensamente na Ordem Mística. Em deixando-a, reiniciou com cerca de 70 discípulos, os chamados COMANDOS ECLETICOS VOLANTES, da futura e atual Fraternidade Eclética. E em todos os recantos do país e do mundo por onde andou até 1944, deixou discípulos e admiradores, os*

---

Espiritualistas », em 30 de agosto de 1953.

<sup>57</sup> YFP : 81-97.

*quais poderão falar de sua irrepreensível e invulgar conduta. Então, por quê o caluniam mistificando a verdade, dizendo que só depois do desastre ele ficou espírita... avariado da mente?!”*

A sanidade mental de Yokaanam foi mais de uma vez questionada, bem como as suas idéias, consideradas “loucura, utopia ridícula, própria de um visionário”<sup>58</sup>, inclusive por sua ex-esposa, que pediu a interdição dos bens do casal na Justiça, acusando Yokaanam de abandonar a família e empregar os bens do casal na fraternidade. As denúncias da sua ex-esposa foram noticiadas em uma edição do *Diário da Noite*<sup>59</sup>, com matéria intitulada “Santo ou louco? Yokaanam abandonou sua esposa e resiste à Justiça” e em uma edição do *Jornal de Joinville*<sup>60</sup>, com matéria intitulada “Falharam todos os recursos contra o chefe de misteriosa seita”. O juiz Diocleciano Martins de Oliveira havia pedido então um exame de sanidade mental, o qual foi ignorado por Yokaanam, da mesma forma como foram ignoradas duas intimações judiciais expedidas contra ele. Foi-lhe então expedida uma ordem de prisão, mas ele havia desaparecido da cidade do Rio de Janeiro. Logo, ele requeria um pedido de *habeas corpus* ao Tribunal de Justiça do então Distrito Federal e obtinha despacho favorável, dias após a sua fuga. O despacho do Juiz Dr. Sá Ribeiro com o resultado deste processo foi conhecido...

*“Do processo verifica-se que falharam todos os recursos indicados, no sentido de submeter-se o interditando Oceano de Sá, Mestre Yokaanam, da Fraternidade Eclética Espiritualista Universal, a exame médico, a fim de poder ser verificado o seu estado de sanidade mental. E isto, porque embora se tenha operado um manifesto e confessado divórcio entre o interditando e a sociedade em que viveu antes de sua voluntária clausura, não acusa ele, evidentemente, um estado de alienação mental capaz de justificar, face aos inúmeros atestados médicos que exibiu em Juízo, a interdição pretendida! Trata-se de um místico que, à sua maneira, e segundo suas concepções religiosas e filosóficas, vem-se dedicando aos seus semelhantes. Pessoa que abandonou sua família real, para, mediante laços mais amplos, entregar-se a atividades espirituais, em benefício da Humanidade, hoje sua única família”*

---

<sup>58</sup> YFP : 45.

<sup>59</sup> Jornal carioca, edição de 11.07.1950.

<sup>60</sup> Jornal catarinense, edição de 23.10.1950.

A ex-esposa de Yokaanam, Adiles, valeu-se da imprensa ainda para noticiar a abertura de processo judicial contra Yokaanam para reclamar o devido pagamento de pensão alimentícia e a sua parte nos bens do casal<sup>61</sup>. Novamente Yokaanam recebeu despacho favorável, justificando que ainda que tenha se afastado, não abandonou nunca a família, contribuindo sempre “por intermédio de Procurador!”. Ele argumentou com o fato de ter formado a filha em Medicina em 1950 e conseguido para ela um emprego, por sua influência, no gabinete do então Ministro Segadas Viana; e ainda, que a sua ex-esposa “recebeu sempre mensalidade por Procurador para manutenção deles e possui até hoje casas, apartamentos na cidade, praias e outros bens diversos que ele não conhece, atualmente avaliados em cerca de 50 milhões que renunciou em benefício dela, em desquite amigável, ocorrido anos depois, já como funcionária pública aposentada, ganhando a esse tempo cerca de 400 mil cruzeiros”.

A sua apresentação - “barbas longas, cabelos à nazareno, túnica e alparcas” - foi alvo de chacotas, ao que ele respondeu<sup>62</sup>...

*“Nossos cabelos, nossas túnicas e nossas barbas, contudo, constituem precisamente o atributo de nossa bravura moral, como teste de coragem que falta aos demais para imitar o Cristo e recusar seguir a moda pagã ditada por Calígula, em nossos dias, numa época em que todos os religiosos do mundo se despedem da vergonha austera das tradições do nosso passado cristão, e se feminizam para pôr-se em dia com a moda depravada das boates, sob os acordos de todos os artifícios mundanos que prestam honra às orgias pagãs oficializadas nas religiões pela moda imposta pelo tarado Calígula; enquanto a isso se aplaude, nós, FRATERNÁRIOS OBREIROS ECLÉTICOS, sofremos estoicamente... impavidamente, a zombaria e a chacota da mediocridade e dos próprios espiritualistas e espiritistas sibaritas, porque sabem que para fazerem o que fazemos nós – imitar o Cristo, em homenagem à sua História - ... para plagiar até isso, é preciso ter coragem e não tremer de covardia diante da diatribe e do riso caricato dos que dizem servir a Cristo e se banqueteam nas horas vagas nas*

---

<sup>61</sup> O referido texto (YFP : 93) apresenta uma nota onde se lê que, na verdade, Yokaanam não abandonou a família ; que ele foi expulso de casa pela ex-esposa, « logo após o casamento, por motivos graves de incompatibilidade impublicáveis ».

<sup>62</sup> YFP : 48.

*orgias de Nero e Fath... Os tempos mudaram... de 1960 para diante; e agora todos são cabeludos e barbudos pela moda “pop” do mundo e o Mestre Yokaanam pelo Cristo”*

A Revista *O Cruzeiro*<sup>63</sup> publicou uma matéria difamatória, acusando atividade homossexual entre ecléticos vestidos de balandrau, como “mulher em promiscuidade com homens”, dentro de uma barraca. O fato contudo não pôde ser comprovado e a defesa justificou-se, contra-acusando tratar-se de matéria paga por parte de dissidentes ressentidos e interessados em desmoralizar e fechar a fraternidade. Algum tempo depois, o jornal *Tribuna da Imprensa*<sup>64</sup> publicou novamente parte da reportagem acima. A fraternidade entrou então com um Protesto Judicial na 13ª Vara Cível, por calúnia e difamação...

*“Muitos se valeram desse assunto para explorá-lo, inimigos de várias cores, depois de expurgados ou contrariados em seus interesses inconfessáveis pela inviolabilidade de sua bandeira, negociando informações capciosas com a imprensa mercenária e buscando guarida política e financeira nos sindicatos da calúnia, sob o protecionismo econômico material das potências religiosas diversas, desesperadas em suas trincheiras amorais ameaçadas”*<sup>65</sup>

Mas as acusações não pararam aí. Yokaanam teve também que se defender da acusação<sup>66</sup> de que teria tomado dinheiro da fraternidade na compra de ilha para proveito próprio e de um pequeno círculo de correligionários, o que ocorreria ao final de cada período de peregrinação, onde promoveriam festas e orgias. Os esclarecimentos<sup>67</sup> foram os seguintes ...

*“Alegando que o Mestre malbaratava os dinheiros da Instituição e fazia festas e banquetes na Ilha da Madeira, lugar isolado, escolhido e afastado de tudo o que é profano para o descanso dos Obreiros da Casa. Foi mais esta, uma farsa que logo ruiu por terra. Ficou provado na Justiça o intuito do golpe e que o pedaço de terra adquirido na Ilha da Madeira foi comprado a prestações pelo Mestre, da seguinte forma: pagou CINCO MIL CRUZEIROS DE ENTRADA, TIRADOS DA*

---

<sup>63</sup> YFP : 82.

<sup>64</sup> YFP : 83.

<sup>65</sup> CRND : 15.

<sup>66</sup> Revista *O Cruzeiro*, de 01.12.1951, matéria intitulada « Lama nas barbas do profeta », assinada por Arlindo Silva.

<sup>67</sup> YFP : 85.

*VENDA DE SEUS LIVROS E RECEBEU DO IRMÃO ARISTÓTELES, POR EMPRESTIMO DESTE, O COMPROMISSO DE PAGAR POR ELE AS OUTRAS PRESTAÇÕES MENSAS, ficando o Mestre devendo essas prestações ao Apóstolo Aristóteles para reembolsá-lo depois. E esse dinheiro Irmão Aristóteles tomou-o emprestado ao Irmão Nemésio! Por esse motivo, o Mestre achou melhor que a quitação do terreno fosse em confiança, passado em nome do Irmão Aristóteles, a Conselho dos Diretores, que alguns anos depois também deixou de pertencer à Casa, juntamente com sua família, por solidariedade à traição de um dos muitos Judas que têm lamentavelmente desfilado pela Instituição e que, pilhados em flagrante, são banidos de nossas fileiras [...] Este terreno foi comprado, assim, honestamente, pelo Mestre, com a finalidade de ser entregue à Fraternidade em benefício dos Obreiros em geral, como acontece e como tem acontecido até aqui. Este documento ou escritura está registrado e passado no Tabelião Hugo Ramos, do Dr. Julio de Oliveira, com que adquiriu essas benfeitorias constantes de uma casa em ruínas e dos barracos. É um recanto afastado em frente à Coroa Grande, na Ilha de Mangaratiba, onde não há cassinos, boites, cafés ou qualquer casa de diversão ou mesmo de comércio, a não ser os pescadores humildes. Para lá têm ido os membros da PEREGRINAÇÃO EVANGELICA, a 21 de janeiro, voltando sempre depois do Carnaval. Mesmo aí os Fraternários atendem e assistem aos necessitados da Ilha que lhes vão pedir auxílio e remédio. A maioria se instala em barracas de lona dos Peregrinos, usadas durante os 56 dias de circuito do Distrito Federal e Estado do Rio, exemplificando o Evangelho que os outros e os seus despeitados inimigos aprenderam, mas apenas ensinam... com palavras polidas”*

Levado à justiça, nada foi provado e a fraternidade foi inocentada. Uma nota neste texto esclarece que esta propriedade foi vendida em 1956, com a Marcha-Êxodo para Goiás. O período em que Yokaanam e a FEEU sofreram as mais duras críticas coincide com o período em que eles estavam sediados na cidade do Rio de Janeiro, quando Yokaanam mais se expôs, no seu esforço proselitista, com vistas a reunir em torno de si uma grande quantidade de sócios-contribuintes para manter a instituição e suas atividades e, posteriormente, para a compra do terreno e transferência da sede-matriz para o planalto goiano, com a construção da Cidade Eclética.



Consta<sup>68</sup> que, a partir de 1947, foi organizada uma campanha para arrecadação de fundos para a construção da sede-própria. Em 1949, a campanha visava a atingir a meta de 10.000 sócios e, logo, teria atingido a ordem de 15.000 sócios<sup>69</sup>. A prática proselitista utilizada por Yokaanam para atingir esta meta - pregações, peregrinações e atividades religiosas no interior do templo - constituem tema a parte, a ser desenvolvido nos capítulos seguintes desta obra. O número de sócios da FEEU caiu, no entanto, drasticamente (em 70%)<sup>70</sup>, face ao bombardeio destas denúncias e difamações, tardiamente esclarecidas à comunidade.

A posse das terras onde a Cidade Eclética foi construída constituiu outro tema escandaloso da FEEU. O jornal *Estado de S. Paulo*<sup>71</sup> trouxe uma matéria intitulada “Seita religiosa invade fazenda e nega-se a sair”, onde a FEEU é acusada de tomar dez alqueires das terras de um fazendeiro vizinho e de não querer cumprir mandado de reintegração de posse, expedida por Juiz de Direito de Planaltina (Sr. Lafaiete Silveira). A matéria acusava a FEEU de se favorecer com o apoio de autoridades do governo de Goiás – do Secretário do Trabalho Erides Guimarães e do auxiliar direto do Secretário de Segurança Demerval da Cunha Guimarães – e de resistir ao mandado judicial. Chamado a intervir, o destacamento policial de Luziânia alegou ser reduzido para aquele fim; o reclamante Juan Jaumandreu Sabriá pretendia pedir então intervenção federal. Na mesma época (1962) um outro jornal, o *D.C. Brasília*, cedeu espaço considerável ao referido espanhol com repetidas denúncias de invasão de suas terras por parte da FEEU, acusada de dirigir o seu “grupo de bandoleiros armados com metralhadoras”.

A FEEU defendeu-se através de um longo texto publicado<sup>72</sup>. Em resumo, contam que foram-lhes oferecidos gratuitamente “milhares de alqueires de terras” em algumas cidades do Estado de Goiás, para neles se estabelecerem, mas eles recusaram as ofertas porque não eram “negociantes de terras, não desejavam fazer loteamento para fins comerciais ou mercenários e nem nenhum outro propósito semelhante; senão que, mesmo tendo que

---

<sup>68</sup> Negrão, 1984 : 36.

<sup>69</sup> YFP : 22.

<sup>70</sup> YFP : 86.

<sup>71</sup> Edição de 18.11.1962.

<sup>72</sup> YFP : 239-244.

comprar terras, só o fariam na região espiritualmente indicada!”. Eles contam que chegaram no local designado em janeiro de 1956, quando compraram a antiga Fazenda Campo Limpo e terras da Fazenda Boa Vista. Nas terras da Fazenda Boa Vista, havia um lote de dez alqueires que pertencia a um fazendeiro muito doente (vítima de hanseníase), lote este encravado no meio das terras que a FEEU comprara e que foi o motivo da disputa.

Diz o texto que a “autoridade sanitária pretendeu recolhê-lo compulsoriamente a um isolamento do Estado e entregar a posse isolada à Fraternidade, para que esta pagasse o custo aos seus herdeiros”. Tendo recusado a oferta que lhe pareceu pouco honesta, a FEEU procurou mais tarde o fazendeiro e propôs-lhe a compra regular do lote, comprometendo-se em encaminhá-lo a um hospital, para que tivesse o tratamento adequado. O homem recusou a proposta, mas vendeu o terreno três meses mais tarde ao espanhol, o qual tratou deliberadamente de tentar ampliá-lo, para ter acesso a um córrego próximo e à estrada que por ali passava. O que veio em seguida foi uma série de construir-se e derrubar-se cercas divisórias de uma parte e de outra, na disputa.

Enfim, o registro das terras da FEEU foi feito no Ministério da Agricultura, com o n. 115918, com data de 4 de julho de 1956<sup>73</sup>. Não foi possível conhecer a dimensão original ou definitiva do terreno comprado, e a sua extensão varia, segundo as fontes consultadas. De acordo com a pesquisa de Dias, a compra foi de 3.484.800 ha. de terras não-contínuas. De acordo com a pesquisa de Negrão, uma vez encontrado o terreno, foram adquiridos de alguns colonos 145 alqueires de terras a 1 e 2 contos de réis. De acordo com as informações de um funcionário da prefeitura da CE que eu entrevistei, os 1.800 ha. do terreno original que eles haviam comprado do município de Santo Antônio do Descoberto, onde antes havia a Fazenda Campo Limpo, foram reduzidos a 300 ha., dos quais a parte urbana da Cidade Eclética ocupa apenas 10 ha.

Finalmente, Yokaanam foi acusado de charlatanismo, exploração da ignorância do povo, de viver às custas do dinheiro das campanhas, prática de curandeirismo e exercício ilegal da

---

<sup>73</sup> YFP : 243.

medicina, em jornal carioca<sup>74</sup>, em matéria intitulada “O Cristo da Avenida Getúlio Vargas ou arte de ludibriar o povo”. Também a Revista *O Cruzeiro*<sup>75</sup>, em matéria intitulada “O profeta voador”, o enfoque recai sobre as atividades cirúrgicas em caráter mediúnico, realizadas por Yokaanam. Longe de se defender desta atividade, Yokaanam demonstra muito orgulho desta que ele considera a sua contribuição maior, uma graça divina, conforme ele mesmo declarou mais acima, vangloriando-se de ter inaugurado o que ele denominou a “era das operações espirituais”<sup>76</sup>.

Consultado por um repórter sobre o seu parecer em relação a uma certa intervenção mediúnica, noticiada pela imprensa e ocorrida em Pindamonhangaba sobre um enfermo, vítima de apendicite aguda, Yokaanam não apenas confirmou a sua fé neste tipo de tratamento, como mostrou-lhe o seu “velho livro de Registro Médico de Operações Espirituais”, onde constava “pela casa de 600 operações espirituais” que ele mesmo tinha realizado, incluindo-se casos de câncer<sup>77</sup>. Mas nem só de maledicências se constrói uma figura pública, os capítulos seguintes tratarão da edificação da Obra de Yokaanam.

---

<sup>74</sup> *A Cigarra*, de fev. de 1949, reportagem de Heliphilo Terra.

<sup>75</sup> Edição de 05.11.1949, reportagem de David Nasser com entrevista de Yokaanam.

<sup>76</sup> YFP : 60.

<sup>77</sup> *Ib.*



Final da histórica peregrinação-êxodo; chegada dos peregrinos da FEEU no local onde construíram a Cidade Eclética no dia 04/11/1956. Foto de arquivo da FEEU.

## **A FORMAÇÃO DO GRUPO FRATERO E A FUNDAÇÃO DA CIDADE INICIÁTICA**

*“Não penseis que a Fraternidade Eclética é mais uma religião.  
Não! A Fraternidade não tem ideal novo,  
precisamente porque entendemos que tudo,  
tudo, já está escrito!...  
Precisamos somente é fechar as bibliotecas  
e passar a praticar aquilo que já aprendemos de sobra...  
Dois mil anos são passados!”<sup>78</sup>*

De acordo com os documentos consultados, a *Fraternidade Eclética Espiritualista Universal* (FEEU) foi instituída no Registro Civil de Pessoas Jurídicas do Rio de Janeiro em 27 de março de 1946 (CGC nº 02.288.017/0001-11). A sua Constituição Estatutária data de 27 de setembro de 1949 e foi publicada no Diário Oficial nº 255, de 04 de novembro de

---

<sup>78</sup> Fragmento de pregação de Yokaanam, proferida na Cabana Pai Tobias, em maio/1951 (CRND).

1949. De acordo com esses estatutos<sup>79</sup>, a FEEU caracterizava-se como instituição de natureza...

*“Científica, filosófica, altruísta e, sobretudo, eclético-religiosa e apolítica, tendo como objetivo básico de seu Supremo Poder Legislativo, representado por Yokaanam, a consecução da unificação e concórdia universal de todas as religiões e escolas em litígio sectário sob a invocação do nome do mesmo Deus e a implantação da Religião Universal, sob a bandeira única e comum do mesmo Deus e do mesmo Cristo. No plano secular, seu objetivo seria a criação e manutenção de silogeus, academias, hospitais, asilos, maternidade, creches, ambulatorios, escolas, reformatórios, farmácias, laboratórios, consultórios, bibliotecas, livrarias, oficinas profissionais, liceus de artes e ofícios, ginásios, jornais, revistas, rádio-difusão, teatro e cinema gratuitos, grupos escoteiros, juventudes eclético-regionais de todas as religiões, assistência social e espiritual gratuita, cursos de reeducação, alfabetização de adultos e infância abandonada além da construção da Cidade Eclética, destinada ao aproveitamento e abrigo da infância abandonada e dos indigentes enfermos e da construção da sede-própria, dever este a que se obrigam automaticamente todos os Irmãos a ela pertencentes”.*

A fundação da *Cidade Iniciática dos Peregrinos da Eternidade*, mais conhecida por *Cidade Eclética* (CE), deu-se dez anos após o registro da fraternidade, no dia 04 de novembro de 1956, em um certo ponto bem determinado no vasto planalto goiano. Em decorrência deste fato, a Constituição Estatutária da FEEU de 1949 foi modificada em 1958, nos seguintes termos...

*“É uma só e única pessoa jurídica de Direito Privado, reunindo um todo espiritual, moral e social indissolúvel, fundamentalmente apolítica, filantrópica, eclético-religiosa, de assistência social e espiritual gratuita, com sua Sede-Matriz-Principal e Foro no Estado de Goiás, por motivo de sua transferência do Rio de Janeiro, conforme Registro de Sociedades Cívis da Comarca de Luziânia-GO”<sup>80</sup>.*

Alguns anos mais tarde, em decorrência do ...

---

<sup>79</sup> A Constituição Estatutária da FEEU original foi revista e corrigida em duas ocasiões : em 1958 e em 1989.

*“Término da pessoa física natural do SS.: Ven.: Gr.: Mestre.: Yokaanan, ocorrido no dia 21 de abril de 1985-D.C., às 15 horas e 30 minutos, cessou a perpetuidade do Supremo Poder Legislativo da Instituição em sua pessoa, transferindo-se a responsabilidade de direção máxima desta Augusta Fraternidade ao Círculo Apostolar Silogeu.: Espiritual.:, composto por Irmãos do Colégio Esotérico do 6º grau, do Primeiro Santuário.: Essênio.: do Brasil e das Américas.*

*Em consequência, o Respmo.: Conselho Espiritual Administrativo, representando oficialmente o Silogeu.: Espiritual.:, constituiu Comissão Especial e determinou fosse providenciado o estudo de revisão da Constituição Estatutária da Instituição, com vistas à necessária atualização recomendando a simplificação do texto, tanto quanto possível, sem prejuízo da clareza e, especialmente, da natural conservação da forma fundamental orgânica e das leis básicas da Fraternidade, desde o início gravadas por iniciativa de seu fundador, reconhecido “ad-eternum” com o título de Grande Benemérito e Máximo Benfeitor, como o único intermediário de sua criação e fundação na Terra.*

*O texto examinado, discutido e aprovado foi registrado no cartório do 1º Ofício do Município de Santo Antônio do Descoberto, Estado de Goiás, no Livro 01, Fls. 80 a 164, sob o nº 009, com data de 17.03.89, e deu ensejo à expedição desta 5ª Edição, atualizada, da Constituição Estatutária da Fraternidade.: Eclética.: Espiritualista.: Universal.:, Entidade Filantrópica, reconhecida oficialmente como de Utilidade Pública Federal”. (Decreto-lei n. 1.185, de 15.06.62)”.*

As sucessivas revisões dos estatutos da FEEU deveram-se evidentemente às necessidades de retificações, diante dos acontecimentos - transferência da sede-matriz e falecimento do fundador -, mas, provavelmente, deu-lhes também a oportunidade de uma revisão mais realista do ambicioso projeto original.

Recapitulando para avançar, o reduzido grupo embrionário que fundou a FEEU organizou-se com cerca de setenta discípulos, os “ecléticos volantes”, em torno de um líder, o aviador, oficial superior da Aeronáutica Oceano de Sá, dissidentes da Ordem Mística da Regeneração, que freqüentavam, na cidade do Rio de Janeiro, até 1942. Este grupo passou a reunir-se no alojamento de Oceano de Sá e, posteriormente, num pequeno apartamento

---

<sup>80</sup> Livro 1, fls. 33 a 38, em 12.03.1958.

alugado, onde deram continuidade aos estudos espiritualistas. Ali, Oceano de Sá atendia eventualmente pessoas doentes, sempre contando com a ajuda do seu grupo correligionário, praticando passes e pequenas intervenções cirúrgicas, de natureza espiritual. O número de consulentes começou então a aumentar; da mesma forma que o grupo de médiuns em torno de Oceano. Em 1944, o aviador Oceano de Sá sofreu o acidente aéreo e operou-se então uma transformação substantiva em sua vida, concorrendo decisivamente para a instituição do grupo.

Efetivamente, dois anos mais tarde (em 1946), a FEEU passava a existir oficialmente, estabelecida em dois ou três andares alugados num prédio antigo, na av. Presidente Vargas, n. 1733<sup>81</sup>, onde Yokaanam passou a residir conjuntamente com alguns apóstolos e adeptos. Ao longo de dez anos a FEEU funcionou naquele endereço, tendo à frente a figura missionária e carismática do seu fundador, reconhecido e por todos referido como o *Mestre Yokaanam*. Desde então e até o final dos seus dias, o Mestre Yokaanam passou a exercer oficialmente os seus conhecimentos espirituais, os seus poderes sobrenaturais e a prática missionária que ele abraçou.

“Enviado divino” e “apóstolo das religiões”, na qualidade de reencarnação de S. João Batista, a missão do Mestre Yokaanam requeria um esforço de restauração da antiga ordem do cristianismo original e reunificação das religiões em nome do cristianismo universal. Para atingir este fim, Yokaanam começou por fundar uma *fraternidade*; daí a forma corrente de tratamento entre eles ser aquela de *irmão* ou *irmã*. Mas, eles preferem ser referidos pelo termo *obreiro* ou *obreira*, em razão de que eles se entendem engajados na *Obra de Restauração do Evangelho*, preconizada por São João Batista.

Com a abertura do estabelecimento, as sessões espirituais que antes realizavam-se extra-oficialmente em um pequeno apartamento, tornaram-se então oficiais e abertas ao grande

---

<sup>81</sup> Na ex-sede de uma associação de ferroviários, segundo Negrão (1984:32). Era um casarão onde funcionou a Caixa de Auxílios Mútuos da Central do Brasil até o Governo Vargas, sendo desapropriado pela Prefeitura do então Distrito Federal (YFP). Depois da transferência da sede-matriz da FEEU para o planalto, uma célula da FEEU ainda permaneceu naquele local por alguns meses, até fins de 1958, quando um incêndio provocou a desativação e o abandono total do prédio, que foi então demolido e construído um outro no lugar, sem qualquer relação com a FEEU.

público, no interior do templo, daquela, que se tornou a sede-matriz da FEEU no centro do Rio de Janeiro. As sessões eram oferecidas regularmente às quartas e sextas-feiras e aos domingos de forma inteiramente gratuita. Doações espontâneas em dinheiro, remédios, roupas, calçados, alimentos, brinquedos e auxílios diversos eram, no entanto, bem recebidas, da mesma forma como sócios-contribuintes e adeptos eram bem-vindos. Naqueles dias das semanas, centenas de pessoas<sup>82</sup> faziam fila à porta da FEEU para receberem assistência espiritual e social. Assim é que a população carente procurava a FEEU, movida pela fé e pela esperança de curar seus males por intermédio dos trabalhos espirituais ali realizados, através de atividade mediúnica, recebendo passes magnéticos, receituário e orientações espirituais; da mesma forma em que contavam assim diminuir os seus sofrimentos e privações, por intermédio dos trabalhos assistenciais com o repasse das doações - redistribuíam-se ali as roupas, calçados, brinquedos e medicamentos à população carente.

Com as sessões regulares na sede, tiveram início igualmente os trabalhos de proselitismo, com as pregações evangélicas que o Mestre Yokaanam proferia. Nos seus discursos, conforme já mencionamos anteriormente, ele exaltava o cristianismo primitivo, criticava os desvios e as arbitrariedades da Igreja católica, o sectarismo religioso e as práticas “africanizadas” nas religiões afro-brasileiras (a magia, os rituais que envolviam sacrifícios de animais e outras práticas, consideradas negativas e contrárias às práticas cristãs), ao mesmo tempo em que reprovava os novos costumes que trazia a modernidade, exaltava o Evangelho e exortava os seus ouvintes à prática do “verdadeiro” cristianismo.

Estas pregações eram feitas no interior do templo, em praças públicas e junto a outros grupos espiritualistas, em centros espíritas e de umbanda, sempre que o Mestre Yokaanam era convidado a falar. De acordo com o conjunto de algumas de suas pregações transcritas em uma de suas obras<sup>83</sup>, além da pregação mencionada anteriormente, proferida durante a

---

<sup>82</sup> Os documentos estatísticos da FEEU atestam o comparecimento de até 3.000 pessoas àquelas sessões e Negrão (1984:34) destaca em reportagem da época (*O Cruzeiro*, 5.11.1949): «Cerca de 5.000 pessoas, todas as noites, enchem as dependências, as escadarias e a fila se estende ao longo da av. Presidente Vargas (...) numa distância total de 1 km».

<sup>83</sup> CRND.



Cruzada dos Militares Espíritas, em 1946, Yokaanam proferiu pregações no Círculo Militar, na Cabana Pai Tobias e na Fundação João de Freitas, na cidade de Juiz de Fora, em maio de 1951; no mesmo ano, em agosto, ele voltou a pregar na Tenda Espírita Pai Tobias; no ano seguinte, em setembro, na Associação Humanitária dos Empregados do Comércio, em Santos, e na União Espírita Carlos Gomes, em Campinas; em agosto de 1953, ele pregou na Sucursal nº 1 dos Irmãos Obreiros e na Praça da Liberdade, em Petrópolis; em dezembro daquele mesmo ano, Yokaanam pregou no estúdio da Rádio Futurista, em Nova Iguaçu – RJ e no acampamento de Nova Iguaçu, durante a peregrinação daquele ano de 1953; em abril do ano seguinte, ele pregou no salão do Templo Eclético Universal. Além destas, ele fez inúmeras outras pregações que ficaram sem registro. Em maio de 1970, Yokaanam concordou em participar da realização de um vídeo, dirigido pela repórter Cidinha Campos, da tv Record; e, em setembro de 1971, ele recebeu convite e compareceu ao Programa Silvio Santos, na tv Globo/SP.

No seu esforço proselitista, além das pregações evangélicas, tiveram início as “peregrinações apostólicas”. Elas ocorriam a cada ano, durante os meses de novembro e dezembro; duravam 54 dias, durante os quais o Mestre Yokaanam e o seu grupo deixavam a sede-matriz e percorriam a pé a periferia da cidade do Rio de Janeiro, a fim de difundir os seus princípios e levar assistência social e espiritual àqueles que não podiam vir ao templo. Com efeito, do primeiro de novembro ao 24 de dezembro, algumas dezenas deles, tendo o Mestre Yokaanam à frente, percorriam aproximadamente 200 km a periferia da cidade, parando e se instalando precariamente, de tempos em tempos, em acampamentos improvisados, que eles mesmos levantavam, em locais pré-determinados.

Ali, eles praticavam o mesmo que na sede - passes magnéticos, orientações e pequenas intervenções de natureza espiritual e distribuíam, além disso, medicamentos, brinquedos, roupas e calçados que eles conseguiam juntar, graças às doações recebidas na sede, ao longo dos meses precedentes. Através deste gesto, eles contavam dar o exemplo dos primeiros cristãos, os peregrinos da Boa Nova, levando assim a assistência social e espiritual às pessoas abandonadas à própria sorte. O percurso que eles realizavam compreendia uma volta de 360° em torno do centro da cidade, tendo como pontos de

partida e de chegada o templo da FEEU. O percurso, bem como os locais de acampamento eram estudados e pré-fixados por eles mesmos.

Durante os seus deslocamentos, o grupo caminhava a pé, escoltado por um caminhão que levava as provisões e todo o necessário para os acampamentos. Escoltava-os igualmente uma ambulância, fundamental para a assistência médica que prestavam, e prevenindo a eventualidade de um peregrino sentir-se mal durante o percurso. Nestas ocasiões, eles se vestiam todos com as suas túnicas destinadas aos trabalhos espirituais, os *balandraus*. Da mesma forma como se vestiam os primeiros cristãos, os *balandraus* são um vestido longo até os pés, de mangas igualmente longas. Eles calçavam sandálias rústicas. A figura impressionante do Mestre Yokaanam à frente do grupo reproduzia naturalmente aquela de Jesus<sup>84</sup> e seus seguidores ou aquela de Moisés, à frente do seu povo no êxodo - barba e cabelos longos, portava um grande cajado e fazia-se acompanhar de perto por um cordeiro.

Essas peregrinações se repetiram da mesma forma a cada ano ao longo de dez anos até a peregrinação de 1956, conhecida como a “peregrinação-êxodo”. Sempre orientado por “entidades espirituais superiores”, o Mestre Yokaanam teria recebido a ordem de afastar o seu grupo da “escória e da vida culpável das sociedades urbanas”. Quando da peregrinação de 1956, ele devia deixar a cidade do Rio de Janeiro com o seu grupo, dirigindo para local afastado, em zona rural. Na verdade, para um certo ponto do planalto goiano, para lá fundar a cidade iniciática “liberada do pecado, da perversão e da maldade”<sup>85</sup>; para servirem de modelo, bem como para ali construírem a igreja universal, a *Igreja Eclética da Religião Única e Verdadeira*.

O projeto de transferência da sede-matriz da FEEU para outro lugar já vinha sendo considerado entre eles, houve mesmo a organização de uma “campanha pro-sede

---

<sup>84</sup> Na pregação de 26 de maio de 1951, Yokaanam conta que certa vez perguntaram-lhe a razão pela qual ele se vestia como o Cristo. Ele então respondeu : « Entendo que o Evangelho e o Cristianismo significam um só roteiro que conduz infalivelmente a Ele... a menos que os homens cristãos continuem gentios à distância, entregues às orgias pagãs !... Eu, porém, pergunto ao mundo inteiro, para que me responda a céus aberto : « A quem devemos seguir e imitar ? A Cristo ou a Satanás ?... » (CRND).

<sup>85</sup> Esta expressão e as anteriores foram utilizadas pelo Mestre Yokaanam e pelos obreiros.

própria”<sup>86</sup>, para arrecadar fundos para esta transferência. A FEEU deveria deixar a antiga capital do Brasil, “viciada pela luta por dinheiro, pela falta de moralidade cristã, não havendo lugar para a caridade”<sup>87</sup>. O procedimento para o deslocamento e o ponto exato onde deveriam instalar-se foram espiritualmente bem determinados, de acordo com o testemunho de um obreiro<sup>88</sup>, o qual declarou-me ter participado da sessão em que houve a definição do local e o procedimento, nos seguintes termos ... “Numa peregrinação em S. J. de Meriti, baixou lá uma entidade que determinou o que devíamos fazer. E eu estava presente, ouvi o que o Mestre encarnado espiritual, através do Mestre<sup>89</sup> falou, o que nós devíamos fazer”. Indagado sobre a determinação e indicação do local, ele respondeu... “A indicação, ele fez alguma coisa meio velada assim: você vai pra tal lugar assim, assim, lá você encontra um monte que tem um cruzeiro; é naquela região que vocês devem ficar. E tinha mesmo o monte, aquele que tem lá em cima, não sei se tem ainda esse cruzeiro, mas tinha um cruzeiro bem grande lá e foi determinado que a gente viesse para cá”.

As coordenadas para a localização do terreno foram transmitidas por uma entidade espiritual, através do Mestre Yokaanam, em transe mediúnico. E o próprio Yokaanam, declarou em entrevista a *Espejo*<sup>90</sup>, que, seguindo as orientações do guia espiritual, Ben-Addi, tinha partido para o planalto em busca das “coordenadas de Dom Bosco”. Interessante observar como Yokaanam fazia a síntese entre a profecia de Dom Bosco e as determinações espirituais dos seus guias. De acordo com a profecia do monge visionário, conforme sabemos, a terra da promessa estava situada num certo ponto do planalto goiano, entre os paralelos 15º e 20º. Negrão<sup>91</sup> também realça este acontecimento, transcrevendo de “O Nosso”, parte de um texto redigido e destinado à juventude da Fraternidade ...

---

<sup>86</sup> De acordo com a pesquisa de Negrão (1984 : 43), em 1951, a FEEU contava com um quadro associativo de 16.000 pessoas.

<sup>87</sup> Estas representações negativas da cidade são partilhadas pela comunidade em geral.

<sup>88</sup> Este obreiro, o mais idoso da CE, com 85 anos no momento da entrevista, participou da peregrinação-êxodo, tendo ingressado na FEEU em 1947.

<sup>89</sup> Os obreiros costumam fazer referência ao Mestre Yokaanam como « Mestre », simplesmente.

<sup>90</sup> *Espejo*, 1984 : 309.

<sup>91</sup> Negrão, 1984 : 53.

*“Em agosto de 55, o Mestre recebeu ordens definitivas de uma Entidade da Cúpula da Casa, para construir uma nova cidade para seu rebanho e todos os homens de boa-vontade.*

*O local exato da cidade estaria marcado por um sinal importante, entre outros, que lhe foi revelado, o qual seria o Monte Tabor semelhante ao de Jerusalém.*

*Depois de explorar o planalto goiano por semanas, de aviso a pé ou em jipe, o Mestre Yokaanam achava a marcação : uma cruz de madeira sobre um monte plantado pelos bandeirantes remanescentes de Portugal numa verdejante planície cerca de 750 milhas a noroeste do Rio de Janeiro”.*

Com efeito, uma vez recebida a indicação, o Mestre Yokaanam partiu, acompanhado por dois ou três correligionários, em busca do terreno, onde deveriam ser construídas a cidade santa, para acolher todos aqueles que quisessem viver em acordo com o modelo do cristianismo original. O monte foi encontrado, da mesma forma que o cruzeiro mencionado, na latitude 15°52'40"S e na longitude 48°19'30"W<sup>92</sup>, no planalto goiano, pouco distante de onde, posteriormente, Brasília foi construída. A construção da Cidade Eclética antecedeu à de Brasília; com propósitos e mentores diferentes, elas tinham a esperança em comum, ligadas à construção de uma cidade perfeita, ideal<sup>93</sup>.

---

<sup>92</sup>São comuns entre os documentos e mesmo nas inscrições de referência da FEEU e da CE os registros de latitude e longitude. Acredito que eles devem-se primeiramente ao hábito devido à prática de aviador do Mestre Yokaanam ; e depois, à vasta dimensão do planalto, até há poucas décadas quase despovoado. A latitude e a longitude citadas estão referidas na capa da obra de Yokaanam, YFP.

<sup>93</sup> A Cidade Eclética começou a ser construída em 1956 e Brasília, no ano seguinte.



Cruzeiro no Monte Tábor, conservado pelos obreiros da FEEU na CE como relíquia, em 2002.

A origem da cruz foi pesquisada e conhecida: ela fora implantada em 1722, durante uma expedição exploratória, comandada por Bartolomeu Bueno da Silva, o legendário *Anhanguera II*, a partir de São Paulo. Para marcar a sua passagem, o bandeirante levantou ali o cruzeiro. Uma vez encontrado o terreno, ele foi comprado com os recursos da FEEU, oriundos da “campanha pro-sede própria”, das contribuições mensais dos obreiros, de arrecadações provenientes do quadro associativo, somado aos soldos, pensões e economias dos obreiros interessados na transferência da FEEU, motivados todos pelo ideal de construir e habitar uma cidade santa. Uma vez comprado o terreno, o Mestre propôs então a todos os obreiros que abandonassem os seus negócios profanos para entregarem-se a uma vida consagrada à espiritualidade.

Com este propósito, todos aqueles que quisessem acompanhá-lo deveriam preparar-se para a mudança, que ocorreria por ocasião da peregrinação de 1956. De fato, a peregrinação de 1956 compõe uma das páginas, senão a mais importante, da história da FEEU, permanecendo para sempre rememorada como a “*Peregrinação-êxodo*”<sup>94</sup>. Na ocasião, Yokaanam teve o cuidado de comunicar o deslocamento de seu grupo ao presidente e ao

vice-presidente da República, aos ministros de Estado, aos chefes de polícia, aos magistrados, aos desembargadores e demais autoridades civis e militares, bem como à imprensa<sup>95</sup>.

Durante quatro dias (do primeiro ao quatro de novembro), setenta e seis famílias, num total aproximado de trezentos obreiros<sup>96</sup>, empreenderam a mudança. Vários destes idealistas aventureiros (desde então respeitosamente referidos como *peregrinos*) são vivos e habitam a Cidade Eclética, tornada realidade e para sempre o seu lar. Todas as etapas da peregrinação-êxodo tinham sido cuidadosamente estudadas com antecedência. A transferência deu-se em cinco expedições<sup>97</sup>, das quais a derradeira ocorreu no dia primeiro de novembro de 1956, a zero hora, quando o grupo tomou seis ônibus na cidade do Rio de Janeiro com destino à cidade de Barra Mansa. De lá, tomaram um trem. Yokaanam se orgulhava de, entre outras atividades pioneiras, terem realizado, nesta ocasião, a primeira viagem do primeiro trem Rio-Anápolis, linha que infelizmente não existe mais...

*“Primeiro trem Rio-Anápolis – Saibam todos que o privilégio pioneirista desta façanha não foi o do primeiro trem oficial do Governo que correu em julho passado de Rio ao Planalto de Goiás.*

*Antes, muito antes dele, no dia 1º de novembro de 1956, partiram os **Peregrinos da Caridade**, num total de 300 famílias, num trem especial, que correu sem escalas do Rio de Janeiro a Anápolis, trazendo os pioneiros bandeirantes do Planalto de Goiás, os quais fundaram a cidade eclética já hoje oficialmente e denominada **Fraternidade Universal!***

*Mais uma vez, pois, pertence aos Obreiros da **Fundação Eclética** no Planalto, antes de todos, a primogenitura também desta primeira viagem de Rio a Anápolis, com absoluta ordem e disciplina... e sem os milhões do povo”<sup>98</sup>.*

---

<sup>94</sup> As peregrinações constituem um ritual importante na história e na atividades da FEEU, cf. Mello, 2004.

<sup>95</sup> Negrão, 1984 : 58-59.

<sup>96</sup> Há diferenças quanto a este número. A maior parte das fontes consultadas fala em 76 famílias, mas Yokaanam teria declarado em outro momento que a « caravana » para a Fazenda Campo Limpo arrastou 300 famílias, perto de 630 pessoas.

<sup>97</sup> A primeira em janeiro; a segunda em abril; a terceira em julho; a quarta em setembro daquele ano. Mas estas primeiras expedições não foram significativas porque o número de migrantes foi muito reduzido. Elas foram enviadas apenas para avançarem na preparação preliminar do terreno, antes que o grupo operasse a sua transferência em massa.

<sup>98</sup> YFP : 209. O negrito, a caixa alta e as marcas do texto são do original, como de resto tenho feito em relação a todas as citações deste texto.

Em Anápolis, ônibus e caminhões os aguardavam para conduzi-los na última etapa da longa viagem. Embarcados naquelas conduções improvisadas, no dia 4 de novembro de 1956, perto das 14:00 horas, eles estavam próximos do destino final. Faltava-lhes cerca de um quilômetro, quando eles todos desceram dos ônibus e caminhões e, seguindo as orientações do Mestre à frente, percorreram o último quilômetro a pé. Vestidos todos com os seus balandraus, exaustos da longa viagem, eles se organizaram em longas filas indianas, dois a dois, conforme se dispõem convencionalmente durante as peregrinações. Existem muitos relatos transcritos sobre aquele momento e aqueles que participaram desta peregrinação, alguns deles tive a oportunidade de entrevistar, confirmaram que chovia muito naquele dia. As dificuldades foram imensas. Não havia nada no terreno. Logo que chegaram, eles deram início à armação das barracas. A chuva persistiu ainda por três dias<sup>99</sup>, dificultando ainda mais os trabalhos, mas, ao mesmo tempo, lavando-lhes as almas e as máculas do estilo de vida urbano que eles deixavam para trás e reforçando ainda mais o valor simbólico daquele ideal comunitário religioso. Logo, eles começariam a construir a cozinha comum, o templo, o hospital, a escola, as primeiras casas e a ermida no alto do Monte Tábor, em regime de mutirão, com os recursos de que dispunham.

De acordo com os testemunhos e os relatos de alguns, não havia absolutamente nada no terreno. Sabemos, no entanto, que havia ali uma fazenda abandonada da qual restam ainda hoje alguns barracões; e havia também uma estalagem, à beira da antiga GO-125, que tornou-se o que é atualmente o “*Nosso Hotel*”. De qualquer forma, era tudo muitíssimo precário e as dificuldades dos primeiros tempos foram imensas. Durante a primeira semana em campo, além da chuva, um outro contratempo teria ocorrido, conforme lembrou-se uma peregrina entrevistada: um incêndio acidental queimou uma das barracas, aquela que guardava as provisões comuns. Aguardando que as suas próprias hortas produzissem legumes variados e que as criações permitissem os primeiros abates, os obreiros comeram farinha de milho cozida n’água.

---

<sup>99</sup> Dias (1974 : 40-41) ressalta a imaginação coletiva e dramática em relação à duração daquelas chuvas, pois, nas suas entrevistas, ela observa que houve quem declarasse « Choveu 20 dias e 20 noites sem parar »; « choveu 3 meses sem parar »; « choveu 7 meses sem parar ». O mais corrente, no entanto, entre os textos consultados e, de acordo com a minha entrevistada, foi de três dias de chuva sem estiagem.

Dias<sup>100</sup> transcreveu, a partir de suas entrevistas, alguns detalhes sobre os primeiros dias da FEEU no planalto goiano, onde eles falam das primeiras providências dos peregrinos em campo: divisão de tarefas e prioridades como buscar água para o banho, armação das barracas para a acomodação das famílias, para o templo e para a cozinha geral e instalação de energia elétrica (eles contaram no início com um pequeno gerador que trouxeram do Rio, suficiente apenas para as primeiras necessidades). Um dos obreiros entrevistados declarou que eles tiveram a primeira refeição na tal estalagem, onde comeram “arroz, feijão e salada” e as crianças comeram “mingau de fubá”. Mas, no dia seguinte, eles puderam dispensar as refeições da hospedaria, uma vez que já tinham levantado a barraca “cozinha geral”, onde cada representante de família vinha buscar o alimento disponível. Ainda de acordo com a mesma fonte, eles declararam que “no início recorreram a Anápolis, cidade mais próxima, como centro fornecedor dos produtos necessários à subsistência”.

Havia entre eles crianças, homens, mulheres e pessoas idosas. Algumas famílias vieram completas, outras foram desagregadas, uma vez que ninguém foi obrigado a vir, seja no íntimo de cada família ou no seio do grupo, a decisão foi particular de cada um. Assim, entre os peregrinos, havia solteiros dos dois sexos, mas também esposas sem seus maridos e maridos sem suas esposas, bem como casais sem os filhos, deixados no Rio de Janeiro com parentes. Algumas famílias vieram mais tarde e outras voltaram para o Rio de Janeiro, logo depois que chegaram ao planalto, desanimadas com as dificuldades que encontraram. Houve outros ainda que, não estando de acordo em abandonar seus negócios ou propriedades no Rio, ali permaneceram, ligados a uma das quatro filiais da FEEU, que já existiam, na época, no Estado do Rio de Janeiro.

Para dar conta das escolhas de cada um, eles fizeram valer uma classificação que já existia entre eles, a qual estabelecia duas categorias principais de engajamento e dependência em relação à fraternidade. Eram considerados *obreiros internos* todos aqueles que ocupavam as dependências da sede-matriz, na cidade do Rio de Janeiro, com dedicação exclusiva à fraternidade; os demais (que moravam em suas próprias residências e tinham outras



atividades, além dos seus compromissos espirituais com a FEEU) eram os *obreiros externos*. Com a transferência para o planalto, definiram-se como obreiros *internos* aqueles que desde então passaram a abraçar aquele ideal, dedicando-se exclusivamente à fraternidade e habitando a parte interna da Cidade Eclética, em dependência total da fraternidade. Com este nível de engajamento, o obreiro interno transfere para a fraternidade os rendimentos, soldos e pensões que, porventura, tenha direito, dedicando-se voluntária e exclusivamente aos trabalhos da fraternidade e da cidade, em troca de benefícios comuns: moradia, alimentação, educação, assistência médica, espiritual e social.

E definiram-se como obreiros *externos* todos os outros que já integravam os quadros da fraternidade e permaneceram no Rio de Janeiro, aos quais foram, então, reunidos aqueles outros que foram habitar a parte externa da Cidade Eclética e que mantiveram o vínculo e os seus compromissos religiosos, além dos seus compromissos alheios à fraternidade e continuaram cooperando com a FEEU e a CE, através de mensalidades pré-fixadas para a manutenção das mesmas. Considera-se que, aqueles que fizeram a opção por obreiro externo devem ter atividade remunerada que lhes garanta o próprio sustento. O valor de suas contribuições é fixado em comum acordo e constitui um suporte importante para a FEEU, ainda que não some grande quantia. Das obrigações espirituais no templo, no entanto, nenhum deles está liberado, pois, tanto na sede-matriz quanto nas filiais, foi edificado o templo, no interior do qual eles realizam os trabalhos espirituais.

---

<sup>100</sup> Dias, 1974 : 41-44.



O corneteiro da cidade eclética no alto do Monte Tabor, anuncia a chegada dos peregrinos na semana santa de 2002.

Com todas as dificuldades, a FEEU fundou a Cidade Eclética no planalto goiano, a 1.120m de altitude, no dia 04 de novembro de 1956. Em 1971, a cidade já contava cerca de 100 construções, sendo 80 delas residências<sup>101</sup> A Cidade Eclética está atualmente vinculada ao município de Santo Antônio do Descoberto, trata-se de uma humilde comunidade rural e religiosa em plena atividade, ocupada por uma população que gira em torno de 500 habitantes, em área de 295.24,50 ha. Desde a transferência da *sede-matriz-principal* para o planalto, a FEEU conta já dezesseis unidades oficiais, federadas e classificadas como *matrizes-regionais, regionais e filiais*. A cidade foi fundada com a presença da imprensa e com ato solene de enterramento do cajado do Mestre. Uma edição do jornal “O Nosso”<sup>102</sup> relatou o acontecimento às gerações mais jovens, nos seguintes termos ....

*“Um arquiteto projetou uma cidade nova a ser construída em volta de um monumental « TEMPLO UNIVERSAL », esboçada pelo*

---

<sup>101</sup> Negrão, 1984 : 61.

<sup>102</sup> Edição de dezembro/1971.

*Ven :. Mestre :., e 3 grupos-caravanas fizeram a vanguarda preparatória da Marcha-Êxodo coletiva, por etapas.*

*Foram enviados para o local Torres de Rádio, maquinismos e material de construção e a bagagem das centenas de Peregrinos adesistas.*

*Exatamente ao primeiro minuto de quinta-feira do dia 1º de novembro o Ven :. Mestre :. acompanhado de 300 famílias embarcados nos 6 ônibus que começaram a rodar em direção a Barra Mansa.*

*Em Barra Mansa os Peregrinos embarcaram num trem especial que partiu rumo a Anápolis. Eram exatamente 4 horas da madrugada.*

*Num domingo, às 8 horas em ponto do dia 4 de novembro o trem chegou em Anápolis e toda a bagagem pessoal dos Peregrinos foi embarcada novamente em caminhões que os levariam a Campo Limpo.*

*Um ônibus veio na frente conduzindo os enfermos e menores e senhoras gestantes.*

*Quatro horas depois, chegavam os Peregrinos à localidade : fazenda denominada Campo Limpo. Cerca de 1 quilômetro antes do ponto final da jornada, todos saltaram dos caminhões e formaram coluna de três, na seguinte ordem : à frente a Flâmula dos Peregrinos. Flâmula esta que acompanhou todas as peregrinações. Sete passos atrás as Bandeiras : à esquerda a da Mocidade ; ao centro a Nacional ; à direita a da Fraternidade Universal. Sete passos atrás o Mestre Yokaanam :., mais sete passos atrás o Apóstolo Barnabé ; mais sete passos atrás os Apóstolos, depois os Sacerdotes Ecléticos. Por último, atendendo a distância de outros sete passos, as colunas.*

*Chovia torrencialmente ; e, à chuva, se misturavam as lágrimas de emoção dos Peregrinos, por estarem vencendo mais uma etapa de sua missão e dando início a nova luta diferente de tudo que se fez até hoje e que, por certo, ficará escrita na Eternidade com letras gravadas a ouro, pela luta empreendida em benefício da própria humanidade, que por não entender, não lhe dá o valor próprio.*

*Momento culminante foi quando o mestre deu ordem de parada e mandou que todos fizessem um círculo em torno do único prédio existente que foi designado para ser a Prefeitura. Ali foram depositadas as Bandeiras. Logo após o Mestre apitou a ordem de debandar e todos os Irmãos abraçaram efusivamente e foram cuidar, por grupos, de instalar o acampamento que se compôs com 76 barracas de lona para moradia e outras para instalações oficiais, Hospital-Ambulatório, Cozinha Geral, Templo provisório, etc.*

*Logo a seguir os Peregrinos começaram a armar suas barracas-residências, onde permaneceram até que as casas, a princípio de palha, depois de alvenaria, foram sendo construídas.*

*No dia seguinte, no mesmo local onde hoje está erigido um monumento à Mãe-Preta, foi depositado e enterrado o antigo cajado - bastão do Mestre, sendo assim lançada a Pedra Fundamental da Cidade, na presença dos Peregrinos e da imprensa nacional e estrangeira que acompanhou e fez a cobertura de toda a jornada, explicando assim para o mundo o que significava tão importante jornada”.*

Este trabalho está concentrado nas atividades da fraternidade na Cidade Eclética, sem levar em conta as atividades das regionais e filiais. Tal decisão justifica-se pelo fato deste trabalho tratar da concretização de um ideal, por ali concentrar-se a maior parte dos obreiros e pelo fato de estar ali o núcleo embrionário da FEEU, bem como o silogeu espiritual e a escola iniciática, os quais representam elementos os mais significativos para os objetivos deste trabalho. As unidades regionais e filiais dispõem de templo e dependências nos mesmos moldes da sede-matriz, inclusive com as mesmas atividades espiritualistas no interior dos mesmos, em menores proporções.



Ao final da Estrada de Jericó, chegada à Cidade Eclética, em 1998.

## A ARQUITETURA, A ESTRUTURA SOCIAL E OS RECURSOS DA CIDADE ECLÉTICA

*“Para receber de braços abertos a nova geração do terceiro milênio,  
como sentinela avançada e melhor notícia  
dos que lutaram heroicamente no passado das gerações,  
pela emancipação moral do planeta,  
a “Fraternidade Eclética Espiritualista Universal” fundará  
no Brasil e para o mundo a “Cidade Eclética”,  
a Shangri-lá do Ocidente e do Novo Mundo,  
o marco inderrocável da visão imorredoura entre o passado e o porvir !”<sup>103</sup>*

Com a preocupação concreta de habitar uma região santa longe da cidade, livre da permanência ou intrusão de estranhos, Yokaanam concebeu a Cidade Eclética a partir de orientações espirituais. No esforço consciente de mantê-la pura, longe da perversão, ele e os obreiros ecléticos construíram a sua Nova Jerusalém, isolada por cercas e muros para ser o exemplo de uma comunidade cristã ideal. Os aspectos geográficos da região favorecem a imaginação e o empréstimo de elementos significativos para a realização terrestre da cidade santa dos cristãos. Região de cerrado, banhada por intensa luz que faz contrastar o vermelho da terra batida no azul intenso do céu que vem até os pés, as terras da fraternidade são altas, muito planas, à exceção de um ou outro montes, entre eles o *Monte Tabor*. É através da *Estrada de Jericó*, principal via de acesso, que chegamos à Cidade Eclética.

A Cidade Eclética comporta efetivamente duas partes: uma interna, intramuros, constituindo seu núcleo urbano; e outra externa, extramuros, compreendendo o restante das terras pertencentes à FEEU. A parte interna é bem delimitada, efetivamente isolada por cercas, muros e portões da parte externa e do mundo profano, do comércio e dos negócios. Na parte interna não circulam dinheiro nem pessoas desacompanhadas que sejam estranhas à fraternidade; existe um controle rigoroso à sua entrada para garantir todas as normas que devem ser respeitadas ali dentro.

---

<sup>103</sup> Fragmento de pregação de Yokaanam, proferida na Cruzada dos Militares Espíritas, em 1946, no Rio de Janeiro (CRND).



Obelisco – marco central da cidade, em 2002.

A parte interna da cidade foi concebida segundo um projeto arquitetural que estabelece um ponto central em seu núcleo, marcado por um obelisco. Ali se cruzam as duas avenidas principais: Imortalidade e Universal. O terreno tem formato ligeiramente triangular. Uma terceira avenida, paralela e acima da av. da Imortalidade, é denominada av. Apóstolo Esdras; cortando verticalmente as duas avenidas citadas, encontramos as ruas Paulo Tarso, dos Peregrinos, Allan Kardec, São Jerônimo, Mestre Lázaro e São Sebastião. Na parte inferior da av. da Imortalidade, estão as ruas dos Lavradores, dos Samaritanos, Olavo Bilac, Joana D'Arc e Santa Bárbara. Ao longo destas ruas, 111 casas de alvenaria já foram construídas e estavam habitadas por 108 famílias, num total de 361 moradores<sup>104</sup>, com uma média, portanto, de três moradores por residência.

As barracas instaladas nos primeiros tempos já foram todas substituídas e não é mais permitida a instalação de barracas para moradia na cidade. Já no final da década de sessenta

---

<sup>104</sup> Estes dados referem aqueles recolhidos quando da minha pesquisa em 1998, havia três casas vazias. Da minha visita, em 2002, mais casas continuavam sendo construídas, apesar do número de moradores ter sido



e início da década de setenta, Negrão<sup>105</sup> registrou a existência de quatro dezenas de boas casas de alvenaria, além de outras duas dezenas bastante precárias ou de pau-a-pique, remanescentes das barracas e das primeiras habitações. A cidade adquiriu a estrutura próxima da atual em apenas oito anos. Desde então, aqueles que manifestam o desejo de permanecer entre eles, além da seleção e dos estágios probatórios aos quais são submetidos, têm a sua admissão condicionada à disponibilidade de residências, a menos que estes candidatos se disponham a construí-las; o que não é muito difícil, porque eles têm por costume o sistema de mutirão, com a cooperação coletiva. As casas existentes na parte interna da Cidade Eclética são quase todas muito boas – umas melhores, outras piores, de acordo com os recursos dos quais cada um dispunha e com a ajuda externa de familiares.



Interior da Cidade Ecléticas – detalhe de uma rua, suas casas, no cotidiano, em 2002.

Construídas em terreno da FEEU, via de regra, as casas constituem seu patrimônio. De acordo com as informações de uma obreira, tudo o que está construído na parte interna da

---

reduzido.

<sup>105</sup> Negrão, 1984 : 64-65.

cidade pertence à fraternidade. Quando uma família interna deixa a cidade, a casa é devolvida à instituição e esta família não recebe indenização alguma. As casas construídas pelos obreiros externos, na parte externa, a estes pertencem, enquanto lá morarem ou enquanto pertencerem aos quadros da instituição. Diferentemente dos moradores internos, os moradores externos constroem suas casas com recursos próprios e, quando da construção do imóvel, assinam documento onde declaram que o imóvel ficará para a FEEU, quando de sua saída; este obreiro poderá, no entanto, vendê-lo, se for para outro obreiro, e este assinará, por sua vez, documento com igual teor, e assim por diante. Já existem casas muito boas e de propriedade particular (sempre de obreiros), construídas em terreno da FEEU, em ruas mais afastadas do núcleo da cidade.

Ainda que em moldes de pequeno porte<sup>106</sup>, a Cidade Eclética constitui atualmente uma verdadeira cidade, com estrutura para se auto-sustentar e auto-gerir, possuindo, inclusive, prefeitura própria para administrá-la. Na época em que Negrão realizou a sua pesquisa etnográfica<sup>107</sup>, em 1966-67, já se encontravam em plena atividade: alfaiataria, costuraria, sapataria, padaria, olaria, carpintaria e serralharia. Eles exploravam matéria-prima do seu solo: argila, madeira, pedra para piso. O cimento, ferro, vidro, sanitários e outros eram comprados ou recebidos em doação. Dois caminhões e uma Kombi foram igualmente recebidos em doação. A cidade foi construída com o dinheiro arrecadado pela campanha pró-sede própria, doações, mensalidades dos obreiros externos e com a incorporação de vencimentos dos obreiros aposentados (funcionários públicos e oficiais reformados das Forças Armadas) que lá foram habitar.

---

<sup>106</sup> De acordo com a pesquisa de Negrão (1984 : 67), em 1971, residiam na cidade 937 pessoas, somando-se os internos e os externos. De acordo com a pesquisa de Dias (1974), no início da década de 70, havia na parte interna da cidade em torno de 600 moradores, ocupando aproximadamente 60 residências. De acordo com a pesquisa de Espejo (1984 : 285), havia, em 1962, 480 moradores; em 1974, havia 964 moradores; em 1978, havia 774 moradores; e, em 1980, 740 moradores. Quando da minha pesquisa (Mello, 1999), em 1998, 437 moradores habitavam a cidade; em 2002, eles eram 423 moradores. Quando comentei sobre o número decrescente de moradores, três obreiros comentaram a mesma coisa, que isso não lhes causava espanto porque o próprio Mestre lhes teria dito, em vida, que a cidade veria a sua população reduzida a sete famílias, mas que este número iria crescer muito depois disso, e que a cidade, para o fim em que foi planejada, só será uma realidade nos próximos cem ou duzentos anos.

<sup>107</sup> Negrão, 1984 : 76.



A divisão de tarefas era bem clara: trabalhos pesados e lavoura para os homens; arrumação, cozinha e lavanderia para as mulheres; as crianças cuidavam da horta e do pomar, os menores ficavam na creche. Em novembro de 1969, eles tiveram a autorização do Ministério das Minas e Energia para construírem uma barragem dentro do terreno da fraternidade, no Rio dos Macacos. Eles mesmos empreenderam a tarefa, sofreram vários contratempos devidos à inexperiência, antes de obterem por recursos próprios o fornecimento regular de energia e água, seguidos pelos trabalhos de saneamento básico.



Colégio Bartolomeu Bueno, em 2002.

Na parte interna da cidade, além das residências e das unidades já mencionadas, existem vários setores e edificações fundamentais para a organização social da cidade, como: colégio, creche, hospital, templo, etc. Assim, o *Palácio de Instrução e Educação*<sup>108</sup>, nome original do atual *Colégio Bartolomeu Bueno*, foi uma prioridade entre as edificações da cidade. Com a cooperação do governo estadual e municipal, o colégio é propriedade da FEEU e está integrado à rede de ensino da Secretaria de Educação do Estado de Goiás. Ele atende tanto às crianças residentes na Cidade Eclética, quanto a todas as outras, residentes

---

<sup>108</sup> Nome conservado ainda inscrito em suas paredes externas.

na região circunvizinha. Os seus professores são contratados pelo Estado e pelo município e há os obreiros colaboradores entre eles.

Além da cooperação do governo com as contratações dos professores e com o programa de merenda escolar, o colégio se mantém às expensas da fraternidade, com o recebimento de doações de simpatizantes e os trabalhos voluntários dos obreiros, para a manutenção, administração, cozinha e limpeza. O colégio somava 425 matrículas em 1998; em 2002, havia 383 alunos matriculados; destes, 20%, em média, são filhos de obreiros e o restante é morador da circunvizinhança. O colégio oferece ensino tradicional, através de cursos que vão da alfabetização até ao 3º ano do 2º grau. O colégio dispunha em 1998 de uma equipe de aproximadamente vinte professores, trabalhando em dois turnos (pela manhã e à tarde) nas dez salas de aula. Além destas, as instalações do colégio incluem refeitório, auditório, banco de livros, secretaria, biblioteca<sup>109</sup> e quadra para esportes. Sempre que necessário, o colégio oferece cursos intensivos e de alfabetização, à noite, para os adultos.

Junto ao colégio, há a *Creche Jardim de Alá*. Ela recebe igualmente alguma ajuda do município de S. Antônio do Descoberto, mas se garante, de fato, graças ao trabalho voluntário dos obreiros. Em 1998, ela funcionava em dois turnos - pela manhã e à tarde - e atendia a oitenta crianças, com idades de zero e seis anos, a maior parte delas sendo filhas de obreiros. Doze pedagogas, duas funcionárias designadas para a administração e cinco outras para o serviço da cozinha e de limpeza ali trabalhavam, todas obreiras da FEEU, prestando seus serviços comunitários. A creche conta com sete salas muito simples, refeitório, um salão interno e área externa para recreação. Ela oferecia pré-escola e curso de alfabetização. Em 2002, o curso de alfabetização havia passado para o colégio e ela funcionava apenas pela manhã. Também o número de funcionários estava reduzido a seis, bem como o número de crianças era bem menor (35), mantendo uma proporção de 70% de crianças filhas de obreiros e as outras 30%, da periferia.

---

<sup>109</sup> Ela conta com acervo em torno de 6.000 títulos.



Fachada do templo da Cidade Eclética, em 1998.

O templo eclético, denominado o *I Santuário Essênio do Brasil e das Américas*, ainda que simples, é um belo monumento em estilo clássico greco-romano. É a peça principal da cidade, assim como o hospital, posto que eles centralizam as atividades mais importantes da fraternidade. Ali ocorrem as atividades religiosas ecléticas exotéricas e esotéricas. Com o objetivo de exercer a doutrina espiritualista eclética, a prática exotérica está fundada sobre três pilares religiosos: a igreja cristã, o kardecismo e o umbandismo. Quanto à doutrina esotérica, ela toma da tradição dos antigos essênios, com forte influência maçônica e teosófica, aliada a elementos emprestados de outras tradições, como a hinduísta, a tibetana e a de um certo *Comando Espiritual das Estrelas*, que eles dizem tratar-se de uma cúpula espiritual superior, de natureza extraterrestre. O conhecimento e formação de natureza esotérica são reservados aos iniciados, eles evitam falar sobre eles. As práticas exotéricas, no entanto, ficam abertas ao público, através dos rituais e das sessões de caridade e assistência social e espiritual, os quais ocorrem dentro do templo, sempre às quartas-feiras, à noite, e aos domingos, à tarde, para os trabalhos espirituais de umbanda eclética; às sextas-feiras, à noite, para os trabalhos ecléticos kardecistas; e aos domingos, pela manhã, para a Igreja Cristã Eclética.

Todos os trabalhos realizados no interior do templo, bem como em toda a parte interna da cidade são inteiramente gratuitos, a título de caridade espiritual que eles exercem. Conforme já foi dito, doações voluntárias de simpatizantes e beneficiados são naturalmente bem-vindas, mas, de fato, não há nenhuma forma de constrangimento imposta àqueles que não querem ou não podem contribuir, tampouco são passadas sacolas ou equivalente para ofertas. Além dos trabalhos espirituais abertos ao público, ocorrem também, no interior do templo, em caráter reservado aos iniciados e adeptos, os seminários maiores e os seminários menores, a título de formação. Os seminários maiores são reservados aos iniciados e os menores, aos adeptos. Estes seminários são regulares, ocorrendo às segundas-feiras, aos sábados e aos domingos. Além disso, todas as manhãs, alguns médiuns recebem, no templo, pacientes internados e prestam-lhes apoio e tratamento espirituais.



O hospital e maternidade da Cidade Eclética, em 1998.

O templo e o hospital ficam lado a lado e há, mesmo, uma comunicação interna entre ambos. Via de regra, os pacientes do hospital passam primeiramente pelos trabalhos espirituais realizados no templo. Portadores de males físicos e espirituais que procuram o

hospital ou o templo podem ser diagnosticados por médicos-médiuns<sup>110</sup>, no hospital, ou por médiuns incorporados, no templo. Os médiuns ministram os passes magnéticos, com vistas à profilaxia do corpo sutil do consulente. Se o mal é de natureza espiritual, eles orientam seus consulentes e tentam interceder junto às entidades espirituais, pedindo-lhes piedade e caridade, com vistas a diminuir-lhes o sofrimento. Muitas pessoas procuram diretamente o hospital da Cidade Eclética; seja pela proximidade, seja pela falta de recursos financeiros, seja porque escolhem conscientemente um tratamento clínico aliado a um tratamento espiritual, que ali pode ser administrado. Muitos destes últimos vêm de longe, de outras cidades e até de outros Estados. Se houver clinicamente doença grave, os consulentes são naturalmente orientados para procurarem hospital melhor equipado em Brasília.

Mas o hospital aceita também a internação de pessoas idosas ou que necessitem de cuidados, independentemente de doenças espirituais. O *Hospital Prof. Dr. Yani Bensababad* e a *Maternidade Maria Madalena* da Cidade Eclética recebem ajuda do governo através do programa de saúde pública do SUS para os casos de internação; e a ajuda do município de S. Antônio do Descoberto através de convênio para auxílio aos idosos. O hospital e a maternidade são devidamente regularizados, registrados no Ministério da Saúde e prestam serviços gratuitos, indistintamente a obreiros e a não-obreiros. Hospital e maternidade funcionam conjuntamente e dispõem de enfermaria, sala de parto, seis gabinetes médicos, 3 grandes quartos reservados à internação dos pacientes, refeitório e recepção.

Apesar das condições não serem as ideais, o hospital funciona de forma satisfatória, graças, sobretudo, à boa vontade de todos aqueles que ali trabalham, no exercício da caridade. Sua atividade já foi muitíssimo intensa, sobretudo nos dias de assistência espiritual, em particular aos domingos, dia de maior afluência. Naqueles dias, o hospital atendia até cem consultas. Se a estas somarem-se as consultas clínicas nos gabinetes, chegava-se a um número aproximado de 1.300 consultas mensais, além das cinquenta ou sessenta intervenções espirituais nos gabinetes, em média. Na ocasião em que fez a sua pesquisa,

---

<sup>110</sup> Havia três médicos-médiuns, formados em Medicina, obreiros da FEEU, trabalhando pela caridade espiritual naquele hospital. Posteriormente, eles tornaram-se dois. Atualmente, há apenas um médico



Negrão<sup>111</sup> registrou o atendimento a 4.600 pessoas por mês, naquele hospital. Em 1998 e depois, em 2002, estes números estavam sensivelmente reduzidos, mas não foi possível precisá-los.

A maternidade faz uma média de quatro partos por mês. A equipe do hospital conta igualmente com enfermeiros habilitados, estagiários das faculdades de medicina e de escolas de enfermagem das cidades vizinhas, especialistas em homeopatia e em manipulação de plantas, além de obreiros voluntários para os outros serviços – de administração, cozinha, limpeza e cuidados especiais para os pacientes. A cidade mantém um herbanário e farmácia de manipulação, onde profissionais e conhecedores do assunto preparam infusões, pomadas e florais, oriundos do saber tradicional e de orientação mediúnica. Os remédios manipulados no interior da cidade são distribuídos gratuitamente aos pacientes, munidos das receitas emitidas pelos médiuns. Outros remédios, manipulados fora, de natureza homeopática ou que impliquem compra ou gastos extraordinários são vendidos quase a preço de custo, na farmácia da fraternidade, na parte externa da cidade.



O Pantheon e jardim circular à frente com o busto do Mestre Yokaanam, em 1998.

---

formado, devidamente registrado no CRM-DF, responsável pelo receituário.

<sup>111</sup> Negrão, 1984 : 65-66.

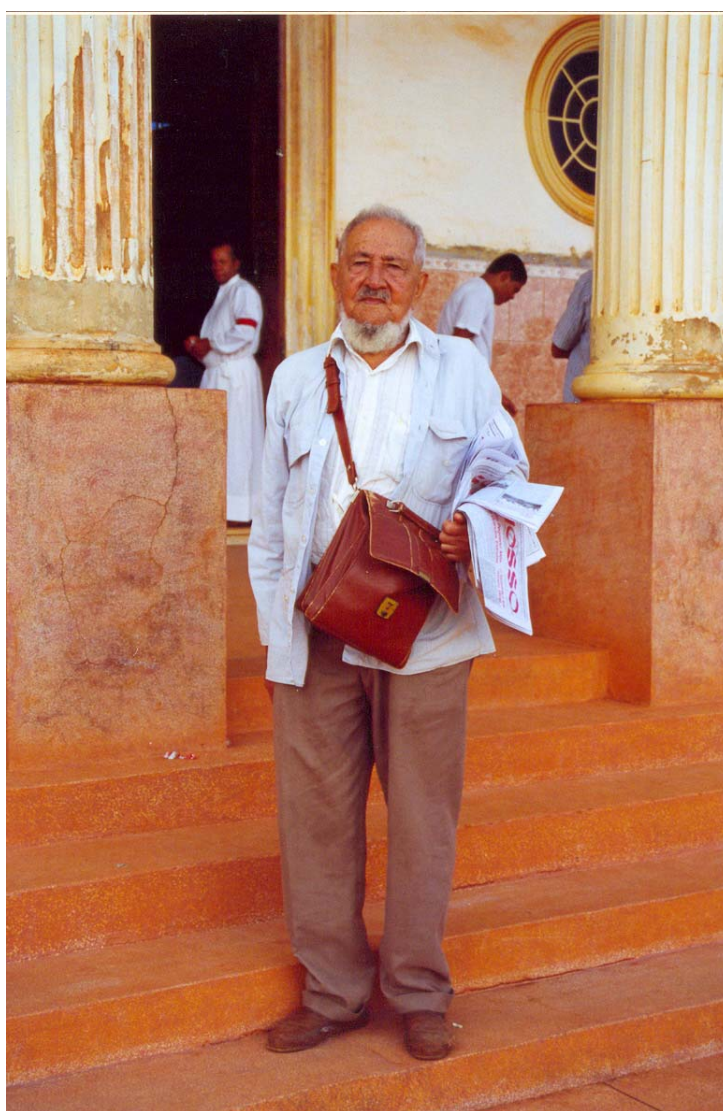
Além destes edifícios e das residências, existem outros, na parte interna da Cidade Eclética. Uma pequena capela junto ao hospital é usada para velarem-se os mortos da cidade. O *Panteão, o Solitário* é uma outra capela mortuária, pequena e singular, localizada atrás do templo, exatamente onde ficava a barraca do Mestre Yokaanam. Após a sua morte, a capela foi construída e, no seu interior, repousa o corpo e objetos pessoais do fundador da fraternidade, bem como algumas relíquias, que fazem a história da fraternidade. O Panteão permanece fechado a maior parte do ano, sendo aberto apenas em certas datas consideradas especiais, tais como o dia de aniversário do Mestre Yokaanam, por ocasião do Natal e da Semana Santa, quando ele pode ser visitado.



O Shack Comando ao fundo e o monumento à Mãe Preta Universal em primeiro plano, em 1998.

Junto ao Panteão, encontra-se o *Shack Comando*, para o serviço de radiodifusão e imprensa. Este edifício tem estranha aparência e chama logo a atenção daqueles que o avistam, devido à sua forma cilíndrica, pintado com tinta metálica, prateada. Sua arquitetura teve inspiração na forma de um disco voador, ele tem dois andares, cerca de 10m de diâmetro. No *Shack-Comando*, funciona a *Casa dos Rádio-Amadores - PY-2 WJ*, oficialmente registrado em 1948. Sua emissão foi autorizada a título experimental, no período de 1965-1968, mas a homologação do prefixo do canal nunca lhes foi dada, apesar dos reiterados pedidos. Ao final de alguns anos, o equipamento, antes possante, tornou-se naturalmente ultrapassado,

mas serve ainda à comunicação entre as filiais da FEEU. No interior deste edifício, no andar térreo, além do aparelhamento de rádio-amador, há sofás e poltronas, onde Yokaanam recebia as suas visitas ilustres. Em suas paredes internas, estão pendurados alguns dos diplomas do fundador. No andar superior, funciona a redação do jornal “*O Nosso*” e o estúdio da Rádio Fraternidade Universal, que atinge um raio reduzido, de apenas 10 km, usado para comunicações internas.



Irmão Leandro junto do templo, distribuindo o jornal ‘O Nosso’, em 1998.



A gráfica da FEEU e o jornal “*O Nosso*” existem oficialmente desde 1947; são bem anteriores, portanto, à fundação da cidade. A gráfica ocupa atualmente parte de um outro edifício no interior da cidade. Ali são editados todos os artigos de divulgação da fraternidade, incluindo-se boletins, material do curso de evangelização dos adeptos, “*O Clarim*” (jornalzinho interno mensal para a juventude da FEEU) e “*O Nosso*”, jornal espiritualista mensal, de circulação interna e externa, estendida às filiais da fraternidade e vendido nalgumas bancas de Brasília e periferia, ao preço de R\$1,50 (em 2008). De acordo com a pesquisa de Dias, “*O Nosso*” já circulava desde 1946, através de textos mimeografados. No início, “*O Nosso*” se apresentava em seis folhas, mas logo ele passou a ser apresentado em oito folhas, cada uma com três a quatro colunas; as medidas do tablóide foram ligeiramente diminuídas de 38cm X 56cm para 32cm X 46cm; o papel jornal foi substituído pelo papel branco e a tipografia foi sensivelmente melhorada.

A fraternidade conta com obreiros responsáveis pela edição, redação e escolha das matérias, criteriosamente selecionadas para atenderem aos seus propósitos. As matérias inteiras ou seriadas tratam da história das religiões, dos seus fundadores, trazem a memória de fatos históricos da fraternidade, declarações e relatos de acontecimentos ligados ao Mestre Yokaanam, crônicas moralizantes, ensinamentos diversos, sempre afins à doutrina eclética, além de comunicados sobre as filiais, os aniversariantes e os falecimentos do mês. Observa-se nas matérias um consciente esforço ecumênico, em proveito de um universalismo religioso, que eles defendem.

Há ainda na parte interna da cidade o posto do disciplinário<sup>112</sup>, o alojamento dos iniciados<sup>113</sup>, uma oficina para conserto de automóveis<sup>114</sup>, a casa de máquinas (geradora de

---

<sup>112</sup> Guarita onde se faz o plantão do serviço de vigilância disciplinária dos obreiros internos e, sobretudo, o controle da entrada de pessoas e automóveis na parte interna da cidade.

<sup>113</sup> Local onde são alojados os iniciados (homens solteiros) da escola iniciática.

<sup>114</sup> Atualmente, a oficina funciona muito precariamente. Na ocasião da pesquisa de Negrão (1984 : 64, nota 52), a oficina cuidava de « dois caminhões, um ônibus antigo, estilo jardineira, uma ambulância Rural Willys, uma caminhoneta Rural Willys e um jeep Land-Rover », todos de propriedade da FEEU. A FEEU possui atualmente apenas uma ambulância e o jeep, que vem sendo cuidadosamente conservado como símbolo do pioneirismo dos obreiros. A ambulância é produto de doação e o jeep foi comprado por Yokaanam para encontrar e percorrer as terras da FEEU nos primeiros tempos.

energia elétrica), as ruínas das antigas cozinha e lavanderia comunitárias<sup>115</sup>. A olaria e a serralharia foram praticamente abandonadas e a carpintaria<sup>116</sup> permanece rudimentar e com pouca atividade. O *Arquiteto* funciona num barracão, onde são armazenadas e distribuídas as compras e doações - alimentos, material de limpeza e higiene, roupas, calçados e todo o necessário e disponível aos moradores da parte interna. Os moradores internos recebem através do *Arquiteto*, cotas regulares mensais de provisões, segundo o número de pessoas em cada família, as suas necessidades e a disponibilidade de recursos da instituição. De acordo com a declaração de uma obreira, o papel do *Arquiteto* é distribuir as cotas igualmente, mas às vezes algumas pessoas são privilegiadas. Porque eles têm vivido um período muito difícil, as cotas mensais estavam sendo distribuídas a cada sessenta dias; as frutas e hortaliças a cada quinze dias. Cada um deles pode, no entanto, plantar a sua própria horta e criar animais para abate nos quintais de suas casas.

---

<sup>115</sup> Elas funcionaram durante os primeiros anos de fundação da cidade. Na ocasião em que Negrão esteve em campo, elas ainda funcionavam para a coletividade. Atualmente, cada família faz a sua própria comida e lava a sua própria roupa com as provisões que recebem do *Arquiteto*.

<sup>116</sup> A *Serraria e Marcenaria Carfanaum* funciona na medida do necessário. Ali eles reparam os seus móveis, mas fabricam-nos também, na medida do necessário, para eles mesmos e, ocasionalmente, para venderem no comércio das cidades vizinhas; produção pouco expressiva, no entanto, considerando que quase todo o material empregado nos reparos e fabricação dos móveis é proveniente de doações.



O Poço de Siloé cercado por muros é local sagrado. O oratório de Nossa Senhora fica na frente dele, no lado esquerdo da foto (em 2002).

Além destes edifícios, a parte interna da cidade conta com um recanto sagrado, inteiramente murado e ajardinado, onde encontra-se um poço de águas sagradas, coberto, e um oratório com uma imagem de Nossa Senhora no seu interior. À maneira do poço de Jerusalém, o *Poço de Siloé* foi descoberto depois da fundação da cidade, a partir das indicações de uma “entidade espiritual superior”, que orientou um dos médiuns para a sua descoberta. O acesso a este poço é controlado; à sua entrada, há um arco em concreto onde se lê : *Poço de Siloé. Cuidado irmãos ao entrarem aqui !...* Eles acreditam que trata-se de local sagrado e que as águas daquele poço têm propriedades curativas. De acordo com o Conselho Espiritual Administrativo, o oratório contíguo favorece a meditação daqueles que ali vêm e a imagem de Nossa Senhora deixa os visitantes livres para dirigir as suas preces aos santos de sua devoção, concorrendo para o clima de espiritualidade e “favorecendo o sistema de fluidificação da água bendita de seu poço”. Com efeito, muitos doentes, pessoas de fé e obreiros das filiais vêm beber e levar recipientes cheios daquela água, uma espécie de panacéia para todos os males.

Há ainda na parte interna da cidade um campo de futebol e uma pista de pouso para decolagem e aterrissagem de pequenos aviões, ambos em terra batida. O projeto original do *Aeroporto dos Nazarenos* nunca foi além das duas pistas - uma de 600 metros N-S e outra de 1.600 metros E-W<sup>117</sup> -, atualmente, uma delas tornou-se o referido campo de futebol. Elas foram autorizadas pelo Ministério da Aeronáutica em 1959. Lembremo-nos de que o Mestre Yokaanam era aviador e que o acesso àquelas terras era difícil, com a falta de estradas; portanto, a pista foi uma prioridade e teve muita serventia nos primeiros tempos, para o transporte de pessoas e de material de construção. Esta pista prestou-se também, segundo eles dizem, a numerosos serviços para a construção de Brasília, bem como para o trânsito de personalidades políticas. A pista existe ainda, mas encontra-se em estado de abandono.



Monumento da Mãe Preta Universal e jovem estudante moradora da Cidade Eclética em 1998.

<sup>117</sup> YFP : 209.

Finalmente, é preciso mencionar os monumentos existentes na parte interna da cidade. Em frente ao *Panteão*, encontra-se um singelo jardim em forma circular, tendo ao centro um busto do Mestre Yokaanam. Em frente ao templo, encontra-se um outro monumento, muito bonito, vindo de Portugal - de Jesus Cristo, tendo junto de si um apóstolo, o menino Artemidoro, patrono espiritual da juventude da FEEU. Um terceiro monumento presta homenagem à *Mãe Preta Universal*<sup>118</sup>, representada por uma mulher negra, amamentando uma criança branca e tendo, à barra de sua saia, outra criança, negra, provavelmente o seu próprio filho, solicitando-lhe a atenção. Trata-se de um símbolo exemplar que lhes dá a tônica - da fidelidade, da caridade, da generosidade, da humildade, da abnegação. Além disto, através deste monumento, o Mestre Yokaanam quis homenagear a sua própria *mãe preta* (aquela que dele cuidou, depois que faleceu a sua genitora) e prestá-lo às comemorações do *Dia das Mães*. Neste mesmo local, foi enterrado pelo próprio Mestre Yokaanam, o seu antigo cajado, o grande bastão no qual ele se apoiava, a título de pedra fundamental da Cidade Eclética.

---

<sup>118</sup> Este monumento traz uma placa informativa com o seguinte texto : “ Monumento à História – À honra e à glória da *Mãe Universal*, a verdadeira mãe imortal e anônima de todas as crianças brancas e do mundo inteiro, as quais recebendo de seu seio negro a seiva da vida ou fazendo embalar em seus braços fraternos aqueles que vieram ao conhecimento de gerações ou aos pés do renome e da glória imortal, aqui nós deixamos gravados para a posteridade a gratidão indelével e as homenagens pelos espartanos *Obreiros Ecléticos do Brasil*, em nome de todos aqueles que, por orgulho ou ingratidão, encobriram no esquecimento, eu a ressuscito para a eternidade enquanto símbolo da renúncia, do sacrifício e do amor universal entre os Homens! Nós te saudamos, *Mãe Preta*! Nós saudamos o dia 13 de maio, como o verdadeiro “*Dias das Mães*”. Rio de Janeiro, 13 de maio de 1947. Cidade Fraternidade Universal, 4 de novembro de 1956”.





Portal da entrada principal da parte interna da Cidade Eclética, em 1998.

A parte interna da cidade tem comunicação com a parte externa, através de um portão secundário - para a saída de automóveis e para o acesso dos alunos externos do colégio - e de um portão principal, encimado por um arco, onde se lê :

### *AVISO AO PÚBLICO*

*Não se permite o ingresso na parte interna desta cidade e em nosso templo religioso de irmãs usando trajes excessivamente curtos ou roupas masculinas e outras modas extravagantes, incompatíveis com a moral cristã, nem de irmãos usando camisetas sem mangas, bermudas e outras roupas inadequadas.*<sup>119</sup>

---

<sup>119</sup> Este aviso foi revisto e ligeiramente modificado em relação àquele que havia em 1998, onde se lia : *Aviso ao público. É expressamente proibido o ingresso em nossa cidade e em nosso Templo Universal de mulheres em trajes indecorosos, masculinos, colo nu, vestidos curtos e modas incompatíveis com o decoro público e a moral cristã.*



Placa indicativa de início das terras da Cidade Eclética junto da Estrada de Jericó em 1998.

Também à entrada da parte externa do terreno da fraternidade, à beira da estrada, podemos ler uma outra comunicação :

CIDADE ECLÉTICA  
FRATERNIDADE UNIVERSAL  
A 1km    Altitude 1200m  
VIANDANTE!...  
Tomai cuidado porque estais  
Pisando TERRA SAGRADA  
E sede BEM-VINDOS

Com efeito, junto ao cercamento da parte interna da cidade, passam as rodovias já citadas e que foram rebatizadas pelos obreiros como Estrada de Jericó e Av. São João Batista. Nesta última, encontram-se novas ruas a partir dela, como a rua Santo Antônio e outras menores, ainda não nomeadas. Vinte e quatro famílias de obreiros externos habitavam em 1998 um número igual de casas. Estas famílias perfaziam um total de setenta e seis residentes naquela época. Em 2002, o número de residências tinha aumentado sensivelmente. Assim, estimando números aproximados, podemos dizer que havia, na Cidade Eclética, dezesseis

ruas, perto de 150 casas, onde residem perto de 150 famílias, perfazendo um total aproximado de 500 moradores, incluindo-se idosos, adultos e crianças, entre obreiros internos e externos.

Um insipiente comércio explorado pela administração da cidade fica igualmente nesta parte da cidade e representa uma modesta fonte de renda para a fraternidade. Trata-se de um barracão extenso, onde encontram-se uma farmácia, um pequeno armazém de gêneros alimentícios e de limpeza, uma lanchonete, um bazar e uma padaria, todos em pequenas proporções e bastante simples. Seguindo-se um pouco mais adiante, encontra-se a prefeitura da Cidade Eclética, onde trabalham quinze obreiros, encarregados dos serviços de administração e contabilidade da cidade. Junto à prefeitura, encontram-se o galpão da *Comissão de Irmãos Solidários*<sup>120</sup> e um posto policial, com um cômodo extremamente pequeno para retenção de um ou dois infratores. Este posto encontra-se praticamente abandonado, por falta de uso. Do outro lado desta mesma rua, encontramos um outro barracão extenso com vários cômodos independentes e voltados para fora. Ali encontram-se uma livraria<sup>121</sup>, um gabinete de odontologia<sup>122</sup> e um atelier para trabalhos artesanais, onde trabalham obreiras da terceira idade com costura, bordado, tapeçaria, pintura sobre tecido e vidro, etc. Tudo muito simples e modesto. No atelier, elas fazem também a triagem das roupas provenientes das doações e o reparo das roupas dos obreiros. As roupas doadas que não lhes convém são colocadas ali mesmo à venda.

---

<sup>120</sup> Os *Irmãos Solidários* representam o primeiro nível de inserção na FEEU; logo que um interessado pede o ingresso e o seu estabelecimento na Cidade Eclética, ele passa a ocupar aquele espaço onde é acompanhado de perto, toma conhecimento da estrutura interna da cidade, dos estatutos, etc; dependendo do seu comportamento, o candidato pode ser admitido ou recusado.

<sup>121</sup> Onde são vendidas as obras da FEEU e outras, afins, sempre de natureza espiritualista.

<sup>122</sup> Mantido pelo governo estadual, que envia de tempos em tempos um profissional para os cuidados odontológicos na cidade.





Em frente ao local de hospedagem da Cidade Eclética tendo à porta alguns dos moradores da cidade, em 1998.

Também nesta parte externa fica o “*Nosso Hotel*”. Trata-se de um modesto albergue, já existente quando da chegada dos obreiros àquelas terras; ele foi reformado para atender à hospedagem dos obreiros das outras filiais da FEEU, quando ali vêm para os períodos esotéricos, que ocorrem durante a Semana Santa e durante os meses de junho e dezembro; mas ele serve também às famílias dos doentes hospitalizados e aos eventuais visitantes. As diárias são muito econômicas, mesmo porque o conforto oferecido é bastante reduzido. O albergue oferece café da manhã, almoço e jantar igualmente econômicos aos seus hóspedes, mas também a pessoas eventuais, externas à fraternidade, que o desejarem, no esquema de “comida a quilo”. À exceção dos períodos esotéricos, o albergue permanece praticamente sem hóspedes ao longo do ano. Em 1998, o *Nosso Hotel* contava com vinte e sete quartos pequenos e um salão para as refeições preparadas por obreiros voluntários. Em 2002, o albergue estava terceirizado, parte dele tinha caído sob efeito das chuvas e da falta de conservação, mas cinco suítes com relativo conforto haviam sido construídas ao lado dele.



Casa de rádio na Cidade Eclética, em 2002.

Um pouco mais afastada deste núcleo, a fraternidade mantém em suas terras o que eles chamam a “fazenda antiga”, remanescente da Fazenda Boa Vista, da qual restam alguns barracões e uma bica d’água. Junto deste conjunto, os obreiros fundaram alguns tanques, pequenas lagoas, a partir do córrego original, em número de vinte e quatro, onde eles desenvolvem um criatório de peixes, que vão desde os alevinos aos peixes adultos, bons para o consumo. Em 1998, eles exploravam aquele “negócio”, com a venda de alevinos e com o esquema de “pesque e pague” nas últimas lagoas, para onde eles transferiam os peixes grandes, bons para o consumo. Em 2002, também este negócio estava terceirizado. Junto deste conjunto encontra-se uma pequena casa de rádio da FEEU com a torre, funcionando precariamente.



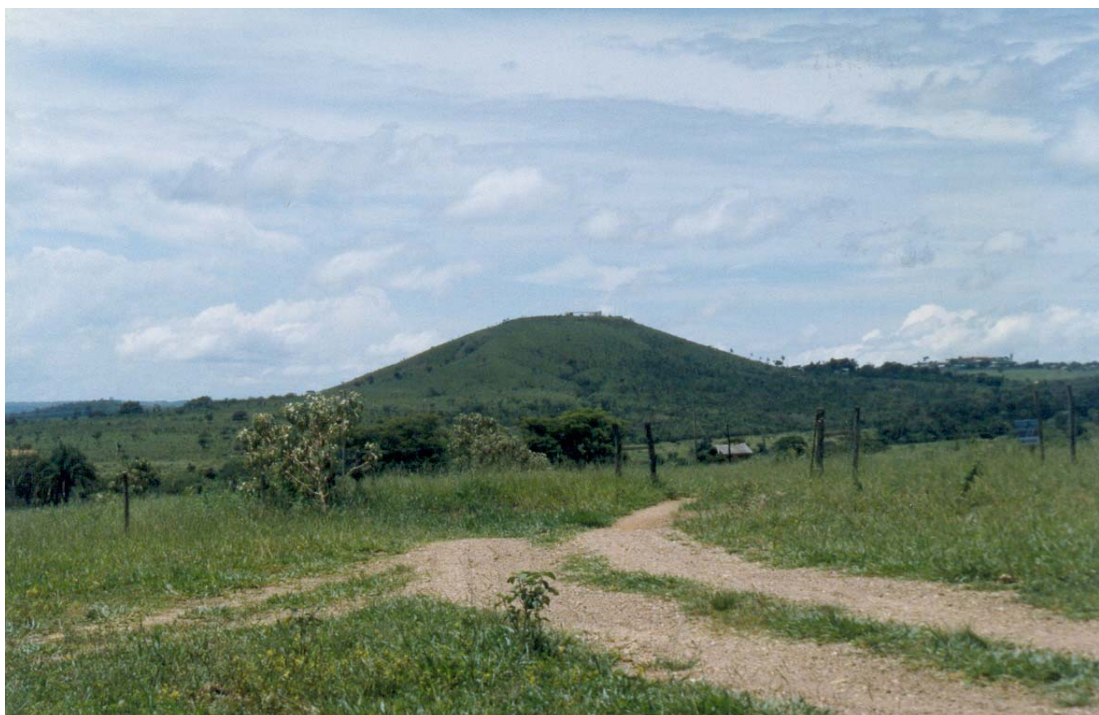
Parte interna do cemitério da Cidade Eclética, em 1998.

Não muito longe dali e ainda em propriedade da FEEU, encontramos o *Cemitério São Lázaro*<sup>123</sup> e o caminho que leva ao *Monte Tábor*<sup>124</sup>, no topo do qual, os obreiros construíram uma ermida e onde eles esperam construir a Igreja Eclética Universal. No caminho, há uma outra capela de oração, junto de uma micro barragem que eles construíram para uma pequena queda d'água, que eles denominam *Cachoeira do Vovô Barnabé*. Nas terras da fraternidade, há uma outra queda d'água, esta, natural, denominada *Cachoeira de Xangô*. Há ainda, ao pé do Monte Tábor, uma casa de administração e uma outra capela. Finalmente, a Cidade Eclética guarda em seu terreno campos para o pasto de gado leiteiro, para a lavoura de subsistência e galpão para a criação de aves de ovos e abate.

---

<sup>123</sup> Onde são enterrados os moradores da Cidade Eclética, mas também outros, da região.

<sup>124</sup> Distante cerca de 10 km do núcleo da cidade. A estrada para o seu acesso ainda não tinha asfalto.



Terras da Cidade Eclética, estrada que conduz ao Monte Tábora, ao fundo (em 1998).

Os recursos humanos e financeiros da FEEU encontram-se muito reduzidos, conforme já viemos sinalizando. A maior parte é oriundo de doações; muito diferentemente da época anterior, no Rio de Janeiro, quando a fraternidade trabalhou firmemente na ação proselitista e chegou a atrair 15.000 sócios, conforme Yokaanam teria declarado, ou 16.000 sócios, segundo pesquisa de Negrão<sup>125</sup>. Os sócios faziam contribuições mensais, as quais somaram uma quantia importante, segundo o tesoureiro da FEEU, um ex-obreiro que se tornou dissidente e denunciador em uma matéria escandalosa contra a FEEU e a pessoa de Yokaanam<sup>126</sup>, que já comentamos aqui. Após esta denúncia, posteriormente esclarecida, o número de sócios foi enormemente diminuído. O próprio Yokaanam<sup>127</sup> admitiu, na época, que o quadro de sócios tinha caído em 70% com a demora dos esclarecimentos. Também

---

<sup>125</sup> YFP: 22 e Negrão, 1984 : 42.

<sup>126</sup> A furiosa matéria de Arlindo Silva, intitulada “Lama nas barbas do profeta”, foi publicada na revista *O Cruzeiro*, com data de 01.02.1951; ela trazia denúncias feitas por dissidentes ex-obreiros, relativas a desvio de verba da “campanha pró-sede própria”.

<sup>127</sup> YFP : 86.



Espejo<sup>128</sup> observou que houve uma grande debandada de sócios da fraternidade na década de sessenta, ao que concorreu igualmente a transferência da sede-matriz.



Peregrinação ao Monte Tábor na Semana Santa em 2002.

A fraternidade deixou de exercer o proselitismo explícito. Depois que transferiram-se para o planalto goiano, o Mestre Yokaanam cessou as suas atividades de pregar em praças públicas e de peregrinar pelas periferias. Desde então, são mantidos os trabalhos de assistência social e espiritual no interior do templo, mas Yokaanam passou a falar apenas nalgumas instituições, quando convidado a fazê-lo. Quanto às peregrinações, elas tornaram-se igualmente mais reservadas, ficando restritas, desde a peregrinação-êxodo, a uma jornada diária - na quinta-feira de cada Semana Santa – pelas terras da fraternidade, perfazendo um circuito interno do templo ao Monte Tábor, num total aproximado de vinte quilômetros. Para esta longa caminhada são convidados todos os obreiros da sede-matriz e de todas as filiais da FEEU, bem como todos os simpatizantes, os curiosos, personalidades públicas e a imprensa. O percurso tem início às 6:00 h da manhã, partindo-se das portas do templo, com retorno ao mesmo ponto, ao final do dia, incluindo-se paradas programadas no percurso, para descanso, café da manhã e para almoço, oferecidos gratuitamente a todos os peregrinos, indistintamente. O significado do ritual e a disposição hierárquica dos obreiros

---

<sup>128</sup> Espejo, 1984 : 285.

formando um longo cordão humano foram preservados; os detalhes deste ritual serão melhor conhecidos mais adiante.

Atualmente, contribuem com dinheiro apenas os obreiros e de todas as categorias - neófitos, adeptos e iniciados – com uma quantia mensal fixada em R\$5,00 (cinco reais)<sup>129</sup>. Simpatizantes podem espontaneamente contribuir. Os obreiros internos continuam repassando suas aposentadorias e soldos ou parte deles à fraternidade. A cidade iniciática de Yokaanam devia ser auto-subsistente, produzindo com fartura tudo aquilo que eles precisassem para viverem com dignidade, segundo os seus princípios e com vistas a ampliações crescentes. Não tem sido assim, infelizmente. Faltam-lhes recursos humanos e financeiros, conforme já foi dito. A criação do gado é insuficiente; o número de cabeças não chega a cem. Mal dá para o suprimento do leite dos obreiros internos, garantido apenas para as crianças e os idosos. O abate é inexpressivo como se pode imaginar.

A criação de aves para o abate e para a produção de ovos supre as necessidades dos obreiros internos e um pequeno excedente é vendido fora. Também esta atividade estava terceirizada em 2002. Quanto à lavoura, eles plantam hortões de legumes e verduras para o consumo dos obreiros internos, mas têm que comprar arroz, feijão, macarrão, óleo, etc. Em 2002, eles vinham plantando cana-de-açúcar e milho para a venda, sem contudo atingirem escala expressiva. O criatório de peixes é algo que, no dizer de um deles, nunca deu muito certo, logo acabaram com o esquema de pesque-pague e passaram-no a terceiros. Na verdade, a FEEU vem arrendando para terceiros quase todas as suas atividades diante das crescentes dificuldades que vêm sentindo para mantê-las.

As filiais da FEEU, diretamente vinculadas, coordenadas e subordinadas à administração da sede-matriz também sobrevivem com grandes dificuldades, basicamente a partir de doações e de um circuito de cooperação entre elas. As atividades nas filiais restringem-se basicamente às atividades de assistência social e espiritual, nos mesmos moldes e nos mesmos dias em que ocorrem na sede-matriz. As filiais ocupam igualmente propriedades da instituição, as quais foram doadas pelos municípios ou por terceiros, constituindo

patrimônio da instituição. Cada uma delas comporta pelo menos o templo, cujo interior é reproduzido e constituído de forma idêntica àquele da sede-matriz.

Para efeito de administração espiritual e social<sup>129</sup>, a constituição da FEEU prevê poderes legislativo e executivo. Ao poder legislativo concernem os assuntos de natureza espiritual e ao poder executivo, os assuntos de natureza administrativa. Quanto aos assuntos de natureza espiritual, eles concebem uma autoridade maior que lhes orienta e protege, ligada ao *Comando das Estrelas*, que eles denominam Supremo Poder Espiritual. A intermediação entre o *Comando das Estrelas* e os obreiros era realizada através do Mestre Yokaanam e da prática mediúnica. Com a sua morte, o Conselho ou Círculo Apostolar, denominado *Silogeu Espiritual*, cuida dos assuntos espirituais, com o apoio dos médiuns. O *Silogeu Espiritual* é um conselho de anciãos, composto pelos obreiros<sup>131</sup> mais antigos da casa e mais graduados na formação iniciática, pertencentes, portanto, ao 6º e último grau da ordem iniciática da fraternidade. O silogeu elege periodicamente um presidente dentre eles, o qual assume a autoridade espiritual máxima no âmbito da fraternidade. De acordo com a hierarquia interna, este presidente é apoiado por um triunvirato, denominado Conselho Secreto Apostolar, formado por três outros componentes do Silogeu. Logo abaixo, eles têm o Sacro Colégio, composto pelos iniciados no 5º grau e, por último, as Oficinas e Academias Ecléticas com os correspondentes obreiros iniciados nos 4º, 3º, 2º e 1º graus.

O Poder Legislativo cuida ainda de assuntos de natureza administrativa, através de várias instâncias: Órgão Auxiliar Judiciário, Departamento de Assistência Social e Espiritual, Departamento de Imprensa, Divulgação, Educação, Rádio-Cinema e Diretorias Espirituais das Matrizes Regionais, Regionais e Filiais<sup>132</sup>. A cidade conta com prefeitura própria (conforme já foi dito) para a administração de problemas internos, com prefeito eleito e reconhecido dentre eles, que constitui o Poder Executivo, com suas Secretarias Executivas, e com a participação da Diretoria do Executivo Social.

---

<sup>129</sup> À época, 2002, informação dada pelo Conselho Espiritual Administrativo.

<sup>130</sup> Ver ao final gravura figurativa desta estrutura (arquivo da FEEU).

<sup>131</sup> O Silogeu soma, idealmente, doze apóstolos mais um, a autoridade espiritual máxima; mas eles eram apenas dez em 2002.

<sup>132</sup> Eles dizem que são ao todo 27, os departamentos da Casa (YFP : 84).

Passados vinte anos após o falecimento do seu Mestre, os obreiros da FEEU dão continuidade ao seu trabalho e falam do seu mestre com devoção e respeito, como se ele ainda estivesse vivo entre eles. Os obreiros estão empenhados em dar continuidade à missão, à *Obra de Restauração do Evangelho*, iniciada pelo fundador da fraternidade. O ritmo das atividades e dos compromissos espirituais na Cidade Eclética – formação esotérica, prática exotérica, os serviços de assistência social e espiritual – continua o mesmo da época da antiga sede no Rio de Janeiro e de quando Yokaanam era vivo.

Enfim, a Cidade Eclética funciona nos moldes de uma pequena cidade do interior. Na medida do possível, eles se empenham para que tudo corra bem e que reine um convívio social agradável, fundado na amizade e na cooperação, para a prática da caridade, atributos fundamentais que eles preservam, como modelo cristão para a humanidade do terceiro milênio. Casos de violência ali são inexistentes. Há meio século os obreiros trabalham em regime de cooperação mútua, cuidam de suas famílias e observam os princípios morais e espirituais desenvolvidos pelo seu mestre, com dignidade e tranquilidade. Um ritmo de trabalho cotidiano ocupa e responsabiliza os adultos, ao mesmo tempo em que lhes assegura um convívio social e o desenvolvimento espiritual individual e coletivo. A cidade iniciática foi efetivamente construída, mas a igreja universal ainda é um projeto.



## O PROGRAMA ASSISTENCIAL À INFÂNCIA

*“Acredito no Mestre porque tenho tido provas.  
Fui curado por ele, depois de estar desenganado pelos médicos”<sup>133</sup>*

Com a fundação da Cidade Eclética no planalto goiano, “a Shangri-lá do Ocidente e do Novo Mundo”, conforme quis Yokaanam, as suas atividades mediúnicas ficaram restritas ao interior dos templos das filiais que foram sendo fundadas, as suas pregações em espaços abertos ficaram reservadas aos convites de centros espiritualistas, umbandistas e instituições religiosas, e as peregrinações ficaram restritas ao âmbito das terras da cidade. No entanto, um novo e corajoso projeto de assistência social, previsto nos estatutos da FEEU, foi implementado: o “amparo à infância abandonada”. Com base nos seus estatutos e na qualidade de instituição de utilidade pública, apenas um ano após a transferência, ou seja, já no final do ano de 1957, a CE recebia a primeira criança, encaminhada pelo Juiz da 1ª Vara da Comarca de Anápolis.

O projeto original de Yokaanam visava ao abrigo e educação de 5.000 crianças. Para este fim, Yokaanam havia enviado ofício aos juizados de menores das cidades vizinhas, oferecendo-se para receberem e assistirem órfãos, crianças abandonadas e menores desajustados, indistintamente, na Cidade Fraternidade Universal. A oferta de Yokaanam foi muitíssimo bem recebida. Logo as crianças na CE somavam oitenta e, no ano seguinte, em 1958, elas já eram 170<sup>134</sup>. Um balanço realizado quatro anos mais tarde, em novembro de 1962, apresentou dados precisos<sup>135</sup>: a CE “acolhe, mantém, instrui e educa atualmente 387 menores”, encaminhados pelos juízes de menores de várias comarcas e estados do país ou pelos próprios pais. De acordo com este balanço, do Estado de Goiás, vieram: 70 crianças de Brasília, 60 de Anápolis, 36 de Goiânia, 25 de Luziânia, três de Inhumas, três de Ceres e uma de Corumbá de Goiás. Do Estado de Minas Gerais, vieram: duas de Paracatu e uma de Araguari; e da cidade do Rio de Janeiro veio uma criança. Quatro crianças vieram de

---

<sup>133</sup> Declaração de um dos obreiros, entrevistado por Negrão (1984 : 165).

<sup>134</sup> YFP : 180 e 216.

<sup>135</sup> YFP : 246.

“internamento escolar”; oito foram “entregues pelos pais com reserva de pátrio poder”; sete crianças estavam “por serem regularizadas”, além das 116 crianças, filhas de obreiros internos. Em dezembro de 1963, havia na CE 430 crianças<sup>136</sup>.

Entre as crianças somadas, incluíam-se, além de órfãos e abandonados, filhos dos obreiros e outros, trazidos por seus pais ou responsáveis, sem condições de criá-los. Estes últimos eram trazidos à CE e entregues à responsabilidade dos educadores da fraternidade ou eram simplesmente abandonados às portas da cidade. De acordo com as informações do Conselho Espiritual Administrativo, as suas idades variavam entre sete e quinze anos e eles eram predominantemente do sexo masculino. No início eles foram inseridos nas famílias de obreiros internos. À medida que o número de crianças foi aumentando, foi desenvolvido o projeto da construção de alojamentos para instalá-los. Para este fim, foi primeiramente construído o alojamento para os meninos com idade igual ou superior a sete anos, enquanto que os menores e as meninas ficaram residindo por mais tempo no seio das famílias dos obreiros internos. Logo, mais alojamentos tiveram que ser construídos.

Os alojamentos foram construídos em dependências do Palácio da Instrução e Educação, com poucos recursos do governo, com consideráveis contribuições particulares e com o esforço hercúleo dos obreiros. Negrão<sup>137</sup> pode registrar a evolução deste processo. Em 1967, ele verificou a inserção destas crianças no seio das famílias de obreiros, em residências de casais sem filhos ou com poucos filhos, e constatou que mulheres solteiras ou viúvas criavam filhos adotivos em número de três ou quatro. Ele destacou o caso de uma mulher desquitada criando cinco destas crianças. Em 1971, além do alojamento dos meninos, já havia o alojamento mirim com acomodações para doze meninos com idades variando entre três e nove anos. Ainda que as acomodações fossem modestas, tudo estava em ordem<sup>138</sup>. Ali havia caminhas, berços e armários para as crianças. Ao lado destas acomodações, ficava o alojamento das encarregadas e o banheiro. No alojamento dos meninos maiores, com idades variando entre dez e dezesseis anos, havia dois quartos; um acomodava 32 e o outro, 23 meninos. Havia também a cozinha, onde os seus lanches eram

---

<sup>136</sup> YFP : 220.

<sup>137</sup> Negrão, 1984 : 122.

preparados. Em resumo, havia “quatro alojamentos de 126 m<sup>2</sup>, dois salões com 66 m<sup>2</sup>, cinco banheiros, almoxarifado, duas rouparias, duas saletas, dois quartos e uma cozinha”<sup>139</sup>.

Ainda assim, apenas um terço do pretendido estava construído. A previsão original teve que ser repensada e adaptada. As instalações modernas, sala para visitantes, almoxarifado, rouparia, cozinha, refeitório, praça de esportes e recreação para 640 meninos e as mesmas instalações para 60 meninas tiveram que ser mais modestas. Para levar adiante tão grandioso projeto, a instituição precisava contar com efetivo apoio do governo, o que não aconteceu. Por diversas ocasiões, Yokaanam reclamou o descaso das instituições e dos recursos governamentais. As crianças eram recebidas “trazendo apenas a roupa do corpo”<sup>140</sup>, em números sempre crescentes. Para cuidar deles, alguns obreiros internos, melhor preparados, foram designados. Estes deviam assisti-los, coordenar as suas atividades cotidianas, incluindo-se cuidar para que frequentassem obrigatoriamente o colégio e as oficinas de aprendizagem profissional - serralha, olaria, marcenaria, serralharia, horta e outras, que entravam em atividade. Além disso, eles todos eram inscritos no grupo de escoteiros que a fraternidade havia criado e existe ainda. Os meninos aprendiam igualmente a zelar pela manutenção e limpeza dos quartos.

Negrão observou a forma igualitária como as crianças eram tratadas. Muitas delas eram problemáticas e agressivas, como podemos imaginar. Os castigos envolviam coerção física, mas os métodos foram sendo suavizados com a socialização que recebiam, com o apoio moral e religioso dos sacerdotes ecléticos e a educação formal no colégio; não são conhecidos problemas graves de uma parte ou de outra. O Conselho Espiritual Administrativo estima que a fraternidade tenha recebido “pouco mais de mil menores” até o início dos anos oitenta, quando este programa foi sendo desmobilizado por duas razões principais: de um lado, a falta de recursos da instituição aliada à falta de apoio do governo, para a manutenção do programa; de outro lado, a modernização crescente das cidades periféricas e a criação de instituições de amparo aos menores nas mesmas.

---

<sup>138</sup> Id, p. 128.

<sup>139</sup> Id., p. 63.

Estas crianças representaram uma parcela importante da população da cidade, nos primeiros tempos. De acordo com a pesquisa de Negrão, em 1971, sobre um total de 937 moradores, elas somavam 252, contra 335 adultos e 350 filhos de obreiros. Efetivamente, mais de uma geração de jovens pode ser ali formada. Ao atingirem os dezoito anos, a fraternidade entendia haver cumprido o seu papel assistencial, os jovens haviam recebido educação, saúde, alimentação, moradia, formação profissional e religiosa e podiam escolher por permanecer ou partir. Os rapazes saíam para o serviço militar obrigatório. A maior parte deles deixava a fraternidade porque conseguia emprego, oportunidade de darem continuidade aos seus estudos ou resolvia-se por constituir suas próprias famílias fora dali. E parte deles permanecia ou retornava. A maior parte dos jovens tinha seus pais e, quando havia solicitação formal, estes jovens retornavam às suas famílias.

Na década de oitenta, quando a assistência aos menores tornou-se inviável, a fraternidade começou por não aceitar mais crianças e decidiu-se pela adoção das que lá estavam, já em número menor. Aquelas que nunca foram reclamadas, não tinham parentes ou estavam bem adaptadas foram instaladas em residências pequenas; os menores e as meninas foram novamente inseridos no seio das famílias dos obreiros internos. Muitos destes permanecem ainda na cidade nestas condições. Estas crianças foram criadas com amor e disciplina, em condições bastante difíceis, com os recursos da cidade, sempre escassos. Ainda assim, a fraternidade manteve este serviço durante mais de vinte anos. Apesar das acusações sofridas nos primeiros tempos, a instituição sempre gozou de muito boa reputação em Goiás.

Ainda que tardiamente, as denúncias foram esclarecidas e nada foi provado que desabonasse a moral da instituição ou de seu líder. Apesar dos problemas havidos, de parte a parte, os obreiros confiam que houve excessos e calúnias veiculadas pela imprensa, propagadas por ex-obreiros, “excluídos por má conduta e atividades ilícitas diversas no seio da Fraternidade, portanto violações conscientes, previstas como compulsórias nas leis estatutárias da Casa”<sup>141</sup>. Se a fraternidade contou com uma “campanha pró-sede própria” no

---

<sup>140</sup> YFP : 231.

<sup>141</sup> YFP : 82.

Rio de Janeiro para angariar os recursos para a compra e mudança da sede-matriz e a fundação da cidade no Estado de Goiás, nenhum outro programa semelhante existiu a partir de então, quando a instituição passou a viver com módicas contribuições dos obreiros e doações voluntárias, essencialmente. As responsabilidades e pendências de Yokaanam com a sua família foram resolvidas com o desquite amigável; a disputa das terras da cidade foram definidas pela Justiça e o restante foi, ao que tudo indica, calúnia de detratores excluídos, segundo eles, com “matérias compradas”<sup>142</sup> e interessadas em denegrir a imagem da instituição, com vistas a “sabotar”<sup>143</sup> os esforços da instituição e provocar o seu aniquilamento.

A partir da década de 60, a imprensa veiculou reportagens bastante positivas sobre a instituição de Yokaanam. Assim, a matéria intitulada “Cidade de regime socialista floresce ao lado de Brasília”, de Nelson Gatto, publicada no *Diário de S. Paulo* (19.06.1961) trazia parecer favorável à cidade, tomada como “modelo”, com ênfase na obra assistencial e o caráter comunitário da sua organização social. A matéria intitulada “Yokaanam é um profeta”, de José Carlos Marão, publicada na Revista *Realidade* (abril/1967) trazia a fotografia de Yokaanam na capa e texto favorável à fraternidade e ao seu líder, apesar do deslize equivocado do texto transcrito abaixo de uma foto, onde se lia: “Após um culto espírita, os “irmãos” rezam uma missa e fazem sessão de macumba”, o que provocou a indignação da fraternidade contra a “imprensa mercenária”. Também uma reportagem de Jefferson Del Rios, intitulada “Yokaanam: um messias em Goiás”, publicada na *Folha de S. Paulo* (agosto/1967), trouxe parecer favorável a Yokaanam e à fraternidade, entre outras reportagens.

---

<sup>142</sup> Ib.

<sup>143</sup> YFP : 86.

## OS OBREIROS ECLÉTICOS CRISTÃOS

*“Ce qui est certain c’est que la “circulation” reprend.  
Désordonnée, turbillonneuse même, elle ne laisse rien, ni personne indemne.  
Elle brise les carcans, et les limites établies,  
et quels qu’en soient les domaines:  
politique, idéologique, professionnel, affectif, culturel ou cultuel,  
les barrières s’effondrent.  
Rien ne peut endiguer son flux.  
Le mouvement ou l’effervescence est dans toutes les têtes”<sup>144</sup>*

E, afinal, quem são os obreiros ecléticos? Na falta de uma pesquisa que lhe permitisse afirmar, Pereira de Queiroz conjecturou<sup>145</sup> apenas que os adeptos de Yokaanam deviam ser oriundos predominantemente de uma pequena burguesia, atraídos pelas sessões de cura e pela distribuição de medicamentos; ela acrescentou que os adeptos sustentavam a “seita” através de contribuições mensais e doações. Em obra posterior<sup>146</sup>, ela precisou melhor - as pessoas que, nos primeiros tempos, freqüentavam o templo, avolumavam as pregações e as peregrinações e tornaram-se os primeiros adeptos de Yokaanam eram empregados, auxiliares de escritório, balconistas e militares dos quadros inferiores das Forças Armadas. Eram indivíduos e famílias pertencentes a estratos sociais médio-baixos, provenientes, predominantemente, de meios rurais, de pequenas cidades do interior do nordeste e das periferias das cidades grandes. Arrancados de um modo de vida tradicional, discriminados etnicamente e desfavorecidos economicamente, eles teriam caráter marcadamente conservador.

Com base em pesquisa de campo, Negrão, Dias e Espejo<sup>147</sup> confirmaram e distinguiram os dados de Pereira de Queiroz. O grupo embrionário e os posteriores obreiros ecléticos eram predominantemente procedentes do nordeste e do sudeste, de região tanto urbana quanto rural, além de parte natural da população carioca e fluminense. Quanto à origem

---

<sup>144</sup> Maffesoli, 1977 : 24-25

<sup>145</sup> Pereira de Queiroz, 1965 : 335-337. Ela baseou-se em duas reportagens: uma, datada de 1949; e outra, de 1962.

<sup>146</sup> Pereira de Queiroz, 1968 : 75-79. Além de reportagens anteriores, ela obteve estas informações, imprecisas, através de um aluno que ela enviou ao campo, com pouco sucesso.

<sup>147</sup> Negrão, 1984 : 218-9; Dias, 1974; Espejo, 1984 : 268.

econômico-social, tratava-se predominantemente de indivíduos e famílias de estratos baixos; e, em menor número, de estrato médio. Havia, no entanto, entre os simpatizantes-colaboradores, entre os que formaram o grupo embrionário e entre os freqüentadores do templo indivíduos de estratos médio-alto. Se nos lembrarmos do patrimônio do casal Yokaanam, podemos dizer que ele, certamente, não estava entre os desfavorecidos. Quanto à forma como foram atraídos para a FEEU, os dados precedentes podem ser reiterados.

Conforme já mencionamos, o grupo embrionário formou-se em torno de Yokaanam com a dissidência dentro de uma ordem esotérica; eles foram reunidos, portanto, pela prática espiritualista, com forte acento na doutrina kardecista. Havia entre eles militares, advogados, engenheiros e médicos<sup>148</sup>. Depois que a FEEU foi fundada, o grupo cresceu, gradativamente. Os adeptos posteriores foram atraídos por três motivações principais: doença, curiosidade e o chamado divino. Dito de outro modo, eles foram e são ainda atraídos, sobretudo, pelas curas e orientações de natureza espiritual, realizadas pelo Mestre Yokaanam (em vida) e pelos médiuns da Casa. Uma parcela importante, ainda que menos expressiva que a primeira, foi atraída pela curiosidade e, uma menor parcela mencionou as suas fortes impressões, a partir de visões e sonhos de natureza espiritual que se lhes acometeram. Na prática, o que se observa nos testemunhos dos obreiros entrevistados é que as três motivações acima mencionadas estão fundamentalmente imbricadas.

Em 2002, do grupo pioneiro, daqueles que vieram do Rio de Janeiro para Goiás em 1956, viviam ainda, inteiramente dedicados à instituição e à espiritualidade, 21 obreiros, todos com idade superior a 50 anos, sendo que o mais novo deles, participou da peregrinação

---

<sup>148</sup> Lembre-se dentre os ‘desligados’ dos primeiros tempos, que vieram posteriormente à imprensa delatar supostas irregularidades, o engenheiro Alcindo Guanabara Filho (ex-irmão Archimedes, excluído em 1957); o médico Ernesto Souza (ex-irmão Graccho, tinha sido desenganado pelos médicos, foi curado por Yokaanam, pediu ingresso e depois « traiu a FEEU », acusando Yokaanam de exercício ilegal da Medicina); Joaquim Gonçalves (ex-irmão Gedeão, tenente-coronel da PM, excluído por “desvio de comportamento”, acusou a FEEU de ser comunista); o primeiro tenente, ex-irmão Mosemius; o comerciante Manuel Correia da Cunha (ex-irmão Ptolomeu, acusou desvio de verbas da “Campanha pró-sede própria”); e outros: o oficial da reserva do Exército, irmão Aristóteles (atraído à FEEU devido ao sucesso de uma cirurgia espiritual, na qual duas hérnias lhe foram extraídas pela intervenção mediúnica de Yokaanam; trouxe consigo para a FEEU a sua esposa); o advogado, Mário Bulhão (irmão Sólon, trabalhou febrilmente em defesa de Yokaanam) e um industrial espírita de nacionalidade paraguaia que, tendo a filha desenganada pelos médicos, foi curada por Yokaanam. Este último, impressionado, ao mesmo tempo que agradecido pelo feito, fundou a filial da FEEU naquele país (Negrão, 1984 : 120).

histórica com apenas oito anos de idade e o mais idoso dentre eles contava, naquele ano, 89 anos de vida. Dos 21 peregrinos, treze residiam na CE; um, na cidade vizinha de S. Antonio do Descoberto; dois, em Brasília; dois, na cidade do Rio de Janeiro; dois, na cidade de Duque de Caxias; e um, em Petrópolis<sup>149</sup>. Dentre os peregrinos entrevistados na cidade, foi possível observar, apesar do visível cansaço dos anos e das crescentes dificuldades em que vivem, que eles não se arrependeram de suas escolhas e têm a firme intenção de ali terminarem os seus dias.

Após meio século de existência, pode-se dizer que a Cidade Eclética seja uma verdadeira fraternidade cristã, constituída por uma população bastante homogênea em termos sociais, econômicos e educacionais. Diferentemente do que fora outrora, a maior parte dos 423 obreiros internos em 2002 eram adultos e idosos. Evidentemente, esta mudança de configuração deveu-se aos fatos de não serem mais aceitas crianças abandonadas e às famílias cada vez menores, face a reais dificuldades financeiras, como de resto ocorre no país inteiro. Além disso, a maior parte dos jovens que ali nasceu, partiu com a maioria para estudar, trabalhar fora, buscar melhores oportunidades, liberdade, etc. Além de menores, filhos dos obreiros, predominam ali, visivelmente, adultos mais idosos, os quais se adaptam muito bem à rotina e à disciplina da comunidade.

A maior parte dos que ali chegaram posteriormente (e chegam ainda) são também mais idosos. A comunidade representa para eles a oportunidade de uma velhice modesta, mas tranqüila e digna, em acordo com os seus princípios religiosos e morais. Ainda que a população da Cidade Eclética apresente atualmente ligeira queda, flutuações discretas são uma constante e pode-se dizer que ela esteja estabilizada, com ligeiro declínio. Efetivamente, a estrutura social e religiosa da fraternidade parece ter encontrado o seu ponto de equilíbrio, com base nos quadros de formação, cuja estrutura sustenta certamente a instituição.

A Cidade Eclética conta hoje com casas bastante boas, algumas mais humildes, outras mais confortáveis, todas construídas por eles mesmos, em regime de mutirão, e contando com os

---

<sup>149</sup> Dados fornecidos pelo Conselho Espiritual Administrativo.



recursos disponíveis da comunidade, mas também com a ajuda de familiares e de rendas particulares deles. Evidentemente, aqueles que tinham mais recursos, puderam construir casas melhores, mas não há na cidade casas exuberantes, da mesma forma como não há pessoas morando em condições degradantes. As diferenças visíveis entre elas não chegam a causar constrangimento entre eles. Os obreiros internos moram em casas da fraternidade, com rede de esgoto, água, luz e gás de cozinha; teoricamente, todos se engajam igualmente nas tarefas cotidianas, gozam dos mesmos benefícios e partilham dos mesmos direitos e deveres.

Através da assistência social e espiritual que oferece publicamente, a fraternidade exerce ainda proselitismo indireto, com vistas ao recrutamento de médiuns e a adesão de novos adeptos, para darem continuidade aos compromissos espirituais que assumiram. A bela e forte figura do messias Mestre Yokaanam, tornado um mito, aparece em fotos e gravuras por toda a cidade, no interior das residências, nas publicações da instituição e está certamente, para sempre, impressa na mente de todos aqueles que o conheceram. Por ele, os obreiros guardam uma grande afeição e um infinito respeito. Além do seu grande feito de ter planejado e fundado a FEEU e a CE, eles entendem tudo dever ao seu mestre. Qualidades particulares lhes são atribuídas. Eles dizem que o Mestre Yokaanam falava muito bem e tinha habilidades mediúnicas que faziam dele um curandeiro, um taumaturgo, um enviado divino, dotado de poderes extraordinários, com vistas à prática da caridade cristã; todos estes elementos contribuíram fundamentalmente para a construção do seu mito.

Com efeito, passados quase vinte anos de sua morte, as pessoas continuam sentindo a sua presença, continuam buscando no templo, a intermediação dos médiuns que ali trabalham, os mesmos benefícios espirituais. Lá, eles continuam encontrando saúde e conforto espiritual, se sentem bem e passam a freqüentá-lo. Ainda que alguns dos freqüentadores declarem que vão ali por curiosidade, simplesmente, os médiuns dizem que não é bem assim, que não existe o acaso. Eles acreditam que os consulentes acabam atendendo ao chamado divino e que a doença de natureza espiritual ainda é o apelo mais eficaz, aquele que traz cedo ou tarde o médium ainda inconsciente para a Obra.

As coisas se passam, via de regra, da seguinte maneira: o futuro obreiro sofre de uma doença que a medicina tradicional desconhece ou não consegue curar. Muitas vezes, ele nem procura a medicina tradicional, por falta de esclarecimento ou falta de recursos financeiros. E então, o sofrimento e desespero o levam a procurar os conselhos de uma pessoa amiga, a medicina caseira ou meios sobrenaturais. Sempre há alguém que conhece ou já ouviu falar dos trabalhos espirituais dos médiuns da fraternidade; esta pessoa aconselha então o doente a ir vê-los. Eles contam que, quando se trata de doença de natureza espiritual, a transformação é sensível e imediata. O consulente fica sensibilizado desde o primeiro contato com o médium, em transe.

O médium incorporado recebe o diagnóstico e tenta restaurar a saúde do doente, intervindo por ele junto à divindade e tentando através de passes magnéticos desobstruir e desconcentrar energias negativas, acumuladas em determinados pontos do seu corpo doente. Se a doença tem origem em “dívida espiritual devida por reencarnações passadas”, duas possibilidades se apresentam: a cura efetivamente (se o doente tiver mérito, evidentemente), através de medicamentos e procedimentos espirituais, com a orientação dos médiuns em atividade no templo OU a obrigação de trabalhar espiritualmente, a fim de conquistar a cura para si mesmo e trazer alívio para outros, o que representa uma oportunidade de resgate cármico, através da caridade e conseqüente evolução espiritual individual.

A obtenção da cura se dá fundamentalmente pela fé do doente e acaba tornando-se um meio eficaz de atração. Isto porque, uma vez curado ou aliviado, o beneficiado acredita ter sido contemplado pela bondade divina. Uma boa parte destas pessoas fica muito sensibilizada por verdadeiro sentimento de gratidão e de pertença ao grupo; o pedido de adesão pode vir em seguida. Outros que dizem ter ali chegado “por acaso”, são igualmente sensibilizados por um sinal divino qualquer. É o caso das pessoas que entram em transe logo que adentram o templo ou passam a ter sonhos que revelam encontros e sinais, ou ainda, a inserção vem com o chamado direto por intermédio do médium incorporado. Neste caso, o médium revela ao consulente uma mensagem inspirada, transmitindo-lhe a obrigação de

desenvolver e trabalhar espiritualmente com a sua mediunidade. Caso o candidato se disponibilize, ele é orientado sobre os procedimentos necessários para a sua adesão, para o desenvolvimento da sua mediunidade, para o estudo e para os trabalhos espiritualistas. Evidentemente, ninguém é forçado a nada. Eles sustentam que o livre-arbítrio é quem manda e aqueles que devem trabalhar, mais cedo ou mais tarde acabam voltando para eles, esta é a lei.

Foi o caso de uma das obreiras entrevistadas. Ela era adolescente e acompanhava sua mãe, que já era freqüentadora do templo, quando recebeu uma mensagem do médium incorporado. Era o seu “chamado divino”. O médium incorporado declarou que ela pertencia ao grupo, que devia desenvolver a sua mediunidade. Ela contou como, naquele momento, sensibilizou-se com aquela mensagem, mas não quis prestar muito a atenção, porque ela não tinha a intenção de seguir os passos da mãe que, por sua vez, não tinha jamais motivado a filha para a adesão. Além disso, ela queria levar a sua vida por outros caminhos, seguir os seus estudos, portanto, tentou esquecer aquilo. Mas o tempo foi passando e ela teve sonhos e visões que constituíram sinais para ela evidentes do chamado divino. Algum tempo mais tarde, ela se decidia por conciliar os seus estudos universitários com os estudos espirituais na fraternidade.

Uma senhora de 47 anos, de formação primária, originária do nordeste, contou-me que dezesseis anos antes estava muito doente e os médicos não conseguiam curá-la, nem mesmo encontrar a razão do seu mal. Ela já não tinha mais esperança de melhorar e se desesperava por isso, quando alguém aconselhou-a a procurar os médiuns da FEEU. Ela resistiu no início porque ela não acreditava em espíritos, tinha medo e não queria se influenciar pelos espiritualistas. Mas um dia, desesperada, ela mudou de idéia e decidiu procurar os médiuns da fraternidade, pensando que, afinal, ela não tinha mais nada a perder. Ela contou que o médium incorporado que a recebeu transmitiu-lhe a mensagem de que o seu mal era de natureza espiritual, ao mesmo tempo em que advertiu-a sobre a necessidade de trabalhar com a sua mediunidade. Era a sua única chance, pois esta condição estava na razão do seu mal. Entretanto, ela devia se decidir por si mesma e continuar tomando os passes, que lhe traziam efetivamente alívio. Ela então continuou freqüentando o templo, e,

sentindo seu estado de saúde melhorar, acabou por pedir a adesão. Desde então, ela mora na parte interna da Cidade Eclética, goza de boa saúde e afirmou haver encontrado o bom caminho na sua vida e não haver jamais se arrependido desta decisão.

Uma outra entrevistada, com aproximadamente cinquenta anos, viúva, de nacionalidade argentina, contou-me que estabeleceu contato com a fraternidade na filial de Buenos Aires, quinze anos antes, por causa de uma doença grave que ela tinha adquirido. Ela também foi advertida pelo médium, mas não deu muita atenção àquilo naquele momento. Ela não tinha a intenção de pedir a adesão. Mas ela continuou a freqüentar o templo e a tomar os passes que lhe traziam sensível alívio. Ela teve a oportunidade de conhecer o Mestre Yokaanam e este fato parece ter sido determinante para a sua adesão. Ela contou que, positivamente impressionada com a eficácia dos passes, ficou muito interessada em conhecer o fundador da fraternidade, por ouvir muito falarem dele. O Mestre Yokaanam, por razões diversas, freqüentava as filiais da FEEU e, em uma dessas ocasiões, em 1983, ele esteve em Buenos Aires, para batizar novos adeptos. Ela disse que, quando o avistou, ficou muito impressionada por sua figura e, a fim de estar mais perto dele, ela entrou na fila dos batismos. Ela contou que, chegada a sua vez, ela teve uma crise de choro e que Yokaanam orientou-a para o caminho da espiritualidade. Ela resistiu ainda, até que fosse acometida por sonhos que confirmavam a sua vocação. Passados quinze anos e habitando a parte interna da Cidade Eclética, ela declarou, a exemplo dos outros, que estava muito contente por sua escolha.

Um outro obreiro, 36 anos, natural de Belo Horizonte, contou que ele tinha chegado à Cidade Eclética dez anos antes. Em Belo Horizonte, ele trabalhava, era casado e tinha três filhos. O casamento tinha fracassado quando ele resolveu deixar tudo e partir para a Cidade Eclética sobre a qual ele tinha vagamente ouvido falar. Para este fim, ele pediu então demissão do seu trabalho, deu todo o dinheiro da indenização para a mãe das crianças e, sem levar dinheiro algum, empreendeu caminhada dos quase mil quilômetros que separam Belo Horizonte e a Cidade Eclética. Ele declarou que, quando de sua partida, vestia uma bermuda e uma blusa vermelha, usava uma boina preta e trazia consigo apenas uma

imagem da divindade hindu Krishna, alguns pedaços de pão, biscoitos e uma latinha de castanha de caju.

Ele contou que conseguiu algumas caronas curtas e caminhou durante treze dias, antes de chegar, esgotado, quase nu e com os pés inteiramente esfolados, próximo à Cidade Eclética. Antes de chegar à cidade, uma generosa senhora (que ele nunca tinha visto e nunca mais viu) acolheu-o em sua casa. Ele contou que ela ofereceu-lhe um banho, deu-lhe roupas mais adequadas, algo para comer, cuidou dos seus pés e ensinou-lhe como chegar à Cidade Eclética. Lá chegando, ele procurou a administração da cidade e apresentou as suas intenções de ficar. Mas eles o recusaram, argumentando que não havia casa disponível para acolhê-lo e aconselharam-no a voltar para a casa dele. Insatisfeito com a recusa, ele decidiu morar ali, com ou sem autorização. Para este fim, ele tomou emprestado dinheiro com um e outro, comprou a passagem e voltou a Belo Horizonte, onde pegou as suas coisas e voltou para a Cidade Eclética, decidido a ficar lá.

Alguns dias depois, ele estava de volta, trazendo as suas coisas, incluindo uma barraca. Já naquela época, ninguém mais morava em barraca e elas estavam mesmo proibidas, mas ele armou a sua em local distanciado. O tempo foi passando, a sua firme intenção e o seu bom comportamento foram sendo reconhecidos e ele foi sendo admitido lentamente. Por fim, recebeu proposta de trabalhar no conserto da cerca que rodeia a parte interna da cidade. Pouco tempo depois, ele estava inserido nas tarefas cotidianas da comunidade e, mais tarde, na formação espiritual. Logo ele encontrou uma companheira obreira e ambos voltaram a Belo Horizonte para buscar os filhos dele. Quando da nossa entrevista, eles tinham formado uma grande família, reunindo os filhos dele e os dela. Eles declararam que tudo tinha valido a pena e que estavam muito felizes com a vida que eles levavam dignamente ali.

Enfim, afora os pioneiros vindos na peregrinação-êxodo, todos os obreiros posteriores foram chegando aos poucos, de uma forma ou de outra, mas sempre por iniciativa própria. Uma parte dos filhos dos obreiros que ali nasceram, permanecem com ou sem a adesão; uns aderem desde a adolescência, outros não se decidem nunca pela adesão. De qualquer forma, eles podem continuar morando ali, junto de seus pais e, mesmo depois, com a maioria,

colaborando na rotina da comunidade. Eles podem mudar de idéia a qualquer hora e podem também decidir-se por deixar a comunidade. Ninguém é obrigado a ficar ou a partir. No entanto, a decisão de inserção nos quadros de formação da instituição deve ser fruto de decisão própria, deve provir de escolha consciente.

Existe os casos dos adolescentes encaminhados à formação e, finalmente, aqueles indivíduos e famílias que procuram a Cidade Eclética visando apenas ao apoio social, a oportunidade de morar e viver com dignidade, junto a uma comunidade modesta, mas tranqüila, onde encontram algum apoio. No entanto, uma vez aceito como morador na parte externa da cidade ou integrado nos quadros de formação e compromisso espiritual, a disciplina, os princípios morais e os compromissos devem ser rigorosamente respeitados, sob pena de exclusão. Quanto aos obreiros internos, eles só podem se ausentar da Cidade Eclética com autorização oficial. À condição de respeitarem a disciplina e os valores que ali têm força de lei, todos se acertam na rotina da comunidade, que sustenta a vida comum.

## A DISCIPLINA, OS PRINCÍPIOS MORAIS E O SISTEMA COLETIVO DA COMUNIDADE

*“Toda religião é sentimento divino, racional e ativo;  
porém a ser dirigido como força social de reforma,  
esclarecimento, renúncia e iluminação!”<sup>150</sup>*

Com vistas ao bem-estar coletivo, os obreiros internos se organizam como voluntários para a realização dos trabalhos cotidianos, em esquema de escala e revezamento, previamente acordado entre as partes. Eles dependem inteiramente dos recursos gerados e todas as suas atividades são orientadas para o bom andamento da comunidade, no regime de cooperação mútua. Com exceção dos menores, porque são dependentes, ninguém permanece ali obrigado ou contrariado. Se decidem por partir, basta que peçam o afastamento por tempo determinado ou o desligamento à administração. Os membros das famílias que moram na parte interna da cidade não são todos obrigados a assumir compromisso religioso com a fraternidade. O que significa dizer que as crianças, o cônjuge ou agregados destas famílias não são automaticamente nem induzidos a comprometerem-se. Cada indivíduo deverá pedir espontânea e conscientemente a sua própria vinculação e formação religiosa, se assim o desejar, mas poderá também permanecer sem qualquer compromisso religioso. No entanto, a disciplina, o respeito aos princípios morais são exigidos na parte interna da cidade e alguma cooperação voluntária para os trabalhos rotineiros da comunidade são esperados.

De fato, para o bom encaminhamento deste regime em comunidade existe uma disciplina rígida e uma rotina bem planejada, estabelecida em função de responsabilidades, competências e disponibilidades de cada um, através de acordo prévio, levando-se em conta as atividades necessárias. Casos de omissão e irresponsabilidade são pouco frequentes, sobretudo porque as atividades e funções de cada um são objeto de acordo prévio. Mas, penalidades são previstas, relativas a uma má conduta, à falta de disciplina ou à não-observância aos princípios morais bem conhecidos de todos. Estas penalidades, dependendo da gravidade da falta cometida, vão de uma simples advertência, passando por uma repreensão em particular, à suspensão temporária com a ameaça de exclusão e, finalmente,

a exclusão sem aviso prévio; medida esta apenas comunicada e justificada em boletim de circulação interna da comunidade. Pequenas advertências são, no entanto, comuns, sobretudo aos jovens, por exemplo, quando um adolescente é surpreendido fumando escondido ou namorando em lugar proibido; ou ainda, quando uma moça vaidosa corta os cabelos mais curtos do que o permitido ou muda-lhes a cor, usa bijuterias exageradas ou um vestido mais curto do que o permitido. O serviço de disciplina é encarregado de vigiar e de aplicar a advertência. Em casos mais graves, o problema é levado e submetido às instâncias mais elevadas.

A cooperação nos trabalhos rotineiros do hospital, do templo, do colégio, da creche, do hotel e outros pode ser dividida com os obreiros externos. Também estes trabalham, de forma voluntária, nos serviços internos da comunidade, segundo as suas disponibilidades, considerando os seus compromissos fora da comunidade e a contribuição mensal que fazem à instituição. No entanto, todos os obreiros (internos e externos) engajados na formação religiosa têm que cumprir certas obrigações de natureza espiritual. Elas concernem, sobretudo, à sua presença obrigatória nas sessões abertas ao público e nos trabalhos realizados no templo, ao longo do curso de formação religiosa e nas reuniões extraordinárias. Um mínimo de doze frequências ao longo de um mês é o limite tolerável, salvo se estas são bem justificadas, como nos casos de problemas de saúde e licença especial para viagem importante. Os obreiros universitários morando fora da Cidade Eclética também têm algumas concessões.

Partilhando os princípios morais e espirituais estabelecidos pela doutrina eclética, concebida pelo Mestre Yokaanam e os patronos espirituais da Casa, os obreiros da *Obra da Restauração do Evangelho* e os irmãos da Fraternidade Eclética Espiritualista Universal têm que observar a disciplina, as restrições e os princípios previstos, os quais regem o comportamento, o ritmo cotidiano e a moral da comunidade. Eles vão do corte dos cabelos e da maneira de se vestir, passando pela hora de se levantarem e de se deitarem, até à prática de princípios nobres como “fazer o bem sem ver a quem”. Assim, no interior da cidade, os homens não podem usar bermudas ou camisas sem mangas, mas podem usar

---

<sup>150</sup> CRND: 19.



mangas curtas; a barba e os cabelos longos são apropriados apenas aos homens mais velhos, por força de motivação religiosa. Quanto às mulheres, elas devem manter os cabelos longos, pelo menos até abaixo dos ombros, nunca mais curtos do que isso, e não devem cortar a franja.

Obtive dos obreiros algumas tentativas de explicação para o corte feminino dos cabelos, o que vai além da estética, como poderíamos prever, mas não houve unanimidade na sua motivação. Uma delas me disse que, segundo ela sabia, havia uma razão ao mesmo tempo biológica e esotérica para o uso de cabelos crescidos abaixo dos ombros e a proibição da franja: a cobertura da parte dorsal do pescoço feminino, o que, em caso contrário, pode trazer “prejuízo hormonal”; quanto à franja, ela cobre o terceiro olho, prejudicando o progresso iniciático. Uma outra obreira declarou que a restrição vinha apenas do estilo conservador de Yokaanam; e um obreiro declarou que esta era uma forma de “guardar, proteger a mulher dos olhares”. Brinquei com ele, perguntando se era para resguardá-la da cobiça e do desejo masculinos, ele contra-argumentou apenas que o pescoço e o colo femininos eram muito vulneráveis aos maus olhados, à carga de energia negativa. E completou declarando que cabelos curtos ou picados tiram muito da força das mulheres. Os cabelos femininos das obreiras são quase sempre longos em fio reto, amarrados por fitas singelas e devem ser mantidos sempre na cor natural.

As bijuterias e os enfeites devem ser evitados ou usados com muita moderação, evidentemente porque eles desprezam a vaidade e porque a ostentação não é compatível com a simplicidade franciscana do cristianismo primitivo, que eles adotam. As roupas que usam no dia-a-dia são igualmente sóbrias e simples, conforme os escassos recursos de que dispõem. Os homens devem usar camisas de mangas (ainda que curtas), sempre por dentro das calças compridas. As mulheres não podem usar calças compridas por serem consideradas trajes masculinos. A moda unisex é totalmente reprovada ali. As saias ou vestidos devem ser longos, pelo menos dois dedos abaixo dos joelhos. Também as blusas das mulheres devem ter mangas, ainda que curtas; decotes não são tolerados.

A disciplina proíbe-lhes o uso do fumo e de bebidas alcoólicas, qualquer que seja a ocasião. Da mesma forma, o jogo e todos os tipos de drogas são terminantemente proibidos. No interior de suas residências, eles podem assistir à televisão, escutar o rádio, ouvir música e, naturalmente, ler o que lhes agrada. Algumas festas são eventualmente organizadas no interior da comunidade, além daquelas previstas pelo calendário oficial de festas e feriados: o 01.01 – Dia da Paz e da Fraternidade Universais; o 01.05 – comemoração do Dia Universal do Trabalho; o 07.09 – comemoração do dia da Independência do Brasil; o 02.11 – homenagem aos mortos no dia de Finados; o 15.11 – comemoração do dia da proclamação da República do Brasil e o 25.12 – comemoração do dia de nascimento de Jesus Cristo. São seis as comemorações oficiais particulares à FEEU: o 23.02 – comemoração do dia do nascimento do Mestre Yokaanam; o 27.03 – comemoração do dia da fundação oficial da FEEU; o 21.04 – homenagem ao Mestre Yokaanam no dia de sua morte; o 13.05 – homenagem à *Mãe-Preta Universal*; o 24.06 – homenagem a São João Batista; o 04.11 – comemoração do dia da fundação oficial da Cidade Eclética.

Além das festas civis e religiosas, os obreiros da fraternidade, incluindo-se os das filiais, reúnem-se na CE três vezes por ano para os seus encontros e estudos esotéricos – são 22 dias durante o mês de junho, 18 dias durante o mês de dezembro, mais o período esotérico da Semana Santa. Na Semana Santa, eles realizam a peregrinação ao Monte Tábor, na quinta-feira; na sexta-feira, realizam uma ceia simbólica no interior do templo com a distribuição de pão com um pedaço de peixe e uma tacinha de vinho a todos os participantes, e concluem a semana com uma missa eclética cristã, no domingo. São períodos movimentados na cidade, uma oportunidade de encontro e confraternização entre eles. Os que vêm de fora ficam hospedados tanto no albergue quanto em casa de obreiros amigos. Não há nenhuma forma de celebração ou festividade durante a época do carnaval. Eles consideram que não há nada a comemorar neste período. As atividades espirituais e até mesmos os ritos religiosos regulares ficam suspensos. Isto porque eles dizem que trata-se de uma época em que as energias espirituais positivas estão muito baixas. No dia de comemoração do nascimento de Yokaanam, o Pantheon é aberto à visitação e, à noite, os obreiros fazem uma corrente espiritual no interior do templo, com a participação de todos os médiuns, os quais em ritual simbólico dão-se as mãos.

As crianças e os jovens em idade escolar freqüentam obrigatoriamente os cursos regulares do colégio que funciona dentro da cidade. Poucos são os casos de analfabetismo, eles são existentes ainda apenas entre os adultos e os mais idosos. As crianças são desde cedo encaminhadas igualmente para uma escolinha de escoteiros, o GEMY – *Grupo de Escoteiros Mestre Yokaanam*. As suas atividades são sempre acompanhadas de muita algazarra e euforia, ainda que seja regrada pela devida disciplina. Os jovens são estimulados a participarem do *Coral São João Batista*, o qual vive tanto momentos de atividade intensa quanto momentos de inatividade. O coral anima, via de regra, os rituais no interior do templo e acontece de serem convidados a apresentarem-se fora da cidade. O colégio organiza, eventualmente, competições esportivas e gincanas. Estas atividades são consideradas ainda pouco atraentes aos adolescentes. Grande parte deles declarou não gostar de morar na CE. Evidentemente, eles prefeririam morar fora dela, onde gozariam de mais liberdade, se vestiriam de outra forma e teriam os acessos que têm os outros adolescentes, que eles conhecem e vêem na televisão. Eles nutrem a natural curiosidade pelo mundo e declaram que tão logo atinjam a maioridade vão partir dali. Os educadores da fraternidade conhecem este desejo dos adolescentes e conversam com eles, no sentido de fazê-los entender que trata-se de uma grande ilusão, pois que ”o mundo lá fora é muito cruel”.

À medida em que vão crescendo e sendo educados, os jovens começam a assumir algumas responsabilidades na comunidade, com os adultos. Cada vez que um jovem se interessa por outro do sexo oposto, ele deve oficializar a sua intenção de conhecer-lhe melhor, através do namoro. Ele deve, portanto, falar ao obreiro encarregado da disciplina; este, por sua vez, comunica o fato aos seus superiores, os quais estabelecem o local e o horário dos encontros, ao mesmo tempo em que divulgam o fato à comunidade, para o conhecimento de todos. É proibido aos casais enamorados encontrarem-se fora do horário ou dos locais estabelecidos para este fim. Espera-se deste namoro um compromisso maior, como o casamento; no entanto, o namoro pode ser desfeito a qualquer momento, segundo a vontade das partes. E, neste caso, o jovem casal deve igualmente comunicar o rompimento ao obreiro da disciplina, o qual dá prosseguimento ao mesmo procedimento anterior. Concubinação e

uniões não-oficiais não são ali toleradas; o divórcio, no entanto, é aceito na cidade. Os casamentos podem ser realizados no interior do templo ou podem ocorrer fora da comunidade, de acordo com a preferência do casal. Importante é a oficialização, a definição da situação civil e a benção divina.

Há na cidade muitos idosos, para eles está prevista a aposentadoria a partir dos oitenta anos, quando eles ficam desobrigados das tarefas cotidianas e mesmo da assiduidade nos trabalhos espirituais. Um deles, respeitável peregrino, o residente mais idoso da cidade, gosta de dizer com júbilo que se sente muito feliz, por gozar de boa saúde, morar lá e não ter mais nada a fazer, além de passear e conversar com as pessoas. O ritmo de trabalho da comunidade é marcado pelo toque da corneta - uma herança da disciplina militar de Yokaanam, preservada como um ritual e uma referência importante. Desde a sua fundação, existe na cidade a figura do corneteiro. Ele marca o início da jornada diária, às 6:00 h da manhã, e dá o toque de recolher às 21:00 h. A escassez de mão-de-obra na cidade é visível e preocupante; daí que a maior parte dos trabalhos, antes realizados pelos próprios obreiros, especializados ou não, estejam atualmente terceirizadas, arrendadas, exploradas por obreiros externos, parentes destes e outros.

Os adultos ativos têm por isso muito trabalho, em casa e nas atividades cotidianas da fraternidade. Além daqueles já mencionados - no hospital, no templo, na escola, na creche, etc - eles têm que trabalhar na prefeitura, com tarefas no gabinete do prefeito, na secretaria de administração social, tesouraria, contabilidade, procuradoria e junto à comissão dos irmãos solidários; na gráfica, com redação, editoração, impressão e arquivo dos documentos da cidade. Alguns deles especializaram-se nos trabalhos de manipulação no herbanário, na produção de medicamentos homeopáticos, de florais e infusões. Outros cuidam dos trabalhos de radiodifusão. E há ainda, os trabalhos necessários ao bom andamento das atividades. Alguns trabalhos, menos especializados, são menos agradáveis do que outros; mas, via de regra, eles todos devem ser realizados, graças ao sistema de rodízio e escalonamento, organizado entre eles.

## DOCTRINA ECLÉTICA, RITOS EXOTÉRICOS E A ESTRUTURA SÓCIO-RELIGIOSA DA FEEU

*“A nossa luta aqui é de saneamento moral,  
de restauração das coisas sagradas, profanadas e mutiladas;  
escolher o que há de mais puro e cristalino em todas as religiões e escolas,  
unificá-las –  
porque a Verdade é uma só e está parcialmente em todas e em todos –  
para depois fundi-las, pelo ecletismo essencial,  
no Evangelho soberano e único da Fraternidade Universal”<sup>151</sup>*

Afinal, o que é a doutrina eclética professada e difundida pela Fraternidade Eclética Espiritualista Universal? A fim de esclarecer a singularidade de sua doutrina, Yokaanam<sup>152</sup> precisou cuidadosamente o sentido particular do termo *ecletismo*, que pode ser considerado como princípio o mais significativo da sua doutrina, ligado à noção de *escolha* ou *seleção*. Comparado e logo bem distinguido do termo *sincretismo* (absolutamente rejeitado), Yokaanam esclareceu que os dois termos têm origem no grego, e que *sincretismo* significa *reunião* de sistemas políticos e filosóficos diversos; ao passo que *ecletismo*, vem da palavra “*eklegein*”, que significa *escolher*. Esta distinção estabelece, no seu entender, um enorme fosso entre uma e outra concepções, uma vez que *reunir* seja bem diferente de *escolher*. Da mesma forma, ele rejeitou o termo *ecumenismo*.

De acordo com a definição de Yokaanam, o termo *sincretismo* significa “união com mistura indiscriminada... amálgama de concepções diversas, heterogêneas, sem nenhuma seleção essencial, moral, disciplinar, etc”; enquanto que *ecletismo* significa “escolha, reunião selecionada, rigorosamente, de valores morais e espirituais, de concepções, de princípios éticos, a fim de formar um todo ou grupo-elite de rigorosa escol com o que de melhor e puro existir, em arte, filosofia, política, Religião, etc. Eis aí tudo o que se necessita para separar o joio do trigo”.

---

<sup>151</sup> Fragmento do discurso proferido por Yokaanam pelo rádio e imprensa locais, quando da fundação da FEEU, em 31 de março de 1946; posteriormente publicado em *O Nosso*, n. 560, ano 50, out./96.

<sup>152</sup> Yokaanam dedicou algumas páginas de um de seus livros (YFP : 23-44) ao esclarecimento teórico da doutrina eclética fazendo distinção conceitual entre os termos ecletismo e sincretismo.

Dito de outro modo, enquanto que no sincretismo são reunidas religiões e seitas diversas, do ponto de vista do pai da doutrina eclética, no ecletismo, ocorre uma seleção do que ele considera princípios, filosofias, doutrinas e religiões, *os melhores*. Sob este ponto de vista, Yokaanam formulou a *doutrina eclética espiritualista universal*, segundo três grandes planos de ação...

“1º) – *Escolher as Religiões mais dignas em espiritualidade apostólica, exemplificadas nas disciplinas de reforma e de esforço cotidiano;*

2º) – *Reunir as Religiões, tolerando-lhes apenas os rituais de excelência, característica fundamental e de respeitável dignificação igualitária;*

3º) – *Expurgar-lhes, pouco a pouco, todos os senões SECTÁRIOS e MERCENÁRIOS incompatíveis que, por falta de compreensão, discernimento, responsabilidade ou de pureza, deslustram, comprometem, desfiguram, profanam e separam as Religiões, entre si e perante os povos desiludidos com todas, por falta de exemplos dignos e edificantes, acima de palavras e discursos... E, por fim, restaurar-lhes todas as coisas, profanadas ou desvirtuadas, num eixo de gravidade universal, onde se estabelecerá um comando de conjunto pacífico e moral de todas as atividades sociais e religiosas no solo de uma gigantesca e belíssima CATEDRAL ECLÉTICA, que servirá de Templo Universal para todas as Religiões, exatamente como o confirmou o que afirmou há 38 anos o Irmão “Jacob” (pseudônimo de Fred Figner) no livro “Voltei”, psicografado por Chico Xavier, no seu capítulo “No Santuário Magnífico”<sup>153</sup>.*

Yokaanam estava fazendo referência aqui à obra mediúnica *Voltei*, de Francisco Cândido Xavier<sup>154</sup>, o qual psicografou o que lhe ditou o espírito do Irmão Jacob, que trata da construção de um templo grandioso, com torres imensas, semelhantes às da Catedral de Colônia (na Alemanha); noutros termos, de um santuário para serviços espirituais onde chegavam apenas “pessoas libertas do estreito dogmatismo religioso”. Para estabelecer a seleção da doutrina eclética, Yokaanam percorreu, observou e participou de atividades e

---

<sup>153</sup> YFP : 27.

<sup>154</sup> Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 16ª ed., de 1994; cap. II, intitulado « A luta prossegue », pp : 109-111.

rituais em muitos templos evangélicos, centros espíritas, terreiros de candomblé e umbanda, sociedades esotéricas e maçônicas. Ele mesmo conta<sup>155</sup> ...

*“Nessa tarefa, ingrata e penosa, iniciada já, aliás, de certo modo filosoficamente, desde 1927, registrei minha estada silenciosa em mais de 300 centros espíritas kardequistas e outro tanto rustenhistas; dezoito templos maçônicos; quinze templos teosofistas e parateosóficos; quatro rosa-cruzes; cem templos evangélicos de várias denominações; 823 terreiros africanistas (de candomblé), onde a sua horrorosa “umbanda”, como rótulo de paganismo imoral e mercenário, é um formidável espetáculo dantesco de insulto ostensivo e oficializado à moral e aos Bons Costumes, capitulando no que condiciona o § 7º, in fine, do Art. 141 da Constituição, combinado com os Arts. 211 e 212 do Código Penal; 250 terreiros de Umbanda misturados com africanismo, por mal orientados, por ignorância, miopia espiritual ou mental, e falta de cultura geral de seus dirigentes, apoiados apenas em ilusória boa-vontade ou boa-fé, por isso mesmo incapazes, e misturando Umbanda verdadeira com legítimo Africanismo fetichista e pagão; e alguns centenares de centros pseudo-espíritas kardequistas ou umbandistas clandestinos, ou domésticos, por falta de organização legal, aonde fui para ensinar, pregar, observar, corrigir, selecionar, reformar, alevantar, etc.”*

Não se trata, absolutamente, conforme Yokaanam tenha igualmente declarado<sup>156</sup>, de uma religião nova, uma vez que, com o título de doutrina eclética, ele pretendia a seleção do que ele considerava o melhor das religiões já existentes, visando à reunião e à restauração do que ele entendia como o verdadeiro cristianismo, aquele preconizado por S. João Batista. Assim é que se observa fundamentalmente na prática da doutrina eclética a seleção de princípios filosóficos e práticas espiritualistas segundo três pilares: o Evangelho e os princípios do cristianismo dos primeiros dias; a doutrina e a prática espíritas compiladas por Allan Kardec; e o *Evangelho da Umbanda Eclética*<sup>157</sup>, contendo os ritos aprovados para a prática de umbanda cristã. Nas atividades gerais, desenvolvidas no interior do templo eclético, são realizadas sessões de liturgia e caridade pública, trabalhos espirituais e reuniões privadas aos obreiros destinadas aos seus estudos.

---

<sup>155</sup> YFP : 45.

<sup>156</sup> CRND : 77.

<sup>157</sup> O Mestre Yokaanam escreveu esta obra com o objetivo de torná-la um guia para a formação de novos obreiros, em acordo com aquilo que ele aprovava nas religiões afro-brasileiras.

A *Igreja Cristã Eclética* adota a crença na reencarnação, além das suas outras liturgias: o batismo, a confirmação, a celebração de casamento e missa de ação de graças, além de assistência espiritual individualizada. A cada domingo, às 9:00 h da manhã, é realizado o Ofício de Ação de Graças, incluindo-se a comunhão simbólica, sempre celebrada por sacerdotes obreiros, formados e orientados segundo os ritos sacramentais da Igreja Cristã Eclética. A título de ilustração do volume destas atividades, de acordo com o balanço estatístico do Departamento de Assistência Social e Espiritual (DASE) da FEEU, no exercício do ano de 1997, foram contabilizados: dez batismos, dez confirmações, dois casamentos, 305 assistências a domicílio e 47 missas no templo da Cidade Eclética. No exercício do ano de 2001, foram contabilizados vinte e dois batismos, cinco confirmações, um casamento, 52 missas no templo da Cidade Eclética<sup>158</sup>.

A obra de Allan Kardec é largamente adotada e difundida pelos obreiros ecléticos, da mesma forma como adotam princípios da reencarnação e de herança kármica do hinduísmo. A crença nos espíritos, no corpo sutil magnético, o desenvolvimento e a prática mediúnicos, o princípio do livre-arbítrio e dívidas passadas constituem elementos da filosofia, dos preceitos e da prática da doutrina eclética fundamentais para a formação religiosa dos obreiros. No que concerne à atividade de caridade pública, ligada aos *trabalhos ecléticos kardecistas*, ela ocorre regularmente no interior do templo, aberto ao público, às sextas-feiras, a partir das 20:00 h, sem hora para terminar, mas cuidando-se para que não se ultrapasse o limite da meia-noite, por razões de natureza espiritual. Os ritos têm início com a formação de uma mesa comprida, onde toma lugar uma equipe de aproximadamente trinta médiuns. Ali, eles pedem a proteção, a orientação e a intervenção das entidades superiores da Casa para realizarem seus trabalhos de assistência espiritual, de auxílio a todos aqueles que ali vêm solicitá-lo.

Em seguida, os médiuns são incorporados e os trabalhos têm início de forma individualizada. Cada médium, sempre acompanhado de um acólito, assume o seu lugar na nave central, que fica junto ao altar, no interior do templo. Os médiuns em trabalho são



geralmente designados com antecedência, de forma que o seu número seja sempre em torno de trinta à mesa. Há um sistema de escalonamento entre eles, que leva em conta as suas disponibilidades. Uma vez incorporadas aos médiuns, as entidades espirituais e protetoras da Casa intervêm, dando conselhos, orientações e diagnósticos aos seus consulentes, aos quais vêm se aliar os passes magnéticos, através de energia vibratória. Esta energia, concentrada nas mãos dos médiuns incorporados, realiza a profilaxia do corpo magnético dos consulentes, no esforço de cura de doenças ou perturbações de origem espiritual. Eles explicam que, quando a doença ou o sofrimento do consulente é decorrente de dívida espiritual, o médium pode tentar interceder em favor do consulente, pedindo piedade, proteção e perdão às entidades superiores, mas eles não podem jamais garantir nada.

O rigor dos princípios morais e notadamente maniqueísta da doutrina eclética cuida, eticamente, para que não haja nem se admita a intervenção dos médiuns sobre assuntos afetivos, financeiros ou de trabalho que possam trazer prejuízo ou sofrimento a outro. De acordo com os dados do DASE, no mesmo período acima, sobre um total de quarenta e oito sessões regulares durante o ano de 1997, os passes magnéticos espíritas foram praticados em 8.889 pessoas, enquanto que foram pedidos 20.748 encaminhamentos para espíritos desencarnados, além das 116.406 irradiações à distância (pedidas por amigos ou familiares que colocam os nomes daqueles sobre a mesa dos médiuns na hora da corrente) e de benefícios espirituais a 1.245 pessoas, cujos nomes são inscritos ao longo da semana no *Livro das Irradiações* (este livro fica disponível para este fim no interior do templo). Os *trabalhos espirituais ecléticos kardecistas* somaram durante o ano de 2001 os nomes de 273.374 solicitantes.

A doutrina eclética distingue negativamente e rejeita veementemente “africanismos” do candomblé e da umbanda brasileiros nas práticas da *Umbanda Eclética Maior* que eles realizam. Assim, práticas de magia e feitiçaria, o sacrifício de animais e a ingestão de bebida alcoólica durante a incorporação do médium, bem como trabalhos espirituais que visam a assuntos particulares que podem prejudicar alguém são todos interditos entre eles. No *Evangelho da Umbanda Eclética*, Yokaanam explicita claramente aquilo que ele

---

<sup>158</sup> Não foi possível o registro do número de assistências a domicílio.

considera a prática espiritualista cristã aprovada. Trata-se de um guia da umbanda “positiva” cristã. Sob este título, encontramos ali os cantos e ritos aprovados, os procedimentos rituais com detalhes, a relação dos patronos espirituais de umbanda, os chefes espirituais de falanges, e ainda, orientações seguras para a criação de novos templos, à semelhança do templo eclético.

Os trabalhos de assistência espiritual e caridade pública da *Umbanda Eclética Maior* ocorrem regularmente às quartas-feiras, à partir das 20:00 h, limitados igualmente à meia-noite, pelas mesmas razões; e, aos domingos, à partir das 15:00 h, terminando geralmente em torno das 18:00 h. Trata-se de sessões as mais concorridas. Para atender aos seus interesses, os consulentes têm aos domingos, à sua disposição, dois ônibus que saem, um do centro de Brasília e o outro do centro de Taguatinga (cidade satélite de Brasília), justo a tempo de chegarem para aquelas sessões. Estes ônibus permanecem na Cidade Eclética durante as sessões e retornam ao ponto de partida, ao final das mesmas. Aqueles que vêm de outros locais ou têm conduções próprias vêm por si mesmos, em seus próprios automóveis, tomando a estrada em terra batida, quase sempre mal conservada. Na estação seca, os consulentes enfrentam muita poeira e, na estação das chuvas, são as poças d’água e os buracos que constituem quase um sacrifício para todos aqueles que perfazem os últimos quinze quilômetros do acesso à Cidade Eclética, a partir de Santo Antônio do Descoberto (a última cidade, até onde chega o asfalto), para os trabalhos de assistência social e espiritual gratuitos.

Aos domingos, sobretudo, os consulentes chegam de todos os lugares para os trabalhos espirituais da umbanda eclética, no interior do templo, quando os médiuns e os acólitos formam uma grande corrente, dando-se as mãos. Logo, eles pedem proteção, orientação e a intervenção das entidades espirituais superiores da Casa. Entoam os cantos introdutórios gerais, seguidos por outros particulares às entidades espirituais, que descem e incorporam os médiuns. Uma vez incorporados, os médiuns tomam seus lugares na nave central do templo, seguidos por seus acólitos e dão início aos trabalhos individualizados. Estes trabalhos não são muito diferentes daqueles realizados nas sessões espíritas - ministram-se conselhos, orientações, diagnósticos, seguidos pelos passes magnéticos para a purificação

do corpo energético ou para a cura de doenças de origem espiritual. O que faz a diferença evidente entre os trabalhos mediúnicos kardecistas e umbandistas são as entidades que trabalham durante estas sessões. Nestas últimas, os espíritos recrutados mais concorridos são aqueles de antigos escravos, chamados *pretos-velhos*, e aqueles de indígenas e mestiços, chamados *caboclos*. Eles são muito respeitados e amados pelos médiuns e seus consulentes, são considerados muito poderosos porque guardam, conforme me disseram, o conhecimento original das coisas do mundo.

O DASE informou igualmente que, no total das 105 sessões umbandistas regulares realizadas durante o ano de 1997, houve 58.306 passes magnéticos individualizados em sessões ordinárias, 6.967 passes magnéticos foram praticados sobre pessoas doentes, além das 3.158 assistências extraordinárias, dadas a domicílio, e que a corrente magnética beneficiou à distância 460 doentes. Já em 2001, 47.617 consulentes foram beneficiados. Ainda que este total seja inferior em número àquele registrado pelos trabalhos kardecistas, é preciso lembrar que o grande número daqueles trabalhos é somado por intervenções à distância, ao contrário do que ocorre com os trabalhos umbandistas, quando é mais comum que o consulente venha pessoalmente ao templo. Nos templos das filiais da FEEU, estas mesmas sessões são realizadas da mesma forma, nos mesmos dias e horários, seguindo as mesmas prescrições pela equipe de obreiros e médiuns de cada uma delas.

Para gerenciar os seus problemas de ordem espiritual e administrativa, a constituição da FEEU prevê a formação e atuação dos poderes legislativo (para assuntos de natureza espiritual) e executivo (para assuntos de natureza social), além de um terceiro poder adjunto, o judiciário (para “ajustar os atos administrativos às leis civis do país”)<sup>159</sup>. Assim é que o poder legislativo é constituído pelo *Supremo Poder Legislativo*, que, por sua vez, é constituído por “uma plêiade de Mentores, Instrutores e Conselheiros Divinos e de Justiça Superior”, dirigidos por um Patrono – Jesus Cristo ou Mestre Lanuh – de quem Yokaanam era o intermediário para a humanidade. Em vida, Yokaanam representava o SPL; com o seu falecimento, esta responsabilidade foi transferida para o *Conselho Espiritual Administrativo*, representado por três membros do *Silogeu Espiritual* ou *Círculo Apostolar*

que, conforme já foi dito, é idealmente constituído por treze archotes-membros, conselheiros do 6º grau de iniciação da Ordem iniciática do Santuário, sob a direção de um Presidente Patriarca, a autoridade espiritual máxima na fraternidade. Hierarquicamente abaixo, eles têm a *Hierofância do Sacro Colégio*, constituída pela academia de sacerdotes ecléticos do 5º grau; em seguida, eles têm a secretaria geral esotérica, as oficinas, lojas e colégios esotéricos, constituídos por obreiros do 1º ao 4º graus; e, finalmente, eles têm as diretorias espirituais das filiais.

De acordo com a Constituição Estatutária da FEEU de 1949, anterior, portanto à transferência da sede-matriz e à fundação da Cidade Eclética, o órgão auxiliar judiciário era formado por um conselho jurídico, composto por irmãos iniciados, diplomados em Direito, tendo por funções: “assistir, acolitar e prestigiar o Supremo Poder Espiritual, gratuitamente”; e por um “conselho de justiça exotérica, cujo número e qualificação de membros não são dados, com função de punição dos sócios efetivos que se revelarem moralmente infensos às disciplinas e deveres de reforma e aperfeiçoamento”. Nesta época, em que a FEEU estava recém-formada, muito exposta à opinião pública e começava a reunir um número importante de sócios para o seu quadro social, este órgão era muito atuante e imprescindível, hoje, ele é quase inexistente.

Quanto ao poder executivo, de acordo com a mesma fonte acima, é constituído por uma diretoria social executiva, empenhada em cuidar dos assuntos de natureza social e econômica, através de dois grandes departamentos : o Departamento de Assistência Social e Espiritual (DASE) e o Departamento de Imprensa, Divulgação e Rádio-Cinema (DIDERC), compostos por diretorias, setores e chefias; além do Arquiteto (almoxarifado) e de um conselho espiritual administrativo de confederadas filiadas. Com a fundação da Cidade Eclética, o poder executivo foi ampliado, inclusive com a criação da Prefeitura da Cidade Eclética, administrada por obreiros, com vistas à representação e centralização de funções administrativas próprias, incluindo-se aquelas ligadas ao colégio, à creche, ao hospital, ao auxílio aos idosos, etc.

---

<sup>159</sup> YFP : 83-84.



No interior do templo da Cidade Eclética, os médiuns se reúnem e se preparam para a realização dos trabalhos espiritualistas.

## A DOCTRINA ESOTÉRICA E A FORMAÇÃO INICIÁTICA

*“No seu sentido profundo,  
o esoterismo não pode ser ensinado ou aprendido,  
mas apenas vivido e,  
o mais importante: sentido”<sup>160</sup>*

A estrutura religiosa da FEEU prevê dois planos de formação e atividades: o exotérico e o esotérico. De acordo com Tiryakian<sup>161</sup>, enquanto que ao plano exotérico corresponde o conjunto de conhecimentos e práticas partilhados por um grupo ou comunidade religiosa, praticado através das liturgias e rituais abertos e acessíveis ao público; ao plano esotérico corresponde o conjunto de conhecimentos e práticas partilhados por um grupo seletivo, de eleitos, que, partilhando uma realidade secreta, protegem a sua pureza e significação real,

---

<sup>160</sup> Leuenberger, 1985 : 8.

codificando o conhecimento com o emprego de linguagem simbólica, alegorias e rituais, cuja apreensão requer decodificação e cujo conhecimento é passível de aprendizagem de natureza iniciática. Se, teoricamente, esta distinção é possível; na prática, nem tanto. De qualquer forma, para efeito desta exposição, enquanto que o capítulo anterior tratou da natureza exotérica, este capítulo tratará da natureza esotérica da doutrina eclética.

O I Santuário Essênio do Brasil e das Américas, conforme é denominado o templo da sede-matriz da fraternidade, foi erigido, de acordo com as intenções do seu fundador, com vistas ao “ressurgimento da Palavra Perdida do Santuário Mater das Iniciações nas cavernas do Mar Morto”<sup>162</sup>. Ele está, portanto, estreitamente ligado à tradição dos antigos essênios, por onde passaram São João Batista e o próprio Jesus Cristo, enquanto membros da Academia Espiritual Gnóstica dos Essênios, e de onde teria saído a doutrina religiosa posteriormente denominada Cristianismo, em homenagem ao Mestre dos Mestres. Esta academia teria existido no refúgio das cavernas do desfiladeiro do Enganddi, onde Moisés teria deixado a Arca da Sabedoria.

A redação d’*O Nosso* tem reservado um espaço<sup>163</sup> para transmitir aos obreiros e a todos os leitores interessados uma série de artigos que tratam desta facção judia, cujo comportamento, princípios e conhecimentos forneceram modelo e exemplo para os obreiros ecléticos. Através de suas práticas, os obreiros ecléticos pretendem ser os continuadores ou os restauradores da antiga tradição esotérica dos essênios. De acordo com os artigos veiculados, os primeiros essênios surgiram no ano 150 a.C., no tempo de Macabeus, entre os judeus, deles se distanciando posteriormente, com o advento do Cristianismo, quando os essênios vieram a constituir uma espécie de sociedade secreta e iniciática na Palestina. Os artigos d’*O Nosso* que tratam da história dos essênios ensinam que, em sua formação inicial, eles eram pessoas muito modestas no vestir e no comer. Tinham natureza contemplativa e permaneciam no anonimato. Partilhavam seus bens, sobreviviam com aquilo que eles produziam na sua comunidade afastada da cidade. Eram governados pelos mais velhos e dedicados à assistência familiar e dos amigos que se achavam junto deles.

---

<sup>161</sup> Tiryakian, 1972.

<sup>162</sup> EUE, contracapa.

Mais tarde eles começaram a se interessar pelo conhecimento das plantas, a tomar emprestadas obras terapêuticas com os egípcios e com os hindus; em consequência, começou a surgir entre eles especialistas em cura. O interesse pelos assuntos relativos à alma e à imortalidade veio em seguida, ao mesmo tempo em que uma disciplina moral; e então, eles criaram uma instituição religiosa. A justeza de suas proposições e intenções positivas aliadas à caridade sensibilizaram e atraíram a atenção dos Grandes Mestres Espirituais que começaram, então, a freqüentá-los espiritualmente, orientando-os para o progresso moral e espiritual. Logo, aqueles mestres protetores permitiram a reencarnação de profetas, entre eles... “Na época de Jesus, estavam encarnados os profetas Ezequiel, Niquéias, Nehemias e Job, componentes do Conselho Supremo e todos sob a tutela do profeta Jeremias”<sup>164</sup>. Eles procederam a uma seleção de ritos e de cerimônias que já praticavam, eliminando as histerias, as superstições, fundando, então, uma academia secreta e santuários voltados para os estudos esotéricos. Ali, eles aprendiam as leis do cosmos, os mistérios da Criação, a natureza da alma e se debruçavam sobre o conhecimento da verdadeira vida imortal.

Quando de sua passagem entre eles, Jesus Cristo ensinou-lhes, entre outros, o valor e a prática dos passes magnéticos. De acordo com o artigo, Jesus Cristo manipulava um certo fluido magnético, o qual podia ser percebido pelos videntes, sob a forma de um vapor luminoso que partia de suas mãos, o mesmo que é manipulado pelos médiuns poderosos, na prática da caridade. Este fluido provém, segundo acreditam, de “espíritos iluminados” e tem poder de cura. Mas, os essênios candidatos a estes conhecimentos deviam preencher uma série de quesitos e fazer um estágio de três anos, antes de serem inseridos e conquistarem níveis superiores, sempre orientados pelos mais sábios e mais idosos. De acordo com aqueles textos, os essênios estão de volta, com o objetivo de reabilitarem e exercerem os seus conhecimentos, organizando novamente a sua confraria esotérica para a restauração do cristianismo original, que deverá vigorar, enquanto religião única e verdadeira.

---

<sup>163</sup> *O Nosso*, n. 556, ano 49, junho/1996, p. 2 ; ano 51, fevereiro/1998, p. 7 ; n. 614, ano 54, maio/2001.

<sup>164</sup> *O Nosso*, n. 556, ano 49, junho/1996.

WEBER<sup>165</sup> explica que, efetivamente, os antigos essênios se constituíram historicamente em meio aos judeus, no século II a.C, e, mais tarde, em decorrência de discordâncias, deles se afastaram. De acordo com os estudos do sociólogo alemão, os essênios tinham uma quase obsessão de pureza ritual, que regia a entrada de noviços com o batismo e que os banhos rituais eram muito freqüentes. Além disso, eles tinham aversão ao casamento, condenavam os prazeres terrenos, estabeleciam uma formação apostólica e observavam rigorosamente os mandamentos especificamente fariseus, aliados à religião sacramental dos mistérios e aos rituais de pureza dos levitas<sup>166</sup>. Logo, eles acabaram por buscar o isolamento. Praticantes da caridade, eles tinham por costume o donativo secreto aos pobres e pregavam o amor fraterno para a humanidade. Eles desaprovavam os padres e os sacrifícios em geral. Como os judeus, eles projetavam as suas esperanças messiânicas no futuro.

O conhecimento legado pelos essênios ou aquilo que é dito ou ensinado no interior do I Santuário Essênio do Brasil e das Américas os iniciados não revelam, evidentemente. O segredo é uma característica das escolas iniciáticas. Tiryakian<sup>167</sup> destaca o segredo do saber associado à clandestinidade como a primeira característica ligada aos conhecimentos e práticas das ciências ocultas e do esoterismo. Aqueles que constituem as associações esotéricas escondem-na, em geral, no fundo das cavernas ou das matas, mantendo-as intencionalmente no anonimato. Além da clandestinidade, os conhecimentos são registrados sob a forma de textos ou de práticas rituais, protegidos por códigos ou por uma linguagem cifrada por alegorias, símbolos, ritos ou gestos, cuja decodificação requer competência e sabedoria, partilhada apenas por alguns eleitos. Estes eleitos formam uma pequena elite hierarquicamente constituída e graduada, segundo uma escala de evolução individualizada, de natureza espiritual.

Teoricamente, os conhecimentos esotéricos adquiridos gradualmente despertam no candidato uma tomada de consciência de si mesmo e de uma realidade menos ilusória, uma

---

<sup>165</sup> Weber, 1970 : 529-543.

<sup>166</sup> Id., p. 533.



vez que tratam do estudo de princípios gerais, que regem a ordem do Universo. Trata-se da aquisição do *verdadeiro conhecimento* da realidade ou do conhecimento da *realidade verdadeira*, se assim for possível conceber. O conhecimento verdadeiro dos princípios últimos do universo está cheio de poder e de força, daí que eles acreditem que pode ser muitíssimo perigoso se o mesmo torna-se acessível ou manipulável por pessoas que não estão preparadas, desprovidas da moral e da ética necessárias. Esta é a principal justificativa para o caráter secreto do conhecimento esotérico. Este conhecimento deve ser cuidadosamente guardado longe do público e pode apenas ser dado pouco a pouco aos iniciados ou aos preparados para certas missões. De acordo com este autor<sup>167</sup>, o interesse gnóstico e a preocupação com os conhecimentos esotéricos atingem mais as pessoas em determinados períodos historicamente tensos, ameaçados por destruição real ou imaginária<sup>169</sup>.

Os artigos sobre os essênios, veiculados pel'*O Nosso*, informam ainda ao leitor que os essênios permaneceram pouco conhecidos e foram mesmo esquecidos durante séculos, à exceção das poucas informações deixadas nas histórias eclesiásticas e em enciclopédias, a partir dos filósofos judeus Filon e Josef; dos escritores pagãos Plínio, Porfírio e Solino; e dos historiadores eclesiásticos cristãos Eusébio e Epifânio. Mas esta situação mudou em abril de 1947, quando um pastor árabe, procurando uma ovelha desgarrada, avistou a entrada de uma caverna às margens do Mar Morto, do lado norte, em Israel. Dentro da caverna havia vários vasos de cerâmica, dentro dos quais foram encontrados vários rolos de pergaminho, enrolados em trapos. A partir desta descoberta, outras foram feitas, da mesma forma, num total estimado em quinze mil fragmentos de pergaminhos, dos quais aproximadamente mil estavam em boas condições de conservação (870 já foram identificados), em onze cavernas próximas da primeira.

Estes pergaminhos parecem tratar da história da religião judaica e dos primórdios do cristianismo, guardada pelos essênios que viviam ou reuniam-se naquelas cavernas. O valor e o volume do achado explica-se por um costume da cultura judaica, que proibia a

---

<sup>167</sup> Tiriakian, 1972 : 33-50.

<sup>168</sup> Tiriakian, 1972.

destruição de documentos e objetos que contivessem o nome de Deus. Daí que este material tenha então sido acondicionado em potes de barro e guardados em covas ou cavernas. A língua utilizada para a escrita destes pergaminhos foi, em grande parte, o hebraico. Muito provavelmente os obreiros ecléticos não terão acesso a estes pergaminhos, tampouco parecem preocupados em resgatá-los, já que eles partilham espiritualmente daqueles conhecimentos.

Além das doutrinas religiosas explicitadas no capítulo anterior e da tradição dos essênios, na qualidade de “ecléticos”, os obreiros reúnem e tomam princípios e filosofias de outras doutrinas e tradições. Afinal, conforme justificou o fundador da doutrina eclética<sup>170</sup> ... “A nossa religião, como vedes, é apoiada em todas as religiões... Somos espiritualistas por excelência, como de certo modo, ateus também... somos Protestantes, Espíritas, Católicos, Ortodoxos, Maçons, Iniciados Perfeitos... Ecletistas, sobretudo!”. É preciso resgatar ainda a lembrança de que Yokaanam foi “professor de ciências herméticas e instrutor em vários santuários do mundo” e “ilustre cavaleiro do Santo Sepulcro”<sup>171</sup>. Ele próprio declarou<sup>172</sup> que freqüentou e teve participação, nalgum momento de sua vida, em ordens e templos iniciáticos diversos, como: as duas ordens Rosa + Cruz, a Buena Voluntad Mundial (em Buenos Aires e Inglaterra), a Fraternidade Universal, a Ordem de Aquários, a Federação Universal das Religiões, a Ordem Espiritualista do Brasil, a Federação Espiritualista do Brasil, a Legião Propagadora das Verdades Eternas, a Legião da Boa Vontade, a Sociedade Eclética Espiritualista; e ainda, a Sociedade Teosófica, a Fraternidade Branca dos Monges Benares (Índia), os monges trapistas (deserto do Saara), os lamas (Tibete) e pertencia ao Conselho Nacional de Maçons. Além disso, ele nutria profunda afinidade pelo hinduísmo e pelo budismo.

Evidentemente, Yokaanam trouxe para a sua doutrina eclética elementos “selecionados” ou profunda afinidade com todas aquelas doutrinas e filosofias, mas é preciso destacar aqui a importância das sociedades maçônicas para a doutrina eclética, uma vez que Yokaanam e

---

<sup>169</sup> Leuenberger (1985) reforça este dado, desde o seu prefácio.

<sup>170</sup> CRND : 63.

<sup>171</sup> EUE.

<sup>172</sup> YFP : 50.

muitos dos obreiros foram ou são maçons. Certamente, muito da estrutura hierárquica, da nomenclatura, dos rituais e, sobretudo, a moral para a formulação da doutrina eclética constituem herança da maçonaria, no sentido de que ...

*“A maçonaria é uma instituição que pugna pelo aperfeiçoamento moral da humanidade e exige o cumprimento inflexível do dever por parte de seus membros, visando com isso, sobretudo, o respeito à Lei.”<sup>173</sup>*

*“Os trabalhos maçônicos fazem reviver a construção do Templo de Salomão em sua grandiosidade e perfeição. O maçom deve ser o primeiro artista e arquiteto da construção de seu próprio templo, da edificação de seu próprio caráter, de seu desenvolvimento moral, ético, cultural. Daí porque o maçom deve empenhar-se no papel de construtor social e edificar o templo social da humanidade, combatendo a tirania, os preconceitos, os erros e glorificando o Direito, a Justiça e a Verdade. A sociologia maçônica é diferente, pois, ela não se dirige à sociedade e sim ao indivíduo, na certeza de que homens melhores formarão uma sociedade mais justa, mais perfeita.”<sup>174</sup>*

A adoção de termos como *arquiteto*, *obreiros* e *obra* de restauração do Evangelho na doutrina eclética foi, muito provavelmente, etimológica e semanticamente inspirada nos maçons-pedreiros. Também para a maçonaria, a redação d’*O Nosso* reservou um espaço<sup>175</sup> para artigos seriados. Ali, encontramos argumentos que aproximam efetivamente os essênios, a maçonaria e os obreiros ecléticos ... “a maçonaria não nasceu como a deusa grega Atena: perfeitamente formada a partir do nascimento. A Ordem Maçônica passou por um longo processo evolutivo, absorvendo símbolos e lendas das mais diversas”. Ainda que não tenham afirmado, os obreiros sugerem que a maçonaria tenha sua origem a partir dos essênios. Segundo a mesma fonte, havia entre os essênios uma facção denominada “Bannain”, que significa construtores; e, no “Talmud há uma citação: “Os Mestres de Israel são Construtores (Bannaim)”. Na qualidade de ordem universal, a maçonaria teria sobrevivido a vários cismas, existindo atualmente vários segmentos, seguindo todos, contudo, a mesma filosofia, os mesmos símbolos, as mesmas formas de reconhecimento e de identificação. Dois deles são, no entanto, internacionalmente reconhecidos: o Grande

---

<sup>173</sup> *O Nosso*, n. 611, ano 54, fev./2001.

<sup>174</sup> *O Nosso*, n. 622, ano 55, jan./2002.

Oriente e as Grandes Lojas. A formação esotérica da maçonaria é extremamente complexa e representa um longo caminho iniciático, com 33 graus a galgar, cada um deles abrindo uma nova etapa de conhecimentos e estudos.

De acordo com a mesma fonte, historicamente, o ingresso nos mistérios sagrados, segundo a Federação Internacional das Ordens Esotéricas, existe desde os tempos da primeira dinastia egípcia, com o faraó Menes (3100 a 2686 a.C.), com a prática de ritos agrários, em homenagem à fertilidade da terra. Aquele faraó teria instituído a Escola de Mistérios e uma codificação para os estudos de santuário, os quais eram realizados em locais secretos e grutas. Tais atividades teriam tido continuidade com o faraó Amenophis IV (ou Akenaton). Não me proponho a descrever aqui todo este longo processo histórico. Muito grosso modo, pode-se dizer que, mais importante que esta ou aquela doutrina ou tradição, o que aproxima de fato todas elas à doutrina eclética são princípios morais e formadores, a concorrência agregadora e positiva de avatares e entidades espiritualistas, as lições de grandes iniciadores que os obreiros denominam mestres espirituais superiores, atuando nas atividades exotéricas e esotéricas da fraternidade.

Os obreiros da fraternidade entendem que Jesus Cristo, Budha, Ramakrishna, Maomé, Moisés, Pitágoras, Platão, Krishnamurt, Mahatma Gandhi, Gurdjief, Yogananda, Allan Kardec, o profeta Elias, João Batista e outros (incluindo-se o próprio Mestre Yokaanam) são todos missionários, avatares, a serviço do Deus único que zela por suas criaturas. A biografia esotérica do Mestre Yokaanam sugere uma linhagem ascendente de missionários dos quais o último encarnado teria sido o profeta João Batista; os obreiros admitem a reencarnação do profeta no seu mestre Yokaanam.

Assim é que podemos entender a força espiritual num *continuum* entre a tradição dos essênios e a doutrina eclética, bem como uma preocupação de continuidade na missão do Mestre Yokaanam, no seu esforço de restauração do cristianismo original. O popular santo católico São João Batista, profeta pregador, filho de Zacarias e de Izabel e primo de Jesus Cristo, teria ganho esta alcunha em decorrência da prática do batismo, que ele realizava nas

---

<sup>175</sup> *O Nosso*, n. 617, ano 55, ag./2001; n. 618, ano 55, set./ 2001; n. 620, ano 55, nov./2001.

águas do rio Jordão. Ele dava o batismo àqueles que escutavam as suas falas e que se sentiam sinceramente exortados ao arrependimento, à purificação da alma, à renúncia do Mal, àqueles que adotassem os seus ensinamentos. Precursor da Boa Nova e anunciador da missão de Jesus Cristo, ele advertia os seus ouvintes sobre a chegada do Redentor e sobre o final dos tempos. Foi morto degolado na Palestina, por decreto de Herodes Antipas, a pedido de Salomé, a 29 de agosto do ano 31 da nossa era cristã.

Também Yokaanam anunciava o Fim dos Tempos (ou de uma era, pelo menos) e a necessidade de uma restauração moral urgente, com vistas à salvação. Sempre preocupado com a anunciada, inevitável e iminente separação do joio e do trigo, ele acreditava que ela ocorreria em tempo profético, num breve futuro, que ele veria entre nós. À maneira dos antigos essênios, a prática do batismo constitui um rito fundamental para o ingresso dos obreiros na formação iniciática do santuário essênio da fraternidade. No entanto, diferentemente da forma como era realizado por João Batista, às margens do rio Jordão, o batismo que inaugura a entrada do obreiro eclético na ordem do santuário não se dá com imersão em águas fluviais; ele é simbolicamente realizado, envolvendo ritos de purificação, a adoção de uma vestimenta sagrada e de um nome esotérico. Mas, antes disso, é preciso vencer etapas preliminares. E, afinal, como se dá a inserção de um candidato nos quadros de formação espiritual na FEEU?

A formação esotérica requer uma decisão pessoal, da mesma forma como nos ensina Leuenberger, os obreiros entendem que “o caminho esotérico é um caminho que cada pessoa tem que trilhar sozinha, mesmo que vier a se unir a pessoas com idéias semelhantes. O caminho esotérico é o caminho do indivíduo numa época de massificação”<sup>176</sup>. Assim é que, já nas formas de tratamento aparentemente generalizadas, usadas entre eles (*irmão e irmã, obreiro e obreira*), existe uma sutil distinção para o tratamento de *obreiro* e *obreira*, adequadamente utilizado para aqueles que integram os quadros de formação esotérica ou adquirem o direito de usarem a roupa sacramental, o *balandrau*. Da mesma forma como havia uma estrutura piramidal que tripartia as classes entre os essênios (sacerdotes, levitas e povo) e entre os maçons (mestres, companheiros e aprendizes), os obreiros podem ser:

*iniciados, adeptos ou noviços*; cada uma dessas classes comportando subdivisões, como veremos abaixo.

Assim, o quadro dos *neófitos* fica na base da pirâmide. Os neófitos participam das atividades previstas para o plano exotérico. O quadro dos *adeptos* fica num plano intermediário. Os adeptos passam a usar a veste sagrada e participam das atividades do plano exotérico como candidatos naturais ao plano esotérico. E, finalmente, o quadro dos *iniciados* fica no topo da pirâmide. Os iniciados participam e atuam no plano esotérico. Quando uma pessoa qualquer se interessa por integrar o quadro dos obreiros da FEEU, ela deve procurar o setor administrativo de uma das casas da instituição e solicitar o seu ingresso no quadro social, integrando-se desta forma na categoria de *neófito*. Nesta categoria, ela poderá ingressar na Comissão de Irmãos Solidários (CIS), que se reúne aos domingos, a fim de conhecer melhor a instituição e a doutrina eclética. Com vistas à instrução adequada aos candidatos, ao longo do processo de formação dos obreiros, a instituição prevê reuniões, seminários e criou cursos, ministrados pelos próprios obreiros, hierarquicamente mais graduados e preparados para este fim.

Ainda que formulado em uma progressão, o candidato pode permanecer por tempo indefinido em cada um dos patamares, pois, além da assimilação dos conhecimentos e da aceitação dos princípios morais da instituição, o candidato é vigiado de perto e tem a sua conduta bem avaliada. Daí que ele possa ser aceito ou rejeitado pela instituição e, além disso, ele deverá conscientemente pedir o seu ingresso a cada etapa seguinte, pois a graduação não se faz de forma automática. Após um estágio de seis meses na CIS, os neófitos interessados no engajamento devem pedir matrícula na Escola Preparatória de Adeptos Noviços (EPAN).

A EPAN organiza e oferece um curso regular com aulas aos domingos pela manhã, após a missa de Ação de Graças, ao longo de dois semestres consecutivos. A EPAN tem início, via de regra, no mês de março, quando são anualmente admitidos os noviços. Se o neófito aprovado na EPAN estiver interessado, poderá pedir ingresso na categoria seguinte, de

---

<sup>176</sup> Leuenberger, 1985 : 8.

adepto. Se a pessoa é jovem, menor de idade, filha de obreiro ou não, ela deverá integrar inicialmente o grupo regular da Juventude Eclética Universal, o que pode ser feito a partir dos onze anos de idade, tornando-se *obreiro da esperança*. Este grupo compõe o quadro de adeptos adolescentes para o qual está previsto o Curso de Evangelização de Adeptos Adolescentes (CEAA). Chegada a maioridade, o obreiro da esperança pode tornar-se adepto noviço e pedir matrícula na EPAN. A categoria de neófito não requer do candidato grandes compromissos espirituais; ele se disponibiliza em relação aos trabalhos voluntários e assistenciais e deve conhecer e aceitar os princípios morais fundamentais.

Na categoria de *adepto*, o candidato deverá cursar o Colégio de Aperfeiçoamento Recapitulação e Reabilitação (CARR), freqüentando o que eles denominam seminários menores, com duração de pelo menos dois anos, podendo, em casos particulares, ter duração mínima de um ano ou estender-se ao longo de cinco anos. O curso do CARR é oferecido às segundas-feiras, a partir das vinte horas, no interior do templo, fechado ao público. Na categoria de *adepto*, o candidato assumirá naturalmente maior comprometimento com a instituição.

Paralelamente às atividades dos cursos de formação doutrinária e filosófica, está previsto, a partir do estágio de adepto, o desenvolvimento individual da mediunidade para o qual concorrem tanto o desejo do candidato quanto a indicação espiritual da casa. A atividade mediúnica constitui uma prática corrente e um importante canal espiritual para a formação e promoção dos obreiros. No entanto, o desenvolvimento mediúnico acontece paralelamente à formação doutrinária e esotérica dos obreiros, o que significa dizer que é uma opção do candidato e não uma imposição. A prática da caridade, com a assistência social e espiritual oferecida ao público em geral, é realizada em grande parte através da intervenção mediúnica. Os obreiros estabelecem uma estreita relação entre o exercício da mediunidade e o resgate de suas próprias dívidas espirituais. Ainda que não tenham em mente a barganha profana do “toma lá, dá cá”, eles acreditam que, espiritualmente, com a prática da mediunidade, além de contribuírem para a saúde física, mental e espiritual da humanidade, eles ganham favores e merecimento aos olhos de Jesus Cristo, quando trabalham mediunicamente para aliviar o sofrimento de seus irmãos.

A carreira mediúnica é, portanto, independente da formação esotérica, pois leva em conta a história pessoal de cada um. Aqui também existe uma escala progressiva a partir do primeiro estágio, quando o obreiro torna-se *acólito*, passando ao segundo estágio, de *descarga*, em seguida a *médium aprendiz* (discriminado com uma estrela em fita braçadeira; nesse estágio, ele já pode ministrar o passe magnético), e, finalmente, o obreiro assim formado conquista a maturidade, no último estágio de *médium pronto* (usa duas estrelas na fita). A idade mínima para o ingresso na categoria de acólito é de dezesseis anos, e de dezoito para a categoria de descarga. Entre as formas de mediunidade, além da incorporação, que é a mais comum, os obreiros admitem outras: a psicografia, a intuição, a visual, a auditiva. A mediunidade tem origem em ordens esotéricas do passado. Eles acreditam que, a princípio, seja uma faculdade partilhada por todos os seres humanos com maior ou menor intensidade. Quando desenvolvida, ela permite a intermediação dos médiuns entre as entidades espirituais superiores e a humanidade, e entre os diferentes campos vibratórios que compõem o mundo, ela pode mesmo permitir o transporte dos médiuns.

Para termos uma idéia do volume de obreiros ligados à carreira mediúnica; no exercício do ano de 1996, havia na Cidade Eclética: 143 acólitos do sexo masculino e 170 do sexo feminino; 30 descargas do sexo masculino e 18 do sexo feminino; 31 aprendizes do sexo masculino e 63 do sexo feminino; 71 médiuns prontos do sexo masculino e 61 do sexo feminino. No exercício de 1997, havia 114 acólitos do sexo masculino e 154 do sexo feminino; 40 descargas do sexo masculino e 22 do sexo feminino; 29 aprendizes do sexo masculino e 60 do sexo feminino; 69 médiuns prontos do sexo masculino e 63 do sexo feminino.

Os adeptos tomam, portanto, parte nos trabalhos espirituais do templo, sobretudo na qualidade de acólitos dos médiuns. Os acólitos, enquanto auxiliares dos médiuns, trabalham no interior do templo, vestindo o seu balandrau. Tal qual acontece aos neófitos, o adepto pode permanecer indefinidamente nesta categoria, sem poder ou sem aspirar ao quadro dos iniciados. No exercício do ano de 1996, havia 77 adeptos e 61 adeptas internos, além dos



48 adeptos e 80 adeptas externos, num total de 266 adeptos. Em 1997, havia 69 adeptos e 57 adeptas internos, além dos 39 adeptos e 75 adeptas externos, num total de 240 adeptos. Já em 2002, o quadro de adeptos estava composto por 34 obreiros externos e 56 obreiros internos, além das 57 obreiras externas e 31 obreiras internas, num total de 178 adeptos.

Ao final do seu aprendizado, o adepto aprovado que pedir ingresso ao quadro dos obreiros iniciados, poderá seguir carreira, em dependência do seu aproveitamento e atuação nos ensinamentos morais e espirituais. A cerimônia de passagem ao grau de iniciado ocorre, via de regra, durante o período esotérico do mês de junho e envolve um ritual de batismo, quando o proponente recebe um nome novo, designado pelo Conselho Espiritual, e o direito de portar um outro balandrau. Este nome fica conhecido por todos e, a partir de então, ele será usado na fraternidade e indicará o seu pertencimento ao quadro esotérico de uma ordem universal. Os nomes esotéricos têm origem em antigas tradições grega, romana, hindu e aramaica. Assim é que se tem, entre eles, obreiros denominados: Anaximandro, Anaximenes, Platão, Dionísio, Diágoras, Duclos, Salomé, Herênio, Dalila, Hermógenes, Elpídio, entre outros.

Para a formação dos iniciados estão previstos seis graus de aprendizagem, a partir do primeiro, em escala crescente. Assim, de acordo com a formação iniciática do I Santuário Essênio do Brasil e das Américas, os iniciados no 1º, 2º, 3º e 4º graus compõem o que eles denominam as *oficinas e academias ecléticas*; os sacerdotes, iniciados do 5º grau, compõem o *sacro colégio*; os apóstolos iniciados do 6º grau compõem o *silogeu espiritual*. O sétimo e último grau está reservado aos profetas e aos messias, foi alcançado, entre eles, apenas por Yokaanam. As obreiras ascendem até o 5º grau apenas, mas o Conselho Espiritual Administrativo já vem repensando esta limitação imposta às obreiras. Dentro desta estrutura, existem subdivisões e nomenclaturas secundárias específicas, que não nos interessa aqui detalhar.

Em 1998, havia exatamente : 33 iniciados no 1º grau ; 64 iniciados no 2º grau ; 111 iniciados no 3º grau ; 34 iniciados no 4º grau ; 51 iniciados no 5º grau e 15 iniciados no 6º grau, num total de 308 iniciados. Houve uma pequena variação em relação ao ano de 2002,

com 23 iniciados no 1º grau; 68 iniciados no 2º; 113 iniciados no 3º; 29 iniciados no 4º grau; 55 iniciados no 5º grau e 10 iniciados no 6º grau, num total de 298 iniciados. Nessa ocasião, o silogeu era presidido pelo respeitável patriarca denominado Irmão Eutíchio que, conjuntamente com os irmãos Elpidio e Jason formavam o Conselho Espiritual Administrativo. Além destes, ainda compondo o silogeu, havia os irmãos Samael, Haniel, Capistrano, Plínio, Arakén, Ismael e Basílio.

Além do rito de passagem do batismo, o iniciado passa a usar o balandrau, como símbolo de pureza espiritual, em ocasiões solenes ou durante os trabalhos espirituais. O direito do uso de novo balandrau a cada passagem de estágio significa, na verdade, uso de cores ou tecidos diferentes, bem como certos emblemas distintivos nos mesmos. Eles usam balandraus de quatro ou cinco cores diferentes e de tecidos mais simples ou tecidos melhores, dependendo da função e do estágio de evolução espiritual, detalhes bem conhecidos deles. Além disso, portam à altura do peito nos seus balandraus emblemas distintivos que podem ser uma âncora, uma chave, etc.

Sobre as cores dos balandraus, o branco é a cor mais comum, os balandraus brancos de algodão são usados pelos iniciados nos dias e ocasiões de caridade pública. O azul médio é usado pelos iniciados e pelos adeptos durante os serviços espirituais internos, durante a semana. O amarelo é usado pelos iniciados do terceiro e do quarto graus, em ocasiões especiais. O azul escuro é usado pelos iniciados do quinto e do sexto graus, em ocasiões especiais. Os iniciados do sexto grau usam balandraus brancos de seda durante as cerimônias solenes. O Mestre Yokaanam se apresentava durante as sessões ordinárias usando o balandrau branco de seda e, em ocasiões especiais, o balandrau de cor rosa ou roxa. Os iniciados reúnem-se para os seus estudos aos sábados, nos seus seminários maiores.

Finalmente, é preciso destacar, nas atividades esotéricas de proteção e instrução dos obreiros e dos médiuns, o que eles denominam o *Comando Espiritual das Estrelas*, por vezes mencionado por Yokaanam, em vida, ou na literatura esotérica da FEEU. De acordo com os esclarecimentos do Conselho Espiritual Administrativo, trata-se do comando dos

mesmos *Mestres da Cúpula Sagrada da Fraternidade Universal*. Dentre eles, é preciso, no entanto, ressaltar a supremacia de Jesus Cristo, como patrono maior, na figura do *Mestre Lanuh*, representado em uma grande gravura no interior do templo, tão semelhante à figura de Jesus Cristo, que à figura deste, a figura daquele se funde, numa clara alusão de que trata-se, finalmente, da mesma entidade. Foi ele quem apareceu ao Mestre Yokaanam em 1922 e em 1944, quando de seus sonhos visionários, e tornou-se o patrono da FEEU. Mestre Lanuh e todos os outros avatares já mencionados, além da participação dos espíritos desencarnados que trabalham espiritualmente nas sessões de caridade pública do espiritismo kardecista e de umbanda garantem, espiritualmente, o valor e a efetividade das atividades no interior do templo, prestando proteção, orientação e cura.

## **A APOCALÍPTICA E AS ESPERANÇAS MILENARISTAS DA FRATERNIDADE**

*“Não há outro remédio, então,  
senão entregá-la à espada da divina Justiça...  
essa humanidade pervertida  
e de ouvidos moucos aos mandamentos do Evangelho  
e dos deveres mais cominhos  
que Ele tanto recomendou fossem observados uns para com os outros,  
como o seu reinado espiritual do porvir à luz da Boa Nova!”<sup>177</sup>*

*“E aqui lançaremos a base definitiva da vitória do Evangelho sobre a Terra,  
porque será aqui no Brasil edificado  
o Templo Universal de todas das crenças,  
queiram ou não queiram os homens e religiosos.  
Aqui será reunido o maior rebanho espiritual do mundo!”<sup>178</sup>*

Formado na tradição judaico-cristã, Yokaanam recebeu grande influência do último livro do Novo Testamento, o *Apocalipse*. Ele e sua doutrina eclética tinham o Julgamento Final no horizonte do fim do segundo milênio, antes que os eleitos merecessem existência digna na Nova Jerusalém, habitada por espiritualistas cristãos. O texto, conforme sabemos, trata de um vaticínio relativo ao destino da humanidade, marcado por trágicas mudanças que

---

<sup>177</sup> Yokaanam em CRND : 141.

deverão ocorrer em futuro breve, não-determinado. O texto é apresentado enquanto revelação, testemunhada e relatada por João, provavelmente o Evangelista, datando do final do primeiro século da era cristã. Pesquisas mostram que o hermético texto do Apocalipse, escrito em linguagem alegórica, densamente simbólica, assimilou, por sua vez, a influência de várias tradições orientais mais antigas. Posteriormente, no Ocidente, ele deu origem a um gênero literário que coloca em cena, invariavelmente, o combate entre o Bem e o Mal, a perseguição dos justos, breve triunfo dos ímpios e final feliz, com a vitória definitiva do Bem.

A estrutura mítica das narrativas apocalípticas apresenta temas arquetípicos, com base em simbolismo universal, estando presente em tradições antigas e em crenças mais modernas, prestando-se a versões culturais diversas. Elementos da História Sagrada da tradição hebraica e aspectos do complexo simbolismo da apocalíptica cristã emprestaram modelos, temas e referências fundamentais para a doutrina eclética. A figura do messias impressionou fortemente a doutrina eclética com o modelo do Salvador através da figura de um missionário que veio anunciar as tribulações do Fim iminente e, ao mesmo tempo, orientar os homens de boa vontade para o bom caminho. Yokaanam nutriu-se daquele modelo, tomando uma grande responsabilidade para si, quando abraçou a sua missão. Da mesma forma que outros messias que a história registrou, ele recebeu orientações espirituais e interpretou os sinais dos últimos tempos, no que julgou uma progressiva e generalizada decadência moral, social e espiritual na humanidade. A separação do trigo do joio tornou-se para ele um imperativo e o tema da redenção esteve estreitamente associado a um Julgamento divino.

A humanidade veria em breve os terrores do Fim, com a eliminação ou o isolamento dos maus, para o triunfo do bem na Terra, habitada por pessoas espiritualmente evoluídas. Para atingir este fim, ele entendia que era necessário restaurar a primitiva ordem pregada por Jesus Cristo, vivenciar a gnose cristã, pregar e reunir os eleitos em torno de doutrina exemplar para nortear uma parcela da humanidade que deverá ser salva e habitará a Terra no terceiro milênio. Yokaanam acreditava que, com a instauração de um Novo Tempo

---

<sup>178</sup> Yokaanam em CRND : 155.

numa Nova Jerusalém (que ele vinha inaugurar no planalto central), os eleitos constituiriam o embrião de uma nova humanidade mais feliz, mais justa, mais fraterna, por um longo período (o milênio), antes que a última e definitiva seleção devolva o paraíso à Terra ou readmita o homem no paraíso celeste.

Em seu clássico estudo sobre os movimentos messiânicos, Pereira de Queiroz (1965) destacou um aspecto topográfico interessante, que se verifica igualmente na Cidade Eclética. Trata-se de estreita correspondência entre os aspectos climáticos e geográficos que aproximavam o sertão brasileiro e a Palestina, o que reforçava o imaginário messiânico sertanejo do final do século XIX. O mesmo reforço pode ser igualmente destacado na região de cerrado do planalto central – a construção de uma cidade santa no planalto goiano, em terras distantes, planas e altas, semidesertas, com vegetação escassa, em clima quente e seco. Da mesma forma, o acesso à cidade, através da Estrada de Jericó, a existência de um Poço de Siloé e de um Monte Tábor são alguns dos empréstimos conscientes de ali reproduzirem a Nova Jerusalém, onde Yokaanam deveria instalar o seu povo, construindo uma cidade para ser modelo e embrião e onde deverá ser igualmente erigida a Igreja Eclética Cristã Universal, para a reunião dos grandes líderes religiosos e para a reunificação ou restauração das religiões espiritualistas cristãs.

A construção de uma cidade santa vem de par com a esperança de construírem algo bom, puro, perfeito. Trata-se, conforme já foi dito, de estruturas imaginárias de natureza arquetipal, as quais têm estado na origem de todos os sonhos milenaristas, das grandes utopias (desde a inspiração platônica da cidade ideal - a perfeição e a harmonia do cosmos reproduzidas na cidade, como garantia de estabilidade e incorruptibilidade<sup>179</sup>) e de princípios esotéricos herméticos (para que algo maravilhoso ocorra, o que está em cima deve ser o que está embaixo e vice-versa). Firmemente comprometido com a sua missão, Yokaanam acreditava que ele estaria presente no momento decisivo, participando ativamente da luta do Bem contra o Mal, conforme ele teria declarado...

---

<sup>179</sup> Cf. análise de Gallo (1999 : 40).

*“Muita gente vai desertar e outro tanto vai ser subornada pelo ouro das vantagens imediatas para aderir à guerra de morte que será movida contra as hostes espirituais de Cristo na Terra ... será a seleção prometida nas Escrituras, para reconhecimento do joio e do trigo...”*

*Não tenham dúvida que estarei lá, na vanguarda da luta decisiva dos melhores e valorosos generais da causa divina, de peito aberto para sustentar espartanamente o mesmo ideal ardente que estou sustentando, apesar dos homens, para sofrer e morrer pela causa do Evangelho, que prometi honrar e restaurar em toda parte, fazendo calar os devassos e mercadores dos templos, que não aprenderam a exemplificar outra coisa das religiões, senão fazer delas muletas para melhor praticar suas indignidades à sombra de Deus e de Cristo”<sup>180</sup>.*

De acordo com a teoria milenarista de Desroche<sup>181</sup>, o apocalipse adaptado à realidade da doutrina eclética é uma forma de macromilenarismo (em oposição a uma forma de micromilenarismo), no sentido em que espera-se uma transformação radical e global da realidade de todo o planeta, atingindo, portanto, toda a humanidade, que deveria ou deverá ser muitíssimo reduzida. Mas, afinal, o que determinará a redenção destes que vão permanecer? e o que os obreiros ecléticos entendem como “eleitos”? Conforme eles dizem, não é a simples adesão à doutrina eclética que determinará a salvação. A qualidade de “eleitos” depende de uma atitude positiva ...

*“O elemento que molda nossos destinos chama-se livre-arbítrio, ou seja, a manifestação de nossa vontade é que irá direcionar nossa existência, a partir do momento em que nossas escolhas nos aproximam das energias afins e nos afastam das contrárias ao objetivo de nossos anseios. No decorrer das encarnações sucessivas, a resultante gerada por nossas atitudes – inclusive psíquicas – surgirão a nos reencontrar no tempo, magnetizadas pela conformação de circunstâncias que lhes propiciem a reedição. Portanto, o êxito ou o fracasso que obtivemos na vida será de responsabilidade nossa, o que significa dizer que os ELEITOS, em verdade, se auto-elegem. Se deseja tornar-se um ELEITO, meu Irmão, comece imediatamente a desenvolver a integridade de sua consciência, buscando apoio naqueles que já se adiantaram no caminho em busca da Luz”<sup>182</sup>.*

---

<sup>180</sup> Yokaanam em CRND : 154.

<sup>181</sup> Desroche, 1973 : 125-128.

<sup>182</sup> O Nosso, n. 617, ano 55, ag./2001.

Negrão<sup>183</sup> destaca uma outra característica importante na doutrina eclética que complementa a declaração acima, ao mesmo tempo em que distingue a fraternidade eclética de outras instituições e religiões cristãs - o terceiro milênio não será reservado aos pobres, mas àqueles que justificarem a sua condição de *eleitos* – a conduta positiva, na via do espiritualismo, da caridade e do amor fraterno. Além disso, os “eleitos”, na doutrina eclética, misturam-se numa categoria especial de cooperadores-missionários, os “super-homens”, seres ambíguos - semidivinos, dotados de consciência individual e coletiva. Yokaanam acreditava que o terceiro milênio deverá ser vivido por ...

*... “super-homens que já começam a aparecer entre nós e nos interrogam sobre aquilo que nós fizemos, daquilo que nós aprendemos, ao longo desses dois milênios, consagrados ao avanço intelectual e ao Evangelho, pregado nas tribunas, mas negado de uma forma lamentável no coração das pessoas e nas suas atitudes”.*

Considerado homem culto, é difícil saber de onde Yokaanam tomou a concepção do super-homem, se ela lhe veio de alguma orientação espiritual ou da obra do filósofo alemão Friedrich Nietzsche. Interessante ressaltar que o secularizado super-homem nietzscheano empresta elementos ao super-homem de Yokaanam...

*“O pensamento do super-homem deve ser entendido mais justamente em conexão aos demais preceitos do autor de Zaratustra: o ordenamento hierárquico, a vontade de poder e a inversão de todos os valores. Admite ele que, pela mágoa de um cristianismo débil e frustrado, tudo quanto era belo, forte, soberbo, poderoso – como as virtudes provenientes da força – tenha sido abolido e banido e que, por isso, hajam diminuído muito as forças que promovem e soerguem a vida. Mas agora uma nova tabela de valores deve ser imposta à humanidade, ou seja, o homem forte, poderoso, magnífico até o seu ponto mais elevado, o super-homem que agora nos é apresentado como transfigurante paixão, como ideal da nossa vida, da nossa vontade e da nossa esperança”<sup>184</sup>.*

---

<sup>183</sup> NEGRAO, 1984 : 282.

<sup>184</sup> Nietzsche, 1979 : 249.

Semidivinos, os super-homens eram, para Yokaanam, essencialmente, homens hierarquicamente superiores, grandes mestres espirituais, missionários, juízes e colaboradores da Grande Obra. Complementa no super-homem de Yokaanam a figura do homem espiritualmente belo, forte, poderoso e a sua qualidade divina de avatar, ser humano humilde que ascendeu à condição semidivina, por uma conduta exemplar e propósitos nobres – prática da fraternidade, da caridade, do amor, da justiça. Assim é que os super-homens galgaram e continuam galgando pela evolução espiritual, planos de existência mais sublimes e compromissos mais estreitos com o Divino Mestre. De acordo com a doutrina eclética, uma legião formada por estes super-homens comanda, instrui, protege e julga a humanidade de algum lugar no Alto. Esta mesma legião (ou parte dela) participa no Fim de um tempo de provações que coincide ou dá início a um novo tempo de fraternidade, saúde e alegria.

No plano terrestre, Yokaanam trabalhava (e os obreiros continuam trabalhando) para que a civilização do terceiro milênio seja formada e coopere para a salvação de todos aqueles que a merecerem. Os obreiros acreditam que Yokaanam continua trabalhando nesse sentido, no plano espiritual; compondo a “plêiade de entidades espirituais superiores”, os “Mestres da Cúpula Sagrada da Fraternidade Universal” e o “Comando Espiritual das Estrelas”, formado por entidades extraterrestres. Em certa ocasião, ele<sup>185</sup> teria declarado ...

*... “Pois bem, não haverá mais guerras... porque as estrelas não o permitirão mais... Em seu lugar, porém, haverá coisa muito mais eficiente e terrível como punição de toda a Humanidade delinqüente e transviada.*

*Meus Irmãos estão vendo já alguma coisa... os sinais infalíveis desses próximos tempos de tribulação que venho anunciando pela imprensa ao mundo, desde 1936”.*

Além da tradição judaica e cristã, uma outra inspiração, de natureza extraterrestre, vem complementar a doutrina espiritualista eclética, compondo uma forma de religiosidade bastante disseminada naquela região: a espiritualidade ou o esoterismo extraterrestre. Ainda que evitem falar deste assunto, alguns obreiros admitem que o Mestre Yokaanam e alguns

---

<sup>185</sup> Yokaanam em CRND : 156.



deles estabeleciam contato e recebiam fisicamente a visita de seres de outros planetas. Avessos ao sensacionalismo que desperta e dissemina equívocos que não lhes interessa, o Conselho Administrativo Espiritual admitiu, no entanto, que Yokaanam estabelecia contato com extraterrestres através da mediunidade e que houve um período em que ele estabeleceu contato físico com extraterrestres, vindos do espaço, em discos voadores. De acordo com o que foi declarado, Yokaanam recebeu uma equipe de extraterrestres, interessada em fundarem uma base na Cidade Eclética; mas o projeto não teve sucesso e foi abortado, antes mesmo de ter iniciado.

A apocalíptica extraterrestre da fraternidade remonta aos primórdios de sua fundação, datando de 1947 e constituindo, seguramente, um suporte mítico importante para a estrutura imaginária milenarista da fraternidade. Segundo uma edição do jornal *O Nosso*<sup>186</sup>, complementada por edições posteriores e declarações de obreiros entrevistados, durante uma sessão mediúnica reservada aos obreiros da fraternidade, “uma entidade extraterrestre”, ligada ao “Comando Espiritual das Estrelas”, transmitiu aos médiuns presentes uma trágica mensagem sobre a iminência do Fim. De acordo com esta mensagem, uma grande catástrofe, ao mesmo tempo natural e expiatória, estava reservada para o nosso planeta, com grandes prejuízos para a toda a humanidade. De acordo com o que foi transmitido na ocasião ...

*“A partir do próximo ano [1954], meus Irmãos verão o começo das tremendas tribulações e seleção que virão inexoravelmente chamar a Humanidade ao cumprimento à risca de seus deveres morais desprezados, porque não acreditam em pedido ou ajuste de contas.*

*Quem não estiver preparado, procure seu lugar como bem quiser, porque o Divino Mestre, cansado de chamar, inutilmente, os homens ao cumprimento das leis divinas que dizem aceitar, resolveu agora entregar ao Grande e Poderoso Michael e seus exércitos de justiça divina, o cumprimento de tudo aquilo que a humanidade até agora tem se recusado a cumprir à luz das leis eternas, uma vez falhados todos os apelos ao coração e os*

---

<sup>186</sup> *O Nosso*, n. 139, ano XIII, maio/1960.

*processos de carinho e amor fraternos, exemplificados pelos seus delegados”<sup>187</sup>.*

A referida tragédia vaticinava a aproximação de um planeta quinze vezes maior do que a Terra, chamado *Bóhan*. No início da década de sessenta, período em que deveria ocorrer o fenômeno, eles acreditaram que o planeta já se aproximava da Terra com uma velocidade constante, aproximadamente cem vezes superior à velocidade do som, e seria brevemente visível. Tratava-se de um planeta “escuro” como um sol negro, o qual seria incorporado ao nosso sistema solar, de forma silenciosa. Ele estaria “carregado de condições geopsíquicas negativas” e estava sendo enviado com função bem determinada de retirar da Terra todos aqueles que estivessem em “sintonia negativa com ele”, pois tratava-se de uma “lixreira da Terra”.

Em decorrência da aproximação do *Bóhan*, a Terra sofreria grandes desarranjos: o campo gravitacional da Terra seria profundamente alterado e o eixo da Terra seria corrigido, no sentido da hipotética verticalização original. Com a verticalização do eixo da Terra, as águas deveriam subir, inundando vastos continentes e provocando um novo dilúvio, semelhante ao que teria, segundo eles acreditam, feito a Atlântida desaparecer, concorrendo para expressiva mortandade. Além disso, em sua passagem, o planeta *Bóhan* se chocaria e aniquilaria Plutão, considerado um planeta “atrasado”. Grandes partículas da explosão de Plutão cairiam sobre a Terra, provocando grandes danos e mortes em grande número. A interposição do *Bóhan*, entre a Terra e o sol, quando de sua passagem, provocaria três dias de escuridão completa. Durante este período de escuridão, o desespero tomaria conta das pessoas e cerca de 70% da humanidade sucumbiria.

Os mortos (os não-eleitos) renasceriam no *Bóhan*, o qual se afastaria posteriormente. Livre de sua carga negativa, a Terra seria promovida e conheceria o começo de uma nova era de amor fraterno, segundo acreditam, já em curso, desde o dia 20 de março de 1962, quando do início da transição do Ciclo de Peixes para a Era de Aquário, transição esta que deveria estar concluída até o dia 20 de março de 2003. As orientações e os procedimentos

---

<sup>187</sup> Yokaanam em CRND : 155.

necessários à sobrevivência da nova humanidade foram igualmente dados pelo “Comando Espiritual das Estrelas”. Favorecida pela sua localização central no continente, contando com a barragem natural da Cordilheira dos Andes, de um lado, e com a sua localização sobre o planalto central, com altitude média de 1.100 m, a Cidade Eclética seria poupada no dilúvio, permanecendo acima das águas, que deverão chegar bem próximo.

Para resistirem aos três dias de escuridão, os obreiros receberam orientação para não saírem nem deixarem ninguém entrar em casa, sob pretexto algum. Quem estivesse fora de casa no momento, não poderia entrar. Mesmo que um parente próximo ou uma pessoa querida rogasse que lhe abrissem a porta, isto não deveria ser feito. Aqueles que estivessem dentro de casa, deveriam aguardar, tentando manter a tranquilidade. Eles deveriam permanecer deitados, alimentando-se apenas de água e de alimentos muito leves, que deveriam estar estocados. A iluminação indispensável no interior das casas deveria ser feita através de lamparinas alimentadas por óleo de mamona ou velas. O consumo de alimentos e a luminosidade no interior das residências deveriam estar reduzidos ao mínimo possível, e a razão pela qual deviam permanecer deitados e quietos explicava-se pelo consumo mínimo de ar necessário, já que a atmosfera lá fora estaria envenenada, contribuindo para o extermínio. Uma vez passadas as atribulações, os sobreviventes deveriam enterrar seus mortos e consumir apenas plantas que estivessem sob a terra, até que a situação estivesse contornada.

De acordo com as declarações de uma obreira entrevistada, os sobreviventes “não serão santos, mas terão moral mais elevada; haverá ainda doenças, mas o desenvolvimento científico responderá por esses desafios”. Esta mesma edição informava que, efetivamente, a zero hora do dia 27 de março de 1960, o planeta Bóhan tinha entrado no nosso sistema e colocava em ação a sua tarefa nefasta de distinguir o trigo do joio. Naquele dia, uma sessão extraordinária aconteceu na sede-matriz da FEEU, reunindo no templo um grande número de obreiros, vindos também das filiais. Uma nota da edição do referido jornal fazia a todos cientes sobre a reunião e sobre os participantes, nos seguintes termos

... *“Em virtude das cerimônias especiais extraordinárias, ocorridas no Templo Universal da Sede-Matriz-Principal da*

*FEEU, por motivo de transição de Ciclo Espiritual de nosso Planeta, do dia 3 a 27 de março, com a entrada do Bóhan - o sol negro - na nossa órbita neste dia a zero hora, compareceram os seguintes Irmãos Obreiros Ecléticos Fraternários oriundos das Sucursais e Regionais dos Estados” ...*

A profecia anunciada estava prestes a se cumprir, o Bóhan tinha chegado e integrava-se ao nosso sistema solar sem luminosidade alguma e, felizmente, o *Fim* tinha sido prorrogado. As entidades espirituais voltaram a anunciar que apenas na década seguinte (nos anos setenta), o Bóhan seria conhecido de todos, apresentando-se como um “sol negro”. E, então, tudo se consumaria. De acordo com o mesmo texto, este plano, elaborado pelos “mentores do nosso pequeno e miserável planeta”, já tinha sido entregue à “espada de *Elcah Michael* – o príncipe da sabedoria divina – o qual estava encarregado de executar a tarefa”. Parece que *Elcah Michael*, o arcanjo Miguel, “Príncipe da Milícia Celeste”, teve piedade da humanidade, pois, mais uma vez adiou o Fim, para a década de oitenta e, depois, adiou novamente. De fato, a data foi sendo prorrogada até março de 2003, quando novamente nada aparentemente ocorreu.

E o que a astronomia tem a dizer sobre tudo isso? Apresentei ao astrônomo Fernando Vieira da Fundação Planetário do Rio de Janeiro a profecia acima e ele declarou-me que a astronomia não vê absolutamente nenhuma plausibilidade em tudo o que reza a profecia acima. Ele disse que a astronomia desconhece um astro com o nome ou as características do *Bóhan*. Ele acrescenta que não há qualquer fundamento científico na parte da profecia que fala que aquele astro esteja se aproximando da Terra com uma “velocidade constante aproximadamente cem vezes superior à velocidade do som”. No seu entender, não é possível que um astro aproxime-se da Terra em velocidade constante. Tampouco a hipótese da “verticalização do eixo da Terra”, segundo ele entende não faz sentido algum para os estudos de astronomia. A profecia marca a entrada da Era de Aquário a partir de 20/03/2003. Novamente, o astrônomo me explicou que, de acordo com a astronomia, a Era de Aquário deverá acontecer apenas a partir do ano de 2597. Sobre a entrada do Bóhan a zero hora do dia 27/03/1960, o astrônomo esclarece que este dado não tem confirmação astronômica e, por fim, ele declara que desconhece qualquer concepção, assemelhada que

seja, àquela de “sol negro”. Temos aqui, portanto, uma ruptura bem marcada entre a ciência e um sistema de crenças.

A edição d’*O Nosso*, de dezembro/2000, trouxe uma nova versão do fenômeno Bóhan, em matéria intitulada “O planeta do Fim dos Tempos”, assinada por Irmão Hiram. De acordo com essa matéria, com base em “cálculos astronômicos” dos “cientistas”, um planeta seis vezes maior que Júpiter, responsável pelo Fim dos Tempos, já integra o nosso sistema solar e é visível “em todos os observatórios do mundo”. Estrela de Barnard, Barnard I, Planeta Vermelho, Planeta Frio, Orcus, Arcólubus, Rei do Terror, Estrela Fugitiva e Flecha Ligeira de Barnard são algumas das várias denominações do Hercólubus de Nostradamus, do Ajenjo das teologias cristãs ou ainda da Estrela de Baal que teria determinado o fim dos atlantes. Não importando o nome que lhe dão, acredita-se que a passagem cíclica deste planeta ou desta estrela, “coincidindo com o final do Ano Sideral”, trará funestas conseqüências. O texto informa que este “astro” gira em torno do Sol Tilo, que está no centro de um outro sistema, circundado por seis planetas (Epsilon, Hégamo, Tylon, Lylio, Fhema e Hercólubus), na constelação de Ophiucus ou Serpenteiro, correspondente à Constelação da Serpente.

De acordo com as pesquisas dos astrônomos, relatadas pelo autor do artigo, nesta nova visita, o Hercóbulus passará a uma distância aproximada de um milhão e meio de quilômetros da Terra; o suficiente para provocar uma inversão eletromagnética nos pólos terrestres, alterando sensivelmente o eixo e a rotação do nosso planeta. Em conseqüência, teremos cataclismos de amplas proporções, incluindo-se o afundamento e a elevação de continentes inteiros, “como já aconteceu com a Lemúria ou continente Mur, e com a Atlântida, mais recente”. Além disso, espera-se a “eclosão de muitos vulcões atraídos do interior da Terra para fora, por causa da imensa massa deste planeta”. O autor declarou que, ainda que já estejamos vivendo o fim dos tempos, não se sabe quando veremos o termo destes acontecimentos. Muito provavelmente seremos surpreendidos por ele, nos próximos anos, pois, ainda que saibam deste fenômeno, os cientistas, não querem divulgá-lo, para não provocarem uma “psicosis coletiva”.

Sobre os dois parágrafos anteriores, o mesmo astrônomo que consultei mais acima argumentou que tampouco isto seja verdade ou, pelo menos, que não existe confirmação científica dos dados acima por parte da astronomia. No entanto, no final do segundo milênio, os obreiros ecléticos aguardaram com certa inquietação o Fim que deveria vir. O seu mestre já partiu e o Fim não veio, ainda. Poderá vir, mas este temor parece estar diminuído. Ainda que não falem abertamente sobre isso, os obreiros ecléticos vigiam com inquietação (mas sem histeria) os sinais do Fim: a devastação que provocamos no planeta e os seus efeitos nefastos; as mudanças climáticas e as calamidades naturais; as anomalias genéticas que sofremos ou provocamos; a degradação moral da humanidade; além de acentuarem-se sintomas como: a fome, as doenças, a corrupção, a loucura e a violência. No esforço consciente de desmitificar a fantasia de extraterrestres extraordinários, o Conselho esclarece que os extraterrestres que formam o “Comando Espiritual das Estrelas” são os “mentores do universo” e formam a cúpula espiritual da fraternidade. O Conselho desmitifica a curiosidade alheia em relação àquelas entidades esclarecendo que todas as entidades espirituais, pelo fato de não estarem materialmente entre nós e por estarem n’algum lugar no Alto, podem ser consideradas extraterrestres.

Também a doutrina espírita, muito influenciada pela teoria evolucionista, tem grande importância no amálgama da doutrina eclética, conforme já foi destacado. O autor espírita, Armond<sup>188</sup>, destaca que a doutrina espírita é fonte de ensinamentos ligados à imortalidade da alma, às reencarnações periódicas e às condições de vida nos planos invisíveis; ensinamentos ligados igualmente ao conhecimento do ego e das hierarquias espirituais, às intercorrências cármicas e ao intercâmbio de seres de diferentes mundos. No conjunto da apocalíptica eclética, outras influências e crenças devem ser destacadas. Uma delas diz respeito à crença nos capelinos, descrita pelo mesmo autor<sup>189</sup>. De acordo com esta crença, o Grande Mestre Divino continua enviado-nos missionários para auxiliar-nos no nosso processo evolutivo - preocupação maior dos espíritas.

---

<sup>188</sup> Armond, 1999 : 17.

<sup>189</sup> Armond, 1999.

De acordo com esta crença, a humanidade atual teve duas origens: uma “retardada”, autóctone, evoluída de uma família de primatas, conforme sustenta a teoria científica da evolução da humanidade; e a outra, “mais evoluída e dominante”, originária de “levas de exilados da Capela”. Com base no relato daquele autor, Capela é uma estrela de primeira grandeza, pertencente à constelação de Cocheiro. Acredita-se que os capelinos entre nós tenham sido os responsáveis pela evolução espiritual nos primatas (nossos ancestrais autóctones) e por todo o processo civilizatório da humanidade na Terra, com a progressão de cinco raças, incluindo-se as raças lemuriana, atlante e ariana. Assim é que, acredita-se, processos de evolução biológica, étnica e intelectual ocorrem ainda, marcados por expurgos para os quais concorre a ação de dilúvios - importantes saneadores da humanidade.

A saga capelina na Terra, a exemplo da expulsão de Adão do Paraíso, teve início com uma expulsão dos capelinos de má índole, que não mereceram a sua permanência na companhia dos seus ancestrais, em Capela. De acordo com esta crença, ainda que não fossem da melhor estirpe, os capelinos transmigrados para a Terra eram aparentados aos seres sobrenaturais e foram enviados à Terra em missão, com vistas à oportunidade de se redimirem, ajudando na evolução dos autóctones, misturado-se a eles. De acordo com esta crença, podemos dizer com Mircea Eliade (1971), que vivemos na Terra a nostalgia das origens na mítica Idade do Ouro, que teria de fato existido, não na Terra, mas em Capela, onde deixamos o nosso paraíso e a companhia dos deuses, semideuses e heróis do *illo tempore*.

Uma outra crença de natureza espírita que exerce significativa influência sobre a apocalíptica eclética está transcrita noutra obra; psicografada pelo Chico Xavier. Trata-se da obra mediúnica, *Brasil, coração do mundo, pátria do Evangelho*. Conforme já sugere o título, ali, o Brasil, terra do Cruzeiro do Sul, representado como um grande coração (órgão do sentimento), o coração do mundo, foi escolhido pelo Divino Mestre, Jesus Cristo, para ser a pátria do Evangelho. Muito próxima da versão anterior e mais próxima ainda da doutrina eclética, o Brasil nesta obra é “terra de promessa”, para onde vêm sendo enviados missionários, encarnados em líderes religiosos e políticos, intelectuais e artistas, capazes de darem encaminhamento à “causa do Evangelho do Senhor”. A obra trata da contribuição

histórica e política de personalidades-chave que vêm contribuindo para aquele fim, de “uma terra nova, onde Jesus implantará o seu Evangelho de caridade, de perdão e de amor indefiníveis. Nos séculos futuros, essa pátria generosa será a terra da promessa para todos os infelizes”<sup>190</sup>. Os missionários aqui atuam, no sentido de reunirem esforços e condições, para a síntese e realização dos ensinamentos do Mestre, através da doutrina espírita, cuja prática deve ser aquela do cristianismo revivido na sua pureza primitiva, tendo a caridade como âncora.

Ligada ao conjunto das crenças milenaristas da região do planalto, no rastro de missionários e da terra de promessa no Brasil e no planalto goiano, é preciso destacar uma outra obra, resultante de uma pesquisa de seis anos, concluída em 1984, que deu origem a um livro e a um registro fílmico, em fita VHS. Trata-se da pesquisa da arqueóloga e egiptóloga brasileira Iara Kern e do educador e empresário Ernani Figueiras Pimentel, intitulada *Brasília secreta. O enigma do antigo Egito*. Com a sua pesquisa, eles realizaram um levantamento de semelhanças e coincidências entre uma cidade do Egito antigo e a moderna cidade de Brasília, sugerindo uma continuidade entre uma e outra, num esforço missionário na pessoa e no governo do presidente Juscelino Kubitschek, com a fundação de Brasília, representando a realização de um ideal milenarista. Assim é que o trabalho aproximou as biografias dos seus fundadores e comparou detalhes arquitetônicos e funções similares entre as cidades que fundaram, senão como provas incontestáveis, pelo menos como coincidências inquietantes entre personalidades e cidades afastadas por mais de três mil anos.

De acordo com esta pesquisa e com o relatório dos seus realizadores, o faraó egípcio Amenófis IV, conhecido como Akenaton, mandou erigir a cidade de Aketaton<sup>191</sup> no centro geográfico do Egito antigo, para ser a sua sede política e religiosa. Da mesma forma, Juscelino Kubitschek mandou construir Brasília no centro geográfico do Brasil, para ser sede política e administrativa do país. Ambas tiveram como projeto arquitetural a forma de um pássaro (o Íbis Asas para a cidade egípcia, um símbolo sagrado) e foram construídas em

---

<sup>190</sup> Xavier, 22ª ed., p. 68-69.

<sup>191</sup> Cidade desaparecida; no seu lugar existe, atualmente, a cidade de Tell El Amarna.



tempo recorde de quatro anos. Façanha incrível no exercício do governo JK, e maior ainda para Akenaton, quando o prazo médio para a construção de cidades daquele porte (a cidade tinha envergadura de 16 km) na Antigüidade era de 60 a 80 anos. Para efeito de curiosidade, sempre de acordo com a pesquisa dos autores, a façanha faraônica foi possível através de uma tecnologia desenvolvida pelo faraó, que utilizou blocos simétricos de pedras de trinta a quarenta centímetros.

O triângulo, a pesquisa explícita, é a forma arquitetural mais explorada no antigo Egito porque favorece a captação da energia cósmica; da mesma forma, em Brasília, a arquitetura urbana explora grandemente a forma triangular. Além de um não-intencional complexo de pirâmides existentes - Teatro Nacional, Centro de Convenções, os templos da Legião da Boa Vontade e da Antiga Mística Ordem Rosa-Cruz, ermida D. Bosco, Igreja Messiânica Mundial, Igreja Adventista do Sétimo Dia, a sede da Cia Energética de Brasília, o Colégio Minas Gerais, entre outras -, pirâmides de vértices opostos e outras composições triangulares são destacadas naquele trabalho, pontuadas entre edifícios estruturais do cenário arquitetônico de Brasília. Assim: a Catedral Metropolitana Nossa Senhora Aparecida, a Igreja Nossa Senhora de Fátima, o Supremo Tribunal Federal, as colunas do Palácio da Alvorada e o Palácio do Planalto, todos exploram a forma triangular. Além disso, o Executivo, o Legislativo e o Judiciário formam na Praça dos Três Poderes um triângulo equilátero; no eixo monumental, o Centro de Convenções, o Tribunal de Justiça do DF e o Palácio do Buriti formam um triângulo; e há outro, no eixo monumental, com a Torre de Televisão.

No antigo Egito, estátuas colossais de deuses ladeavam a entrada subterrânea das pirâmides, o mesmo acontece na Catedral de Brasília com as estátuas dos quatro evangelistas, bem como a entrada subterrânea que se repete no templo da LBV. Os autores questionam, além disso, a consciência urbanística dos projetistas em relação à utilização do tarot egípcio e da cabala hebraica, quando destacam que a rodoviária tem forma de um “H” deitado, que se repete em três planos: subterrâneo, rente ao chão e o superior, com estreita correspondência entre os planos psíquicos (id, ego e superego). As torres do Congresso Nacional fazem um “H” em pé, “simbolizando o homem imortal”. Um outro “H” no

Congresso Nacional é identificado entre as duas conchas invertidas, “captadoras de energias cósmica e telúrica”. Se reunidas as conchas, uma sobre a outra, tem-se uma esfera: “o equilíbrio universal”.

Os autores ressaltam também a magnificência da pirâmide de Quéops, comparada à beleza harmoniosa do Teatro Nacional, cuja arquitetura, os pesquisadores afirmam, repete 78 formas piramidais egípcias. Para embelezar e refrescar a bela Aketaton, foi arquitetado o primeiro lago artificial do mundo, nas águas do rio Nilo. Com o mesmo fim, foi construído em Brasília o Lago artificial de Paranoá, a partir de uma barragem. Ambas receberam, no traçado arquitetural em forma de pássaro, asas abertas no sentido norte-sul. Ambas foram projetadas e setorizadas, planejadas com largas avenidas, jardins e muita área verde. Ambas tiveram implantado um grandioso templo em seu centro, com a preocupação de que este fosse inundado internamente pela luz do sol, durante todo o tempo em que o grande astro percorre o céu.

Dois testemunhos respeitáveis merecem ainda destaque no trabalho, ambos sugestivos do inusitado de uma realização missionária. Assim, o urbanista Lúcio Costa registrou por escrito, em 1957, uma pequena mensagem para a comissão que julgou os projetos ... “não pretendia competir e, na verdade, não concorro, apenas me desvencilho de uma solução possível, que não foi procurada por mim, mas surgiu, por assim dizer, já pronta”. Da mesma forma, o arquiteto Gladson da Rocha, que venceu a licitação para a realização da sede da cia de energia de Brasília, declarou-se surpreso com a forma piramidal, que ele não concebeu a priori, mas que surgiu com a maquete. Ele dá o seu testemunho no vídeo, afirmando que, sem muito esforço, o projeto lhe veio “naturalmente”, saiu “pronto”. Ele mesmo continua, enumerando outros fatos que lhe foram particulares e inexplicáveis, ligados ao mesmo episódio. Entre eles, ele conta que, andando em uma rua na cidade de Los Angeles, uma senhora desconhecida espantou-se com a figura dele, afirmando que ele era um sacerdote egípcio de 5.000 anos atrás.

Algumas coincidências biográficas, destacadas no vídeo, sugerem que JK tenha sido a reencarnação ou continuação de Akenaton, aproximados por personalidades, ideais e

destinos bem semelhantes - ambos não tiveram filhos homens, fundaram cidades destinadas a mudar a vida de um povo e morreram tragicamente, dezesseis anos após terem fundado as suas cidades ideais. Após a morte de Akenaton, Aketaton foi destruída “para que o mundo esquecesse o sonho visionário do seu idealizador”, o narrador conta. É sabido que JK era sensível aos assuntos de natureza espiritualista. Em seu livro *Meu caminho para Brasília*, ele declara ter sondado “as revelações” para concretizar Brasília, e tinha conhecimento sobre a profecia de D. Bosco, cuja ermida, tal qual profetizou o monge italiano, foi construída às margens de um lago, nos paralelos 15 a 20 graus. JK tinha igualmente conhecimento sobre Akenaton e a sua Aketaton. No discurso de inauguração da cidade de Brasília, reproduzido no vídeo, JK faz alusão à obra de Akenaton e sugere que a inauguração de Brasília realizava um resgate do passado para o futuro da humanidade. A mensagem final do vídeo é incisiva, no sentido de que Brasília seja a concretização de um “sonho milenar”.

Finalmente, ainda no rastro de atuações missionárias, destaco um outro episódio importante, porque faz a síntese dos relatos anteriores, aproximando Brasília e a Cidade Eclética, o então presidente JK e o Mestre Yokaanam. Conforme se sabe, em 1822<sup>192</sup>, durante o Brasil-império, José Bonifácio de Andrada e Silva defendeu pela primeira vez, oficialmente, a transferência da capital brasileira, do litoral para o interior, e sugeriu o nome de “Brasília”. Em 1839, o visconde de Porto Seguro sugeria o planalto goiano como lugar ideal para a implantação da nova capital. Em 1891, o terceiro artigo da primeira Constituição da República Brasileira estabelecia: “Fica pertencente à União, no Planalto Central da República, uma zona de 14.400 quilômetros, que será oportunamente demarcada, para nela estabelecer-se a futura capital federal”. No ano seguinte, o então presidente Floriano Peixoto constituía uma comissão para explorar e demarcar a área do Distrito Federal.

Um mapa do Brasil, editado em 1893, já trazia um retângulo sobre o planalto goiano com a inscrição: “Futuro Distrito Federal”. No dia 7 de setembro de 1922, foi lançada a pedra

---

<sup>192</sup> Antes disso, em 1761, o marquês de Pombal pensou numa nova capital para Portugal no sertão, entre a África e as Índias; mas, contrariamente ao que quis o marquês, em 1763, a capital do governo colonial foi

fundamental da futura capital, a nove quilômetros da cidade de Planaltina. Em 1946, o então presidente Eurico Gaspar Dutra nomeava uma comissão para a localização da futura capital. Em 1953, a Lei nº 1.803 autorizava o governo a definir o sítio da capital. Em 1955, em plena campanha eleitoral, JK prometia a transferência da capital para o planalto. A construção e inauguração de Brasília foram produto inequívoco de uma progressão de pequenos, mas firmes passos. No entanto, Yokaanam declarou por duas ocasiões<sup>193</sup> que ele teria participado da escolha da localização para a construção de Brasília, influenciando, com argumentos espiritualistas, na decisão de JK, sobre o ponto em que deveria ser construída a capital, bem próxima do local onde a Cidade Eclética ia ser construída.

É preciso lembrar que Yokaanam foi piloto particular de Getúlio Vargas por sete anos e que tinha sido treinado na Alemanha na técnica de vôos cegos e aterrissagem sem visibilidade. A ocasião do encontro de Yokaanam e do então presidente JK deu-se no dia 18 de abril de 1956, quando JK e um comitê que o acompanhava voavam para Manaus, com o objetivo de lá “assinar a mensagem a ser enviada ao Congresso, acompanhada de projeto propondo a mudança da capital da República para o Planalto Central”, assim JK escreveu em seu livro de memórias<sup>194</sup>. Ele mesmo continua, contando que “depois de algum tempo de vôo, o avião perdeu a rota e deixou-se levar sem rumo por duas horas, dentro da noite. Voamos às cegas, ora em círculos, ora em linha reta, na expectativa de um desastre iminente”. Por coincidência, Yokaanam estava na região, acertando a compra do terreno da Cidade Eclética, para onde poucos meses depois foi transferida a sede-matriz da fraternidade. Naquele dia, ele estava jantando em um hotel na cidade de Anápolis, quando o prefeito, o presidente da Câmara e um sargento daquela cidade vieram buscá-lo, com urgência, para que ele respondesse ao chamado de socorro do piloto do avião do presidente.

Yokaanam contou por sua vez que, tendo tomado a frente nas providências necessárias, logo o avião aterrissava com segurança em Anápolis e à descida do avião, ele pôde

---

transferida de Salvador para o Rio de Janeiro.

<sup>193</sup> Uma, em VHS, vídeo amador que tive a oportunidade de assistir na Cidade Eclética; a outra, em reportagem publicada na Revista *Visão*, Rio de Janeiro, n. 17, ano XXXIV, de 29.04.1985, poucos dias antes do falecimento de Yokaanam.

<sup>194</sup> *Por que construí Brasília*. Rio de Janeiro: Bloch Ed., 1975 : 47-48, vol. III.

encontrar o então presidente e falar-lhe sobre os planos espirituais reservados para Brasília. Ainda que a decisão sobre o local onde Brasília devia ser construída não tenha sido tomada naquele momento, Yokaanam declarou que os argumentos espirituais dos quais se valeu reforçaram a decisão a ser tomada. Além disso, o documento que deveria ter sido redigido em Manaus (destino daquele vôo) acabou sendo redigido “num pequeno café que acabara de abrir as suas portas, situado ao lado do aeroporto”, conforme o autor-presidente relatou na mesma obra, e continuou ... “havia circunstância que me forçava a fazer uma parada em Goiânia”. Fato é que ali, “num botequim humilde”, conforme reportou a revista *Visão*<sup>195</sup>, Juscelino assinou o documento conhecido como “Mensagem de Anápolis” e onde foi redigida igualmente uma ata, assinada por todos, para serem enviadas ao Congresso, propondo a criação da Cia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil (Novacap) e o nome de Brasília, no mesmo dia em que era lançado o Concurso do Plano Piloto, vencido por Lúcio Costa.

Este documento foi naquela ocasião extraviado e considerado perdido, depois de ter sido muito procurado. Ele apareceu anos mais tarde, quando Yokaanam decidiu exibi-lo, durante a entrevista que concedeu à revista já mencionada, afirmando que o mesmo lhe pertencia e esteve todo o tempo guardado junto com os documentos da fraternidade. Os primeiros trabalhos para a construção da Cidade Eclética aconteceram ao mesmo tempo em que eram tomadas as últimas decisões que determinaram os primeiros trabalhos para a construção de Brasília. Para Yokaanam, orientações espirituais estavam na origem de ambas as cidades. No início de novembro de 1956, Yokaanam e os peregrinos da Boa Nova chegavam à futura Cidade Eclética, da mesma forma como no início de 1957, surgiam as primeiras casas em Brasília. Em 1959, sessenta mil operários<sup>196</sup> da construção civil trabalhavam febrilmente para que Brasília fosse inaugurada no dia 21 de abril de 1960.

Não sem orgulho, conforme Yokaanam declarou ao seu entrevistador, ele e os obreiros da fraternidade tinham contribuído grandemente para que Brasília se tornasse em realidade, argumentando que a estrada aberta para a capital passava pelas terras da FEEU. Eles tinham

---

<sup>195</sup> Cf. referência completa em nota acima.

<sup>196</sup> Segundo dados do *Roteiro místico de Brasília*.

ajudado a passagem dos caminhões que transportavam o material necessário à construção de Brasília, acompanhado de perto a gestação, o nascimento e os primeiros passos da nova capital. E ainda, que o projeto de Brasília se acomodava bem e vinha de par com os planos espirituais para a região, a “notícia nobre para o terceiro milênio”. Mas alguns anos mais tarde, Yokaanam teria declarado que, infelizmente, Brasília não cumpria aquele fim, pois estava tão poluída quanto o Rio. Não era a cidade que D. Bosco anteviu e na qual ele próprio apostou. Passados exatos 25 anos após a inauguração de Brasília, no dia 21 de abril de 1985<sup>197</sup>, Yokaanam falecia naquela cidade.

Quando de seus estudos fundamentais junto aos padres salesianos, o jovem Oceano de Sá conheceu (segundo ele, antes dos outros) o sonho premonitório de Dom Bosco, o fundador da Ordem dos Salesianos, e então difundiu-o na fraternidade, nos anos cinquenta. Ele declarou tê-lo traduzido e publicado em uma edição de *O Nosso*<sup>198</sup>. A influência da miragem da Terra da Promissão entre os paralelos 15 e 20 graus, próximo de um lago, no sonho profético de D. Bosco constitui um pilar importante tanto para os obreiros ecléticos quanto para o imaginário popular dos habitantes de Brasília. As coordenadas de Dom Bosco<sup>199</sup> foram procuradas por Yokaanam, elas não estavam muito longe do monte e da cruz que marcavam o local destinado à implantação da Cidade Eclética. De acordo com o texto impresso noutra edição de *O Nosso*<sup>200</sup>...

*“Tomado de êxtase espiritual, neutralizando o espaço e o tempo, D. Bosco penetrou nos mais altos píncaros do mundo celestial, vendo e prevendo as belezas eternas que se espalhavam diante de suas vistas espirituais. Deslocou-se pra além das fronteiras de seu país terreno, achando-se logo a seguir num distante ponto do nosso planeta. Vislumbrou terras maravilhosas, imensas florestas virgens que se estendiam por grandes espaços continentais, montanhas com suas formas que deixavam ver as diversas figuras imaginárias, praias de uma beleza exuberante, rios formosos e caudalosos que*

---

<sup>197</sup> Interessante ressaltar sobre a data de 21 de abril: em 1779, Tiradentes, um dos poucos heróis brasileiros, tornava-se mártir, pelo seu esforço de independência do Brasil; em 1960, foi inaugurada a nova capital do Brasil; em 1985, falecia Tancredo Neves, o presidente da transição democrática brasileira; no mesmo dia do mesmo ano, falecia também Yokaanam, que sonhou com o socialismo cristão igualitário.

<sup>198</sup> Cf. ESPEJO, 1984 : 291 e 292.

<sup>199</sup> Cf. ESPEJO, 1984 : 309.

<sup>200</sup> N° 621, ano 55, dez./2001.

*poderiam muito bem aplacar um pouco da sede da humanidade encarnada e desencarnada da Terra. Saudades imensas tomaram-lhe o coração, pois toda aquela visão trazia-lhe um passado de passagens no cenário iniciático de um povo distante no oriente. Tinha a certeza de que aquela era a terra prometida por Abraão e por Moisés, já que esteve presente com estes grandes Manús espirituais. Trabalhara intensamente para que o povo de Deus pudesse encontrar, enfim, um porto de descanso para suas almas e com um arroubo de amor e devoção, escreveu: “Que uma grande civilização nasceria no coração do Brasil, entre os paralelos 15° e 20°, quando escavarem as minas escondidas em meio a essas montanhas, surgirá neste sítio a Grande Civilização, a Terra prometida, donde manam leite e mel. Uma inconcebível riqueza se estabelecerá. Essas coisas sobreviverão na terceira geração”.*

Além destas crenças principais, encontra-se entre os obreiros outras, que se mostram mais particulares aos indivíduos do que parte do conjunto de crenças milenaristas comuns à fraternidade. Assim, há influências isoladas das profecias de Nostradamus (1503-1566), há aqueles que acreditam que o Fim virá com uma guerra nuclear; outros temem a invasão do “povo amarelo”, do “comunismo russo” e, mais recentemente, do “povo islâmico”. No entanto, a maior parte deles tem mostrado estar fazendo a passagem das crenças apocalípticas para as crenças milenaristas, ou seja, eles parecem temer menos o Fim do mundo e acreditar mais na aurora de uma nova era.

Efetivamente, quando indagados sobre a confiança ou o temor no momento do Fim, eles não se mostraram naturalmente tranquilos. Eles pressentem que a passagem será inevitavelmente acompanhada de dores e sofrimentos, podendo levar pessoas que lhes são queridas, inclusive alguns dentre eles. Eles foram unânimes ao declarar que estamos todos vivendo já um momento difícil de transição, de fortes transformações, sintomáticas do Fim e necessárias à consolidação de uma nova era; e que toda a humanidade vai sofrer até que ela esteja instaurada. Quando interrogados se eles esperavam o retorno do Mestre Yokaanam para ajudar-lhes na Hora do Fim, todos, sem exceção, declararam que o Mestre Yokaanam permanecia de forma espiritual entre eles. Um deles explicou que um messias reencarna apenas três vezes<sup>201</sup> e, portanto, ele não voltará mais. Nem ele, nem Jesus Cristo,

---

<sup>201</sup> Eles acreditam, ainda que não afirmem categoricamente, que o Mestre Yokaanam foi a reencarnação do

nem nenhum outro messias<sup>202</sup> voltará fisicamente à Terra. Interrogados, finalmente, sobre a possibilidade de que nada extraordinário ocorra, apesar da convicção deles de que as coisas já estão acontecendo, a maior parte deles acabou por admitir a plausibilidade desta hipótese, já que as profecias vinham falhando até ali.

Na verdade, isto não é mais tão importante, pois, independentemente de qualquer acontecimento desta natureza, eles se encontram em contato com algo maior: a experiência mística gerada por princípios morais e espirituais mais nobres, ensinados nas suas formações e exercidos nos seus cotidianos. Assim, a prática da humildade, da caridade e do amor fraterno é o mais importante para eles. A formação iniciática que eles recebem empresta o sentido para suas existências. Além disso, o seu Mestre Yokaanam faleceu, mas ele continua efetivamente entre eles, “velando pela Obra”. Ainda que ele não esteja fisicamente, lutando espartanamente (conforme quis) na Hora do Fim, que não tenha completado a sua missão na Terra fisicamente junto do seu grupo, que não tenha conseguido reunir todas as religiões cristãs na Igreja Eclética Universal, ele conseguiu, indiscutivelmente, formar e consolidar uma comunidade fraterna.

---

profeta Elias e de São João Batista. Com a aceitação de sua missão, ele teria acumulado tantos méritos que teria atingido níveis mais altos. O seu retorno não seria mais possível (Cf. Dias, 1974 : 46).

<sup>202</sup> Ainda que messias e missionários sejam enviados divinos, o messias ocupa um plano superior. Eles acreditam que Jesus Cristo tenha sido o grande messias, mas que há ou houve outros menores, assim: Yokaanam, Gandhi, Chico Xavier, Madre Teresa, Bezerra de Menezes e Nostradamus. Trata-se de pequenos messias, colocados em locais determinados, com determinadas missões.



## ANÁLISE DO IMAGINÁRIO ECLÉTICO

*“En somme,  
on peut dire que l’homme des sociétés modernes a pris,  
au sens littéral du terme, le rôle de Temps,  
qu’il s’épuise à travailler à la place du Temps,  
qu’il est devenu un être uniquement temporal”<sup>203</sup>*

A gnose dos essênios e da espiritualidade extraterrestre, os ritos, o conjunto das crenças, símbolos, arquétipos e seus grandes temas constituem o imaginário religioso da doutrina eclética. O conhecimento deste vasto universo de imagens simbólicas nos permite apreender o significado dos comportamentos, rituais, valores, ideais e desejos dos seus adeptos que, de outra forma, nos parecem estranhos, exóticos, malucos, fanáticos. A análise dos elementos constituintes deste universo permite-nos recuperar o fio condutor que atribui sentido às crenças e às práticas dos obreiros ecléticos, bem como compreender a razão como o grupo se mantém coeso. Daí que eu me alie aos estudiosos das mentalidades e aos pesquisadores sobre o imaginário antropológico que entendem que este ainda obscuro universo seja complementar à racionalidade, e assim me esforço para melhor compreendê-lo através da interpretação simbólica dos seus elementos no contexto histórico, político, econômico, social e cultural em que se inscreve.

Há algumas centenas de anos o universo do imaginário antropológico vem sendo considerado algo menor, em favor da aplicação de metodologias científicas exclusivas e redutoras e de enrijecidas teorias sociais. No entanto, a metodologia e a teoria do imaginário antropológico representam aqui uma grande contribuição para a nossa compreensão sobre a coerência interna que garante a coesão da comunidade em foco neste estudo, valorizando a particularidade de realidades instauradoras e de experiências vividas. Este trabalho chega ao fim, ressaltando elementos estruturais que conferem sentido e justificam uma realidade física e cultural, organizada em torno de um sistema de crenças. A FEEU foi e é ainda motivo de chacota, de escárnio e descrédito por todos aqueles que ignoram a complexidade simbólica que lhe é subjacente, a mesma que justifica as suas

---

<sup>203</sup> Eliade, Mircea, *Forgerons et Alchimistes*, 1977 : 156.

práticas. Antes que a defesa ou a crítica de uma comunidade religiosa, a minha preocupação aqui foi o conhecimento desta coerência agregadora, que justificou e justifica ainda a formação daquele grupo e a escolha de cada um dos seus membros, no sentido de constituirlo.

De acordo com a teoria do imaginário antropológico, sistematizada pelo filósofo e antropólogo Gilbert Durand (1992), um isomorfismo contínuo liga imagens aparentemente díspares na angústia diante do tempo. Ainda que, cada um de nós e cada agrupamento humano represente um universo de possíveis, a nossa imaginação simbólica responde aos estímulos da realidade biológica, social e espiritual, de forma individual e coletiva, segundo muito poucas estratégias simbólicas, as quais podem mudar de uma a outra, ao longo dos sucessivos períodos históricos e existenciais. De natureza arquetipal, a identificação destas estratégias estruturais torna-se muito útil para a análise dos símbolos que, de outra forma, escapam à nossa percepção na sua abertura infinita, na sua polivalência semântica. Sem querer explicitar por demais a complexa teoria durandiana, podemos dizer com ele que diante do grande drama humano, que concerne à angústia existencial diante da finitude e da iminência da morte, desde que o Homem foi expulso do paraíso e caiu na temporalidade, o tempo surge como um grande personagem, o nosso antagonista.

No que concerne às origens da nossa cultura ocidental, desde que os deuses gregos expulsaram os homens do Olimpo, desde que Jeová expulsou Adão do Paraíso, no momento em que somos expulsos do útero materno, caímos na temporalidade, na finitude, no tempo que corre para o fim e que, com a sua passagem, arrasta-nos com ele, consumindo-nos. Nesta via do imaginário antropológico, aprendemos que o tema da queda na temporalidade é particularmente importante para o conjunto das crenças e movimentos milenaristas. Este tema coloca em ação uma dinâmica simbólica de compensação, no sentido da reabilitação a uma situação original, primeira. Podemos traduzir, grosso modo, esta dinâmica como a busca de um equilíbrio de forças de compensação simbólica, de natureza terapêutica, antitética. Assim é que, para combater o simbolismo catamorfo (ligado à queda), são dinamizados o simbolismo diairético (ligado à segregação, à

separação) e o simbolismo ascensional (ligado à ascese, à transcendência, à elevação espiritual).

Com base na teoria durandiana, podemos dizer que, diante do drama existencial do tempo que corre para a morte, são sobremaneira valorizados, nos movimentos milenaristas, o simbolismo da separação, da ascensão, da verticalidade, da luminosidade; a prática de ritos de purificação, elevação e transcendência; a valorização de arquétipos como o cetro, a paternidade, o céu, a montanha sagrada, a asa, a luz, o sol, a palavra, o fogo, a água pura, com os quais combater o grande monstro ogresco, que é o tempo.

### **Os principais temas milenaristas**

As pesquisas indicam que as crenças e movimentos milenaristas são organizados no sentido do resgate de uma Ordem, que pode tanto estar no passado mítico, no tempo das origens, quanto no futuro, com o avanço evolutivo moral, espiritual, histórico ou científico, o que implica em um esforço, consciente ou não, de reconquista ou de conquista de um tempo e de um espaço ideais<sup>204</sup>. Grosso modo, trata-se da aspiração humana de retorno ao Paraíso, o tempo e lugar de perfeição, onde a morte inexistente, de onde teríamos vindo e para onde queremos voltar. A mitologia das antigas tradições e das culturas simples ensinam que a eternidade e a imortalidade pertencem aos deuses, aos heróis civilizadores, aos seres sobrenaturais, aos nossos antepassados valerosos dos quais fomos um dia apartados, em decorrência de um mau comportamento, uma grande ofensa cometida, motivo pelo qual fomos privados da companhia ou da qualidade dos nossos ancestrais. A queda na temporalidade representa assim uma punição sofrida por uma falta humana cometida e estendida à humanidade.

Podemos dizer com Desroche (1973) que as crenças e os movimentos milenaristas constituem expressão legítima de religiões de esperança; ou, com Eliade (1971), que eles manifestam uma nostalgia do Paraíso. Enquanto aspiração humana por um tempo e um

---

<sup>204</sup> Tempo ideal é o tempo da eternidade, estático; espaço ideal é um lugar de felicidade, abundância e perfeição (cf. Mello, 1999).

espaço ideais (Mello, 1999, 2002), identificamos no conjunto dos milenarismos, nos moldes ocidentais, na origem do nosso drama, alguns grandes temas. Assim, a *culpa humana*, que a tradição hebraica atribui ao pecado original herdado por todos os descendentes de Adão. Com vistas à expiação desta culpa, muitos bodes expiatórios têm sido identificados ou representados e, contra eles, têm sido empreendidas perseguições implacáveis. A nossa história vem registrando muitas delas, incluindo-se, apenas para citar exemplo mais clássico, os movimentos quiliásticos envolvendo os cristãos da Idade Média, estudados por Cohn (1983) ou um exemplo mais contemporâneo, com as guerras religiosas na Palestina, entre judeus e muçulmanos, ou ainda, através de um exemplo brasileiro, a Guerra de Canudos. Os bodes expiatórios desde Adão têm sido transferidos de pessoas a comportamentos e valores passíveis de julgamento e reprovação humanos, e têm justificado arbitrariedades e várias formas de intolerância.

Outro tema milenarista importante a considerarmos é aquele da *errância pela Terra*. Estreitamente relacionada com a culpabilidade, a errância representa uma consequência da expulsão do Paraíso. Caída na temporalidade, restou à humanidade a busca do paraíso terrestre ou a ascensão espiritual ao paraíso celestial. A história de antigas tradições e a mitologia oral de culturas simples permitem-nos identificar e avaliar também a importância deste tema arquetipal, traduzido em êxodos, expedições e migrações históricas. O Paraíso tem sido procurado no *centro* da terra ou n'algum ponto escondido ou encantado de sua superfície; em locais afastados ou esquecidos; do outro lado do oceano ou em pequenas ilhas inacessíveis; em continentes perdidos ou desconhecidos; n'algum lugar no *alto* ou em outros planetas. Extremamente influenciados pela doutrina espírita, os obreiros ecléticos entendem a sua passagem pela Terra como um tempo e um percurso de sofrimentos e provas, uma oportunidade individual de expiação e reabilitação. Para isso, eles precisam aceitar com resignação e humildade as provas que lhes forem colocadas, praticar a caridade e cuidar da sua evolução espiritual, com vistas à reconquista do tempo e do espaço originais, de uma Ordem primordial.

Mas, o paraíso não tem sido passível de descoberta pura e simples. O insucesso desta procura deve-se a uma crença que constitui outro tema fundamental para o conjunto dos

milénarismos: *é preciso merecer o paraíso*. Se quisermos reconquistar o paraíso, precisaremos provar a nossa pertença e descendência divinas, com base na justeza de propósitos, na nobreza da alma, na pureza do espírito, na capacidade de compaixão, solidariedade e caridade. Todos estes princípios requerem sacrifício e determinação, é a porta estreita que Jesus teria indicado. Os obreiros aceitam com humildade os seus infortúnios. Eles entendem a sua passagem pela Terra como uma oportunidade individual, com base no princípio do livre-arbítrio. Princípio espiritualista por excelência, o livre-arbítrio ensina a liberdade individual de escolha, ao mesmo tempo em que estabelece a responsabilidade individual por estas escolhas, na consciência de que em um dado momento, cada qual poderá ser interrogado sobre o aquilo que fez ou aquilo que escolheu. Assim é que a disciplina moral, a formação espiritual, a prática da humildade e da caridade entre os obreiros ecléticos representam meios que justificam um fim: as graças (o merecimento) aos olhos de Deus.

Ainda que a morte surja no final do drama humano, cada um dos obreiros cuida que haja um final feliz, com a *salvação*. A salvação constitui outro tema fundamental para a compreensão das crenças e movimentos milénaristas, em geral. Ela representa o retorno à origem, à companhia divina e dos ancestrais, no paraíso. No caso dos obreiros ecléticos, a salvação justifica todos os sacrifícios passageiros, em proveito da vida eterna e deve ser considerada tanto ao nível individual quanto coletivo. O livre-arbítrio e a fé na qualidade de “eleitos” concorrem em grande medida para a sua confiança na salvação individual, mas, considerando que estamos todos “no mesmo barco”, viajando na mesma nave-mãe, eles consideram de responsabilidade coletiva as conseqüências pelas escolhas e ações humanas, porque elas afetam a todos. Assim mesmo, eles confiam que aqueles que atendem ao chamado divino serão reunidos como uma grande família num tempo e numa terra melhores.

### **Separação, ascensão e ritos de purificação na doutrina eclética**

Analisando a recorrência e convergência dos símbolos presentes na doutrina eclética, veiculados na semântica discursiva, na iconografia, nos rituais e no comportamento moral e

disciplinar, podemos identificar um maniqueísmo simbólico na base da doutrina eclética. A teoria do imaginário antropológico nos ensina sobre a função terapêutica das imagens pela compensação simbólica das antíteses. Com efeito, pudemos identificar uma estreita vinculação complementar, estabelecendo a relação entre o simbolismo da separação e o simbolismo da reunião. O ecletismo que Yokaanam traduziu como seleção representa um esforço inconsciente de separação, de subtração de uma forma na massa amorfa, de extração do singular no indiferenciado; a Ordem no Caos.

Ainda que Yokaanam tenha apostado no pioneirismo e na originalidade da doutrina eclética, uma rápida revisão sobre as crenças e movimentos milenaristas bastaria para mostrar-lhe que a sua missão de reunir os povos em torno do cristianismo não foi pioneira, tampouco foi original. Além da seleção de princípios, filosofias, doutrinas e religiões que ele considerava os melhores, o esforço de separação com o exterior pode ser identificado no afastamento do seu grupo, retirando-se da cidade; e depois, cercando a cidade por muros. Ele visava assim reunir os eleitos, formando uma grande família, reunida pela espiritualidade cristã. Da mesma forma, cada um deles comunga o sentimento de pertencimento, acredita integrar e participar de uma grande e verdadeira família. O sistema comunitário que eles adotam, ratifica este sentimento partilhado como uma forma de micromilenarismo, ao passo que a construção da Igreja Eclética Cristã, reunindo universalmente os espiritualistas cristãos pela “Religião única e verdadeira”, realizará o macromilenarismo, estendido a toda a humanidade. O ideal da reunião foi título de obra de Yokaanam - *O Cristianismo reúne, não divide!...* -. O grande lema da doutrina eclética pode ser traduzido em uma pequena expressão: “escolher para unificar” - formar um grupo fraterno e estender as suas práticas e realidades a toda a humanidade, ao planeta inteiro.

Yokaanam teria localizado a desordem, o caos, a decadência e a morte em muitas situações humanas ... “as devastações, misérias, fome, nudez, epidemias e infortúnios diversos conseqüentes, que se alastraram na Terra, de longe a largo ... os homens persistem mais vorazes e desumanos que nunca”<sup>205</sup>. Para combatê-las, ele concebeu uma terapêutica moral e disciplinar que rege toda a organização social e espiritual na fraternidade, conforme já

vimos. Além disso, em seus discursos, ele exaltava a importância da caridade, da moralidade, da renúncia, o “desprezo a tudo que é mundano e transitório [...] isto constitui séria ameaça aos aventureiros de arquibancada e de colarinho duro, negociantes de vantagens mortas que infestam as religiões nos nossos dias sombrios de transição cíclica... fim dos tempos de uma era de decadência e caos!”<sup>206</sup>. A prática da caridade e a observância de uma conduta exemplar, nos moldes do cristianismo original, constituem para os obreiros ecléticos um caminho seguro para a ascensão espiritual, com vistas à reabilitação de uma situação original.

Reforçando a constelação simbólica de ascensão e verticalidade, identificamos a prática do batismo entre os ritos de purificação. As tradições antigas e as culturas diversas têm seus próprios ritos, com vistas ao expurgo ou à preocupação com a purificação e a transcendência. Os cultos de êxtase, certas beberagens, inalação da fumaça de tabaco e de outras plantas, a entoação de cânticos, hinos ou mantras, a dança, a música e uma infinidade de terapias corporais e mentais, observadas nas práticas culturais diversas, vêm atender este fim. Além dos ritos exotéricos e esotéricos, da rígida disciplina e da observância de princípios morais, o batismo ocupa atenção proeminente entre os obreiros ecléticos nos seus esforços de ordem e pureza. Da mesma forma como ocorre com a separação entre a doutrina exotérica e a doutrina esotérica, a doutrina eclética prevê duas formas de batismo. O batismo exotérico é aquele aberto à comunidade, ou seja, a fraternidade dá o batismo cristão eclético, nos moldes da Igreja Católica, a todos os simpatizantes que o pedirem. O batismo exotérico é parte do ritual de entrada da fraternidade.

Já o batismo esotérico, este é reservado aos ingressantes na escola iniciática da Ordem espiritualista do templo dos essênios. Originalmente, o batismo é um rito de imersão e emersão, um símbolo de purificação e de renovação, com o desaparecimento do ser pecador nas águas da morte e o aparecimento do ser purificado, reconciliado com a fonte divina da

---

<sup>205</sup> Yokaanam em CRND: 155.

<sup>206</sup> Yokaanam em YFP : 30-31.

vida nova<sup>207</sup>. Foi introduzido no Ocidente por João Batista, às margens do rio Jordão, tendo sido uma prática corrente entre os essênios. É fácil inferir daí a importância do mesmo para a fraternidade. O batismo de umbanda eclética conserva o ritual de imersão; quanto ao batismo da escola iniciática, não foi possível conhecer os seus procedimentos. Provavelmente está reduzido ao derramamento ou à aspersão de água benta, pura, sobre a cabeça do batizado. Trata-se ritual secreto entre os iniciados, em caráter reservado, quando o obreiro iniciado adquire o direito de usar o balandrau de iniciado e recebe um novo nome, esotérico, que passa a ser conhecido e usado no interior da fraternidade. No entender de Yokaanam<sup>208</sup>...

*“O Batismo é um legítimo ato Eclético de seleção e boa escolha; é um incentivo à reabilitação e às conquistas eternas do Espírito!”.*

### **O modelo messiânico e o simbolismo do Pai**

Na grande constelação simbólica heróica do messias salvador, é preciso recapitular uma história de vida, empréstimos de modelos e a assimilação de tradições antigas, princípios esotéricos e mitologias diversas que justificaram as idiossincrasias de Yokaanam, a construção da sua figura messiânica e princípios fundamentais da doutrina eclética. Nós já vimos, na reconstituição biográfica de Yokaanam, na base dos seus princípios, a natureza esotérica motivando-o no sentido da fundação de uma ordem espiritualista, de uma cidade e o seu projeto de uma igreja espiritualista cristã universal. Soubemos que circunstâncias extraordinárias levaram-no a abraçar uma missão na Terra, ordenada por “entidades espirituais superiores”. O modelo patriarcal e o simbolismo do soberano, na figura do Pai, vêm agregar elementos constitutivos na construção e atuação da figura messiânica de Yokaanam.

Estudiosos dos movimentos messiânicos de tradição hebraica têm identificado passos invariáveis que cobrem o percurso exemplar de todo grande messias: a eleição divina, o retiro espiritual, as provações e o retorno glorioso<sup>209</sup>. Guardadas as devidas proporções e

---

<sup>207</sup> Cf. Chevalier & Gheerbrant, 1990.

<sup>208</sup> Yokaanam em YFP : 123-124.

<sup>209</sup> Cohn (1983); Pereira de Queiroz (1965).



adequações, o movimento messiânico que deu origem à formação da fraternidade apresenta a particularidade de tratar-se de um movimento messiânico urbano, em moldes modernos. Sem nos estendermos muito aos estudiosos do assunto e à teia teórica que embasa a origem e os atributos de um messias, podemos entendê-lo, sumariamente, como um intermediário, um enviado divino que intercede pela humanidade com vistas à sua salvação. A figura messiânica em Yokaanam confunde-o com aquela do missionário. Desde a mais tenra idade, ele era acometido por sonhos e visões, interessou-se por assuntos religiosos, manifestou poderes sobrenaturais pela atividade mediúnica, mas era um homem comum até a idade de 33 anos, quando tornou-se um enviado divino com uma certa missão na Terra. É difícil saber-se, entretanto, se ele veio já com a missão e foi apenas lembrado dela aos 33 anos, ou se, por suas qualidades e personalidade, a missão lhe foi designada aos 33 anos.

A julgar pela crença de que ele tenha sido a continuação espiritual (reencarnação) do profeta Elias e de João Batista, é mais provável que ele já tenha vindo com a missão. Que tenha sido um messias e tenha sido apenas lembrado dela aos 33 anos de idade. Além disso, os obreiros ecléticos acreditam que ele componha o que eles denominam a cúpula de entidades espirituais superiores. Neste sentido, ele veio para transmitir uma mensagem, que foi uma advertência para o final dos tempos, e veio para ensinar o caminho da salvação a um grupo seletivo, na esperança de que este grupo, tornado exemplar, atraia a maior parcela possível da humanidade, para a salvação da civilização do terceiro milênio.

Alinhado ao modelo hebraico, da mesma forma como Noé, Abraão e Moisés, sobrepostos pelo modelo do messias maior, Jesus Cristo, também Yokaanam deixou crescerem os cabelos e a barba, vestiu as túnicas longas, usou sandálias rústicas, trouxe um crucifixo ao peito, apoiou-se em grande cajado e, por tudo isso, no meio urbano e moderno, foi motivo de chacota. Além disso, ele peregrinou, pregou a Palavra de Deus e empreendeu um êxodo à frente do seu povo. Por seus atributos sobrenaturais – intervenções cirúrgicas espirituais, passes magnéticos, o dom da cura – ele foi reconhecido por seu grupo como um verdadeiro líder espiritual. Ele foi o mestre dos obreiros ecléticos, no sentido em que foi Pai – autoridade, poder, sabedoria. Pai de indivíduos, pai de uma coletividade, ele estava acima dos demais; devia amar, proteger e orientar o Filho para o melhor caminho, trazê-lo de

volta para Casa. Ao Filho cabia reconhecer-lhe a autoridade, respeitá-lo, amá-lo, para lograr a sua luz.

Os estudiosos dos movimentos messiânicos destacam este aspecto – do reconhecimento e legitimidade dos seus líderes espirituais. Só haverá a liderança e a formação de um grupo, se ele, o líder, for reconhecido por seu grupo. Para isto, o Pai terá que provar a sua superioridade e legitimidade. Ele deverá manifestar qualidades extraordinárias, que convençam o grupo sobre a sua participação divina. A qualidade extraordinária mais elementar começa sempre pelo exemplo da bondade e da humildade, mas traduz-se, sobretudo, pela capacidade de operar milagres, de realizar curas. Certamente, e desde sempre, falsos messias, seduzidos pela vaidade ou levados pela insanidade, valeram-se do desespero de populações abandonadas à miséria material e espiritual. Não é da competência deste trabalho apontar ou julgar esses procedimentos. Tampouco interessa desconfiar ou afirmar se Yokaanam tinha ou não consciência de tudo isso, se preparou um embuste ou se valeu-se de suas qualidades espirituais extraordinárias, quando da construção da sua figura messiânica.

Sem considerar ainda a participação esotérica de fidelidade a uma missão divina que lhe foi confiada, que ele abraçou, e a afinidade por assuntos místicos que parece ter nutrido ao longo de toda a sua existência, Yokaanam teve a sua figura messiânica exemplarmente construída, segundo o modelo judaico-cristão, complementada por outros elementos extraordinários. Assim, o acidente aéreo, às vésperas do seu trigésimo terceiro ano de vida, representou uma função de continuador de Cristo, que foi morto com aquela idade; a mesma em que desapareceu a pessoa de Oceano de Sá e surgiu a figura messiânica de Yokaanam. A versão maravilhosa do salvamento, com a intervenção de uma entidade das águas, reforçou o caráter sobrenatural daquele episódio e depois, o milagre do salvamento, após tão graves ferimentos. Em seguida, a reclusão no hospital e o seu encontro com uma entidade espiritual, provavelmente Jesus Cristo, a qual atribuiu-lhe ou lembrou-lhe a sua missão. À saída do hospital, adveio a peregrinação solitária para o retiro espiritual, quando o messias preparou-se para a sua missão e para a sua reaparição, portando nova identidade e

apresentando a sua missão. Nesta ocasião, ele já se apresentava com barba e os cabelos crescidos, já vestia a túnica comprida e calçava sandálias rústicas.

Dois anos depois, o mestre Yokaanam liderava um grupo crescente de seguidores e fundava a fraternidade. Abriu as portas do templo para a caridade pública. A concepção do templo e de toda a doutrina eclética foi forjada fundamentalmente através da prática mediúnica, com a orientação espiritual de entidades espirituais superiores. Daí às pregações e peregrinações urbanas e ao crescente afluxo de pessoas necessitadas, que ali encontravam apoio, orientação e cura. Quaisquer que sejam as denominações empregadas – messias, missionário, enviado, mestre, reencarnação de João Batista - Yokaanam representou, no seio de uma fraternidade, a figura do salvador, na qualidade de um Pai generoso, provedor, inspirado, reconhecido por seus seguidores, tanto pela prática quanto pela oratória.

Depois vieram as perseguições - calúnias ou denúncias que ele sofreu, enquanto provas. Vieram a peregrinação-êxodo e a fundação de uma cidade santa, com base na comunidade fraterna. Adveio o ideal de recolher as crianças num grande rebanho espiritual. Construídas ou não, tais etapas constituem exemplarmente a narrativa messiânica. Mas Yokaanam não veria o termo do seu ideal: a comunhão universal dos povos e religiões através da prática do espiritualismo cristão na Nova Jerusalém. Quanto ao retorno glorioso, podemos entender que houve um primeiro, em vida, quando o messias se revelou ao seu grupo e, espera-se que outro virá, no final dos tempos ou no início de um novo tempo, quando os obreiros poderão ver e juntar-se novamente ao seu Mestre Yokaanam.

### **A oratória de Yokaanam**

É sabido que, além de operar curas, Yokaanam impressionava igualmente por sua capacidade de falar bem. Ressaltada pelos estudiosos, a eloquência constitui um atributo muito importante para a prática messiânica. A palavra fecundadora é verbo, traz o germe da criação. Antes mesmo que qualquer coisa tivesse forma, a palavra foi a primeira manifestação divina, de acordo com as concepções cosmogônicas de várias culturas (Chevalier & Gheerbrant, 1990). É através dela que os messias tentam organizar uma nova

ordem ou a restauração de uma antiga ordem no mundo. Marcada pelo discurso moralizante e apocalíptico, a oratória de Yokaanam impôs uma disciplina doutrinária, ao mesmo tempo em que reacendeu o temor sobre o fim dos tempos, atraindo assim seguidores, que viram nele o salvador. As entrevistas realizadas mostraram com clareza a convicção dos obreiros pela qualidade messiânica do seu mestre que, com a sua presença vibrante, colocava em transe muitas das pessoas que vinham procurá-lo. Ainda que ele tenha sido acusado de charlatanismo e que seus poderes extraordinários tenham sido colocados em dúvida, nada foi provado contra a seriedade dos seus propósitos.

Simbolicamente associada à asa, a palavra é um aliado contra a potência catastrófica da Queda, contribuindo para o desejo antagônico de eternidade. Durand (1992) nos explica que a asa é instrumento ascensional por excelência. Pássaro simbólico do cristianismo, a pomba é a encarnação do Espírito Santo. Desanimalizada do pássaro, a asa é positivamente valorizada pela ação de voar. A soltura de uma pomba branca tem no ritual da peregrinação anual ao Monte Tabor, na Cidade Eclética, o ponto máximo do desejo dinâmico de elevação e sublimação, a vontade de transcendência e a realização simbólica da soltura da palavra que é asa, que é espírito, que deve ser solta e espalhada pela terra. Além disso, Durand ressalta, um profundo isomorfismo no arquétipo do vôo que não é pássaro animal, mas é anjo. A palavra é isomorfa da luz nas trevas, luz e palavra são símbolos de onipotência (Durand, 1992). Nalgumas tradições sagradas, o deus manifesta-se como nome sagrado ou como sopro vital (prana) e a recitação de mantras altera poderosamente o nível de consciência profunda.

É preciso ressaltar, finalmente, na retórica inconfundível de Yokaanam, o uso de termos arcaicos da norma escrita da língua portuguesa, sugerindo que ele tenha sido um homem de cultura e leitura eruditas; sugere igualmente que ele tenha se esforçado por impressionar, com seu tom impostado e grandiloquente. O leitor atento de suas obras ou de fragmentos citados ao longo deste trabalho deve ter observado o tom dramático e o apelo emocional de Yokaanam, com o exacerbado uso do ponto de exclamação, todas as vezes que ele quis exaltar o que considerava uma verdade universal; da mesma forma, o largo uso do ponto de reticências, sempre que não queria explicitar algo impactante, já sugerido anteriormente. Já

os títulos de suas obras: *Yokaanam fala à posteridade!* e *O cristianismo reúne, não divide!*... revelam esta ênfase. Além disso, sempre que ele queria dar grande importância a algumas palavras, expressões ou passagens, ele usava, sem a licença da língua, letras maiúsculas e/ou negrito para distingui-las do ordinário. Passadas duas décadas do seu falecimento, a continuidade da fraternidade entre os obreiros e a fidelidade ao seu mestre revelam as propriedades de um líder que foi além de um modelo. A comunidade se mantém pelo estabelecimento de uma estrutura de comunidade religiosa e por princípios de natureza esotérica, disseminados por seu fundador.

### **Simbolismo particular à fraternidade**

Em uma estrutura religiosa, todos os seus elementos são significantes. Assim, resalto aqui alguns atributos simbólicos para a doutrina eclética. A começar pelas cores, a cor-de-rosa predomina no conjunto arquitetônico da Cidade Eclética, com significação religiosa. Tanto que é comum que se denomine a Cidade Eclética a “cidade cor-de-rosa”. A maior parte dos monumentos, o Pantheon, os portais, as sapatas das edificações e os muros da cidade são pintados daquela cor. Cor-de-rosa é a cor simbólica de S. João Batista, patrono da FEEU e padroeiro da maçonaria, mártir do cristianismo, morreu decapitado, conforme sabemos, no dia 29 de agosto do ano 29 da era cristã. Nascido no dia 24 de junho, dia do solstício de verão no hemisfério norte, está associado a Xangô-Kaô (Xangô Maior) na Umbanda...

*“Rosa – corresponde ao rosa da alvorada, figura a imagem perfeita que se relaciona com os povos orientais, o sol que nasce e descreve sua parábola do Oriente para o Ocidente, onde nasceram, lutaram e morreram pela Humanidade os nossos antecessores e, afinal, onde nasceu o Cristianismo fundado por Jesus”<sup>210</sup>*

Já o interior do templo, bastante claro, tem no branco e no azul as cores predominantes, com clara alusão ao zênite na nave central junto ao altar. Vastíssimo é o simbolismo do branco, freqüentemente associado às ordens iniciáticas, é positivamente valorizado nos ambientes - os santuários devem ser limpos, claros - e na indumentária dos obreiros

---

<sup>210</sup> EUE : 251.

ecléticos, como símbolo da pureza e da paz, associado à Virgem Maria. Da mesma forma, o azul é pleno de significados espirituais - é a mais profunda, a mais imaterial, a mais fria e a mais pura (à exceção do vazio total do branco neutro) das cores (Chevalier & Gheerbrant, 1990). Os sacerdotes, as sacerdotisas e os médiuns em trabalho espiritual durante a semana vestem balandras azuis ... “o azul e o branco, cores marianas, exprimem o desapego aos valores deste mundo e o arremesso da alma liberada em direção a Deus” (Chevalier & Gheerbrant, 1990). O azul simboliza igualmente a paz, a harmonia e é a cor da maçonaria.

O símbolo registrado da FEEU traz um ponto no interior de um triângulo encerrado dentro de círculo, trazendo à sua volta a inscrição: *sic transit gloria mundi* – e tem inspiração maçônica. O ponto é Deus, o centro e origem de tudo. O triângulo é o equilíbrio e o círculo, o mundo. Quanto à inscrição, eles explicam<sup>211</sup> ...

*“A legenda áurea da instituição é “sic transit gloria mundi”, que nos adverte ser transitória a vida e a glória do mundo material”.*

Yokaanam e os obreiros cuidaram de traduzir para os seus irmãos os significados de alguns símbolos privilegiados, assim também o simbolismo do jornal *O Nosso* ...

*... “nau com rumo certo... na bússola espiritual da Fraternidade Universal e das coisas divinas, cuja engrenagem de suas máquinas, articuladamente precisa e fiel como um relógio padrão, com sua tripulação vigilantemente solícita, atenta e obediente, responde às ordens do Comando Espiritual da Cúpula Sagrada que o determinou existir; e as cumpre à risca para dignificar e documentar à História do Porvir suas atividades, sua luta e seu heroísmo, como imortal mensagem silenciosa aos homens do futuro”<sup>212</sup>.*

Algumas inscrições registradas em portais e acessos da Cidade Eclética chamam a atenção do visitante. Além daquela que encima o arco em concreto, que marca a fronteira entre a parte interna e a parte externa da cidade; da placa que fica à beira da

---

<sup>211</sup> CEAA, v.1.

<sup>212</sup> CEAA, v.1.

estrada, na entrada da cidade, comunicando a entrada em terras da fraternidade; destaco outras duas, que marcam a entrada no cercado do Poço de Siloé...

*POÇO de SILOÉ  
CUIDADO IRMÃOS AO  
ENTRAREM AQUI!...*

E terreno onde está o Monte Tábor ...

*MONTE TÁBOR  
Frat.: Eclét Esp.: Universal  
Aviso Importante  
Não é permitida a entrada neste Sagrado  
Monte de Mulheres com trajes masculinos, colo nu,  
vestidos curtos e modos incompatíveis  
com os princípios da Moral Cristã. Aos homens fica  
proibido a entrada de calção.*

Todos estes comunicados apostos em regiões fronteiriças marcam os limites do profano para o sagrado. Além destes, nos portais de cada um dos templos da fraternidade, encontramos a mesma inscrição: “*Deixa lá fora as tuas armas*”. Também aqui eles mesmos<sup>213</sup> explicam o seu significado ...

*... “ advertência liminar gravada no pórtico do templo, em cada uma das casas, onde quer que se instalem, é: **Deixa lá fora as tuas “armas”**. As aspas em “armas” destacam apenas que não se trata de armas materiais e sim das perigosas “armas” internas do homem inferior – o ódio , a vingança, o egoísmo, o orgulho e demais sentimentos impróprios para os que buscam contato com os Espíritos Superiores, no recinto sagrado do templo, em qualquer escola ou religião ”.*

O ritual da peregrinação anual na Cidade Eclética, às Quintas-Feiras Santas, revela um complexo simbólico rico de significados. Os sucessores na direção espiritual legislativa da comunidade cuidam para que os procedimentos rituais da peregrinação sejam preservados conforme a tradição, tal qual Yokaanam a concebeu. Para esta ocasião, o Conselho Espiritual Administrativo elege os obreiros que conduzirão à frente: a flâmula dos

Peregrinos da Eternidade e as bandeiras do Brasil, da Fraternidade e da Juventude Eclética, seguidos por outros, carregando as imagens do arcanjo S. Miguel (“Mestre Michael”), de Nossa Senhora da Conceição e de Buda (“Mestre Buda”). Príncipe dos arcanjos, Miguel é representado armado de escudo e espada, ele é guerreiro de Deus, da milícia celestial, o que combate o Mal. A sua participação nesta peregrinação representa a proteção do cortejo. N. S. da Conceição foi mártir do Cristianismo, passou pela roda de navalhas e foi decapitada. Assimilada por diferentes tradições, ela foi Myriam de Nazareth, Santa Catarina de Alexandria, Yanci, Yemanjá; nesta ocasião, ela representa a Mãe de Jesus. E o mestre Buda, Siddharta Gautama (544-480 a.C.) é reconhecido pelos obreiros ecléticos como um dos maiores missionários divinos.

Junto destes, dois sacerdotes carregam duas espadas, simbolizando a presença de Mestres da Cúpula Sagrada da Fraternidade Universal, encarregados da segurança espiritual da atividade. Em vida, era Yokaanam quem vinha em seguida - após a flâmula, as bandeiras, as imagens e as espadas. Com a sua morte, a sua pessoa foi substituída pelos membros do Conselho Espiritual Administrativo, seguidos hierarquicamente pelos membros da Hierofância do Sacro Colégio e depois, aos pares, os Irmãos Apóstolos e os Sacerdotes, os iniciados em geral, os adeptos, os neófitos e, finalmente, os simpatizantes, sempre bem-vindos.

Nesta ocasião, os obreiros enfileirados dois a dois apresentam-se vestidos com os seus *balandraus*. À frente de todo o cortejo, vai o “Pioneiro”, que é o jipe com o qual Yokaanam chegou e explorou a região, na década de cinquenta. O Pioneiro é conservado no interior da Cidade Eclética como uma relíquia e, neste dia, ele leva equipamentos e o aparelho sonoro que dá o tom da peregrinação, reproduzindo os hinos da fraternidade ao longo da jornada. Ao final do cortejo, segue a ambulância da fraternidade, prevenindo a possibilidade do cansaço dos mais idosos ou um mal-estar de qualquer um deles, durante a longa jornada. À entrada do terreno sagrado do Monte Tábor, o cortejo, ainda organizado em fila, transpõe aquele limite e faz, então, uma pausa para o hasteamento das bandeiras, junto a uma casa e

---

<sup>213</sup> CEAA, v.1.



um segundo Pantheon<sup>214</sup> da FEEU. Em seguida, os membros do Conselho Espiritual Administrativo dirigem-se junto à antiga cruz de madeira; aquela que serviu de ponto de referência para Yokaanam definir o local onde deveria estabelecer “o seu povo”, conservada como relíquia e, em torno da qual, foram construídos, em sua base, sete discos concêntricos. Ali, reservadamente, ainda que não longe dos olhos de todos, eles entram em contato com um conselho espiritual.

Logo, eles podem terminar a última etapa da peregrinação: a subida ao topo do Monte Tabor, onde há uma ermida, a qual deverá ser substituída pela Igreja Eclética Universal. Lá, em cima, o corneteiro avisa a chegada do cortejo, as portas da ermida são abertas para o cortejo entrar, ainda organizadamente. Todos tomam os seus conhecidos lugares: o presidente do silogeu, um sacerdote e um auxiliar do sacerdote dirigem-se à nave da ermida para realizarem uma missa eclética, enquanto que os demais sacerdotes do sexo masculino ocupam o lado direito da nave e as sacerdotisas, o lado esquerdo. O ponto alto do ofício sagrado é o ato simbólico da soltura de uma pomba branca. Ao final deste evento, todos dão graças, despedem-se e, então, sem pressa empreendem o caminho de volta. No caminho de volta, eles fazem uma pausa mais longa para o almoço de confraternização, oferecido gratuita e indistintamente a todos os que participaram da peregrinação.

## **O comunismo religioso**

Assim como tem ocorrido com outros movimentos milenaro-messiânicos, a doutrina eclética rechaçou a sociedade moderna, individualista, capitalista, o sistema social que os exclui e se lhes apresenta tão perverso. Os obreiros ecléticos entendem que do estilo de vida urbano ocidental decorrem os vícios, a maldade, a corrupção, a violência, a imoralidade, a falta de caridade e de humildade, contrários a tudo aquilo que eles acreditam que o “Grande Mestre Jesus” ensinou. A “religião pura e verdadeira”, preconizada pelo cristianismo primitivo, deverá lograr a reunião dos povos de boa vontade no reino divino na Terra, que não é a sociedade moderna ocidental. Diante da impossibilidade de mudarem radical e

---

<sup>214</sup> Este Pantheon é secundário em relação àquele que foi construído na parte interna da Cidade Eclética. Ainda que em tamanho mais reduzido e aparentemente mais simples, ele reproduz aquele, em aparência e

subitamente o estilo de vida da sociedade e guardando a sua característica de grupo reformador, de natureza pacífica, Yokaanam e os obreiros ecléticos resistiram, retirando-se da sociedade em busca de terreno virgem, “ilha de bonança”, fundando uma fraternidade e uma comunidade afastadas dos vícios da cidade, onde puderam estabelecer princípios e um estilo de vida que lhes parecem mais adequados.

A separação do trigo do joio identificada como uma preocupação constante na doutrina eclética, também aqui empresta a sua motivação. O sonho de plantar uma semente boa em terras virgens e santificadas ganharam nas terras altas, planas, desabitadas e distantes de tudo, no planalto central, a sua possibilidade efetiva de realização. Ali, eles permanecem ainda, relativamente isolados de tudo aquilo que eles não querem para si e não podem mudar. Ainda que a sociedade moderna adentre a comunidade e as suas casas, através dos meios de comunicação, da permeabilidade de relações sociais, políticas, econômicas e religiosas, que eles respeitam, e das leis civis, que eles acatam enquanto cidadãos brasileiros, na comunidade fraternal, eles podem filtrar as suas próprias maneiras idiossincráticas, ao mesmo tempo em que contam assim constituir e atrair, pelo exemplo, aqueles que entendem como indivíduos conscientes para a expansão da fraternidade espiritualista cristã universal.

Na década de sessenta, também Yokaanam foi acusado de ser comunista. O Brasil e os outros países, conforme sabemos, viviam uma macro tensão política, associada à guerra fria entre EUA e Rússia, países do Leste e do Oeste, entre os blocos capitalista e socialista. O receio de uma tomada de governo comunista no Brasil levou os militares, apoiados pelos americanos, ao golpe militar e a uma perseguição generalizada contra políticos e intelectuais que pudessem representar ameaça comunista no Brasil, por iniciativas isoladas ou coletivas. Aparentemente desinteressado pela tensão política internacional, a convicção de Yokaanam era por uma forma de socialismo religioso, nos moldes daquele que prevaleceu entre os essênios, entre os primeiros cristãos ou como aquele que ocorreu ao longo de um século e meio na bem sucedida empreitada dos jesuítas, com a sua república comunista cristã, entre os guaranis, nas missões.

---

função, sendo aberto apenas nesta ocasião, quando os obreiros podem adentrá-lo para descansar e orar.

Em seu trabalho, Lugon (1977) distingue a sociedade ideal dos primeiros cristãos, que fracassou, daquela que existiu com sucesso, durante um longo período, entre os guaranis, e que sucumbiu por força de disputa entre espanhóis e portugueses. Ele explica que a sociedade fraterna que deu origem às primeiras comunidades cristãs, levantadas pela mensagem deixada por Jesus, foram formadas pela crença de que éramos todos irmãos, estávamos todos juntos e que tudo devia ser comum. Daí que vendessem tudo o que tivessem e distribuíssem tudo a todos, na medida da necessidade de cada um, de forma que não houvesse mais necessitados entre eles. Este modelo mostrou-se inviável desde o início e as primeiras comunidades cristãs jamais formaram uma sociedade porque elas não estavam organizadas para assegurar ...

*... “de um modo estável, a produção e a repartição dos bens por elas próprias, mediante o simples funcionamento de suas instituições. Além disso, os bens de produção conservaram-se por tanto tempo propriedade privada, que não foram transformados pela venda em bens de consumo. As comunidades cristãs, por conseguinte, manifestaram-se mais como grupos de amizade e ajuda mútua, na base do desinteresse e abnegação pessoais, no seio de uma sociedade profundamente egoísta.*

*A República Guarani foi, por seu lado, uma sociedade fraternal organizada segundo os princípios cristãos, no sentido em que a fraternidade estava praticamente inscrita na sua estrutura, seu regime de propriedade, seus modos de produção e distribuição, em todas as suas instituições”.*

A comunidade social e religiosa da Cidade Eclética deve o seu relativo sucesso e continuidade – se considerarmos o seu meio século de existência – aos mesmos fatores que sustentaram a república guarani: organização social e religiosa gerenciando um sistema de comunidade de bens e serviços institucionais, com organicidade previsível, fazendo valer direitos e deveres iguais. No entanto, em tempos modernos, esta prática fica muitíssimo prejudicada sem o apoio da sociedade maior. Vivemos num mundo capitalista e globalizado, com regras claras e fronteiras cruéis: inserção ou exclusão. As oportunidades são muito atraentes e a escassez representa miséria e penúria. Ainda que queira sinceramente se comprometer com o ideal religioso, é muito difícil ao jovem obreiro eclético abrir mão das seduções do mundo extramuros da Cidade Eclética.

Daí que a grande maioria deles deixe a cidade tão logo atinjam a maioridade em busca de oportunidades materiais, que não encontram por lá. E assim, a Cidade Eclética vem se ressentindo de mão-de-obra para todos os serviços, com tendência crescente a tornar-se uma cidade de idosos. Outra época e outras circunstâncias históricas e sociais foram aquelas que permitiram a realização de um sonho utópico entre os jesuítas e os guarani; sobretudo, o suporte de instituições sólidas garantiram o estabelecimento de uma sociedade ideal. É provável que, antes que os obreiros ecléticos vejam o seu sonho realizado, seja mais uma vez necessária uma radical ruptura para uma transformação rápida ou terão que aguardar ainda muitos decênios, antes de lograrem a elevação moral e espiritual dos indivíduos ou a consciência coletiva por ideais comuns.

### **Uma alternativa de governo: o conselho de anciãos**

O conselho de anciãos da Cidade Eclética presidido por um eleito dentre eles, na qualidade de líder espiritual, representa ainda o caráter do intermediário, sem a qualidade messiânica. O modelo do conselho de anciãos dos obreiros ecléticos foi inspirado na forma de organização sócio-religiosa dos antigos essênios e aparece igualmente em outras culturas e tradições. No *Apocalipse*, um conselho de 24 anciãos, vestidos de branco, ocupa 24 tronos em torno de uma grande mesa, presidida pelo Deus todo poderoso e representando o poder, a ordem e a estabilidade. Os obreiros dizem que o seu Mestre Yokaanam foi chamado de volta, antes do que eles esperavam. De qualquer forma, Yokaanam acreditava ter fundado o “território pioneiro e neutro” onde será colocada a “Mesa Redonda” destinada “aos Chefes Espirituais das diversas Religiões para o acordo pleno de dignidade, honra e fraternidade”. A esta mesa “ninguém tomaria sozinho a direção e o poder”, ele dizia, “não haverá a apropriação do comando”. A cada sessão, num sistema de rodízio, cada um dos líderes presidirá...

*... “em âmbito religioso, universalista e apolítico, preconizamos em primeira mão a unificação, o desarmamento de todas as correntes de fé e a concórdia universal em torno de Deus e do Cristo. Depois disto, realizado em Mesa Redonda e assentado definitivamente o ARMISTÍCIO UNIVERSAL, deverá ocorrer o*

*Grande Congresso para cuidarmos de assentar o COMANDO ESPIRITUAL ÚNICO, composto pelos primeiros SETE CHEFES ESPIRITUAIS de RELIGIÕES.*

...  
*Na nossa Mesa, porém, ninguém perderá seu pomposo PODER, nem haverá apropriação! Indébita... podem ficar tranqüilos... Ninguém será “O MAIOR” sozinho, porque cada Chefe presidirá, cada vez que houver reunião, em rodízio, e todos juntos dirigirão o destino comum de todas, pacificamente... digna e harmonicamente. Assim será um dia ... para a glória do Conselho do Senhor e felicidade dos homens!”<sup>215</sup>.*

É interessante observar que, ainda que defenda um sistema igualitário, Yokaanam não abria mão de uma hierarquia de poder, o que, no seu íntimo conservador, devia ser fator de garantia da ordem. A sua convicção quanto à realização de um projeto “pioneiro” não se sustenta porque sabemos sobre várias iniciativas ecumênicas, tanto da parte do catolicismo quanto da parte dos protestantes, de outras religiões cristãs e de comunidades de Nova Era, no Brasil e no mundo. Na qualidade de “Apóstolo das religiões”, é difícil acreditar que se tratava de ingenuidade, que Yokaanam não tivesse conhecimento destas iniciativas. O mais provável é que ele distinguisse um esforço ecumênico – termo que ele não utilizava – de um esforço universalista. A exemplo da distinção que estabelecia entre ecletismo e sincretismo, é provável que Yokaanam distinguisse ecumenismo – reunião amorfa de doutrinas diversas – e universalismo – seleção de doutrinas que ele considerava “verdadeiras”, universais, e que deveriam perpetuar.

Outro aspecto interessante a se destacar faz referência ao número de chefes religiosos para a reunião dos líderes para o “Comando Espiritual Único”, sugerindo duas possibilidades. A primeira, que ele sabia exatamente quais eram estes chefes e eles eram em número de sete, sete certos chefes e não outros ou, o que me parece mais provável, que ele tenha se valido do sete enquanto símbolo universal da totalidade e a chave do *Apocalipse*; pois, de acordo com este texto, sete são as igrejas, as estrelas, os Espíritos de Deus, os selos, as trombetas, os trovões, as cabeças, as calamidades, as taças, os reis no *Apocalipse* (Chevalier & Gheerbrant, 1990). Deslocado ou impróprio parece o adjetivo “pomposo” junto do

---

<sup>215</sup> *O Nosso*, n. 78, ano VIII, abril/1954.

substantivo “poder” na declaração de Yokaanam, que reprovava fortemente a vaidade pessoal. Da mesma forma, ele destaca novamente, fazendo uso de caixa alta, o substantivo “O MAIOR”, acompanhado de outro adjetivo igualmente inadequado “sozinho”, no sentido de que nenhum deterá exclusivamente o poder, mas todos eles farão uso dele, em sistema de rodízio. Finalmente, se Yokaanam tomava o exemplo do Cristo, não devia reivindicar poder algum. Com certeza, os atributos humanos arranharam as características de um verdadeiro messias que ele pretendeu ter sido.

### **A dor, a mediunidade, a reencarnação e o carma**

A maior parte dos obreiros da fraternidade foi atraída pela doença ou, mais genericamente, pela dor. Eles têm consciência de que a dor provoque a reflexão, a mais eficiente para revermos nossos conceitos e comportamentos. O desenvolvimento da mediunidade pode ser sugerido a alguns consulentes, com base na formação nos quadros espirituais da fraternidade, conforme sabemos. Ela pode também se manifestar subitamente a uma pessoa no templo. Eles acreditam que o seu desenvolvimento ou a sua manifestação dependem de qualidades individuais e, sobretudo, de herança de natureza cármica, uma vez que a prática mediúnica representa uma oportunidade de resgate cármico. Eles entendem que quanto mais se trabalha com a mediunidade para o bem e o alívio do outro, mais se diminui as próprias dívidas espirituais, além de se colaborar para a melhoria da qualidade de vida espiritual sobre a Terra; esta prática traz, portanto, progresso espiritual pessoal e coletivo.

Além disso, segundo afirmam alguns deles, a prática da mediunidade faz deles instrumento divino, proporciona o contato e a comunicação com a divindade, o que lhes traz bem estar e o domínio de forças humanas primitivas. Através desta prática, eles exercem ainda, indiretamente, uma forma de proselitismo. De acordo com as estatísticas de um obreiro entrevistado, um entre duzentos consulentes acaba tornando-se candidato. A prática mediúnica é exercida, via de regra, através do passe magnético, isto que constitui uma prática notável, que pode trazer a cura súbita em muitos casos, mas, sobretudo, alívio. Os médiuns encarnados colocam as mãos, de forma suave, sobre o corpo energético dos doentes ou dos simples consulentes. Eles explicam que o médium encarnado é capaz de ver

através do corpo físico e naturalmente luminoso dos pacientes. Os males ou doenças já instaladas ou em vias de instalação são vistas como pontos sem luminosidade nos seus corpos luminosos. O médium trabalha, portanto, sobre estes pontos, no sentido de “limpá-los”, ao mesmo tempo em que buscam restaurar a aura protetora de cada um deles. Trata-se de pontos doentes ou vulneráveis, de fuga da energia vital do corpo do paciente. Uma vez visualizado um ponto obscuro, o médium ali trabalha mais pontualmente, passando várias vezes a sua própria mão, carregada de fluido magnético com poder espiritual de cura, a fim de recuperar a luz naquele ponto e de forma a restaurar e harmonizar a aura luminosa e a energia sistêmica que recobre o corpo humano. A nossa aura deve circular em circuito fechado, isto que torna o corpo forte e resistente<sup>216</sup>.

Na qualidade de espiritualistas, os obreiros acreditam na imortalidade da alma e no progresso espiritual através de uma corrente de vidas passadas e vidas futuras pelo processo de reencarnação do espírito imortal em corpos mortais. Um componente importante para esta crença é exatamente o carma, ou seja, uma resultante das atividades inclusive mentais, do espírito encarnado, gerando harmonia ou desarmonia energética no sistema cósmico universal. No cumprimento do carma individual, eles acreditam, pode aglutinar-se o carma de pessoas com as quais se convive e ainda, aquele de toda a sociedade. Por exemplo, eles acreditam que, quando o Brasil produz e exporta equipamento bélico, colabora para a guerra e então, cada um de nós, tem responsabilidade por isso também<sup>217</sup>. Os obreiros ecléticos<sup>218</sup> definem a Lei do Carma nos seguintes termos ...

*... “Toda a energia que liberamos, seja através de atitudes ou emissão de pensamentos e sentimentos, segue no éter até alcançar o destino a que esse propõe, retornando em seguida à sua origem. Manifesta-se a energia emitida – seja de que natureza for – como um planeta a orbitar, sendo que, durante seu movimento de translação, ele emitirá sua influência ao objeto alvo; tal irradiação possuirá característica construtiva ou destrutiva, conforme sua natureza, retornando ao seu ponto de partida sem abandonar suas qualidades natais. Tal fenômeno explica o fato de a nós ocorrerem inusitadamente coisas boas ou ruins, a qualquer tempo.*

---

<sup>216</sup> Mello, 1999. Estas informações provêm das entrevistas que realizei em campo.

<sup>217</sup> O Nosso, fev./2001.

<sup>218</sup> O Nosso, n.619, ano 55, out./2001.

*Fundamental é que se compreenda que nada acontecerá conosco por acaso e que não somos vítimas passivas da “sorte” ou do “azar”. Encontrar-se na hora certa e no lugar certo, ou na hora errada e no lugar errado, trata-se de solução matemática à complexa adequação que montamos no exercício de nossa existência.*

*Não se pode determinar exatamente quando uma energia específica por nós emitida irá nos atingir de retorno. Por isso mesmo o maior dos mandamentos cristãos – “amar ao próximo como a si mesmo” - deve ser interpretado não somente como um chamamento ao convívio fraterno e solidário, senão como alerta a que estejamos atentos à qualidade vibratória que direcionamos às pessoas”.*

Os obreiros entendem que a prática mediúnica é um exercício divino de caridade através de um intermediário. Na qualidade de intermediários entre a bondade ou a dádiva divina e um sofredor, merecedor dela, não há o que receber como pagamento da parte do beneficiário, a não ser igual merecimento divino pela prática do amor fraterno, que eles se propõem realizar na Terra. Ao final, eles esperam reconhecerem-se pelas qualidades espirituais desenvolvidas pela experiência esotérica, vivida individualmente, mas partilhada por uma coletividade, de acordo com código que lhes concerne.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Sua finalidade primordial  
é a realização pioneira da unificação espiritual do planeta,  
através da divulgação da doutrina eclética  
e do trabalho intenso e permanente  
de restauração moral e espiritual das coisas profanadas pelos homens,  
bem como de assistência fraterna aos humildes e sofredores do corpo e do espírito,  
como prática da verdadeira caridade preconizada no Evangelho da Boa Nova”<sup>219</sup>*

A Fraternidade Eclética Espiritualista Universal - FEEU foi oficialmente fundada por Yokaanan Oceano de Sá e um grupo de correligionários no dia 27 de março de 1946. Quatro dias depois, no dia 31 de março, eles abriam as portas do seu templo ao público, em endereço estabelecido no centro da cidade do Rio de Janeiro. Dez anos mais tarde, no dia 4 de novembro de 1956, fundavam a *Cidade Eclética Fraternidade Universal* no planalto goiano; desde então, permanece a esperança de poderem erigir a Igreja Eclética Espiritualista Universal, ampliando as terras da fraternidade, no atual município de Santo Antônio do Descoberto, no Estado de Goiás. O I Santuário Essênio do Brasil e das Américas está estabelecido no interior da Cidade Eclética e conta, através de formação esotérica, formar os cidadãos do terceiro milênio, com o apoio espiritual do seu Mestre Yokaanam e de um grupo de entidades espirituais cristãs.

A FEEU é uma instituição filantrópica com certificado do Conselho Nacional de Serviço Social e é pessoa jurídica de direito privado. A instituição foi reconhecida como de utilidade pública federal pelo Decreto nº 1.185, de 15 de junho de 1962. Constitui-se enquanto fraternidade, daí que seus membros tratem-se como irmãos, filhos de um Deus único. Em termos físicos, a Cidade Eclética é uma comunidade rural religiosa, quase auto-subsistente, exclusiva para os “obreiros do cristianismo primitivo do advento da Boa Nova”, estando aberta a todos os candidatos que queiram compartilhar o estilo de vida que é ali adotado. Enquanto organização social e religiosa, a fraternidade se entende “eclética” porque, segundo eles mesmos o definem, ... “reúne em seu seio tudo de bom e útil, com critério de seleção nobre, que se cultiva e pratica nas demais escolas religiosas instaladas no

---

<sup>219</sup> CEAA, v. 1.

planeta”. Desde a sua fundação, Yokaanam cuidou de explicar que não se trata de uma nova religião, tampouco consideram-se uma “seita”; ao contrário, entendem-se como propagadores da “verdadeira” religião cristã, com caráter agregador. Definem-se “espiritualistas” porque “seus membros aceitam a existência de um poder absoluto (Deus) e acreditam na sobrevivência do espírito, em sua marcha evolutiva para a eternidade e para a felicidade”. Antes que “ecumênica”, a fraternidade amplia suas fronteiras e pretensões à universalidade, reconhecendo que “a verdade é ilimitada, não tem fronteiras, não é privilégio de apenas uma pátria, um povo, uma raça e, muito menos, de uma determinada escola religiosa ou filosófica”<sup>220</sup>.

Embora, Negrão (1984) tenha identificado em sua pesquisa etnográfica uma forma de ação política de Yokaanam, registrando a influência que ele exercia sobre os votos do conjunto dos obreiros, “fechando” com determinados candidatos, Yokaanam não admitia que qualquer dos obreiros fosse candidato ou atuasse na política partidária. Ainda que ele tenha influenciado nos votos dos obreiros, este procedimento não descaracteriza a essência apolítica da FEEU. Desde a sua fundação, a Cidade Eclética vem lutando com muita dificuldade contra o abandono político e social em que vivem. Com preocupações de natureza essencialmente espiritual, a barganha do voto em troca de benefícios sociais para a comunidade deve ser caracterizada como uma ação política de cidadania, com a busca de representantes que defendam os interesses da comunidade. Yokaanam entendia que o seu envolvimento ou aquele de qualquer dos obreiros com a política constituía infidelidade aos ideais missionários e espiritualistas com os quais se comprometeram. Embora tenha estado muito próximo de pessoas politicamente influentes e que tenha tido mesmo a oportunidade de exercer cargos políticos, Yokaanam preteriu ao longo de sua vida a prática da política partidária.

De acordo com a pesquisa de Negrão, a disposição da FEEU em relação à Igreja Católica foi tensa nos primeiros tempos. Yokaanam criticava a proibição papal quanto à prática mediúnica dos sacerdotes e, à época da construção da Catedral de Brasília, ele lutou para que ela fosse efetivamente um templo para todas as religiões. Do outro lado, a Igreja

---

<sup>220</sup> As citações todas deste parágrafo têm a mesma fonte : CEAA, v. 1.

Católica não via com bons olhos a prática da doutrina eclética, devido ao exercício da mediunidade, à afinidade com a umbanda, às crenças no espiritismo e na reencarnação, ao exercício do ofício religioso por sacerdotes não-celibatários e não-sacramentados pela instituição católica. No entanto, depois que houve a transferência da sede matriz para o planalto goiano, a tensão entre ambas as instituições tornou-se imperceptível.

Com exceção da observância aos princípios morais e religiosos, da prática exotérica e, sobretudo, da formação esotérica, as quais permanecem quase inalteradas, a dinâmica política, econômica e social da Fraternidade acompanha, ainda que a passos lentos, o movimento da modernidade. No que concerne à dinâmica milenarista, a Fraternidade parece estar fazendo a transição de um modelo a um “espírito”. Dito de outro modo, ela parece estar abandonando a forma de milenarismo que esteve na sua origem – aquela do messianismo tradicional ocidental, de natureza apocalíptica, orientada pela concepção linear do tempo que corre para o Fim, para o desfecho de uma História Sagrada – e assimilando progressivamente uma outra modalidade de milenarismo que, genericamente, vimos denominando Nova Era. Os movimentos, comunidades e expressões de Nova Era devem ser aqui entendidos mais como uma inspiração (é neste sentido que traduzo como um “espírito”) do que como uma seita, o que, de fato, não se aplica<sup>221</sup>. Para o que nos interessa aqui, importa entender o “espírito” da Nova Era, que os obreiros ecléticos vêm paulatinamente adotando, como a esperança relativa à chegada de uma nova era de espiritualidade e de amor fraterno e universal, orientada pela concepção cíclica do tempo, que prevê o fim de um ciclo, ao mesmo tempo em que concebe o início de um novo ciclo de vida, na Terra, sem a intervenção de um messias e sem a concorrência de um Julgamento Final.

Atentos aos sinais de um Fim, com a progressiva degradação moral e religiosa da humanidade, na coincidência entre o início de outro milênio e o início de outra era, e ainda, sensíveis às sucessivas postergações das profecias apocalípticas anunciadas por seus mestres espirituais, os obreiros da fraternidade tendem a acreditar no advento da Nova Era,

---

<sup>221</sup> Um conceito definitivo que alcance inteiramente a mentalidade, estrutura ou organização de expressões, movimentos ou comunidades de Nova Era desafia ainda os especialistas do assunto.

vivida por uma humanidade fraterna e humilde no terceiro milênio, na Era de Aquário. Os temores apocalípticos parecem ceder paulatinamente às esperanças por um tempo de espiritualidade e amor fraterno, sem a concorrência de um “justiceiro divino”, mas após uma inevitável ruptura radical, que poderá vir com a terceira guerra mundial ou uma tragédia proveniente de fenômeno natural ou biológico, concorrendo para a extinção de dois terços da humanidade corrompida. Enfim, os obreiros da Fraternidade tendem a acreditar que a nova era para a humanidade deverá ser precedida por aniquilação daqueles que não partilham os princípios deles e para a qual concorrerão guerras, doenças, suicídios, loucura e outras formas de degradações destrutivas e aniquiladoras.

Por outro lado, o esgotamento cíclico da Terra e o amadurecimento moral e espiritual da humanidade darão lugar a uma renovação naturalmente necessária, a uma restauração radical na Terra. A Nova Era, segundo eles acreditam, trará uma experiência feliz para as pessoas espiritualmente elevadas por propósitos mais humanitários e mais fraternos. Neste estágio, a conquista terá sido individual, segundo o livre-arbítrio, a prática e a consciência de cada um. A entrada nesta nova era de espiritualidade e de amor fraterno e universal reunirá todos os indivíduos em sintonia com o espírito universal, para a reunião de uma humanidade nova sobre a Terra. Ainda que admitam que a morte, as doenças e os sofrimentos coexistam no tempo que se inaugura, eles serão enfrentados com maior eficiência, com o consórcio da ciência e da espiritualidade finalmente conciliadas.

Os obreiros ecléticos acreditam igualmente que o terceiro milênio não poderá ser vivido pela humanidade tal qual ela está. Alguma coisa deverá acontecer e eles temem, naturalmente, pelo que virá. Movidos pelo desejo de transformar a realidade imediata que degrada e desagrada, a inspiração milenarista que insufla os obreiros ecléticos estabelece uma ponte entre o desespero e a esperança, entre o passado e o futuro, entre a sociedade e um mito. Através de suas práticas eclética, espiritualista e mediúnica, eles esperam realizar a transição. Conforme teria declarado o seu Mestre Yokaanam<sup>222</sup> ...“a mediunidade é um sacerdócio muito elevado” ... “É este sacerdócio que vai presidir entre os eleitos da humanidade do terceiro milênio”... “A mediunidade não é um privilégio dos espíritas” ...

“Ela existe em todos, isto que permite concebê-la na “universalidade”, em oposição ao “sectarismo”.

A vida em comunidade religiosa representa freqüentemente uma opção considerável para aqueles que se encontram abandonados à própria sorte. É sabido deles que uma parte significativa dos obreiros ecléticos engajam-se na fraternidade com vistas à assistência social, se aceitos; o que significa uma vida bastante modesta, mas digna e tranqüila. A constituição da fraternidade prevê a assistência social e espiritual a todos os necessitados; daí, que admitam candidatos que visam apenas aos benefícios sociais, mesmo sem engajarem-se espiritualmente, apenas pela bem-vinda cooperação no trabalho comunitário. Além da escassez de recursos materiais, a cidade ressen-te-se de crescente falta de recursos humanos. A cidade tem se mostrado mais adequada aos idosos e às crianças; razão pela qual a maior parte dos seus serviços vem sendo terceirizada. No entanto, há também entre eles, aqueles que abrem mão de algum conforto que tinham ou poderiam ter, fora da comunidade, para ali cooperarem.

Há algo bem mais significativo que move a maior parte deles: a formação esotérica, a descoberta de um sentido para as suas existências, o contato com o sobrenatural, a oportunidade do resgate cármico e o atendimento ao chamado divino individual. Uma via de compensações coloca-se no íntimo de um maniqueísmo simbólico, que incompatibiliza duas realidades antagônicas: o ideal espiritualista e a sociedade que abandonam. É difícil afirmar a existência de uma relação direta entre o falecimento do messias e a diminuição de adeptos; menos difícil, no entanto, é atribuir-se àquele fato a transição que a Fraternidade faz de movimento messiânico para movimento de Nova Era. A magnética figura de Yokaanam colocava em forte evidência a incompatibilidade entre o ideal missionário e a sociedade corrompida; por seu caráter conservador, impunha uma disciplina profundamente moralizante, um estilo de vida socialmente alienante e que, desde o seu falecimento vem tornando-se sobre alguns aspectos mais moderado.

---

<sup>222</sup> Em entrevista a Espejo, 1984 : 308.

No conjunto das modalidades milenaristas, alguns aspectos são comuns à maior parte dos movimentos. Assim, o abandono e o isolamento sociais em que vivem; involuntário na origem e voluntário em seus fins, vividos por indivíduos e coletividades que aderem às crenças e movimentos. A busca da adesão e a posterior inclusão do indivíduo ao grupo, a inserção individual em uma comunidade, visam à integração, à participação e à partilha no seio de um grupo familiar, social, espiritual. Além disso, cada um deles busca, com a prática de uma fé, um apoio, um sentido consciente ou não, que resolve a situação inicial do abandono involuntário. Uma vez pertencentes a um grupo familiar, social e religioso, onde encontram conforto moral e espiritual, desejam o distanciamento do sistema ou da sociedade global que não podem mudar. Daí à fundação de cidades santas e de comunidades rurais distanciadas das cidades, moralmente corrompidas, cheias de vícios e de hábitos degradantes, tornam-se, via de regra, um passo natural.

Também é comum a desvalorização da família consangüínea, substituída pela família espiritual, para o que concorre a responsabilidade do livre-arbítrio. A eficiência e necessidade de um mestre vivo entre eles parece ter-se tornado secundárias, uma vez que os seus médiuns estabelecem uma relação vertical com a divindade, sem a necessidade de outro intermediário. O chamado divino individualizado constitui um outro aspecto corrente, complementar, quando cada indivíduo se reconhece como parte de uma divindade maior, universal, a unidade na Origem. Acredita-se que, ao final de um ciclo, esta unidade original e divina queira agregar-se novamente; daí que chame para si as suas partes, bem como atraia para si aqueles que estavam perdidos. Assim é que cada um deles acredita poder reconhecer a si mesmo e ao seu grupo, através da experiência mística vivida individualmente, mas partilhada coletivamente.

No esforço de resgate de uma realidade instauradora ou de restauração de uma realidade decaída, os esquemas verbais de separação e ascensão são fundamentais. Foi preciso fundar-se uma cidade distante para nela reunir-se os eleitos. Enquanto aguardam “o que virá”, é preciso impor-se um ritmo, que ordene as atividades cotidianas – restrições de horário, comportamento, princípios, vestuário, alimentação, organização social, etc. Além disso, alguns rituais reforçam o esforço de purificação: o batismo e os passes magnéticos,

por exemplo. Alguns valores são adotados a partir de exemplos apreciados, assim: a humildade e a caridade, com vistas ao resgate da pureza perdida (a culpa), a conquista do merecimento pelo sacrifício e outros, sempre com vistas à purificação, para o estabelecimento do paraíso na Terra ciosa de regeneração.

O isolamento inicial para a seleção, com vistas à posterior reunião: de princípios para o corpo doutrinário; de eleitos para a fundação de uma cidade; e de religiões afins para a unificação no planeta, requereu uma forma de organização social, política e religiosa hierarquizada, estruturalmente fundada sobre o princípio da igualdade de todos diante de Deus Pai. Do princípio da igualdade, subjazem a noção de fraternidade e uma forma de organização social: o comunismo religioso, com a partilha de bens e serviços. Na dinâmica simbólica heróica da doutrina eclética dos primeiros tempos<sup>223</sup>, esteve fortemente presente o esforço de separação do joio do trigo, da mesma forma como concorreram fortemente as influências da teoria evolucionista e da filosofia positivista. O emprego de termos como “raças superiores” e “raças inferiores”, os princípios da seleção e da evolução e o estabelecimento de uma forte hierarquia eram flagrantes nos discursos ecléticos, apesar do princípio igualitarista cristão. A dinâmica simbólica heróica parece ceder, no entanto, nestes últimos tempos<sup>224</sup> a uma estrutura simbólica sintética, integradora, menos combativa, mais assimiladora.

Diferentemente da expectativa de uma variante de milenaristas apocalípticos, que aguardam a descida da Jerusalém celeste, os obreiros ecléticos contam com a reedição do reino terrestre da Nova Jerusalém. É preciso fundar o paraíso na Terra, reproduzindo a Jerusalém terrestre, a partir do planalto goiano, para ali juntarem-se, então, os eleitos. Os obreiros acreditam que a Terra já foi oficina de expiação e vem se tornando oficina de regeneração, para os espíritos que reconheceram as suas faltas e quiserem se melhorar. A crença sobre o Bóhan ratifica e amplia esta ambição: os maus serão novamente expulsos para outro planeta, para que reine aqui as benesses do paraíso habitado por uma civilização

---

<sup>223</sup> Nos primeiros quarenta anos de existência da FEEU, da metade dos anos quarenta até metade dos anos oitenta.

<sup>224</sup> Nos últimos quinze a vinte anos; do final dos anos oitenta aos primeiros anos do terceiro milênio.

espiritualmente nobre. Aguardemos e contemos estar entre eles, pois, conforme eles acreditam, os essênios ...

*“atualmente já estão se disseminando outra vez na Terra, a fim de organizar elevada confraria de disciplina esotérica em operosa atividade no mundo profano, para a revivência do Cristianismo nas suas bases milenares.”*<sup>225</sup>



Às 6:00 horas da manhã nas terras da Cidade Eclética

---

<sup>225</sup> *O Nosso*, n. 556, ano 49, jun./1996.



## ***ANEXOS***

### **Relação das filiais da FEEU**

0 – Sede-Matriz-Principal – Fundada em 27.03.1946, estabelecida na Cidade Eclética Fraternidade Universal - Caixa postal, n. 17 - Santo Antônio do Descoberto – GO - CEP 72.900-000 – tel.: 61.626.1391.

1 – Regional de Petrópolis – Fundada em 29.08.1948, estabelecida à Rua Domingos Andrade Bastos, 140 – Centro – Petrópolis – RJ – CEP 25.685.240 – tel.: 24.242.4747.

2 – Regional de Cordovil – Fundada em 26.05.1950, estabelecida à Rua Rio Apa, 491 – Cordovil – Rio de Janeiro – RJ – CEP 21.250-570 – tel.: 21.3391.6174.

3 – Regional de Posse dos Carneiros – Fundada em 1956, estabelecida na Estrada União e Indústria, n. 32.879 – Posse dos Carneiros (Distrito de Petrópolis) – RJ – CEP 25.770-000 – tel.: 24.256.1619.

4 – Matriz-Regional do Rio de Janeiro – Fundada em 01.09.1956, estabelecida à Rua Emancipação, 33 – S. Cristóvão – Rio de Janeiro – RJ – CEP 20.910-080 – tel.: 21.2589.3654.

5 – Regional de Anápolis – Fundada em 26.09.1956, estabelecida à Av. Goiás, 220 – Caixa postal 267 - Anápolis – GO – CEP 75.001-970 – tel.: 62.324.3798.

6 – Matriz-Regional de Paracatu – Fundada em 21.01.1958, estabelecida à Av. S. Gonçalo, 149 – Caixa postal 19 – Paracatu – MG – CEP 38.600-000 – tel.: 38.3671.1221.

7 – Regional de Campo Grande – Fundada em 18.01.1959, estabelecida à Rua Catiara, 83 – Campo Grande – Rio de Janeiro – RJ – CEP 23.045-140 – tel.: 21.3394.0644.

8 – Regional de Formosa – Fundada em 24.01.1966, estabelecida à Rua Costa Pinto, 428 – Setor Ferroviário – Formosa – GO – CEP 73.800-000 – tel.: 61.631.2408.

9 – Regional de Itapaci – Fundada em 18.04.1966, estabelecida à Rua do Pilar, 6 – Vale S. Patrício – Itapaci – GO – CEP 76.360-000 – tel.: 62.361.2164.

10 – Regional de Duque de Caxias – Fundada em 07.08.1966, estabelecida à Rua S. João Batista, 151 – Centro – Duque de Caxias – RJ – CEP 25.010-120 – tel.: 21.771.2732.

11 – Filial-Matriz-Principal del Paraguay – Fundada em 23.02.1971, estabelecida à Calle R / 6 – Boquerón – 1.438 – Assunción – Paraguay – tel.: 595.21.603.971.

12 – Matriz-Regional do Estado da Paraíba – Fundada em 02.03.1975, estabelecida à Rua Silvia Bezerra Guedes, 418 – Jardim Planalto – João Pessoa – PB – CEP 58.088-090 – tel.: 83.233.2928.

13 – Filial-Matriz-Principal de la Argentina – Fundada em 26.08.1979, estabelecida à Calle San Ramón, 1.647 – Martin Coronado – Partido 3 de Febrero – Provincia de Buenos Aires – Argentina – C P 1682 – tel.: 5411.4842.2814.

14 – Matriz Regional do Estado de Pernambuco – Fundada em 01.07.1982, estabelecida à Av. Nicolau Copérnico, 163 – Imbiribeira – Recife – PE – CEP 51.170-010 – tel.: 81.3448.0511.

15 – Matriz-Regional do Estado do Paraná – Fundada em 26.09.1982, estabelecida à Rua João Koleski, 424 – Campo Comprido – Curitiba – PR – CEP – 81.280-280 – tel.: 41.285.3087.

16 – Regional de Governador Valadares – Fundada em 10.03.1990, estabelecida à Rua Pedro Malaquias Pinto, 285 – Jardim Alice – Governador Valadares – MG – CEP 35.100-000 – tel.: 33.3272.1443.

## Corrente Branca Universal

Todas as pessoas, indistintamente, pretendendo **ASSISTENCIA OU AJUDA ESPIRITUAL**, cura à distância para seus males físicos, por se encontrarem em lugares longínquos da Fraternidade Eclética, desejando conforto, proteção e alívio para suas dores e aflições íntimas, devem proceder da seguinte forma, independente de terceiros:

- Ao se recolher ao leito para dormir, preparar seu coração para orar, expurgando-o de todas as vibrações e sentimentos inferiores. É importante saber que é indispensável O BOM ESTADO DO CORAÇÃO, afastando ódios, vinganças, ambições ilícitas, antipatias, ciúmes, rancores, etc. Nesta disposição, fazer sua **PRECE** como melhor lhe parecer e de acordo com sua fé ou Religião, contato que seja sentida e sincera, sobretudo pedir ingresso na “**CORRENTE BRANCA UNIVERSAL**” da **FRATERNIDADE ECLÉTICA**, dirigida espiritualmente pelo Venerável:. Mestre:. Yokaanam:. durante a noite, para que possa merecer e receber os benefícios espirituais durante o sono;
- Se for o caso de tratar-se de enfermo ou interessado por outra pessoa enferma, deve colocar à cabeceira da cama do necessitado, um copo com água pura e pedir que **ali sejam depositados os fluidos benéficos e curadores necessários, segundo a vontade divina e os MÉRITOS do suplicante... POIS JESUS NÃO CUROU TUDO E A TODOS!...**
- No dia seguinte, essa água deverá ser tomada em parcelas, em três ou quatro vezes. Se, porém, for para **DESCARGA** de vibrações negativas no ambiente **OU PEDIDO DE “OPERAÇÃO ESPIRITUAL” DE MOLÉSTIA GRAVE SEM SOLUÇÃO PELA CIÊNCIA OFICIAL DOS HOMENS**, deverá ser com **Água do Mar** ou colocar 1 colher de sopa com sal na água; e depois jogada fora, em água corrente pela manhã.

Esta **CORRENTE** trabalha, incessantemente, enquanto dormem os suplicantes e necessitados em geral, a serviço incondicional **DO BEM DA HUMANIDADE!**

**NÃO TEM COMPROMISSOS** de ordem material com ninguém e dispensa qualquer interferência de terceiros que, porventura, possam encontrar oportunidade de quaisquer **ESPCULAÇÕES OU SIMONIA!**

**AGE E TRABALHA** em conjunto com as vibrações do Astral Superior e congrega mentalmente em cadeia todos os Grandes Iniciados Perfeitos da Índia, Palestina, Egito, etc. Não exige intermediários para os suplicantes. Basta que estes obedeçam às instruções dadas acima e que, por fim, estejam mentalmente em condições simpáticas, para que possam ter ingresso na **CORRENTE BRANCA UNIVERSAL** que vibra numa velocidade astronômica e **REPUDIA QUALQUER VIBRAÇÃO NEGATIVA OU DE PROPÓSITOS INFERIORES E MUNDANOS, por motivo lógico de despolarização magnética!...**

E qualquer pessoa, necessitando de outros detalhes ou informações, poderá dirigir-se à **Diretoria do Departamento de Assistência Social e Espiritual da Fraternidade:. Eclética:. Espiritualista:. Universal:.** nos seguintes endereços:

(segue a relação de endereços da Sede-matriz e de todas as outras 16 filiais da FEEU. A Corrente Branca Universal é distribuída ao público na sede-matriz e nas filiais da FEEU e está igualmente transcrita na obra de Yokaanam, *Evangelho de Umbanda*).

## **Hino à Fraternidade Universal**

*Mestre Yokaanam*

No céu, no céu  
Fulgente luz apareceu  
Iluminando a Terra inteira do Senhor  
Com o Evangelho Seu

O archote de Deus empunhando  
A trobeta novamente ecoou  
E as trevas do mundo dissipando  
Os rebanhos de Cristo unificou

Desfraldada a bandeira de Jesus  
Eis a Obra de Paz Divinal!  
Salve a fé e o Evangelho; salve a cruz  
E a doutrina de Amor Universal!

## **Hino Ode ao Sol**

*Mestre Yokaanam*

Estrela de luz divina  
O sol fecunda e ilumina  
A harmonia do universo  
Um ponto que se incendeia  
E pelo Amor de Deus medeia  
O Amor de Deus no Universo

A luz do sol não se apaga  
E nem o mar nunca se alaga  
Ambos são centros de vida  
E há de ser à luz do sol  
Da nova Aurora o arrebol  
Dando à Vida nova Vida

Dá-nos, Pai, merecimento  
Para, na graça de um momento  
A tua divina luz  
Recebermos, como a Terra  
A luz que o sol também encerra  
A TUA DIVINA LUZ!

## O Sermão do Monte

(Conforme narrativa no Evangelho segundo São Mateus,  
Sociedade Bíblica do Brasil, Brasília)

“O Sermão da Montanha é o fundamento da Moral Cristã e devemos considerá-lo o regulamento que precisamos observar se quisermos caminhar para Deus” (CEAA, v.1)

*Vendo Jesus as multidões, subiu ao monte,  
e como se assentasse, aproximaram-se os seus discípulos;  
E ele passou a ensiná-los, dizendo:  
Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus.  
Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.  
Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra.  
Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos.  
Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.  
Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus.  
Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus.  
Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus.  
Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem e vos perseguirem e, mentindo, disserem todo mal contra vós.  
Regozijai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus;  
pois assim perseguiram aos profetas que viveram antes de vós.  
Vós sois o sal da terra; ora, se o sal vier a ser insípido, como lhe restaurar o sabor?  
Para nada mais presta senão para, lançado fora, ser pisado pelos homens.  
Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder a cidade edificada sobre um monte;  
Nem se acende uma candeia para colocá-la debaixo do alqueire,  
mas no velador, e alumia a todos que se encontram na casa.  
Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens,  
para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus.  
Não penseis que vim revogar a lei ou os profetas: não vim para revogar, vim para cumprir.  
Porque em verdade vos digo: Até que o céu e a terra passem,  
nem i ou um til jamais passará da lei, até que tudo se cumpra.  
Aquele, pois, que violar um destes mandamentos, posto que dos menores, e assim ensinar aos homens, será considerado mínimo no reino dos céus;  
Aquele, porém, que os observar e ensinar, esse será considerado grande no reino dos céus.  
Porque vos digo que, se a vossa justiça não exceder em muito a dos escribas e fariseus, jamais entrareis no reino dos céus.  
Ouviste que foi dito aos antigos: Não matarás; e: Quem matar estará sujeito a julgamento.  
Eu, porém, vos digo que todo aquele que [sem motivo] se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento; e quem proferir um insulto a seu irmão estará sujeito a julgamento do tribunal; e quem lhe chamar: Tolo, estará sujeito ao inferno de fogo.*

*Se, pois, ao trazeres ao altar a tua oferta, ali te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa perante o altar a tua oferta, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; e, então, voltando, faz a tua oferta.*

*Entra em acordo sem demora com o teu adversário, enquanto estás com ele a caminho, para que o adversário não te entregue ao juiz, o juiz ao oficial de justiça, e sejas recolhido à prisão.*

*Em verdade te digo que não sairás dali, enquanto não pagares o último centavo.*

*Ouviste que foi dito: Não adulterarás.*

*Eu, porém, vos digo: Qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração já adulterou com ela.*

*Se o teu olho direito te faz tropeçar, arranca-o e lança-o de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros, e não seja todo o teu corpo lançado no inferno.*

*E se a tua mão direita te faz tropeçar, corta-a e lança-a de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros e não vá todo o teu corpo para o inferno.*

*Também foi dito: Aquele que repudiar sua mulher, dê-lhe carta de divórcio.*

*Eu, porém, vos digo: Qualquer que repudiar sua mulher, exceto em caso de adultério, a expõe a tornar-se adúltera; e aquele que casar com a repudiada, comete adultério.*

*Também ouvistes que foi dito aos antigos: Não jurarás em falso, mas cumprirás rigorosamente para com o Senhor os teus juramentos.*

*Eu, porém, vos digo: De modo algum jureis: Nem pelo céu, por ser o trono de Deus;*

*Nem pela terra, por ser estrado de seus pés;*

*Nem por Jerusalém; por ser cidade do grande Rei;*

*Nem jures pela tua cabeça, porque não podes tornar um cabelo branco ou preto.*

*Seja, porém, a tua palavra: Sim, sim; não, não. O que disto passar, vem do maligno.*

*Ouviste que foi dito: Olho por olho, dente por dente.*

*Eu, porém, vos digo: Não resistais ao perverso; mas a qualquer que te ferir na face direita, volta-lhe também a outra.*

*E ao que quer demandar contigo e tirar-te a túnica, deixa-lhe também a capa.*

*Se alguém te obrigar a andar uma milha, vai com ele duas.*

*Dá a quem te pede, e não voltes as costas ao que deseja que lhe emprestes.*

*Ouviste que foi dito: Amarás o teu próximo, e odiarás o teu inimigo.*

*Eu, porém, vos digo: Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem.*

*Para que vos torneis filhos do vosso Pai celeste, porque ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons, e vir chuvas sobre justos e injustos.*

*Porque se amardes os que vos amam, que recompensa tendes? Não fazem os publicanos também o mesmo?*

*E se saudardes somente os vossos irmãos, que fazeis demais?*

*Não fazem os gentios também o mesmo?*

*Portanto, sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste.*

*Guardai-vos de exercer a vossa justiça diante dos homens, com o fim de serdes vistos por eles; doutra sorte não tereis galardão junto de vosso Pai celeste.*

*Quando, pois, deres esmolas, não toques trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas, nas sinagogas e nas ruas, para serem glorificados pelos homens.*

*Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa.*

*Tu, porém, ao dares a esmola, ignore a tua esquerda o que faz a tua direita;*

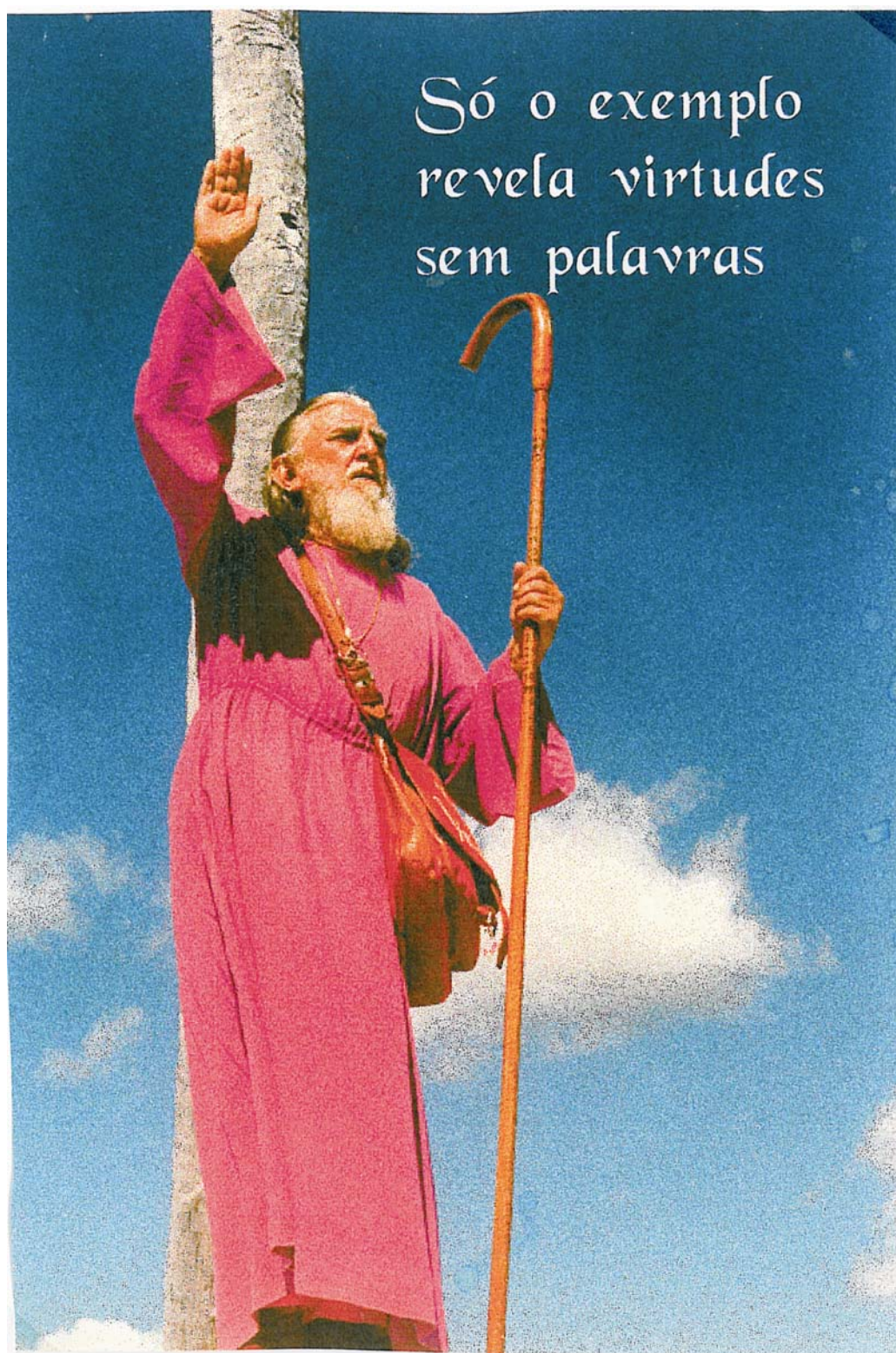
*Para que a tua esmola fique em secreto: e teu Pai que vê em secreto, te recompensará.*

*E, quando orardes, não sereis como os hipócritas; porque gostam de orar em pé nas sinagogas e nos cantos das praças, para serem vistos dos homens.*  
*Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa.*  
*Tu, porém, quando orares, entra no teu quarto, e fechada a porta, orarás a teu Pai que está em secreto; e teu Pai que vê em secreto, te recompensará.*  
*E, orando, não useis de vãs repetições, como os gentios; porque presumem que pelo seu falar serão ouvidos.*  
*Não vos assemelheis, pois, a eles;*  
*porque Deus, o vosso Pai, sabe o de que tendes necessidade, antes que lho peçais.*  
*Portanto, vós orareis assim:*  
*Pai nosso que estás nos céus, santificado seja o teu nome;*  
*Venha o teu reino, faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu;*  
*O pão nosso de cada dia dá-nos hoje;*  
*E perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores;*  
*E não nos deixeis cair em tentação; mas livra-nos do mal*  
*[pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre. Amém].*  
*Porque se perdoardes aos homens as suas ofensas,*  
*também vosso Pai celeste vos perdoará;*  
*Se, porém, não perdoardes aos homens [as suas ofensas],*  
*tão pouco vosso Pai vos perdoará as vossas ofensas.*  
*Quando jejuardes não vos mostreis contristados como os hipócritas;*  
*porque desfiguram o rosto com o fim de parecer aos homens que jejuam.*  
*Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa.*  
*Tu, porém, quando jejuares, unge a cabeça e lava o rosto;*  
*Com o fim de não parecer aos homens que jejuas, e, sim, ao teu Pai em secreto;*  
*e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará.*  
*Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra,*  
*onde a traça e a ferrugem corroem e onde ladrões escavam e roubam;*  
*Mas ajuntai para vós outros tesouros no céu,*  
*onde traça nem ferrugem corrói, e onde ladrões não escavam nem roubam;*  
*Porque onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração.*  
*São os olhos a lâmpada do corpo.*  
*Se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo será luminoso;*  
*Se, porém, os teus olhos forem maus, todo o teu corpo estará em trevas.*  
*Portanto, caso a luz que em ti há seja trevas, que grandes trevas serão!*  
*Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de aborrecer-se de um, e amar ao outro; ou se devotará a um e desprezará ao outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas.*  
*Por isso vos digo: Não andeis ansiosos pela vossa vida, quanto ao que haveis de comer ou beber; nem pelo vosso corpo quanto ao que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o alimento, e o corpo mais do que as vestes?*  
*Observai as aves do céu; não semeiam, não colhem, nem ajuntam em celeiros; contudo, vosso Pai celeste as sustenta. Porventura, não valeis vós muito mais do que as aves?*  
*Qual de vós, por ansioso que esteja, pode acrescentar um côvado ao curso da sua vida?*  
*E por que andais ansiosos quanto ao vestuário?*  
*Considerai como crescem os lírios do campo: eles não trabalham nem fiam.*  
*Eu, contudo, vos afirmo que nem Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles.*



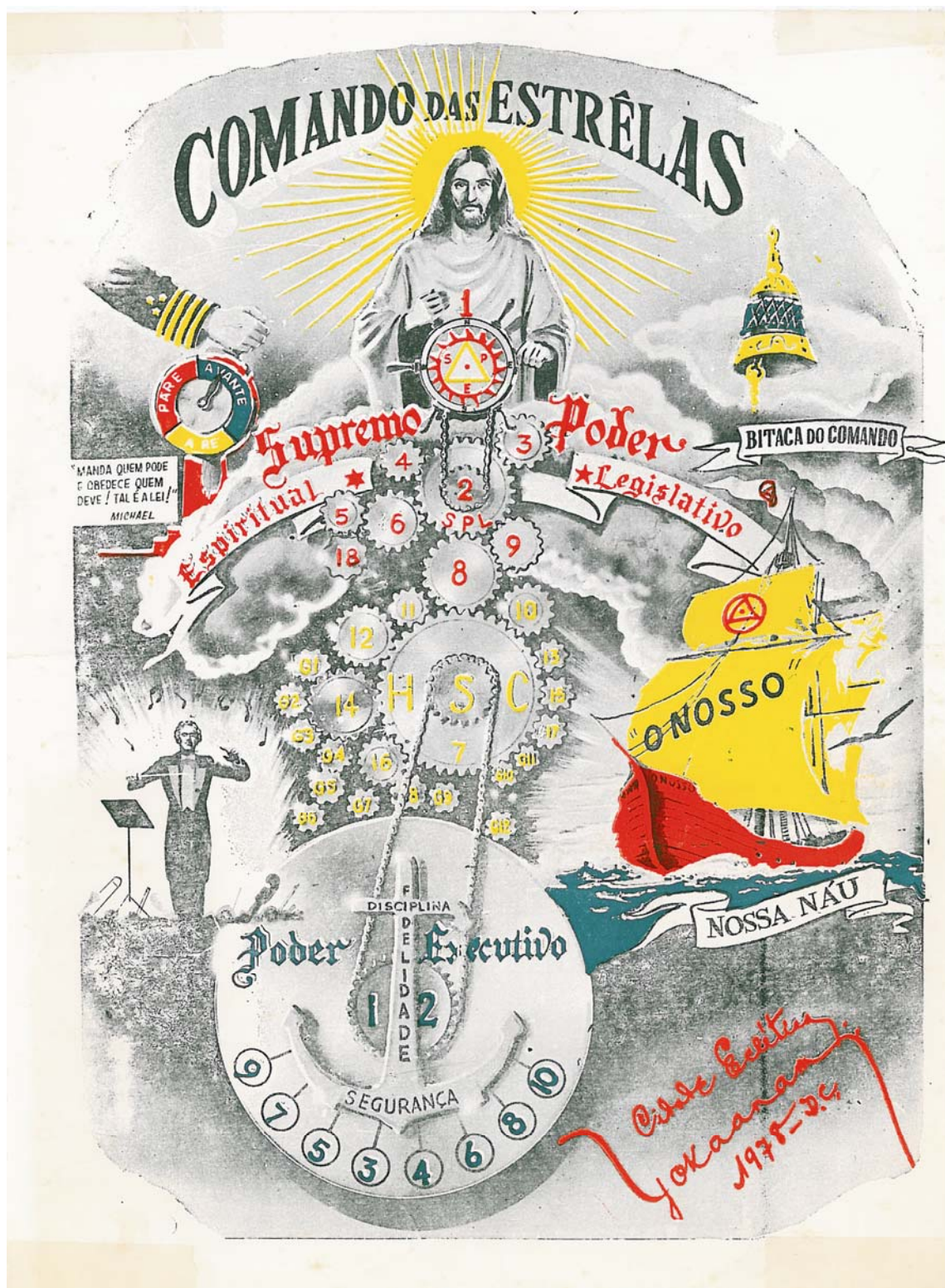
*Ora, se Deus veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada ao forno, quanto mais a vós outros, homens de pequena fé?*  
*Portanto não vos inquieteis, dizendo:*  
*Que comeremos? Que beberemos? Ou: Com que nos vestiremos?*  
*Porque os gentios é que procuram todas estas cousas;*  
*pois vosso Pai celeste sabe que necessitais de todas elas;*  
*Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça,*  
*e todas estas cousas vos serão acrescentadas.*  
*Portanto, não vos inquieteis com o dia de amanhã,*  
*pois o amanhã trará os seus cuidados; basta ao dia o seu próprio mal.*  
*Não julgueis, para que não sejais julgados.*  
*Pois com o critério com que julgardes, sereis julgados;*  
*e com a medida com que tiverdes medido vos medirão também.*  
*Por que vês tu o argueiro no olho de teu irmão,*  
*porém não reparas na trave que está no teu próprio?*  
*Ou como dirás a teu irmão:*  
*Deixa-me tirar o argueiro do teu olho, quando tens a trave no teu?*  
*Hipócrita, tira a trave do teu olho*  
*e então verás claramente para tirar o argueiro do olho de teu irmão.*  
*Não deis aos cães o que é santo, nem lanceis ante os porcos as vossas pérolas,*  
*para que não as pisem com os pés, e, voltando-se, vos dilacerem.*  
*Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei, e abrir-se-á.*  
*Pois todo o que pede recebe; o que busca, encontra; e a quem bate, abrir-se-lhe-á.*  
*Ou qual dentre vós é o homem que, se porventura o filho lhe pedir pão, lhe dará pedra?*  
*Ou se lhe pedir um peixe, lhe dará uma cobra?*  
*Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai que está nos céus dará boas cousas aos que lhe pedirem?*  
*Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam,*  
*assim fazei-o vós também a eles; porque esta é a lei, e os profetas.*  
*Entrai pela porta estreita (larga é a porta e espaçoso o caminho que conduz para a perdição e são muitos os que entram por ela).*  
*Porque estreita é a porta e apertado o caminho que conduz para a vida,*  
*e são poucos os que acertam com ela.*  
*Acautelai-vos dos falsos profetas que se vos apresentam disfarçados em ovelhas,*  
*mas por dentro são lobos roubadores.*  
*Pelos seus frutos os conhecereis.*  
*Colhem-se, porventura, uvas dos espinheiros ou figos dos abrolhos?*  
*Assim toda árvore boa produz bons frutos, porém a árvore má produz frutos maus.*  
*Não pode a árvore boa produzir frutos maus, nem a árvore má produzir frutos bons.*  
*Toda árvore que não produz bom fruto é cortada e lançada ao fogo.*  
*Assim, pois, pelos seus frutos os conhecereis.*  
*Nem todo o que me diz: Senhor! Senhor! Entrará no reino dos céus,*  
*mas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus.*  
*Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: Senhor! Senhor! Porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres?*  
*Então lhes direi explicitamente:*

*Nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade.  
Todo aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as pratica,  
será comparado a um homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha;  
E caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra  
aquela casa, que não caiu, porque fora edificada sobre a rocha.  
E todo aquele que ouve estas minhas palavras e não as pratica,  
será comparado a um homem insensato, que edificou a sua casa sobre a areia;  
E caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra  
aquela casa, e ela desabou, sendo grande a sua ruína.  
Quando Jesus acabou de proferir estas palavras,  
estavam as multidões maravilhadas da sua doutrina;  
Porque ele as ensinava como quem tem autoridade, e não como os escribas.*



Mestre Yokaanam junto do cruzeiro no Monte Tábor, durante uma peregrinação de Semana Santa. Foto de arquivo da FEEU, sem data.





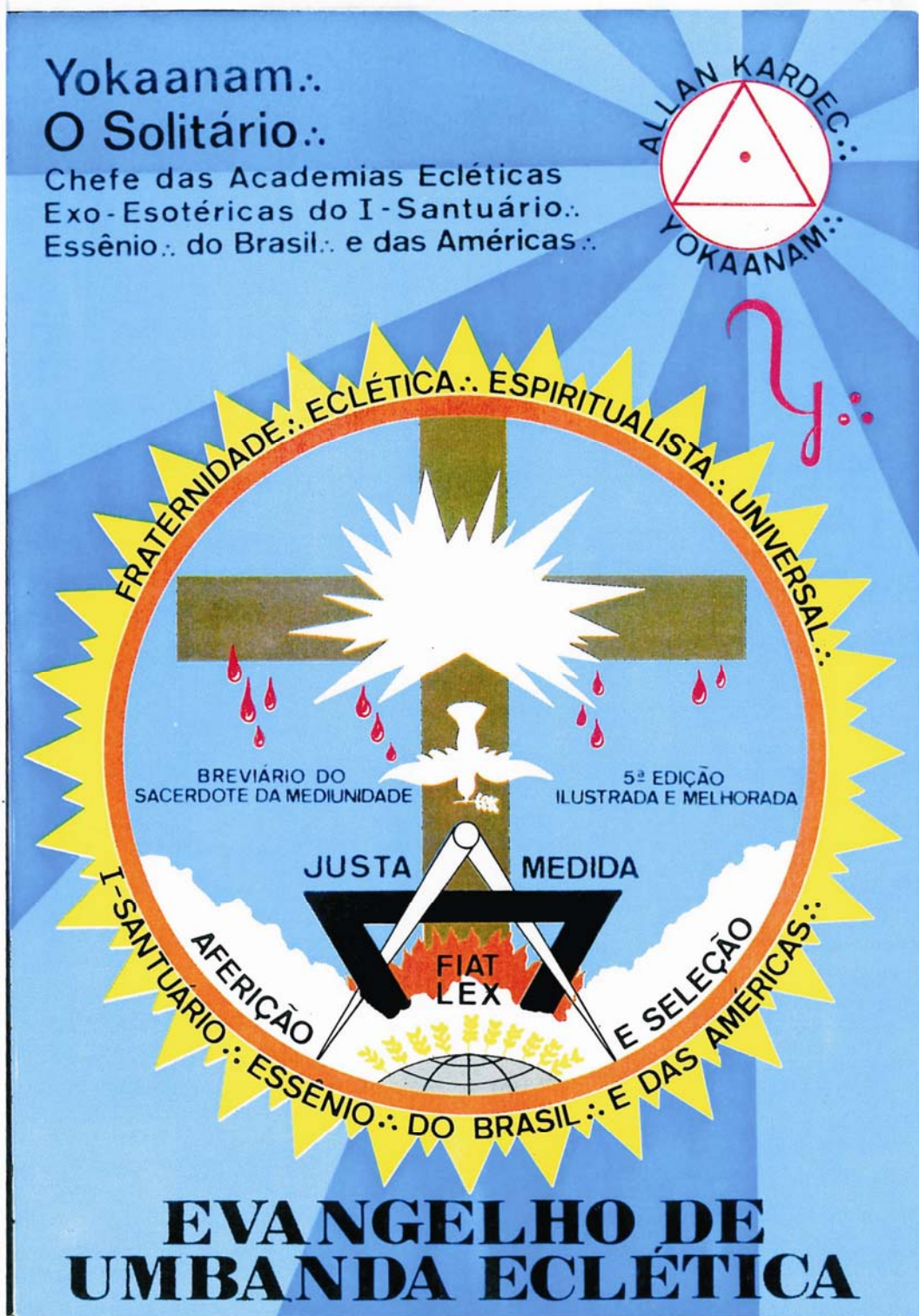
Gravura figurativa da estrutura dos poderes social e religioso da FEEU. Arquivo da FEEU, sem data.





Capa do livro de Yokaanam, *O cristianismo reúne, não divide!*...





Capa do livro de Yokaanam, *Evangelho de Umbanda Eclética*





Capa do livro de Yokaanam, *Yokaanam fala à posteridade!*

## **BIBLIOGRAFIA**

- ANDRADE, Osvald de, 1978, *Do Pau-Brasil à Antropologia e às Utopias*. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira.
- ARANHA FILHO, Jayme Moraes, *Inteligência extraterrestre e evolução. As especulações sobre a possibilidade de vida em outros planetas no meio científico moderno*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social de Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- ARMOND, Edgard, 1999, *Os exilados da Capela*. S. Paulo: Aliança.
- AZZI, R., 1978, *A Religião do Povo*. São Paulo: Ed. Paulinas.
- BARROSO, Gustavo, 1941, *O Brasil na Lenda e na Cartografia Antiga*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional.
- BASTIDE, Roger, 1967, “Le spiritisme au Brésil” In: *Archives de Sociologie des Religions*. Paris, n. 24, dez., pp: 3 - 16.
- 1970, *Le Prochain et le Lointain*. Paris: Editions Cujas.
- BERKHOF, Hendrikus, 1985, *Introduction to the Study of Dogmatics*. Michigan: Eerdmans.
- BLAVATSKY, H.P., 1991, *A Chave da Teosofia*. Brasília: Editora Teosófica.
- BRANDÃO, C.R., 1980, *Os Deuses do Povo. Um Estudo sobre a Religião Popular*. S. Paulo: Brasiliense.
- CAMPANELLA, Thomas, 1950, *La Cité du Soleil*. Paris: Libr. Philosophique J. Vrin.
- CAMPBELL, Colin, 1997, “A orientalização do Ocidente: reflexões sobre uma nova teodicéia para um novo milênio”. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro: CER/ISER, 18/1, ag., pp: 5-22.
- CAPRA, Fritjof, 1982, *O ponto de mutação*. S. Paulo: Cultrix.
- CARVALHO, J. J., 1992, “Características do fenômeno religioso na sociedade contemporânea” In: BINGEMER, M.C. (dir.), *O Impacto da Modernidade sobre a Religião*. São Paulo: Loyola.
- 1994, “O encontro de velhas e novas religiões” In: MOREIRA & ZICMAN (dir.), *Misticismo e Novas Religiões*. Petrópolis: Vozes.



- CASCUDO, Luís da C., 1988, *Dicionário do Folclore Brasileiro*. B.H.: Itatiaia & S.P.: Edusp.
- CAVALCANTE, Carmen L.C., 2000, *Xamanismo no Vale do Amanhecer. O caso Tia Neiva*. S. Paulo: Annablume & Fortaleza: Secr. de Cultura e Desporto do Estado do Ceará.
- CHAUÍ, Marilena, 2000, *Brasil. Mito fundador e sociedade autoritária*. S. Paulo: Perseu Abramo.
- CHEVALLIER & GHEEBRANT, 1990, *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- COHN, Norman, 1983, *Les Fanatiques de l'Apocalypse. Millénaristes Révolutionnaires et Anarchistes Mystiques au Moyen Age*. Paris: Payot.
- 1996, *Cosmos, Caos e o Mundo que virá. As origens das crenças no Apocalipse*. São Paulo: Cia das Letras.
- CREMA, Roberto, 1989, *Introdução à visão holística*. S. Paulo: Summus.
- CUNHA, Euclides da, s/d, *Os Sertões*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro.
- DELUMEAU, Jean, 1995, *Mille Ans de Bonheur: Une Histoire du Paradis*. Paris : Fayard.
- DESROCHE, Henri, 1963, "Les messianismes et la catégorie de l'échec". *Cahiers Internationaux de Sociologie*, v. XXXV, 10 année, Paris.
- 1969, *Dieux d'Hommes. Dictionnaire des Messianismes et Millénarismes de l'Ère Chrétienne*. Paris& La Haye: Mouton.
- 1973, *Sociologie de l'Espérance*. Paris: Calman-Lévy.
- DIAS, Eurípedes da C., 1974, *Fraternidade Eclética Espiritualista Universal : Tentativa de Interpretação de um Movimento Messiânico*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social de Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- DOUGLAS, Mary, 1976, *Pureza e Perigo*. S. Paulo: Perspectiva.
- DUBUISSON, D., 1993, *Mythologies du XX Siècle*. P.U. Lille.
- DUBY, Georges (org.), 1967, *L'An Mil*. Paris: Julliard.
- 1995, *An 1000 an 2000 sur les traces de nos peurs*. Paris: Textuel.
- DUMEZIL, Georges, 1988, *Les dieux souverains des Indo-Européens*. Paris: Gallimard.

- DUMONT, Louis, 1983, *Essais sur l'Individualisme. Une Perspective Anthropologique sur l'Idéologie Moderne*. Paris: Seuil.
- DURAND, Gilbert, 1965, "Les gnoses, structures et symboles archétypes". *Cahiers Internationaux de Symbolisme*. Mons, Belgique, n. 8, pp: 15-34.
- 1980, "La cité et les divisions du royaume vers une sociologie des profondeurs". *Eranos*, Leiden, E.J. Brill, v. 45, pp: 165-219.
- 1987, "Permanence du mythe et changements de l'histoire". *Cahiers de l'Hermétisme. Le Mythe et le Mythique*. Colloque de Cerisy. Albin Michel, Paris, pp: 17-28.
- 1992, *Les Structures Anthropologiques de l'Imaginaire. Introduction à une Archétypologie Générale*. Paris: Dunod.
- 1996, *Science de l'Homme et Tradition, Le "Nouvel Esprit Anthropologique"*. Paris: Albin Michel.
- 1996, *Introduction à la Mythodologie, Mythes et Sociétés*. Paris: Albin Michel.
- ELIADE, Mircea, 1964, "Paradis et utopie: Géographie mythique et eschatologie". *Eranos Jahrbuch*, Rhein-Verlag, Zurich, v. XXXII, pp: 211 - 234.
- s/d, O sagrado e o profano. Lisboa: Edição "Livros do Brasil".
- s/d, O mito do eterno retorno. Lisboa: Edições 70.
- s/d, *Aspectos do Mito*. Lisboa: Edições 70.
- 1971, *La Nostalgie des Origines*. Gallimard.
- ESPEJO, L. Arturo, 1984, *Rationalité et Formes d'Occupation de l'Espace. Le Projet de Brasília*. Paris: Ed. Anthropos.
- FERGUSON, Marilyn, 1980, A conspiração aquariana. Rio de Janeiro: Record.
- FERREIRA NETO, José F., 1984, *A Ciência dos Mitos e o Mito da Ciência*. Dissertação de Mestrado em Antropologia apresentada ao Departamento de Ciências Sociais de Universidade de Brasília.
- GALLO, Ivone C. D'A., 1999, *O Contestado: o sonho do milênio igualitário*. Campinas: Ed. da Unicamp.
- GENTILI, José C., 1998, *Um quarto de hora*. Goiânia: Tecprint Impressões Técnicas Ltda.
- GRIMAL, P., 1993, *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. Rio de Janeiro: Bertrand.
- GUENON, René, 1962, *Os símbolos da ciência sagrada*. S. Paulo: Pensamento.

- GURDJIEFF, G.I., 1982, *Encontros com homens notáveis*. S. Paulo: Pensamento.
- HOLANDA, Sérgio B. de, 1994, *Visão do Paraíso: Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. S. Paulo: Brasiliense.
- 1995, *Raízes do Brasil*. S. Paulo: Cia das Letras.
- HUTIN, S., 1952, *Les Sociétés Secrètes*. Paris: PUF.
- INTROVIGNE, Massimo, 1996, *Les Veilleurs de l'Apocalypse. Millénarisme et Nouvelles Religions au Seuil de l'An 2000*. Paris: Claire Vigne.
- JUNG, C. G., s/d, *Memórias Sonhos e Reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- KARDEC, Allan, 1973, *O Evangelho segundo o Espiritismo*. São Paulo: Ed. Três.
- LANDIM, L. (org.), 1989-90, *Sinais dos Tempos*. Rio de Janeiro: ISER.
- LAO-TSE, s/d, *Tao Te King*. São Paulo: Alvorada.
- LE GOFF, Jacques, 1984, "Escatologia" IN: *Enciclopédia Einaudi*. Porto: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, v. 1.
- LEUENBERGER, Hans-Dieter, 1985, *O que é esoterismo. A surpreendente História do Esoterismo desde a Atlântida até os dias atuais*. São Paulo: Pensamento.
- LEVI-STRAUSS, C., 1955, *Tristes Tropiques*. Plon: Paris.
- 1962, *La Pensée Sauvage*. Paris: Plon.
- LLOSA, Mario V., 1988, *O Falador*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- LUBAC, Henri de, 1979 - 1981, *La Postérité Spirituelle de Joachim de Flore*. Paris: Ed. Lethielleux, 2 vol.
- LUGON, Clovis, 1977, *A República "comunista" cristã dos guaranis (1610-1768)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- MAFFESOLI, Michel, 1997, *Du Nomadisme. Vagabondages Initiatiques*. Librairie Générale Française.
- MAGALHAES, Themis Q. de, 1985, *Brasília: Mitos e Vivências*. Dissertação de Mestrado em Antropologia apresentada ao Departamento de Ciências Sociais de Universidade de Brasília.
- MAGNANI, José G.C., 1999, *Mystica urbe: um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na cidade*. S. Paulo: Studio Nobel.
- MANNHEIM, Karl, 1956, *Idéologie et Utopie*. Paris: Librairie Marcel Rivière et Cie.
- MARC-BONNET, Henry, 1960, *Histoire des Ordres Religieux*. Paris: P.U.F.

- MATTA e SILVA, W.W., 1967, *Doutrina Secreta da Umbanda*. Rio de Janeiro: Livr. Freitas Bastos.
- MELLO, Gláucia B. R. de, 1994 “Contribuições para o estudo do imaginário”. *Em Aberto*. Brasília, INEP/MEC, ano XVI, n. 61, jan./mar. pp: 45-52
- \_\_\_\_\_, 1994, “A função e a imaginação simbólicas em Lévi-Strauss e em Gilbert Durand”. *Revista de Educação Pública*. Cuiabá, v. 3, n. 4, jul./dez., pp: 158-170
- \_\_\_\_\_, 1999, *Millénarismes brésiliens: Contribution à l'étude de l'imaginaire contemporain*. Tese de Doutorado em Sociologia apresentada à U.F.R. Sciences de l'Homme et de la Société, Département de Sociologie, da Université Grenoble II, Grenoble, França.
- \_\_\_\_\_, 2000, “Millénarisme sur le Plateau Central du Brésil”. *La création sociale. Sociétés Cultures Imaginaires*. Centre de Sociologie des Représentations et des Pratiques Culturelles. Grenoble, n. 5, pp: 181-199
- \_\_\_\_\_, 2002, *Millénarismes Brésiliens: Contribution à l'Étude de l'Imaginaire Contemporain*. Lille: ANRT .
- \_\_\_\_\_, 2004, “Milénarismo Brasileiro: Novas Gnoses, Ecletismo Religioso e uma Nova Era de Espiritualidade Universal“. IN: MUSUMECI, L. (org.), *Antes do Fim do Mundo: Sete Estudos sobre Milenarismos e Messianismos no Brasil e na Argentina*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, pp.: 103-118.
- \_\_\_\_\_, 2004, “Os peregrinos ecléticos cristãos”. *Cadernos de Campo*. S. Paulo: FFLCH/USP, ano 13, n. 12, pp. 25-40.
- \_\_\_\_\_, 2004, “Comunidades neoesotéricas: aspiração e ação para um mundo melhor”. *Estudos de Religião*. Ano XVIII, n. 27, jul./dez., pp: 137-154
- \_\_\_\_\_, 2005, “Imaginário e prática do viver em comunidade: O desafio de juntar uma utopia a uma realidade” IN SILVA, Antonio de P.D. (org.) *Imaginários na Cultura*. “Série Estudos de Imaginários”. Campina Grande: EDUEP, pp:13-45

- METRAUX, 1928A, *La Civilisation Matérielle des Tribus Tupi-Guarani*. Thèse principale présentée à la Faculté des Lettres de Paris. Librairie Orientaliste Paul Geuthner, Paris.
- \_\_\_\_\_, 1928B, *La Religion des Tupinamba et ses Rapports avec celle des autres Tribus Tupi-Guarani*. Thèse complémentaire présentée à la Faculté des Lettres de Paris. Librairie Ernest Leroux, Paris.
- \_\_\_\_\_, 1948, « The Guarani » & « The Tupinamba », *Bureau of American Ethnology*, Bulletin 143: Handbook of South American Indians, v. III, pp: 69 – 94; p. 95 - 133.
- \_\_\_\_\_, 1957, “Les messies de l’Amérique du Sud”. *Archives de Sociologie des Religions*. CNRS, Paris, 2<sup>e</sup> année, n. 4, juil.-déc, pp: 108 - 112.
- \_\_\_\_\_, 1967, *Religions et Magies Indiennes d’Amérique du Sud*. Edition posthume établie par Simone Dreyfus. Gallimard.
- MONTEIRO, Irene, 1998, *Dicionário Básico de Magia e Esoterismo*. S.P.: Ediouro.
- MORE, Thomas, 1987, *L’Utopie*. Paris: Flammarion.
- MORIN, E., 1981, *Pour Sortir de XX<sup>e</sup> Siècle*. Fernand Nathan.
- NASCIMENTO, Regina B., 2001, *A era de aquário*. S. Paulo.
- NEGRÃO, Lísias N. & CONSORTE, J.G., 1984, *O Messianismo no Brasil Contemporâneo*. S. Paulo, FFLCH/ CER: Col. Religião e Sociedade Brasileira, 1.
- NIEMEYER, Oscar, 1961, *Minha experiência em Brasília*. Rio de Janeiro: Vitória.
- NIETZSCHE, 1979, *Assim falava Zaratustra*. S. Paulo: Hemus.
- OLIVEIRA, Juscelino K. de, 1975, *Por que construí Brasília*. Rio de Janeiro: Bloch Ed.
- PANNET, Robert, 1974, *Le Catholicisme Populaire*. Editions du Centurion.
- PAUWELS, L. & BERGIER, J., 1983, *O despertar dos mágicos. Introdução ao realismo fantástico*. S. Paulo: Difel.
- PEREIRA DE QUEIROZ, Maria I., 1965, *O Messianismo no Brasil e no Mundo*. S. Paulo: Dominus.
- \_\_\_\_\_, 1968, *Réforme et Révolution dans les Sociétés Traditionnelles. Histoire et Ethnologie des Mouvements Messianiques*. Paris: Ed. Anthropos.
- \_\_\_\_\_, 1968, “O catolicismo rústico no Brasil”. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. Universidade de S. Paulo, n. 5, pp: 103 - 123.

- PETIT, Jean-Pierre, 1991, *Enquête sur des extra-terrestres qui sont déjà parmi nous*. Paris: Albin Michel.
- PLATÃO, 1966, *La République*. Paris: Flammarion.
- POUPARD, P. (dir.), 1984, *Dictionnaire des Religions*. Paris: PUF.
- REDFIELD, James, 1994, *La Prophétie des Andes*. Robert Laffont.
- RIBEIRO, Darcy, 1995, *O Povo Brasileiro: A Formação e o Sentido do Brasil*. São Paulo: Cia das Letras.
- SAID, Edward W., 1980, *L'orientalisme. L'orient créé para l'occident*. Paris: Seuil.
- SANT'ANA, Elma, 2001, *Jacobina. A líder dos Muckers*. Porto Alegre: AGE.
- SERVIER, Jean, 1967, *Histoire de l'Utopie*. Gallimard.
- SIRONNEAU, J.P, 1982, *Sécularisation et Religions Politiques*. Mouton.
- SOROKIN, 1957, *Social and Cultural Dynamics*. Boston: Porter Sargent Publisher.
- SOUSTELLE, J., 1940, *La Cosmologie des Anciens Mexicains*. Hermann.
- SPENGLER, O., 1948, *Le Déclin de l'Occident*. Gallimard.
- SUZUKI, D.T., 1976, *Mística: Cristã e Budista*. Belo Horizonte: Itatiaia.
- TARNAS, Richard, 1999, *A epopéia do pensamento ocidental: para compreender as idéias que moldaram nossa visão de mundo*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- TIRYAKIAN, Edward A., 1972, "Esotérisme et exotérisme en Sociologie. La Sociologie à l'Age du Verseau". *Cahiers Internationaux de Sociologie*. PUF, Paris, 19<sup>e</sup> année, v. LII, pp: 33-50.
- TOURNIAC, Jean, 1982, *Symbolisme maçonnique et tradition chrétienne*. Paris: Dervy-Livres.
- TYLOCH, W.J., 1990, *O socialismo religioso dos essênios*. S. Paulo: Perspectiva.
- VAZ de CAMINHA, Pêro, 1974, *Carta a El-Rei Dom Manuel sobre o Achamento do Brasil*. Casa da Moeda, Imprensa Nacional Lisboa.
- VIEIRA, Antonio, 1992, *Historia do Futuro*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- VITOR, E. A., 1980, *História de Brasília*. Thesaurus, Brasília.
- WEBER, Max, 1970, *Le Judaïsme Antique*. Paris: Plon.
- 1995, *Economie et Société*. Paris: Plon.
- XAVIER, Francisco C., s/d, *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira.

## **Periódicos consultados**

“*O Nosso*” – Número 78, Ano VIII, abril de 1954; Número 87, Ano IX, jan./fev. de 1955; Número 88, Ano IX, março de 1955; Número 89, Ano IX, abril de 1955; Número 39, Ano XIII, maio de 1960; Número 189, Ano XVIII, julho de 1965; Ano XXXII, agosto de 1977; Número 400, Ano XXXVIII, junho de 1983; Ano XXXIX, janeiro de 1984; Número 549, Ano 49, novembro de 1995; Número 556, Ano 49, junho de 1996; Número 560, Ano 50, outubro de 1996; Ano 51, fevereiro de 1998; Números 604 a 609, Ano 54, julho a dezembro de 2000; Números 610 a 614, Ano 54, janeiro a maio de 2001; Número 615, Ano 55, junho de 2001; Números 617 a 621, Ano 55, agosto a dezembro de 2001; Números 622 a 625, Ano 55, janeiro a abril de 2002; Números 626 a 629, Ano 56, maio a agosto de 2002.

*Clarim da Juventude* - Número 110, nov.-dez./1997; Número 135, julho/2000; Número 141, mar.-abril/2001.

## **A imprensa fala sobre a FEEU e Yokaanam**

“O Cristo da Avenida Getúlio Vargas”, reportagem de Heliophilo Terra, revista *A Cigarra*. Rio de Janeiro, fev./1949.

“O profeta voador”, reportagem de David Nasser e Jean Manzon, revista *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 05/11/1949.

“Santo ou louco? Yokaanam abandonou sua esposa e resiste à Justiça”, jornal *Diário da Noite*. Rio de Janeiro, 11/07/1950.

“Farsa dos milagres” jornal *Correio da Noite*. 13/07/1950.

“Falharam todos os recursos contra o chefe de misteriosa seita”, *Jornal de Joinvile*. Joinvile, 22/10/1950.

“Lama nas barbas do profeta”, reportagem de Arlindo Silva e Badaró Braga, revista *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 01/12/1951.

“Cidade de regime socialista floresce ao lado de Brasília”, reportagem de Nelson Gatto, jornal *Diário de S. Paulo*. S. Paulo, 19/06/1961.

“Seita religiosa invade fazenda e nega-se a sair”, *O Estado de S. Paulo*, 18/11/1962.

“Yokaanam é um profeta”, reportagem de José Carlos Marão, revista *Realidade*, abril/1967.

“Yokaanam : um messias em Goiás”, reportagem de Jefferson Del Rios, jornal *Folha de S. Paulo*, agosto/1967.

Jornal *O Mundo*, 12.04.1956, Rio. Yokaanam revela a sentença do juiz que declarou nada haver provado contra as acusações acima. Yokaanam e a FEEU foram declarados inocentes.

*Tribuna da Imprensa* e *O Cruzeiro* (a partir de 1955), retomam-se as acusações contra a FEEU e Yokaanam.

*Última hora*, SP, 05.11.1956.

*O Cruzeiro*, 27/02/1970.

*O Cruzeiro*, janeiro/1971, documentou peregrinação ao Monte Tabor.

*O Cruzeiro*, maio/1971, entrevista Y.

*Correio Braziliense*, 11.04.1971.

*Diário de Pernambuco*, julho/1971, entrevista Y.

Em maio/1970, a repórter da então tv Record, Cidinha Campos, conseguiu permissão de Yokaanam para a gravação de um vídeo, com uma entrevista e apresentação de uma entrevista.

Em setembro/1971, Yokaanam recebeu convite e compareceu no Programa Silvio Santos, na tv Globo-SP. Yokaanam se dispôs com o programa, protestando contra o que ele considerou perguntas tolas, edição encurtada e tendenciosa, não apresentação do coral da fraternidade.

Em 2000, cinegrafistas pediram e tiveram autorização para realizarem um programa em vídeo sobre a Cidade Eclética, para ser transmitido pela tv Infinito, de Miami.

Obs.: Todas as fotos apresentadas anteriormente, se não apresentam créditos significa que constituem registros particulares da autora, fotografias por ela tomadas em campo.



## **SOBRE A AUTORA**

Gláucia Buratto Rodrigues de Mello é mineira de nascimento, graduada em Letras (UFMG), mestre em Antropologia (UFPE), especialista em Recherches sur l'imaginaire (Université de Grenoble II), doutora em Sociologia (Université de Grenoble II). Tem realizado pesquisas sobre cultura popular, pensamento social brasileiro, crenças e movimentos messiânicos e milenaristas, movimento de Nova Era, comunidades alternativas, mitologia xinguana e xamanismo. Tem livro e vários artigos publicados. Membro da Associação Brasileira de Antropologia e da Sociedade Brasileira de Sociologia, colabora no site da Comunidade Virtual de Antropologia como coordenadora da sessão das entrevistas. Atualmente é pesquisadora visitante do CNPq no Dpto. de Ciências Sociais da Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz